



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

Paul Virilio

Velocidade e a Crise da Alteridade

Kaíque Agostinetti

Brasília, setembro de 2020



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

Paul Virilio

Velocidade e a Crise da Alteridade

Kaíque Agostineti

Tese apresentada ao PPG/FAC para a obtenção do grau de Doutor em Comunicação.

Linha de Pesquisa: Imagem, Estética e Cultura Contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Quiroga Fausto Neto

Brasília, setembro de 2020

PAUL VIRILIO
VELOCIDADE E A CRISE DA ALTERIDADE

**Tese apresentada ao PPG/Fac para a obtenção do grau de
Doutor em Comunicação.**

Aprovada em: __/__/____, pela seguinte Banca Examinadora:

Prof. Dr. Tiago Quiroga Fausto Neto (FAC/UNB)

Prof. Dr. Carlos Pernisa Júnior (UFJF)

Prof. Dr. Goiamérico Felício Carneiro dos Santos (UFG)

Profa. Dra. Cláudia Linhares Sanz (FAC/UNB)

AGOSTINETI, Kaíque

Paul Virilio: Velocidade e a Crise da Alteridade.

172 f.

Tese (Doutorado em Comunicação)

Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Programa de Pós-Graduação

Linha de Pesquisa: Imagem, Estética e Cultura Contemporânea, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Quiroga

1. Paul Virilio 2. Alteridade 3. Velocidade 4. Medo 5. Urgência

*À universidade pública brasileira,
lugar de pluralidade.*

AGRADECIMENTOS

Certa vez, quando ainda era um apaixonado por fotografias, me lembro de assistir a um documentário que mencionava a ideia de que, caso reuníssemos todas as provas de contato de um fotógrafo, testemunharíamos apenas poucos minutos de sua vida. Penso que este trabalho pode ser visto desse modo. Ele é o resultado evidente de um percurso bastante sinuoso, uma figura que extrai seus contornos do fundo sobre o qual ela se assenta. Esta tese é, assim, o produto de uma vivência, de um processo formativo marcado não apenas por aulas, cursos, leituras e debates de cunho acadêmico, mas também por diversas crises, rompimentos, depressão e, sobretudo, por amizades novas e antigas. Porque todas essas coisas fazem parte deste texto, mesmo sem nele aparecer, não haveria como iniciar este trabalho sem estes agradecimentos:

Inicialmente, a meus queridos pais, Antonio Agostineti e Giselle Garcia de Oliveira, pois sem eles eu não teria o dom da vida nem a oportunidade de uma boa vida dedicada inteiramente a meus estudos. Sinto que há, em cada uma das palavras deste trabalho, o esforço e o suor de vocês dois, o tempo que vocês dedicaram a meu sustento e a minha formação. Obrigado por todo apoio não só material, mas também imaterial, pelo carinho, pela preocupação que vocês demonstraram, pelas palavras de sabedoria fundamentais para a minha vida. Se escrevi este trabalho com tanto empenho é porque dou valor a cada minuto da vida que vocês dedicaram a mim.

Agradeço também a meus demais familiares, referindo meus avós, Vicente, Luzia, Maria e Frederico, minha irmã, Caroline, e também sua companheira, Marília. Vocês são fundamentais em minha vida, pois dão profundidade à minha existência. Cada passagem, cada palavra, por mais triviais que possam ter sido, me trouxeram aqui. Vocês estão em minhas melhores recordações e em tudo aquilo que me constitui enquanto pessoa.

Dedico um agradecimento especial a minha companheira, Katarine. Tenho certeza de que sem você não existiria este trabalho. Você me deu forças nos momentos de desânimo; me deu calma nos momentos de desespero; me deu carinho sempre que necessitei de um chamego; e falou brava comigo sempre que precisei de uma bronca. Obrigado por ter dedicado tanto tempo e orações para mim. Obrigado também pela leitura do texto, pelas ponderações e correções, por ter se tornado minha primeira interlocutora, por ter ouvido minhas inúmeras divagações sobre uma temática totalmente alheia a seus estudos. As palavras, análises e ideias que se seguem não são somente minhas; elas são suas também.

Agradeço ainda aos amigos que estiveram por perto durante todo esse processo. Um obrigado especial a Carmelita, que me introduziu ao grupo de estudos de Pensamento Político Contemporâneo, fundamental para minha recuperação psíquica após o período de depressão. Você abriu meus caminhos no campo da filosofia, me deu um rumo para, finalmente, eu me reconciliar comigo mesmo. Além disso, me apresentou a Adriana e Marcelo, esses amigos de sambas e interlocutores da mais alta qualidade. Agradeço a Adriana as horas passadas comigo, insistindo na leitura em espanhol de *L'insécurité du territoire*, obra fundamental para este trabalho. E agradeço a Marcelo as inúmeras conversas; nossas discussões sempre me energizavam e me davam forças para continuar a produzir.

Agradeço igualmente a minhas amigas Anna Cristina, Andreia e Kátia, que me ouviram falar copiosamente sobre este trabalho e me ajudaram a delineá-lo. E também a meus amigos de longa data Vinícius, Luís, Breno, Ciro, Boi e Gabriel, que sempre compreenderam os motivos de minhas ausências.

Agradeço ainda aos membros da banca de defesa, a professora Cláudia e os professores Carlos e Goiamérico. Obrigado por terem aceitado prontamente o convite e dedicado seu tempo à leitura da tese. Obrigado também pela compreensão em relação aos prazos e à remarcação da defesa. À professora Cláudia e ao professor Goiamérico dedico agradecimento especial pela participação na banca de qualificação da tese. Julgo que seus questionamentos foram de grande importância no desenvolvimento do percurso de minha pesquisa.

Um obrigado carinhoso a meu orientador, professor Tiago Quiroga, por toda a força e pelas ponderações ao longo desta pesquisa. Entendo que as provocações intelectuais foram fundamentais para que eu pudesse encontrar uma linha pela qual eu pudesse continuar meu percurso de formação. Obrigado pela abertura em relação à temática e pela confiança que sempre depositou em mim. Agradeço igualmente pela terna compreensão e pela ajuda no que se refere a todos os procedimentos administrativos da Universidade de Brasília. Este trabalho, em todas as suas linhas, traz as marcas dessa jornada que vivenciamos juntos.

Agradeço também a Carol e Regina, servidoras do PPG em Comunicação da Faculdade de Comunicação da UnB, a atenção e as tantas ajudas iluminando as obscuridades da burocracia administrativa no momento de meu afastamento por motivos de saúde.

Por último, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela concessão da bolsa de pesquisa, sem a qual eu não teria condições materiais para finalizar este trabalho.

RESUMO

Este trabalho se inicia com a constatação da crise da alteridade no mundo atual. A globalização, com sua financeirização e seu ideal de transparência, impõe um aplainamento das diferenças, o que leva ao problema das relações humanas no panorama contemporâneo. Esse entendimento nos conduz ao estudo aprofundado das condições de possibilidade da alteridade. Em uma etapa inicial, explicamos que a alteridade é uma afirmação enfática do Eu que emerge nos diálogos que ele desenvolve com o Outro. Posteriormente, mostramos que a alteridade também depende das relações que o indivíduo desenvolve consigo mesmo. Assim, chegamos ao modelo pendular das relações que descrevem as condições de possibilidade da alteridade. Afirmamos que a crise da alteridade ocorre a partir de um declínio de tais condições e indagamos acerca dos processos históricos que nos conduziram ao contexto atual. Dizemos que a globalização pode ser vista como um processo de contração simulada do planeta, possibilitado pela velocidade dos novos meios de transporte, informação e comunicação, e que essa aceleração produz o declínio das condições de possibilidade da alteridade. A centralidade da categoria da velocidade nos conduz a um estudo aprofundado e minucioso da obra do pensador francês Paul Virilio (1932-2018). Então, perguntamos: quais as contribuições do pensamento de Paul Virilio para a compreensão da crise da alteridade no mundo contemporâneo? Desse modo, objetivamos a elaboração de uma chave de leitura que nos permitisse aproximar a obra e o pensamento de Virilio à temática da alteridade. Elaboramos uma breve apresentação de sua vida e de alguns de seus principais neologismos conceituais, como *dromologia*, *dromoscopia* e *dromocracia*, que trazem no radical *dromos* a marca da centralidade da categoria velocidade no edifício teórico do autor. Além disso, trabalhamos com os diversos cruzamentos entre a aceleração, o poder e o medo com relação ao Outro ao longo da história. A partir das ideias de Paul Virilio, alcançamos os entendimentos de que o progresso dromológico transformou o medo contemporâneo, marcado, sobretudo, pela urgência. Entendemos que o funcionamento dos afetos do medo e da urgência produzem o declínio das condições de possibilidade da alteridade, impedindo as relações do Eu com o Outro, bem como do Eu consigo mesmo.

Palavras-chave: Paul Virilio; Alteridade; Velocidade; Medo; Urgência.

ABSTRACT

This paper begins by determining the existence of a crisis of otherness in the current world. Globalization, with the aspects of financialization and its ideal of transparency, causes a flattening of differences, which leads to the problem of human relations in the contemporary scenario. This understanding leads us to an in-depth study of the conditions in which otherness becomes possible. Initially, we explain that otherness is an emphatic affirmation of the Self that emerges in dialogues developed with the Other. At a later stage, we show that otherness also depends on the relationships that the individual develops with him or herself. Thus, we arrive at the pendulum model of relationships that describes the conditions in which otherness becomes possible. We affirm that the crisis of otherness results from the decline of such conditions and we inquire about the historical processes that led us to the current context. We stated that globalization can be seen as a process of simulated contraction of the planet, made possible by the speed of new means of transportation, information and communication, and that this acceleration produces a decline in the conditions in which otherness becomes possible. The centrality of the speed category leads us to a deep and detailed study of the work of French thinker Paul Virilio (1932 - 2018). Therefore, we ask: what are the contributions of Paul Virilio's thought to the understanding of the crisis of otherness in the contemporary world? Thus, we aim to develop a key to reading that would allow us to bring Virilio's work and thought closer to the theme of otherness. We developed a brief presentation of his life and of some of his main conceptual neologisms, such as *Dromology*, *Dromoscopy* and *Dromocracy*, which carry, in the radical *Dromos* the mark of the centrality of the category of speed in the author's theoretical construction. Additionally, we work with the various encounters between acceleration, power and fear of the Other throughout history. Taking Paul Virilio's ideas as a starting point, we reached the understanding that dromological progress has transformed contemporary fear, marked, particularly, by urgency. We understand that the feelings of fear and urgency produce a decline in the conditions affecting the possibility of otherness, thus preventing the relations between the Self with the Other, as well as the relationship of the Self-with-oneself.

Key-words: Paul Virilio; Otherness; Speed; Fear; Urgency.

SUMÁRIO

Introdução.....	12
1 A Crise da Alteridade no Mundo Contemporâneo	18
1.1 A Implosão do Mundo: a Globalização e a Crise da Alteridade.....	18
1.2 O Sentido de Alteridade.....	29
1.2.1 A Alteridade e a Relação	31
1.2.2 O Pensamento como Diálogo	39
1.2.3 O Pêndulo das Relações que Descrevem a Alteridade	45
1.3 As Contribuições de Virilio: Velocidade, Medo e Urgência	50
2 Paul Virilio e a Velocidade.....	52
2.1 Pequena Biografia de Paul Virilio	53
2.1.1 Anos de Formação e Atuação Intelectual	61
2.2 A Cosmologia Conceitual Dromocêntrica	64
2.2.1 Dromologia e Dromoscopia.....	67
2.2.2 Dromocracia: os Cruzamentos entre Velocidade e Poder	73
3 Aceleração: Velocidade, Poder, Medo	80
3.1 O Campo da Guerra como uma Espiral de Ultrapassagens.....	81
3.1.1 O Campo Livre e o Embate entre Veículos Metabólicos	87
3.1.2 Das Rotas às Cidades: a Fortaleza como “Máquina” de Defesa	91
3.1.3 O Império dos Mares	100
4 Estado de Emergência	109
4.1 Da Aceleração Implosiva ao Ocaso da Fortaleza	111
4.1.1 As Tecnologias de Informação e Comunicação como Meios de Guerra	117
4.2 Da Guerra Total à Paz Total	124
4.3 O Medo Contemporâneo e o Estado de Emergência.....	132
4.3.1 O Estado Militar de Emergência	138
Conclusão: os Medos Urbanos e a Vida sem Pensamento	147
Referências Bibliográficas.....	167

INTRODUÇÃO

No dia 20 de janeiro de 2017, às 11 horas da manhã, na cidade de Washington D.C, o candidato recém-eleito, o magnata Donald Trump, prestou seu juramento e tomou posse como novo presidente dos Estados Unidos da América. Em seu discurso de posse, Trump ressaltou a urgência da reconstrução da América e a necessidade de devolvê-la ao “povo americano”. O presidente afirmou que, durante muito tempo, a classe política dos EUA buscou fortalecer a economia e o exército de outros países em detrimento de seu próprio poder industrial e militar. Ele ainda acrescentou: “nós defendemos as fronteiras dos outros países enquanto nos recusamos a defender as nossas próprias” (G1, 2017). Esta última declaração estava longe de ser fortuita ou descompromissada. Trump se elegeu tendo como um de seus principais projetos a construção de um muro com o objetivo de separar os EUA do México e impedir os fluxos migratórios ilegais. No anúncio de sua candidatura, o presidente afirmou: “[os mexicanos] estão enviando gente que tem muitos problemas, estão nos enviando seus problemas, trazem drogas, são estupradores e suponho que alguns até podem ser boa gente, mas eu falo com agentes da fronteira e me contam a verdade” (SANDOVAL, 2015). Essa afirmação constitui mais um episódio da tática de transformação do Outro, do estrangeiro, em inimigo...

No dia 15 de março de 2019, na cidade de Christchurch, na Nova Zelândia, Brenton Tarrant estacionou seu carro ao lado da mesquita de Al Noor por volta das 13h40min no horário local. Desceu do veículo portando várias armas e começou a dispará-las contra todos que entravam em seu campo de visão. O violento ataque continuaria na mesquita de Lindwood, resultando na morte de 49 pessoas. O massacre foi anunciado e transmitido em tempo real pelo Facebook (FOLHA DE S. PAULO, 2019). Minutos antes, Tarrant avisou a seus seguidores que realizaria e transmitiria ao vivo seu atentado, disponibilizando o *link* de acesso ao manifesto intitulado *The great replacement*. Nesse texto, o neozelandês afirmava que a imigração de mulçumanos para seu país estava produzindo uma suposta substituição dos valores culturais locais, levando a um tipo de genocídio branco (TARRANT, 2019). Assim, ele se declara um verdadeiro *partisan* na luta contra os invasores, intentando garantir a sobrevivência de seu povo e o futuro para as crianças brancas...

Tarrant dedica seu ato ao “cavaleiro justiciar Breivik” (TARRANT, 2019, p. 18), referindo-se a Anders Breivik, terrorista responsável pelos ataques que ocorreram na Noruega em 22 de julho de 2011. Breivik planejou e executou um atentado a bomba no Centro da capital do país e em seguida se dirigiu à ilha de Utoya, onde assassinou 77 jovens que participavam de

uma reunião do Partido Trabalhista Norueguês (O GLOBO, 2011). Nesse mesmo dia, o assassino publicou na internet um manifesto intitulado 2083: An European Declaration of Independence. Nele, Breivik (2011) expressava seu caráter conservador, nacionalista, islamofóbico, racista e misógino, atacando uma suposta degenerescência europeia produzida pela islamização do continente. Para esse terrorista, o marxismo cultural e o politicamente correto, promovidos pelos partidos de esquerda, por algumas empresas e universidades, geravam adesão ao multiculturalismo, o que levaria a uma espécie de colonização às avessas...

Em 18 de dezembro de 2009, um fato inusitado ocorreu no Japão. Um homem que preferia ser identificado como SL9000 se casou com Nene Anegasaki, personagem de um jogo intitulado “Love Plus” (G1, 2009). Em novembro de 2018, foi a vez de Akihiko Kondo se casar com Miku, uma cantora da realidade virtual (AFP, 2018). Esses acontecimentos parecem andar colados com o crescimento, nos últimos anos, da taxa de jovens que se autodeclaram assexuais, juntamente com o grande número de vendas de bonecas e de jogos de relacionamento virtual no país oriental (WINGFIELD-HAYES, 2017). Tal fenômeno vem preocupando as autoridades em decorrência da baixa taxa de natalidade no Japão...

Nos últimos anos, testemunhamos o aumento da frequência do termo *empatia* na cena pública. No dicionário (GEIGER, 2011, p. 539), a palavra significa “experiência pela qual uma pessoa se identifica com outra, tendendo a compreender o que ela pensa e a sentir o que ela sente, ainda que nenhum dos dois o expressem de modo explícito ou objetivo” ou, ainda, “nas relações pessoais e sociais, capacidade de alguém de se ver como os outros o veem, de ver outrem como os outros o veem e também como ele mesmo se vê”. No fundo, empatia significa a capacidade de se colocar no lugar do Outro, dele se compadecer, isto é, entender seu sofrimento e sofrer junto. O crescimento da utilização desse conceito sugere a perda dessa capacidade de relacionamento com o Outro na atualidade. Se a coruja de Minerva só voa ao anoitecer – como no famoso dito de Hegel (2003) –, a recorrência do termo *empatia* parece indicar que o compadecimento está sofrendo os abalos de uma profunda mutação nas sociedades atuais.

Todos esses acontecimentos nos mostram as dificuldades da relação com os Outros, seja o imigrante ou estrangeiro, seja o Outro tomado em sentido mais amplo. Muitos autores do final do século XX e início do XXI vêm analisando a chamada crise da alteridade no mundo atual (BAUMAN, 1999; IANNI, 1999a; 1999b; SANTOS, 2018; SODRÉ, 2014). Eles nos apontam que, se o tempo da globalização pode ser caracterizado, por um lado, pela emergência das múltiplas formas de se comunicar (QUIROGA, 2012), por outro, passamos a observar, cada vez mais, um fechamento dos seres humanos em si mesmos ou em pequenos círculos de

relações. Assim, a extrema abertura infocomunicacional parece levar ao fechamento do indivíduo na mesmidade e na indiferença, o que produz gradualmente o desaparecimento dos Outros. Pelos imensos desdobramentos políticos que esse processo provoca no cenário contemporâneo, a crise da alteridade se impõe como um problema teórico de grande relevância para a compreensão do mundo atual.

Certos autores afirmam que essa crise é uma consequência da expansão do capitalismo financeiro mundial e do surgimento de uma lógica ortogonal que nos impele a um modo de vida baseado na competição desenfreada entre os diferentes lugares e também entre as pessoas que habitam tais espaços (BAUMAN, 1999; IANNI, 1999a; 1999b; SANTOS, 2018; SODRÉ, 2014). Contudo, parece-nos inegável a participação do fenômeno da aceleração generalizada da vida, que acompanha o desenvolvimento incessante dos meios de transporte, informação e comunicação, no declínio das condições de possibilidade da alteridade em nossos contextos. Para nós, a velocidade, propiciada pelo avanço tecnológico ininterrupto, desempenha um papel importante nas transformações do modo como nos relacionamos com os Outros ao longo do tempo. Esses entendimentos nos conduziram, então, ao estudo minucioso da obra e do pensamento daquele autor que elegeu a categoria velocidade como ponto central de suas análises: o ensaísta, arquiteto e urbanista francês Paul Virilio.

Virilio nasceu na cidade de Paris em 1932 e morreu em La Rochelle em 2018. Ao longo de sua trajetória, o autor produziu mais de 40 livros nos quais desenvolve um conjunto de conceitos, como *dromologia*, *dromoscopia* e *dromocracia*, que evidencia a importância da categoria velocidade para a compreensão do mundo atual. Paul Virilio é, assim, um dos primeiros e mais instigantes pensadores a abordar os efeitos da aceleração propiciada pelo avanço extraordinário dos meios de transporte, informação e comunicação no delineamento das sociedades humanas. Suas análises nos ajudam a observar as ultrapassagens tecnológicas e seus desdobramentos estéticos, epistêmicos e políticos no curso da história. Se, como dissemos, a velocidade participa das transformações no modo como nos relacionamos com os Outros ao longo do tempo, podemos perguntar: quais são as contribuições do pensamento de Paul Virilio para a compreensão da crise da alteridade no mundo contemporâneo?

Desse modo, objetivamos formular uma chave de leitura que possibilite o cruzamento entre os pensamentos de nosso autor e a temática da alteridade. Para cumprir tal objetivo, exploramos as hipóteses de que a obra de Paul Virilio analisa os diversos atravessamentos entre a velocidade e a política na história, evidenciando o aparecimento de novos regimes de poder, decorrentes da aceleração, que administram as condições do medo em relação ao Outro, alterando o modo como nos relacionamos com ele ao longo do tempo. Paul Virilio nos indica

como o afeto do medo impede o livre funcionamento daquilo que chamamos de pêndulo das relações do Eu com o Outro e consigo mesmo, que, em nossa pesquisa, descreve as condições de possibilidade da alteridade. Julgamos que o pensamento de Virilio é capaz de nos apresentar as características do medo atual, sobretudo o sentido da urgência que tem origem no processo de implosão do espaço e do tempo decorrente da aceleração contemporânea. Para nós, o medo e a urgência são afetos que funcionam como uma espécie de anteparo, imobilizando o Eu nas regiões centrais do sistema pendular da alteridade, impedindo tanto a comunicação densa (MARCONDES FILHO, 2010) quanto a liberdade radical do pensamento.

Nossa hipótese é explicitada no primeiro capítulo desta tese. Nele, abordamos com maior profundidade a crise da alteridade no mundo contemporâneo, inserindo-a no panorama político, econômico e social do início do terceiro milênio. Tal enquadramento nos conduz a uma investigação sobre a globalização a partir de autores que a estudaram no final do século XX e início do XXI. Entendemos que esse fenômeno provoca uma mutação generalizada, tornando-se capaz de definir nossa própria alteridade histórica. Observamos que, se a globalização sustentou durante algum tempo uma aura messiânica, como um processo supostamente capaz de aproximar os homens, de abrir espaços para as relações intersubjetivas, o que contribuiria para a expressão da pluralidade e da singularidade humanas; mostramos que nossa experiência histórica aponta justamente para o contrário. Considerando que a crise atual da alteridade é uma consequência da globalização, passamos a uma caracterização da própria alteridade. Para nós, a alteridade é uma constatação enfática do Eu que surge tanto nas relações que ele estabelece com os outros como no diálogo interior consigo mesmo. Assim, descrevemos nossa proposição pendular da alteridade que surge a partir de tensionamentos de autores que ora afirmam a crise da individualidade, ora afirmam o ensimesmamento contemporâneo. Por meio da metáfora do pêndulo, buscamos mostrar como a vida com os Outros e a vida interior estão sempre interligadas de tal modo, que a crise da alteridade parece significar, na verdade, a imobilização do Eu pendular entre automatismos e protocolos, seja na vida com os Outros, seja consigo mesmo. No final do primeiro capítulo, apresentamos novamente a hipótese do trabalho, produzindo uma espécie de transição para a análise da obra de Paul Virilio.

No segundo capítulo, apresentamos e introduzimos ao leitor deste trabalho as ideias do autor. Iniciamos com breve biografia abordando sua infância e juventude durante a guerra, sua formação enquanto artesão, sua conversão religiosa, seu ingresso nos campos da arquitetura e do urbanismo, até alcançar o começo de sua vida intelectual, na transição entre as décadas de 1960 e 1970. Posteriormente, apresentamos a hipótese de leitura do *dromocentrismo* de sua cosmologia conceitual; passamos à análise dos conceitos de *dromologia*, *dromoscopia* e

dromocracia, mostrando que, por meio desses neologismos, ele deseja fundamentar um campo de estudos interessado nas transformações estéticas, epistêmicas e políticas que surgem da aceleração propiciada pelo desenvolvimento das tecnologias de transporte, informação e comunicação. Encerramos esse capítulo com uma introdução da ideia dos atravessamentos entre a velocidade, o poder e o medo que emergem dos tensionamentos entre as análises de Paul Virilio e as ideias de Thomas Hobbes e Sun-Tzu.

No terceiro momento, abordamos a espiral de ultrapassagens que é consequência da dialética da guerra formada entre o ataque e a defesa. Mostramos como esse par dialético leva ao progresso dromológico, o que transforma o campo militar em um palco privilegiado para o desenvolvimento da aceleração tecnológica. Descrevemos o modo pelo qual a troca na ordem das velocidades produz modificações nos regimes políticos e nas condições do medo em três tempos: na vida em campo livre ou aberto, no estágio do nomadismo e do seminomadismo; na construção da fortaleza e no aparecimento das primeiras cidades; e na formação do império dos mares com a Fleet in Being, logística da Marinha real inglesa. Esse capítulo mostra principalmente o deslizamento dos regimes de poder: da construção das estruturas de defesa para o imperativo da velocidade. O medo deixa de ser um afeto dirigido ao Outro exterior para se tornar difuso e administrável pela própria *logística* da guerra. Assim, atingimos as bordas da contemporaneidade.

O quarto capítulo dá prosseguimento ao movimento esboçado na etapa anterior, abordando a história da aceleração em seus cruzamentos com a guerra, o poder e o medo, mas, dessa vez, com foco nas análises da Segunda Guerra Mundial e no período da Paz Total, da dissuasão nuclear, da Guerra Fria. Mostramos que a queda do regime nazista significou o declínio total da estratégia da fortificação; o que significa igualmente o fim de um medo dirigido a um Outro exterior. Constatamos o aparecimento de uma série de técnicas e tecnologias que visam administrar o medo nas sociedades. A diferença é que o fim das distâncias, com a contração do mundo, não será dado apenas pelos avanços nos campos dos armamentos e dos transportes, mas também pelo lançamento dos primeiros satélites, permitindo a instalação das redes globais de informação e comunicação. Segundo Virilio, a dissuasão nuclear ou Regime da Paz Total é um tempo marcado pelo equilíbrio do terror e pela corrida tecnológica, fatores que possibilitaram a emergência do primeiro imperialismo verdadeiramente global. Nessa espécie de arqueologia da guerra, da velocidade e do poder, a partir das análises do autor francês, apresentamos os deslocamentos nas condições do medo contemporâneo. Observamos a contração do mundo que impõe como novidade um medo dirigido a uma ameaça rápida e indefinida. O Outro se torna tudo aquilo que escapa ao controle de um regime de poder que

deve atuar instantaneamente e se guiar pela urgência. Assim, evidenciamos o aparecimento de um Estado de Emergência.

Encerrando, nossa conclusão se afastar do modelo habitual de considerações finais. Retomamos tudo o que foi desenvolvido até então para completar o arco proposto nesta tese, praticando um cruzamento entre o sistema pendular da alteridade, a velocidade e os afetos do medo e da urgência. Antes, abordamos os desdobramentos do Estado de Emergência, explorando os processos de desertificação urbana e a inviabilidade da atividade do pensamento. Desse modo, esperamos cumprir o objetivo proposto de elaboração de uma chave de leitura que aproxime o pensamento de Paul Virilio à temática da alteridade.

Para realizar esse trajeto, procedemos à leitura aprofundada de várias obras do autor, tanto em língua original quanto em edições traduzidas. Esse caminho nos levou à prática da livre tradução de diversos livros sem publicação em português. Tais traduções serão compartilhadas com nosso leitor no uso extensivo das citações ao longo do texto. Optamos por um recorte cronológico e nos dedicamos principalmente à leitura das obras do ensaísta publicadas nas décadas de 1970 e 1980. Julgamos que tais livros contêm a base de todos os desenvolvimentos posteriores. Além disso, em decorrência da dificuldade dessas leituras, também trabalhamos com várias entrevistas concedidas pelo autor, que nos ajudaram a esclarecer seus entendimentos. Dessa maneira, realizamos as amarrações e os direcionamentos que nos permitam cumprir o objetivo da pesquisa e trazer contribuições para a compreensão do fenômeno amplo da crise da alteridade no mundo contemporâneo.

1. A CRISE DA ALTERIDADE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Na introdução deste trabalho, levantamos o problema da crise da alteridade no cenário contemporâneo. Explicitamos que essa questão nos parece relevante devido a seus desdobramentos políticos atuais. Afirmamos a pertinência das relações entre a categoria velocidade e o declínio das condições de possibilidade das relações do Eu com os Outros e consigo mesmo que descrevem a alteridade, o que justifica nosso questionamento acerca das contribuições do pensamento de Paul Virilio para compreender esse fenômeno de nosso tempo. Tais questões nos conduzem a outros tantos problemas preliminares que nos obrigam a aprofundá-las com o intuito de esclarecer melhor nosso problema, bem como nossas hipóteses de pesquisa. Neste capítulo, investigamos as seguintes indagações: como podemos caracterizar, e de que modo geral, a crise da alteridade no mundo contemporâneo? Como outros autores observaram esse problema? Afinal, o que é alteridade e quais são suas condições de possibilidade? A partir dessas questões iniciais, intentamos realizar um exercício de problematização, cercando de modo definitivo a pergunta que movimenta este trabalho. Nesse sentido, inserimos o fenômeno da crise da alteridade no panorama do início do terceiro milênio marcado pela consolidação da globalização. Posteriormente, objetivamos promover um esclarecimento ao leitor acerca da categoria da alteridade, que desempenha um papel central nesta tese. Por último, enunciaremos as hipóteses extraídas da obra de Virilio, que serão desenvolvidas e tensionadas nos demais capítulos.

1.1. A Implosão do Mundo: a Globalização e a Crise da Alteridade

“Vivemos em um tempo confuso e confusamente percebido” (SANTOS, 2018, p.17). Com essas palavras, o geógrafo brasileiro Milton Santos inicia o capítulo da introdução geral da obra *Por uma outra globalização*. Para ele, essa afirmação expressa um paradoxo que parece caracterizar o mundo desde o final do século XX. Por um lado, nos tornamos capazes de criar materiais e técnicas que permitem maior precisão e controle na realização de nossas intencionalidades; por outro, os desenvolvimentos nos campos da ciência e da tecnologia contribuíram decisivamente para a aceleração dos processos econômicos, políticos e sociais, produzindo uma sensação de vertigem generalizada. Assim, Milton Santos compreende que vivemos em um mundo caracterizado pelo desordenamento geral, a Era da Globalização.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1999) entende que a confusão que ronda o conceito de globalização não apenas dá uma dimensão das dificuldades de sua definição, mas também descreve o próprio fenômeno, caracterizado pela intensa mobilidade de todas as coisas. Esse autor explica: “todos nós estamos, a contragosto, por desígnio ou à revelia, em movimento. Estamos em movimento mesmo que fisicamente estejamos imóveis: a imobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança” (BAUMAN, 1999, p. 08). Bauman observa que vivemos em uma época definida pelo imperativo da mobilidade. Esse impulso irresistível de nosso tempo decreta o fim de qualquer tentativa de ordenamento do mundo, dado que a ordem demanda sempre algum grau de estabilidade e permanência. Desse modo, o sociólogo compreende que a globalização significou o fim daquele “sonho de pureza” (BAUMAN, 1998) que outrora guiava a modernidade e que consistia na crença fundamental na possibilidade de organização e controle dos processos econômicos, políticos e sociais. De agora em diante, o autor conclui, seremos assombrados permanentemente pelas imagens de coisas que fogem ao nosso controle, resultantes do caráter indisciplinado dos fenômenos que nos cercam.

Essas primeiras leituras nos levam ao entendimento de que a confusão e a desordem denunciadas por esses e outros pensadores contribuíram para criar a perplexidade que elevou a globalização à condição de temática imprescindível para a compreensão da atualidade. Na verdade, trata-se de um fenômeno transversal, que atravessa e entrelaça os campos econômico, político e social, e que possui tamanho poder de mutação generalizada, que se tornou capaz de definir, ele mesmo, nossa própria alteridade histórica. Tal envergadura permitiu a transformação da globalização em objeto de estudos para diversas disciplinas das ciências humanas e sociais, levando ao aparecimento de diferentes perspectivas e múltiplos pontos de entrada para a análise dos processos que a constituem.

Entre tais visadas, uma das linhas de análise mais comuns da globalização é aquela que aponta para a impossibilidade de sua separação do desenvolvimento incessante do capitalismo financeiro. Milton Santos a define como fenômeno “a serviço do império do dinheiro, fundado este na economização e na monetarização da vida social e da vida pessoal” (SANTOS, 2018, p.18), configurando-se, portanto, como “o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista” (p. 23). Em caminhos bastante próximos, o sociólogo Octávio Ianni (1999a, p. 11) entende que “a globalização do mundo expressa um novo ciclo de expansão do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório mundial”. Ele afirma que “o desenvolvimento do modo capitalista de produção, em forma extensiva e intensiva, adquire outro impulso, com base em novas tecnologias, criação de novos produtos, recriação da divisão internacional do

trabalho e mundialização dos mercados” (p. 13). Contudo, o autor compreende que esses acontecimentos não se restringem à esfera produtiva; eles transformam igualmente nossos modos de ser, agir e pensar no mundo atual. Já Zygmunt Bauman (1999) observa as dinâmicas do capitalismo global no tempo da extrema mobilidade de todas as coisas. Em seu entendimento, a conectividade propiciada pelas novas tecnologias de informação e comunicação permite ao capitalismo se expandir por todo o planeta, possibilitando a desconexão ética entre os donos das empresas, os acionistas, e os funcionários. Segundo o sociólogo, os proprietários são acionistas globais que não possuem quaisquer vínculos ou responsabilidades para com os operários espalhados pelo mundo e presos às condições das localidades. Bauman (1999, p. 16-17) complementa: “livrar-se da responsabilidade pelas consequências é o ganho mais cobiçado e ansiado que a nova mobilidade propicia ao capital sem amarras, que flutua livremente”. Tais análises parecem se alinhar inteiramente com a definição pensada por Muniz Sodré (2014, p. 58-59), de acordo com quem “o que se tem chamado de globalização nada tem a ver com a diversidade humana, e sim com a reorganização capitalista do mundo em função dos interesses financeiros. Globalização e finanças são a mesma coisa”.

Certamente, não podemos negligenciar esses entrelaçamentos da globalização com o desenvolvimento da face atual do capitalismo. Entendemos, porém, que essas descrições não são a única maneira de analisar tal fenômeno. Assim, intentamos aprofundar nossas leituras em outra direção, que nos parece até mesmo sustentar a própria transformação do capitalismo no regime financeiro global. Para nós, a característica mais importante da globalização é o fenômeno da contração do mundo. Esse processo se tornou possível graças ao desenvolvimento das tecnologias de transporte, comunicação e informação nos últimos séculos. E essa contração simulada do planeta permitiu o aparecimento de um regime econômico, político, social e cultural desatrelado das matrizes territoriais, como o Estado, a nação, o povo, a região, o continente... (QUIROGA, 2012; SODRÉ, 2014). Podemos dizer que esse sistema busca se tornar efetivamente desterritorializado, formado a partir de redes entre atores dispersos no espaço. O avanço de tais redes possibilitou o surgimento de entidades globais, como os inúmeros conglomerados econômicos atuais, que passam a interferir nas leis, normas, rotinas e nos ritmos das vidas que se desenrolam nos territórios. Doravante, conforme afirma Ianni (1999b, p. 13), “a terra mundializou-se de tal maneira que o globo deixou de ser uma figura astronômica para adquirir mais plenamente sua significação histórica”.

O fenômeno da implosão do mundo foi captado pela metáfora da aldeia global elaborada pelo pensador canadense Marshall McLuhan (1972, 2011), de acordo com quem o

desenvolvimento da tecnologia eletroeletrônica levou ao aparecimento de uma forma tribal na base da cultura contemporânea. Na obra *A galáxia de Gutemberg*, McLuhan (2011) observa que “desde o aparecimento do telégrafo e do rádio, o globo se contraiu, espacialmente, em uma única e grande aldeia global. O tribalismo é nosso único recurso desde a descoberta eletromagnética”.¹ O filósofo considera que as tecnologias de informação e comunicação, bem como os avanços no campo das ondas eletromagnéticas, produziram uma nova velocidade de transmissão de dados e informações que levou à contração espacial e temporal do mundo. Nesse sentido, pensada a partir da descoberta implosiva das ondas, a imagem da aldeia global se transformou em metáfora da globalização, um processo que define nossa época marcada por um desejo constante de modernização, cujo símbolo “parece ser a comunicação, a proliferação e generalização dos meios impressos e eletrônicos de comunicação, articulados em teias multimídias alcançando todo o mundo” (IANNI, 1999b, p. 119).

Alguns pensadores da globalização tomaram rapidamente as análises de McLuhan como profecias e, ao mesmo tempo, descrições de processos que já estavam em curso em meados do século XX. Para muitos, o autor canadense anunciava uma linha de progresso que conduziria os seres humanos a um novo estágio civilizatório. Despidas de seus contornos críticos por tais pensadores, as descrições de McLuhan puderam ser alinhadas às hipóteses desenvolvidas no interior de certas correntes de pensamento que, impactadas pelos traumas da Segunda Guerra Mundial, pelo medo do conflito nuclear e do stalinismo, julgavam que apenas as tecnologias possuíam a capacidade de redimir os seres humanos.² Segundo Ianni (1999b, p. 16), a metáfora da aldeia global “sugere que, afinal, formou-se a comunidade mundial, concretizada com as realizações e as possibilidades de comunicação, informação e fabulação abertas pela eletrônica. Sugere que estão em curso a harmonização e a homogeneização progressivas”. Desse modo, a alegoria de McLuhan passou a contribuir para a construção de uma aura utópica em torno do fenômeno da globalização, uma ideologia, produzindo desdobramentos políticos.

Um discurso bastante representativo dessa ideologia globalista foi a conferência do vice-presidente estadunidense Albert Gore aos delegados da International Telecommunication

¹ Livre tradução de: “since the telegraph and radio, the globe has contracted, spatially, into a single large village. Tribalism is our only resource since the electromagnetic discovery”.

² Um bom estudo sobre essas correntes é apresentado no livro *O império cibernético*, de Celine Lafontaine (2007). Nele, a autora demonstra como a cibernética se torna um paradigma hegemônico no pós-guerra, capaz de impactar diversos campos e correntes de pensamento, nutrindo-os de um profundo anti-humanismo, prosseguido pela demanda de soluções tecnológicas. No fundo, uma leitura bastante empobrecida da obra de McLuhan poderia supor que ele se alinhava a esse tipo de pensamento. Pensamos que *A galáxia de Gutemberg* apresenta uma série de posições críticas do autor, principalmente no que diz respeito ao fim da cultura letrada e ao início da civilização das imagens.

Union (ITU), em Buenos Aires, em 1994.³ O conferencista inicia sua fala louvando os feitos dessa associação que teria contribuído para a compatibilização internacional do sistema de telégrafos, propiciando a integração dos países. Considera, porém, que era preciso dar um passo além no caminho de maior conexão global. Então, Gore passa a defender a implantação da *global information infrastructure* (GII), que consistia na construção das chamadas *superhighways* da informação. Segundo o conferencista, essas vias de circulação rápida permitiriam a transmissão de imagens e conhecimentos a todos os cantos do mundo, o que nos conduziria à realização final de uma verdadeira comunidade global. Ele afirma que essa capacidade produziria “um progresso econômico sustentável, democracias fortalecidas, soluções para os conflitos ambientais globais e locais, melhorias nos cuidados com saúde e, enfim, um melhor sentido de gestão compartilhada do nosso pequeno planeta” (GORE, 1994). Gore (apud MATTELART, 2000, p. 144-145) vai ainda além: “ela vai encorajar na prática o funcionamento da democracia, destacando a participação dos cidadãos no processo de tomada de decisões. (...) Nela posso enxergar uma nova era ateniense da democracia forjada nos fóruns que a GII criará”.

O pronunciamento de Al Gore reforça claramente os contornos utópicos da fábula da aldeia global. Como analisa Mattelart (2000, p. 144), a conferência retoma “os discursos messiânicos acerca das virtudes democráticas da tecnologia”. Ela dissemina a crença de que o aperfeiçoamento das tecnologias de informação e comunicação permitiria a implosão das distâncias não somente geográficas, mas também temporais, que dividiam os seres humanos. Conseqüentemente, a nova velocidade dos fluxos informacionais possibilitaria uma harmonização efetiva da humanidade, espalhando mundialmente os produtos da inteligência coletiva, bem com as formas de uma democracia e cidadania verdadeiramente globais. Portanto, essa reedição do Iluminismo ingênuo parece realmente acreditar que a contração metafórica do mundo significaria necessariamente maior integração planetária e nos guiaria de volta ao paraíso perdido da *ágora* ateniense.

Essa conferência, muito representativa de uma modalidade de discurso comum sobre o processo de globalização, apresenta sérios problemas. Em primeiro lugar, ela parece acreditar que a conexão entre as diferentes localidades produziria automaticamente uma integração real dos seres humanos, o que levaria a uma harmonização geral da humanidade. Tudo ocorre como se a aproximação simulada dos locais, por meio das tecnologias infocomunicacionais, fosse suficiente para a resolução de problemas políticos, econômicos e sociais. Dessa maneira, a

³ Tivemos acesso a parte da conferência (GORE, 1994). Outra parte, acessamos via Mattelart (2000).

reatualização do messianismo tecnológico despreza os efeitos da desigualdade geopolítica que impõem fluxos civilizatórios unidirecionais, do oeste ao leste, do norte ao sul, de poucos a todos os demais... Em segundo lugar, essa perspectiva desconsidera o poder do capitalismo financeiro de cooptar as redes de informação para o alcance de suas próprias finalidades. Conforme analisa Milton Santos (2018), o sistema técnico da atualidade está diretamente relacionado ao aparecimento de uma mais-valia universal, isto é, ele sustenta o universo das finanças no mundo atual. Por último, esse discurso parece ignorar as diversas denúncias realizadas por autores de meados e do final do século XX sobre o declínio da esfera pública (BAUMAN, 1999; SANTOS, 2018; IANNI, 1999a; 1999b). A emergência da ideologia neoliberal privatista, como um discurso de sustentação da financeirização mundial, ocorre justamente com o aprofundamento e o desenvolvimento da globalização, demonstrando, na prática, os limites da metáfora da aldeia global enquanto uma nova *ágora* democrática.

Santos (2018) considera que vivemos em um contexto em que a política se desalojou de seus âmbitos tradicionais, passando a ser feita pelos atores do mercado financeiro. Assim, ele analisa as consequências dessa transformação notando um deslocamento do próprio sentido de política: “a política, por definição, é sempre ampla e supõe uma visão de conjunto. Ela apenas se realiza quando existe a consideração de todos e de tudo. Quem não tem visão de conjunto não chega a ser político” (SANTOS, 2018, p. 67). Se habitamos um mundo marcado por uma política assentada sobre as éticas finalísticas dos grandes conglomerados globais, movidos unicamente por interesses individuais, então, estamos presenciando o fim da verdadeira ação política. Em suas palavras: “essa ‘política’ das empresas equivale a decretação da morte da política” (SANTOS, 2018, p. 67). Na realidade, Santos mostra como esse falso sentido de política se impõe como uma nova razão diante de supostas necessidades do capitalismo, subordinando inteiramente o poder público local, que passa a ser guiado por lógicas extraterritoriais, o que leva a um agravamento do quadro dos desequilíbrios sociais – que já são imensos na maior parte do mundo.

Nesse sentido, a nova realidade que emerge com o processo de globalização está longe de se assemelhar à *ágora* que caracterizava a *pólis* democrática de Atenas. Segundo Hannah Arendt (2005), a cidade grega apresentava uma divisão bem nítida entre as esferas privada e pública. Na primeira, os seres humanos viviam juntos, impelidos pelas necessidades da vida; a comunidade natural do lar era uma forma de organização decorrente dessas carências da sobrevivência, e sua estruturação obedecia a uma rígida hierarquização; a família era uma organização privada para a superação das necessidades como um modo de alcançar a liberdade,

aspecto decisivo para uma vida plena. A verdadeira liberdade, porém, não residia no espaço privado, mas na esfera pública, que era propriamente a *pólis*. Arendt (2005, p. 41-42) continua:

A polis diferenciava-se da família pelo fato de somente conhecer “iguais”, ao passo que a família era o centro da mais severa desigualdade. Ser livre significava ao mesmo tempo não estar sujeito às necessidades da vida nem ao comando do outro e também não comandar. Não significava domínio, como também não significava submissão. Assim, dentro da esfera da família, a liberdade não existia, pois o chefe da família, seu dominante, só era considerado livre na medida em que tinha a faculdade de deixar o lar e ingressar na esfera política, onde todos eram iguais.

A igualdade que marca a esfera pública não significava a completa homogeneidade dos cidadãos. Arendt afirma que havia ali diferenças etárias, econômicas, educacionais etc. Na verdade, a igualdade era o direito concedido a todos os membros do corpo político de proferir palavras e realizar ações para se tornar distintos, uns em relação aos outros. A autora explica: “A *pólis* deveria multiplicar-lhes as oportunidades de conquistar ‘fama imortal’, ou seja, multiplicar para cada homem as possibilidades de distinguir-se, de revelar em atos e palavras sua identidade singular e distinta” (ARENDR, 2005, p. 41-42). Nesse sentido, a esfera pública significava um espaço para a expressão das diferenças, não coincidindo, portanto, com uma localização geográfica. A *pólis* era fundamentalmente um espaço da aparência, “no sentido mais amplo da palavra, ou seja, o espaço no qual eu apareço aos outros e os outros a mim; onde os homens assumem uma aparência explícita, ao invés de se contentar em existir meramente como coisas vivas ou inanimadas” (p. 211). Além disso, Arendt (p. 212) também entende que a *pólis* era um espaço de poder:

O poder só é efetivado enquanto a palavra e o ato não se divorciam, quando as palavras não são vazias e os atos não são brutais, quando as palavras não são empregadas para velar intenções mas para revelar realidades, e os atos não são usados para violar e destruir, mas para criar relações e novas realidades.

O poder, que não se confunde com a força, é o elemento que sustenta a esfera pública, o espaço da aparência. Ele se origina sempre das relações humanas – “o poder passa a existir entre os homens quando eles agem juntos, e desaparece no instante em que eles se dispersam” (ARENDR, 2005, p. 212). Nesse sentido, a *pólis* não era apenas o espaço da expressão da diferença, da singularidade, mas também uma esfera de convívio entre os iguais em suas possibilidades de se tornar distintos e de agir coletivamente. Como observa Arendt, o discurso e a ação só têm sentido “quando pessoas estão *com* outras, isto é, no simples gozo da convivência humana, e não ‘pró’ ou ‘contra’ outras” (p. 192). Portanto, podemos dizer que a

pólis era um lugar de encontro entre um Eu e um Outro; ela era fundamentalmente um palco onde se desenrolavam as relações que possibilitavam a alteridade.

Acreditar que o desenvolvimento das *superhighways* informacionais seria capaz de emular em alguma medida a experiência grega significa crer que elas produziram esses espaços da aparência para a livre expressão das singularidades e para as relações em que se manifesta a alteridade. Significa também acreditar que essas redes de informação de algum modo seriam resgatadas de seus usos empresariais para revitalizar a democracia em nosso tempo. No entanto, nossa experiência histórica, no final da segunda década do século XXI, nos mostra justamente o contrário: o fenômeno da globalização, com o desenvolvimento das tecnologias de transporte, informação e comunicação, sempre atrelado à expansão do capitalismo financeiro e à ideologia privatista neoliberal, tem produzido uma ameaça generalizada à esfera pública enquanto espaço onde se dão as relações em que se expressa a alteridade.

A esse respeito, Bauman (1999, p. 33) argumenta:

Os locais de encontro eram também aqueles em que *se criavam as normas* – de modo que se pudesse fazer justiça e distribuí-la *horizontalmente*, assim re-unindo os interlocutores numa *comunidade*, definida e integrada pelos critérios comuns de avaliação. Por isso um território despojado de espaço público dá pouca chance para que as normas sejam debatidas, para que os valores sejam confrontados e negociados. Os vereditos de certo e errado, belo e feio, adequado e inadequado, útil e inútil só podem ser decretados de cima, de regiões que jamais deverão ser penetradas senão por um olhar extremamente inquisitivo; os vereditos são inquestionáveis desde que nenhum questionamento significativo possa ser feito aos juízes e desde que os juízes não deixem endereço – sequer um endereço eletrônico, um *e-mail* – e ninguém saiba com certeza onde residem. Não há espaço para ‘líderes de opinião locais’; não há espaço para a ‘opinião local’ enquanto tal.

Nas análises de Bauman, a ordem da desordem global impõe, a distância, uma série de determinações à localidade com o objetivo de destravar a livre circulação do capital financeiro. Os meios de informação e comunicação espalhados pelo planeta permitem a disseminação das empresas, que aproveitam o melhor das diversas localidades. Nessa organização, os verdadeiros donos dos conglomerados – os acionistas – são uma espécie de elite desterritorializada que pode escapar das relações com os trabalhadores presos ao território. Assim, o capitalismo financeiro se caracteriza por sua chantagem constante para com os ordenamentos locais. A atividade política que ocorre nas diversas localidades se torna ela mesma um obstáculo para a livre mobilidade do capital. Para desarmar esses entraves, o regime produz uma nova rivalidade entre os diferentes territórios, que buscam, a todo custo, atrair os capitais flutuantes.

As análises de Santos (2018) complementam as ideias de Bauman, mostrando como o mercado global, com suas diretrizes, produz uma competição absoluta entre as diferentes

localidades, o que se aprofunda na competitividade que se instala entre os indivíduos. Para o geógrafo brasileiro, a competição atual não tem o mesmo sentido da antiga concorrência: os concorrentes respeitavam regras e tinham alguma compaixão para com seus adversários; já “a competitividade tem a guerra como norma” (SANTOS, 2018, p. 46); ela “é uma espécie de guerra em que tudo vale e, desse modo, sua prática provoca um afrouxamento dos valores morais e um convite ao exercício da violência” (p. 57). Assim, “a competitividade acaba por destroçar as antigas solidariedades” (p. 85). Ela se transforma em uma ética que se universaliza, impondo modos de ser e novos comportamentos. A competição como norma termina por justificar o crescimento das várias formas de individualismo que marcam de maneira profunda nosso tempo. Milton Santos (p. 47) conclui: “também na ordem social e individual são individualismos arrebatadores e possessivos, que acabam por constituir o outro como coisa. Comportamentos que justificam todo desrespeito às pessoas são, afinal, uma das bases da sociabilidade atual”.

Seguindo a linha dessas ideias, Quiroga (2012, p.51) argumenta que as tecnologias de informação e comunicação contribuem para o engendramento das fraturas das “experiências até então vinculadas ao registro do território (lei, trabalho, escola, arte, religião, linguagem, estado, família) responsáveis por uma ideia de alteridade”. Para esse autor, tais fraturas estão relacionadas com a capacidade dos meios de comunicação de recriar as dimensões de espaço e tempo, produzindo um impacto sobre a alteridade. Em outras palavras, as tecnologias infocomunicacionais, que possibilitam o processo de globalização, levam a um completo rearranjo das condições sociais, em decorrência dessa reelaboração das categorias de espaço e tempo no âmbito de uma ordem cultural marcada sobremaneira pela contração simulada do mundo (SODRÉ apud QUIROGA, 2012). Dessa maneira, as novas configurações produzem a quebra das antigas relações entre indivíduos, classes e territórios.

Nesse sentido, podemos afirmar que a velocidade e a fluidez do mundo contemporâneo produzem uma mobilidade que leva às fraturas dos vínculos sociais. Essa nova aceleração, que ameaça a alteridade, se torna um imperativo, criando seus ideais e necessidades. Assim, um mundo regido pelo imperativo da velocidade significa um mundo que necessita da invenção de meios rápidos, visando alcançar a ubiquidade, a instantaneidade e o ideal da transparência. Por isso mesmo, o filósofo contemporâneo Byung-Chul Han (2017c) afirma que a temática da transparência monopoliza o discurso público nos dias atuais. Em seu entendimento, esse tema tem relações diretas com as ameaças contemporâneas à alteridade, e assim ele explica a transparência:

As coisas se tornam transparentes quando eliminam de si toda e qualquer negatividade, quando se tornam *rasas e planas*, quando se encaixam sem qualquer resistência ao curso raso do capital, da comunicação e da informação. As ações se tornam transparentes quando se transformam em *operacionais*, quando se subordinam a um processo passível de cálculo, governo e controle. O tempo se torna transparente quando é aplainado na sequência de um presente disponível. Assim, também o futuro é positivado em um presente otimizado. O tempo transparente é um tempo sem destino e sem evento. As imagens tornam-se transparentes quando, despojadas de qualquer dramaturgia, coreografia e cenografia, de toda profundidade hermenêutica, de todo sentido, tornam-se pornográficas, que é o *contato* imediato entre imagem e olho. As coisas tornam-se transparentes quando depõem sua singularidade e se expressam unicamente no preço. O dinheiro que iguala tudo com tudo desfaz qualquer incomensurabilidade, qualquer singularidade das coisas. Portanto, a sociedade da transparência é um abismo infernal (*Hölle*) do igual (HAN, 2017c, p. 09-10).

A sociedade global está assentada sobre essa infraestrutura da transparência que permite a remoção dos diversos obstáculos, muitos deles fulcrais, inibidores da livre mobilidade dos capitais, da informação e das classes globais. Assim, a transparência significa um aplainamento ou uma homogeneização de todas as coisas. “A negatividade da *alteridade e do que é alheio* ou a resistência do outro atrapalha e retarda a comunicação rasa do igual” (HAN, 2017c, p. 09-10; grifo do autor). Por isso, um regime caracterizado pela aceleração contínua de todos os processos trabalha para eliminar tudo aquilo que é Outro. Desse modo, a transparência se transforma em coação sistêmica que busca produzir uma uniformização geral. Na política e na economia, essa coação se expressa na pressão atual pela modernização e pela flexibilização das leis. Na vida pessoal, a transparência se manifesta na exposição constante de si como mercadoria. Byung-Chul Han (2018, p. 20) complementa:

O segredo, o estranhamento ou a alteridade representam barreiras à comunicação ilimitada. Por isso, em nome da transparência, devem ser desmontados. A comunicação sofre uma aceleração quando se aplaina, isto é, quando todos os limiares, os muros e os abismos são eliminados. As pessoas também são ‘desinteriorizadas’, porque a interioridade atrapalha e retarda a comunicação. Contudo, a desinteriorização da pessoa não acontece de forma violenta, mas sim como exposição voluntária de si mesmo. A negatividade da alteridade ou o estranhamento se transforma em positividade da diferença ou da diversidade comunicáveis, consumíveis. O dispositivo da transparência obriga a uma exterioridade total com o objetivo de acelerar a circulação de informação e comunicação. No final, a abertura serve à comunicação sem limites, que é oposta ao fechamento, à reserva e à interioridade.

Dessa forma, as ameaças à alteridade no mundo atual significam o aparecimento de um processo que busca inviabilizar as relações humanas, que são condição de possibilidade para as ações políticas. Hannah Arendt (2005, p. 15) entende que a atividade humana fundamental da ação é “a única atividade que se exerce diretamente entre os homens”, pois ela demanda testemunhas para os atos e discursos a partir dos quais o indivíduo pode se distinguir de seus

pares. Segundo a autora, essa diferença, que decorre da pluralidade de seres que buscam se distinguir dos outros em suas relações, é decisiva para o aparecimento do novo na história. Ela compreende que a ação possibilita a criação de processos imprevistos, que não poderiam ser deduzidos a partir do passado. A pensadora continua:

O fato de que o homem é capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável. E isto, por sua vez, só é possível porque cada homem é singular, de sorte que, a cada nascimento vem ao mundo algo singularmente novo. Desse alguém que é singular pode-se dizer, com certeza, que antes dele não havia ninguém. Se a ação, como início, corresponde ao fato do nascimento, se é a efetivação da condição humana da natalidade, o discurso corresponde ao fato da distinção e é a efetivação da condição humana da pluralidade, isto é, do viver como ser distinto e singular entre iguais (ARENDDT, 2005, p. 191).

Em outras palavras, o novo surge da ação e do discurso nas relações entre o Eu e o Outro que ocorrem entre os homens. Ele é expressão da imprevisibilidade histórica. No fundo, dizer que os seres humanos são capazes de iniciar novos processos é atestar nossa liberdade. Logo, podemos afirmar que a liberdade tem fortes relações com a alteridade. Por isso, a ameaça à alteridade significa o declínio das possibilidades de aparecimento do novo no curso da história. Portanto, o processo de globalização, que carregou e disseminou durante muito tempo a ideia da produção de uma *ágora* mundial, a transformação do planeta em um espaço de encontros e de criação das respostas para os diversos desafios humanos, parece se mostrar, na verdade, um fenômeno que produz uma ameaça generalizada à alteridade e à própria liberdade.

Essas leituras iniciais sobre o processo de globalização nos direcionam obviamente para a questão da crise da alteridade no mundo contemporâneo. Conforme sinalizamos na introdução, neste trabalho objetivamos formular algumas respostas acerca da compreensão desse problema na atualidade. As discussões preliminares aqui brevemente desenvolvidas nos possibilitam formular algumas hipóteses bastante gerais, como, por exemplo, a ideia de que o atravessamento entre os imperativos da velocidade e da transparência produz o aplainamento geral das diferenças, que acaba por eliminar as relações humanas das quais surge a alteridade. Porém, apesar da importância desses tensionamentos entre diferentes autores, a complexidade do problema nos obriga a um recorte. Assim, partindo da evidência da centralidade da velocidade, justificamos nosso interesse em investigar as contribuições de Paul Virilio para o entendimento do problema da alteridade na cena contemporânea. As análises do ensaísta tocam em pontos próximos às ideias já apresentadas, o que demonstra a pertinência de seu raciocínio e, ao mesmo tempo, o insere no *corpus* de autores necessários para a compreensão do mundo atual. Contudo, antes de procedermos a uma investigação minuciosa da obra desse autor, em

busca das contribuições de seu pensamento para o problema enunciado, surge-nos a questão fundamental da definição da alteridade.

1.2. O Sentido de Alteridade

Quando evocamos neste trabalho o conceito de alteridade, não estamos nos referindo à maneira como essa ideia foi aludida na *Metafísica*, de Aristóteles (2002), ou ao modo como ela aparece em determinadas definições de alguns dicionários de filosofia (ABBAGNANO, 2007; JAPIASSÚ, MARCONDES, 2006). O conceito de alteridade que aqui trabalhamos não será extraído de uma “ciência do ser enquanto ser” (ARISTÓTELES, 2002, p. 133), uma filosofia primeira que se ocupa dos entes enquanto existentes, investigando as unicidades e pluralidades das quais decorrem as diferenças e a alteridade entre as entidades, conforme a metafísica aristotélica (BARNES, 2009). Tampouco nos aprofundamos nos desdobramentos dos problemas internos da obra do filósofo estagirita, por exemplo, “a distinção de um gênero em várias espécies e a diferença dessas espécies na unidade de um gênero” (ABBAGNANO, 2007, p. 35). Também não pretendemos explorar o debate da filosofia pré-socrática sobre o número de princípios da existência, seja na via da unidade como em Parmênides, seja naquela da diferença como em Heráclito (JAPIASSÚ, MARCONDES, 2007). Igualmente, não nos ocupamos da tentativa de Platão de conciliar tais ideias contraditórias, o que o conduz à proposição da metafísica dualista, “segundo a qual a mudança pertence ao mundo material, ao mundo das aparências, sendo o mundo das formas fixo, eterno, imutável” (JAPIASSÚ, MARCONDES, 2007).

Embora essas referências sejam imprescindíveis para os filósofos da alteridade, não será preciso analisar profundamente tais ideias, pois não objetivamos realizar uma discussão sobre os princípios ou as causas da existência dos entes e das diferenças entre eles. Consideramos que esses entendimentos da filosofia antiga foram elaborados como tentativas de resposta ao grande mistério do ser. O próprio Aristóteles (2002, p. 11) afirma que os seres humanos começaram a filosofar por admiração frente aos desafios mais simples, passando a enfrentar aos poucos problemas mais complexos, como aqueles “relativos aos fenômenos da lua e aos do sol e dos astros, ou os problemas relativos à geração de todo o universo”. Assim, em algum momento da história, os filósofos se sentiram convocados a investigar a própria existência, alcançando aquela questão fundamental da metafísica brilhantemente sintetizada por Heidegger (2008, p. 133): “Por que existe afinal o ente e não antes o nada?”. Partindo desse problema, a filosofia

formulou, em seus primórdios, diferentes respostas, propondo modelos unitários, dualistas ou plurais. Contudo, nem mesmo as explicações que dizem que todos os entes derivam de um único princípio parecem não negar a diversidade das entidades. De fato, a pluralidade das coisas se impõe como um enigma que, ao ser tentativamente explorado, pode levar até mesmo à unicidade. Por isso, podemos abandonar a discussão da filosofia clássica e tomar como ponto de partida a constatação da diversidade da existência, o que nos conduz à pluralidade inerente aos seres humanos.

Hannah Arendt (2005) considera que a pluralidade é uma das condições sob as quais a vida foi dada aos seres humanos na Terra. A autora afirma que essa condição se refere “ao fato de que homens, e não o homem, convivem na Terra e habitam o mundo” (p. 15). Assim, ela compreende que a pluralidade inerente ao gênero humano se evidencia “pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir” (p. 16). Arendt complementa essa constatação pontuando que aquilo que marca a distinção entre os seres humanos e as demais coisas é a capacidade de exprimir a sua própria diferença: “só ele [o homem] é capaz de comunicar a si próprio” (p. 189). Segundo a autora, desse poder de expressão resulta a condição da alteridade humana: “No homem, a alteridade, que ele tem em comum com tudo o que existe, e a distinção que ele partilha com tudo o que vive, tornam-se singularidade, e a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade de seres singulares” (p. 189). Em outras palavras, Arendt nos observa que a pluralidade é resultado de uma diferenciação interior ao próprio gênero, e os seres humanos a experimentam ao evidenciar suas singularidades e alteridades não somente em relação a outras entidades, mas entre eles mesmos.

Como vimos, a autora compreende que o indivíduo se distingue dos demais membros de sua espécie na esfera pública por meio da ação e do discurso. Em suas palavras, “a ação e o discurso são os modos pelos quais os seres humanos se manifestam uns aos outros não como meros objetos físicos, mas enquanto homens” (ARENDR, 2005, p. 189). Ela entende que ambos dependem da iniciativa de cada indivíduo, mas essa é uma iniciativa da qual ninguém poderia se abster sem deixar de ser humano. E complementa: “a vida sem discurso e sem ação (...) está literalmente morta para o mundo; deixa de ser vida humana, uma vez que já não é vida vivida entre os homens” (p. 189). Sobre esse ponto, a autora cita o idioma latino que associa vida e morte ao fato de estar ou não estar entre homens – “*inter homines esse*” e “*inter homines esse desinere*” (p. 15). Para Arendt, somente a presença dos outros pode garantir a realidade do mundo e de nós mesmos. Desse modo, devemos não somente estar, mas também aparecer para os outros, expressando nossa singularidade por meio das ações e dos discursos. Essas duas

capacidades humanas, segundo ela, possuem qualidades reveladoras que só surgem quando estamos na companhia dos outros. Desse modo, Hannah Arendt nos ajuda a pensar a alteridade como uma constatação que emerge justamente nas relações que traçamos com os outros seres humanos.

1.2.1. A ALTERIDADE E A RELAÇÃO

Se Arendt nos ajuda a abrir caminhos para pensar a alteridade como algo originado da constatação de nossa singularidade nas relações que surgem em nossa vida entre seres humanos, um autor que nos auxilia na caracterização dessa situação é Martin Buber (2001) com sua proposta de traçar uma ontologia da relação como fundamentação de uma ética e uma antropologia do inter-humano. Ao afirmar, na obra *Eu-tu*, que “o mundo é duplo para o homem, segundo a dualidade de sua atitude” (BUBER, 2001, p. 03), o filósofo hassidista entende que a dualidade da condição humana é associada ao proferimento diretamente pelo ser de uma entre duas palavras-princípio.⁴ E Buber (p. 03) explica: “uma palavra-princípio é o par EU-TU. A outra é o par EU-ISSO no qual, sem que seja alterada a palavra-princípio, pode-se substituir ISSO por ELE ou ELA”. Para nós, embora o pensamento do autor possa nos conduzir de volta ao campo das discussões metafísicas, as duas atitudes distintas propostas por Martin Buber descrevem os possíveis encontros com os outros, dos quais podemos extrair certas condições de possibilidade da alteridade nas relações humanas.

O filósofo inicia seu percurso argumentativo dizendo que os EUs contidos nas palavras-princípio são diferentes entre si e se distinguem justamente em suas associações com aquilo que lhe é exterior, o TU ou o ISSO. O autor enfatiza: “quando o homem diz EU, ele quer dizer um dos dois. O EU ao qual ele se refere está presente quando ele diz EU. Do mesmo modo quando ele profere TU ou ISSO, o EU de uma ou outra palavra-princípio está presente” (BUBER, 2001, p. 03). Por isso, se quisermos compreender os EUs e as atitudes que decorrem de um ou outro caso, devemos antes explorar a maneira como Buber distingue o TU e o ISSO.

O autor começa sua explicação sobre os reinos do TU e do ISSO, afirmando que “a vida do ser humano não se restringe apenas ao âmbito dos verbos intransitivos. Ela não se limita somente às atividades que têm algo por objeto” (BUBER, 2001, p. 03). Para ele, o domínio do ISSO está relacionado justamente a essas atividades que ocorrem ao experimentarmos um objeto qualquer com alguma finalidade específica – “o homem explora a superfície das coisas

⁴ Com isso, ele quer dizer que esse proferimento não precisa ser feito com sons e linguagem. A invocação pode ser silenciosa e se dar na forma de um olhar, um gesto ou mesmo um voltar-se-para-o-outro.

e as experiências. Ele adquire delas um saber sobre a sua natureza e sua constituição, isto é, uma experiência” (p. 05). Desse modo, o ISSO consiste em uma categoria genérica de coisas que existem no mundo e que se amontoam, coisas que podem ser apropriadas e até se tornar objetos de conhecimento, mas que, ainda assim, não geram o engajamento necessário ao proferimento do TU.

Martin Buber (2001, p. 05) afirma que “o reino do TU tem (...) outro fundamento”. Segundo o autor, o TU não se pode constituir como objeto, dado que ele expressa algo que está necessariamente em uma relação com um EU e que só pode existir enquanto durar tal relação. Ele argumenta: “quem diz TU não possui coisa alguma, não possui nada. Ele permanece em relação” (p. 05). Enquanto as experiências surgem no momento do proferimento da palavra-princípio EU-ISSO, as relações emergem quando dizemos o EU-TU, o que pode ocorrer em três casos: na vida com a natureza, com os homens e com os seres espirituais.

No âmbito da vida com os homens, Buber compreende que o EU pode se interessar por um ELE ou ELA enquanto um ISSO; pode tomá-lo como um objeto de interesse, conhecimento e experiência, se indagando a respeito de sua forma, sua estrutura corporal, seu estado espiritual ou mental etc. Porém, subitamente, o ISSO humano pode se transformar em TU, constituindo um outro EU que passa a traçar com ele uma relação. Assim, o filósofo pontua: “eu não experiencio o homem a quem eu digo TU. Eu entro em relação com ele no santuário da palavra-princípio. Somente quando saio daí posso experienciá-lo novamente. A experiência é o distanciamento do TU” (BUBER, 2001, p. 10).

Para Martin Buber, tal distanciamento implica outra distinção. As experiências com o ISSO não demandam a compreensão do objeto em sua totalidade, uma vez que ele pode ser representado, segmentado e classificado segundo os interesses do EU. O distanciamento significa justamente a transformação do objeto no ISSO. Ou seja, o ISSO tem sempre algum grau de representação, que pode atingir níveis máximos, por exemplo, quando deixamos de investigar o objeto e passamos a considerá-lo de modo numérico ou formal. Ao contrário das experiências, a relação não admite qualquer tipo de operações de transformação do TU, o que implica que, ou ela não produz qualquer conhecimento, ou o conhecimento que engendra é um conhecimento total – “O que se sabe então a respeito do TU? Somente tudo, pois não se sabe a seu respeito, nada de parcial” (BUBER, 2001, p. 12).

Se o ISSO possui algum grau de representação, a experiência pode ocorrer mesmo em sua ausência. Já a relação demanda sempre a presença, dado que ela é uma característica inerente à constituição do TU. Nas palavras do autor: “somente na medida em que o TU se torna presente a presença se instala” (BUBER, 2001, p. 14). Segundo Buber, a presença

necessária ao TU implica um face a face, um espaço-tempo, pois aquele que está em relação “aguarda e permanece diante de nós” (p. 14). Aguardar e permanecer são ações que envolvem localização, duração e atualidade. Para o autor, somente desse modo, a reciprocidade da relação pode ser verdadeiramente estabelecida: “meu TU atua sobre mim assim como eu atuo sobre ele” (p. 18). No momento do distanciamento, a presença se desfaz, e o TU se torna novamente um ISSO. Buber afirma que “o ISSO é crisálida, o TU a borboleta” (p. 20). Ainda assim, o filósofo admite que seria impossível traçar uma distinção bastante nítida entre esses estados: “são processos que se entrelaçam confusamente numa profunda dualidade” (p. 20).

Após essas caracterizações iniciais, Buber traça uma história especulativa da origem antropológica do TU, do EU e do ISSO. Segundo o filósofo, no início, os seres humanos apenas desenvolviam relações; todas as coisas eram TUs, e os contatos com elas mantidos se davam sempre de modo uno e exclusivo; o TU se fazia presente ao EU que, mesmo difuso, lhe dirigia a atenção. Aos poucos, o TU passou a ser representado e objetificado por um EU cada vez mais consciente de si; assim, o EU transformou o TU em ISSO. Buber complementa seu argumento afirmando que, em um primeiro momento, o EU que responde ao chamamento do TU ainda não consegue se pronunciar de maneira enfática; ele está implícito na relação, mas como uma “emoção cósmica” sentida em uma corporeidade, que o separa ainda de modo bastante impreciso de seu ambiente. Apenas quando o EU passa a representar o mundo como um conjunto de ISSOs, quando as relações se transfiguram em experiências, é que o ser humano toma consciência de si mesmo, emergindo, então, como EU enfático e egocêntrico.

Se quisermos nos afastar dessa especulação *buberiana*, podemos endossar, ao menos, a ideia de que a afirmação enfática do EU só pode surgir a partir de um distanciamento em relação aos outros, sendo eles TUs ou ISSOs, o que demanda a admissão da existência da exterioridade com a qual traçamos relações ou experiências. Segundo Sartre ([20-], p. 13), a apreensão de si ocorre apenas perante o Outro que é “tão verdadeiro para nós quanto nós mesmos”. O filósofo francês ainda afirma: “assim, o homem que se alcança diretamente pelo *cogito* descobre todos os outros, e descobre-os como sendo a própria condição de sua existência” (p. 13). Então, ele complementa:

Para obter qualquer verdade sobre mim, é necessário que eu considere o outro. O outro é indispensável à minha existência tanto quanto, aliás, ao conhecimento que tenho de mim mesmo. Nessas condições, a descoberta da minha intimidade desvenda-me, simultaneamente, a existência do outro como uma liberdade colocada na minha frente, que só pensa e só quer ou a favor ou contra mim. Desse modo, descobrimos imediatamente um mundo a que chamaremos de intersubjetividade e é nesse mundo que o homem decide o que ele é e o que são os outros (SARTRE, [20-], p. 13)

Apesar das diferenças entre os dois autores, Buber e Sartre apontam para a necessidade do encontro e da relação para a tomada da consciência de si. Essa obrigatoriedade também é corroborada por Arendt (2005, p. 60) ao afirmar que “a presença de outros que veem o que fazemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos”. Por isso, tanto a evidência dos Outros, quando eles se colocam diante de nós, como nossa aparição, quando nos colocamos diante deles, são fundamentais para a individuação que leva à afirmação enfática do EU.

Nesse ponto, o pensamento de Buber adquire mais clareza. Já vimos que, ao explorar os processos entre o EU e os Outros – que podem ser TUs ou ISSOs –, o filósofo consegue descrever dois tipos de vivência bastante diferentes que ele nomeia como relação e experiência. Essas reflexões, porém, parecem sugerir que apenas a relação pode se realizar de fato como alteridade, pois somente o proferimento da palavra-princípio EU-TU garantiria a atualidade da presença de ao menos dois agentes engajados na relação. Nesse processo, EU-TU permanecem relacionados, mas ainda distantes, não existindo coincidência, nem qualquer ato de apropriação. Por isso, mais uma vez, “quem diz tu não possui coisa alguma, não possui nada. Ele permanece em relação” (BUBER, 2001, p. 05). Algo muito distinto ocorre nas experiências: os processos EU-ISSO não implicam, para Buber, a presença de dois; o ISSO sempre possui algum grau de representação que é um meio para uma intencionalidade do EU; assim, o ISSO pode ele mesmo se converter em meio para alguma finalidade. Desse modo, o EU egocêntrico se apropria desse objeto que deixa de ser outro para se tornar mesmidade. Portanto, a alteridade só poderia existir nas relações, uma vez que, nelas, se conserva a irredutibilidade do Outro, uma espécie de transcendência do TU em relação ao EU.

1.2.1.1. A Transcendência do Outro

A proposta da *ética da responsabilidade* de Emmanuel Levinas (2005) nos ajuda a pensar a transcendência do Outro em relação ao EU que possibilita o reconhecimento de si. Segundo o filósofo, esse reconhecimento só pode ocorrer no movimento que ele descreve como a abertura do Ente, na sua obra de Ser, à exterioridade, que é o Ente do Outro. Ele explica que isso se dá porque a tarefa da compreensão ontológica de si como ser demanda uma inteligência do Ente que busca ir *além do Ente* para alcançar o horizonte do ser, que é precisamente uma abertura para a exterioridade do real. Conforme sugere Levinas (2005, p. 25), “nós existimos num circuito de inteligência com o real – a inteligência é o próprio acontecimento que a

existência articula”. Para o filósofo, a inteligência constitui o pensamento humano que procede pela observação da particularidade de seu ser ante aquilo que lhe é exterior. Em suas palavras:

O pensamento começa, precisamente, quando a consciência se torna consciência de sua particularidade, ou seja, quando concebe uma exterioridade para além de sua natureza de vivente, que o contém; quando ela se torna consciência de si ao mesmo tempo que consciência da exterioridade que ultrapassa sua natureza, quando ela se torna metafísica. O pensamento estabelece uma relação com uma exterioridade não assumida. Como pensante, o homem é aquele para quem o mundo exterior existe. Em consequência, sua vida biológica sua vida estritamente interior, se ilumina de pensamento (LEVINAS, 2005, p. 36).

Assim, ao mesmo tempo em que o indivíduo pensante se coloca como parte de uma totalidade que o atravessa e o ultrapassa, ele também se distingue dessa totalidade por meio do pensamento e da tomada de consciência que ele tem de si mesmo. Isto é, “a individualidade do eu se distingue de toda individualidade dada, pelo fato de sua identidade não ser feita do que a distingue dos outros, mas de sua referência a si” (LEVINAS, 2005, p. 38). Desse modo, a referência ao Eu é sempre alusão à participação nessa totalidade que é condição necessária para o pensamento; mas ela é também afirmação da individualidade do pensamento frente à exterioridade em que o indivíduo está inserido. Portanto, “o pensamento começa com a possibilidade de conceber uma liberdade exterior à minha. Pensar uma liberdade exterior à minha é o primeiro pensamento. Ele marca minha própria presença no mundo” (p. 39).

Emmanuel Levinas prossegue seu raciocínio demarcando as diferenças entre os seres humanos e as outras coisas que constituem o mundo. Como vimos, se o pensamento delineia uma individualidade liberta, que existe na possibilidade de conceber uma liberdade exterior ao Eu, se torna impossível reduzir os humanos à condição de coisas desprovidas de liberdade, que é dada pela própria consciência de ser do Ente. Realizar essa redução seria incorrer no erro dos solipsistas, que, no limite, levaria à incerteza do Eu ou à redução de si mesmo. Logo, a consciência do Eu, que é consciência do indivíduo como uma parte-não-parte da totalidade, é a constatação de que o outro ser humano é sempre Outrem, isto é, alguém que escapa à redução objetiva, justamente, porque ele é aquém ou além do ser, Ente e indivíduo pensante, existindo ao mesmo tempo dentro e fora da totalidade da qual o Eu mesmo faz parte. Por isso, o filósofo conclui que a compreensão do Eu, que se dá no entendimento de que faço parte da totalidade humana, implica a necessidade do encontro, da alteridade, que ocorre na relação de ser-com-Outrem, sendo esse Outrem irreduzível à compreensão ontológica. Levinas (2005, p. 27) esclarece sobre tal impossibilidade:

Compreender uma pessoa é já falar-lhe. Pôr a existência de outrem, deixando-a ser, é já ter aceito essa existência, tê-la tomado em consideração. ‘Ter aceito’, ‘ter considerado’, não corresponde a uma compreensão, a um deixar-ser. A palavra delinea uma relação original. Trata-se de perceber a função da linguagem não como subordinada à *consciência* que se toma da presença de outrem ou de sua vizinhança ou da comunidade com ele, mas como condição desta ‘tomada de consciência’.

E acrescenta:

O homem é o único ser que não posso encontrar sem lhe exprimir este encontro mesmo. O encontro distingue-se do conhecimento precisamente por isso. Há em toda atitude referente ao humano uma saudação – até quando há recusa em saudar. A percepção não se projeta aqui em direção ao horizonte – campo de minha liberdade, de meu poder, de minha propriedade – para apreender, sobre este fundo familiar, o indivíduo. Ela se reporta ao indivíduo puro, ao ente como tal (LEVINAS, 2005, p. 28-29).

A saudação é a expressão do reconhecimento da liberdade exterior ao Eu, que é condição do pensamento e da individualidade. Por isso, o encontro implica o reconhecimento de um Ente que, mesmo nomeado, também é invocado. Assim, Levinas conclui dizendo que a relação com Outrem não pode ser definida como ontologia: “esse vínculo com outrem não se reduz à representação de outrem, mas à sua invocação, e onde a invocação é precedida de compreensão, chamo-a de religião” (LEVINAS, 2005, p. 29). Para ele, a religião é uma forma de relação com o Ente enquanto Ente. Ou seja, “ela não consiste em concebê-lo como ente, ato que o *ente* já é assimilado, mesmo que essa outra assimilação consiga visualizá-la como ente, consiga deixá-lo ser; nem consiste em estabelecer não sei qual *pertença*, nem em se chocar com o irracional esforço de compreender o *ente*” (p. 30) .

Desse modo, Emmanuel Levinas entende ter encontrado o que deveria ser a preocupação central da filosofia contemporânea: a tentativa de libertar os seres humanos das categorias adaptadas às coisas, uma discussão que, a seu ver, não se pode enveredar pelos caminhos das definições da natureza humana ou do ser. O filósofo considera que “trata-se, antes de tudo, de encontrar para ele [o ser humano] o lugar onde o homem cessa de nos concernir a partir do horizonte do ser” (LEVINAS, 2005, p. 30). E isso só poderá ocorrer se alcançarmos algo fora de uma compreensão ontológica. Levinas complementa: “o ente como tal (e não como encarnação do ser universal) só pode ser numa relação em que o invocamos. O ente é o homem, e é enquanto próximo que o homem é acessível. Enquanto rosto” (p. 30).

O rosto é justamente essa aparência, proximidade e presença que impede a redução do Outrem à condição de objeto. Ele é um encontro com o Ente, aquilo que não aceita ser reduzido, compreendido ou capturado. O exercício de compreensão é uma captura do Outrem enquanto

ser; o Eu o nomeia, cometendo uma violência, ou melhor, realizando uma “negação parcial”. A compreensão significa que o Ente, sem aparecer ou desaparecer, já se encontra sob o controle do Eu. Assim, “a negação parcial, que é a violência, nega a independência do ente: ele depende de mim. A posse é o modo pelo qual um ente, embora existindo, é parcialmente negado” (LEVINAS, 2005, p. 31).

Nesse ponto, o encontro emerge como algo radicalmente diferente da compreensão:

O encontro com outrem consiste no fato de que, apesar da extensão da minha dominação sobre ele e de sua submissão, não o possuo. Ele não entra inteiramente na abertura do ser em que já me encontro como no campo de minha liberdade. Não é a partir do ser em geral que ele vem ao meu encontro. Tudo o que dele me vem a partir do ser em geral se oferece por certo à minha compreensão e posse. Compreendo-o, a partir da sua história, do seu meio, de seus hábitos. O que nele escapa à minha compreensão é ele, o ente. Não posso negá-lo parcialmente, na violência, apreendendo-o a partir do ser em geral e possuindo-o. Outrem é o único ente cuja negação não pode anunciar-se senão como total: um homicídio. Outrem é o único ser que posso querer matar (LEVINAS, 2005, p. 31).

Em outras palavras, ainda que esse Outro possa se oferecer à minha compreensão e ao meu domínio, preexiste nele esse Outrem, seu Ente, que remarca o fato de que não o posso possuir. Segundo o autor, a única maneira de negar verdadeiramente esse Outrem é o homicídio. Contudo, o homicídio constitui exatamente o contrário do poder de negação, pois “o triunfo do poder é sua derrota como poder. No preciso momento em que meu poder de matar se realiza, o outro se me escapou” (LEVINAS, 2005, p. 31). Desse modo, Levinas conclui que as experiências que temos das coisas enquanto coisas não passam de tentativas de compreensão, o que as torna diferentes da relação que temos com o *rostro* humano, que não aceita negação parcial e cuja única negação possível se realiza no assassinato. Portanto, o face a face é esse encontro com o rosto que é a expressão de Outrem, a constatação da existência de uma exterioridade livre, de um Outro inalcançável, a condição mesma do pensamento e da individualidade do EU, que é igualmente livre das parciais conceituais.

Desse modo, o Outro pensado por Emmanuel Levinas se alinha ao TU de Martin Buber. Ambos pressupõem a presença, o face a face e, ao mesmo tempo, a impossibilidade de redução ou domínio: o TU se torna ISSO ao ser representado; o Outro sempre escapa à compreensão ontológica e só poderia ser dominado pelo homicídio que, ao ser praticado, produz um efeito contrário, a mais completa negação do Outro. Os dois só existem na relação, pois é nela que ocorre a invocação do Eu pelo TU ou pelo Outro: o primeiro, por um chamamento que exige o engajamento e a resposta do EU; o segundo, por meio do rosto que expressa a liberdade exterior, produzindo a tomada de consciência de si. Desse modo, o TU de Buber e o Outro de Levinas

são ambos inefáveis e transcendentais, porque resistem a qualquer estratégia de redução por parte de um Eu, engendrando assim as relações.

2.1.2. As Relações Dialógicas

Martin Buber entende que a forma mais explícita da relação ocorre no diálogo. Contudo, o filósofo hassidista esclarece que, assim como nem toda a vivência com o Outro é uma relação, “o mais ardoroso falar de um para o outro não constitui uma conversação” (BUBER, 1982, p. 35). Nesse sentido, se torna necessário pensar as condições de possibilidade do dialógico. Em primeiro lugar, Buber afirma que o diálogo não significa a transmissão de informações entre os seres humanos, mas “um comportamento dos homens um-para-com-o-outro” (p. 40). E o autor complementa:

Assim sendo, mesmo que se possa prescindir da fala, da comunicação, há contudo um elemento que parece pertencer indissolavelmente à constituição mínima do dialógico, de acordo com seu próprio sentido: a reciprocidade da ação interior. Dois homens que estão dialogicamente ligados devem estar obviamente voltados um-para-o-outro; devem, portanto – e não importa com que medida de atividade ou mesmo de consciência de atividade –, ter-se voltado um-para-o-outro (BUBER, 1982, p. 40-41).

Já dissemos que Martin Buber define a relação como algo que emerge com o proferimento da palavra-princípio EU-TU, que é um dos tipos de vida com o Outro. Ao pensar o dialógico, o filósofo tentará redescrever tais vivências, pensando, sobretudo a percepção que se tem do Outro. Para ele, as vivências podem ocorrer nas formas de observação, contemplação ou conhecimento íntimo. Na primeira, “o *observador* está inteiramente concentrado em gravar na sua mente o homem que observa, em ‘anotá-lo’. Ele o perscruta e o desenha. E na verdade ele se empenha em desenhar tantos ‘traços’ quanto possível. Ele os vigia para que nenhum lhe escape” (BUBER, 1982, p. 41). Assim, a observação pode ser considerada uma busca de conhecimento. Por outro lado, a contemplação ocorre quando o sujeito contemplativo não está concentrado em alguma tarefa, com alguma finalidade. Desse modo, ele experimenta o Outro livremente “e espera despreocupado aquilo que a ele se apresentará” (p. 41). Por último, o autor observa:

As coisas acontecem de outra maneira quando, numa hora receptiva da minha vida pessoal, encontra-me um homem em que há alguma coisa, que eu nem consigo captar de uma forma objetiva, que ‘diz algo’ a mim. Isto não significa de forma alguma que esta coisa me diga como este homem é, o que se passa nele ou coisa semelhante. Mas significa que ele diz algo a *mim*, fala algo que se introduz dentro da minha própria vida (BUBER, 1982, p. 42).

Buber define essa terceira forma de perceber o Outro como a tomada de conhecimento íntimo. Ela pode ocorrer na relação que traçamos com os seres humanos, mas também com os animais, as plantas etc. Para o autor, essa tomada de conhecimento é a condição de possibilidade do dialógico. Ela produz uma situação em que não pode haver redução, compreensão ontológica ou busca de conhecimento objetivo. O Outro que nos convoca não pode ser percebido como um ISSO – como na observação e na contemplação. O diálogo ou a tomada de conhecimento íntimo ocorrem nas situações em que não existe domínio sobre o Outro. Eles acontecem quando o Outro age sobre mim, rompendo a couraça que me impede habitualmente de me tornar receptivo aos apelos do TU.

Como podemos constatar, dessas três formas de perceber que pertencem ao domínio da vida dialógica somente a última, o conhecimento íntimo, poder ser nomeada como diálogo autêntico – dado que apenas ela mantém a abertura ao TU. Essa forma será radicalmente oposta ao que Buber define como o monológico ou o monólogo disfarçado de diálogo. Nele, vários seres humanos aparentemente conversam entre si, mas, na verdade, cada um fala apenas consigo mesmo. Assim, o monólogo é marcado pelo solipsismo e pela autossuficiência do Eu; é uma espécie de *dobrar-se-em-si-mesmo*, um completo fechamento do Eu ao Outro em qualquer uma de suas formas, TU ou ISSO.

Nesse ponto, o monólogo descrito por Buber poderia nos levar ao erro de assimilá-lo à atividade do pensamento. O pensamento significaria o *dobrar-se-em-si-mesmo*, um alheamento do mundo que faria desaparecer o Outro em todas suas formas possíveis. Porém, entendemos que outra leitura é perfeitamente possível. Para nós, o pensamento pode ser dar como uma abertura à alteridade interior. É isso que parece indicar a fórmula platônica do *diálogo interior do Eu-consigo-mesmo* que, segundo Arendt (2000), capta a dualidade da atividade do espírito que chamamos de pensamento. O *consigo-mesmo* não significa uma dobra do Eu, um espelho, senão uma interioridade que se constitui como Outro que é si mesmo. Isto é, consideramos a existência de um Outro interior com quem dialogamos enquanto pensamos. Desse modo, a alteridade será formada por abertura e fechamento. Ou melhor: abertura e fechamento descrevem momentos diferentes no movimento pendular das relações que constituem a alteridade. Assim, entendemos que uma correta caracterização das relações que tornam possível a alteridade não se restringe à descrição um tanto óbvia dos encontros Eu-Outro, mas também deve levar em consideração os colóquios do *Eu-consigo-mesmo*.

1.2.2. O PENSAMENTO COMO DIÁLOGO

Hannah Arendt (2000) inicia seu livro *A vida do espírito* explicando que aquilo que a fez se interessar pela temática do pensamento foi uma questão que lhe surgiu durante o julgamento de Eichmann, em Jerusalém, em 1961. Ela afirma que seu interesse pelas “atividades do espírito” decorreu da constatação de que ali se deparara com algo inteiramente diverso do que havia aprendido sobre o mal. A autora argumenta: “o que me deixou aturdida foi que a conspícua superficialidade do agente tornava impossível retraçar o mal incontestável de seus atos, em suas raízes ou motivos, em quaisquer níveis mais profundos” (p. 05). Arendt não considera Eichmann um gênio do mal tal como seu importante cargo de gerência e logística de deportações de judeus para os campos de concentração parecia indicar. Para ela, o oficial nazista era um mero burocrata, um cumpridor de ordens, um caso típico de irreflexão, isto é, um homem que apresentava gritante ausência de pensamento. Assim, a autora alcança o tema que movimentará o primeiro volume de *A vida do espírito*, a saber, as relações entre o pensamento e a maldade, que estão expressas na questão: *aqueles que pensam são capazes de fazer o mal?* Desse modo, esse problema a leva em uma espécie de percurso socrático à pergunta definitiva: *o que é pensar?*

Arendt inicia sua investigação retrazendo alguns entendimentos apresentados na obra *A condição humana*, explorando as ideias de pluralidade, singularidade e espaço das aparências. Realiza esse movimento regressivo visando reafirmar a importância da aparição para os outros seres como condição de afirmação da própria vida – “neste mundo em que chegamos e aparecemos vindos de lugar nenhum e, do qual desaparecemos em lugar nenhum, *Ser e Aparecer coincidem*” (ARENDR, 2000, p. 19). No caso dos seres humanos, Arendt acrescenta que, ainda que não nos possamos desvencilhar dessa natureza fenomênica do mundo, nossas experiências são bastante diferentes daquelas que se passam com os demais seres vivos, o que decorre de nossas *atividades espirituais*, entre as quais encontramos o *pensar*.

Segundo Arendt (2000, p. 19), essas atividades são marcadas por “uma retirada do mundo, e um movimento para trás em direção ao eu”. Assim, a autora descreve o alheamento em relação às coisas, que parece caracterizar a atividade do pensamento. Para ela, não se trata de uma cisão entre o mundo das aparências e o das ideias, como nos é apresentada na Alegoria da caverna, de Platão (2016). A capacidade de alheamento não significa a possibilidade de abandonar a natureza fenomênica do ser, porque o mundo das aparências é anterior a qualquer atividade do espírito, se tornando inescapável, dado que a ele sempre devemos retornar. Portanto, a filósofa conclui: “embora nosso aparato espiritual possa retirar-se das aparências presentes, ele permanece atrelado à Aparência” (ARENDR, 2000, p. 20). Desse modo, Arendt

defende a primazia dos fenômenos sobre todas as atividades espirituais de modo que o pensar se torna algo momentâneo, sempre interrompido “tão logo o mundo real volte a se impor” (p. 59).

A autora afirma que o pensador apresenta uma espécie de imobilidade aos olhos de seus observadores. Essa impressão decorre do fato de que o pensamento exige a interrupção de todas as atividades observáveis – “Todo pensar exige um *pare-e-pense*” (ARENDT, 2000, p. 62). Por isso, a figura do pensador foi caracterizada historicamente por sua despreocupação e distração em relação aos fenômenos que ocorriam em seus entornos. Contudo, Hannah Arendt remarca que a inatividade é tão somente a ausência de processos observáveis aos Outros; a invisibilidade e a interioridade são as marcas da experiência da retirada do mundo das aparências em direção ao Eu, uma dessensorialização necessária ao início das atividades espirituais. Assim, a autora entende que, ao contrário do que parece indicar a imobilidade daquele que pensa, “a vida do espírito (...) é pura atividade. E essa atividade assim como qualquer outra pode ser iniciada e paralisada à vontade” (p. 57).

Hannah Arendt considera que o pensamento demanda a tradução de objetos sensíveis em imagens invisíveis por meio do exercício da imaginação. Isso significa que, ainda que o pensador possa se ocupar de coisas que pertencem ao mundo, ele as transcende momentaneamente, podendo mesmo fabular entes e situações que estão aquém ou além do universo fenomênico. Assim, o pensamento é “fora de ordem”, capaz de inverter todas nossas relações habituais, possuindo um espaço e um tempo próprios.

Essa retirada do mundo das aparências em direção ao Eu poderia indicar que o pensamento se constitui necessariamente como uma experiência solipsista, como uma atividade espiritual que demanda a completa solidão. Porém, a autora argumenta justamente em sentido contrário, porque, mesmo que observe nele o fechamento em relação aos Outros que nos cercam, ela considera que o pensamento possui uma “natureza *reflexiva*, uma *dualidade* inerente à consciência; o agente espiritual só pode ser ativo agindo implícita ou explicitamente sobre si mesmo” (ARENDT, 2000, p. 59). Para a filósofa, o *estar só* necessário à atividade do pensar é radicalmente diferente da solidão, o que decorre dessa dualidade interior do ser pensante. Então, ela afirma: “as atividades espirituais e, como veremos mais tarde, especialmente, o pensar – o diálogo sem som de mim comigo mesmo – podem ser entendidas como a efetivação da dualidade originária ou da cisão entre mim e meu eu, intrínseca a toda consciência” (p. 59).

Dessa maneira, Arendt lança um caminho que lhe permitirá alcançar a fórmula do “*dois-em-um*”, engendrada a partir de ideias extraídas dos diálogos socráticos. Para a autora, Sócrates

é a personagem que mais encarna a atividade de pensamento. Segundo ela, o filósofo ateniense viveu na alternância entre o agir e o pensar, a vida *inter homines* e o *estar só* do pensamento, e conseguiu unir, de algum modo, essas paixões aparentemente contraditórias. Porém, Arendt argumenta que isso não significa que Sócrates teria conseguido aliar pensamento e ação. A autora enfatiza que os diálogos socráticos são aporéticos, isto é, neles, “nenhum dos *logoi*, dos argumentos, fica sempre no mesmo lugar, eles dão voltas” (ARENDR, 2000, p. 128), retornando sempre às questões iniciais. Arendt afirma que o filósofo sempre inicia seus exercícios dialéticos propondo alguma questão acerca da definição de conceitos geralmente relacionados ao campo da filosofia prática, a ética. Ao longo dessas conversações, ele demonstra que, embora palavras como justiça, bem, belo etc. façam parte de nosso vocabulário cotidiano, é difícil defini-las. No fundo, Sócrates parece demonstrar que o pensamento é mais o questionamento constante de todo o saber existente do que a produção de algum conhecimento estável que pudesse orientar a ação. Arendt afirma que o filósofo ateniense não pretendia tornar os homens sábios, mas “apenas mostrar-lhes que não são sábios, e que ninguém é sábio (...). E mesmo quando se defende vigorosamente contra a acusação de corromper os jovens, em momento nenhum afirma torná-los melhores” (p. 130-131).

Se em seu julgamento Sócrates defende a atividade de pensar perante a cidade, é porque ele compreendia que a vida sem pensamento seria completamente sem sentido. Ainda assim, o pensamento não gera doutrinas ou qualquer coisa palpável... A defesa socrática da filosofia não se dá pela afirmação de seu caráter produtivo. Segundo Arendt, para o filósofo ateniense, a filosofia é uma forma de amor ao saber, mas esse amor é sempre erótico no sentido de que o objeto desejado não pode ser possuído. Por um lado, o pensamento se torna uma revitalização constante dessa rebeldia dos objetos desejados; por outro, a busca incessante de saber só pode desejar coisas que são merecedoras de amor, como a beleza, a justiça, a bondade, que estão no centro das preocupações socráticas. Assim, retornando à questão que move *A vida do espírito*, Arendt afirma que os preceitos de Sócrates não apontam para uma relação clara entre a bondade e o pensamento, mas são capazes de dizer que todos aqueles que amam a busca renovada de conhecimento e, por conseguinte, a atividade do pensamento são incapazes de praticar o mal. Esse entendimento será explicado pela autora a partir da reflexão do que ela chamou de “*dois-em-um*”.

Arendt introduz tal ideia recorrendo a duas afirmações de Sócrates, presentes no diálogo *Górgias*: “é melhor sofrer o mal do que cometer” e “eu preferia que minha lira ou um coro por mim dirigido desafinasse e produzisse ruído desarmônico, e que multidões de homens discordassem de mim do que eu, *sendo um*, viesse a entrar em desacordo comigo mesmo e a

contradizer-me” (PLATÃO apud ARENDT, 2000, p. 136). Segundo a autora, essas duas proposições socráticas não podem ser tomadas como ensinamentos morais, mas como expressões de uma experiência genuína de pensamento. Como vimos, a primeira afirmação diz sobre a possibilidade de escolher sofrer ou cometer o mal. Se Sócrates escolhe o sofrimento em vez do cometimento, essa opção se baseia naquilo que é afirmado na segunda proposição. Arendt (p. 137) explica:

isto nos leva à segunda afirmação, que é de fato o pré-requisito para a primeira. Ela também é altamente paradoxal. Sócrates afirma ser um e, por isso mesmo, não querer correr o risco de entrar em desacordo consigo mesmo. Mas nada do que é idêntico a si mesmo, verdadeiramente e absolutamente Um, assim como A é A, pode estar em harmonia ou desarmonia consigo mesmo; no mínimo dois tons sempre são necessários para produzir um som harmonioso. Certamente quando apareço e sou visto pelos outros, sou um; de outro modo, seria irreconhecível. E enquanto estou junto a outras pessoas, pouco consciente de mim mesmo, sou tal como apareço para os outros. Chamamos de consciência (literalmente, “conhecer comigo mesmo”, como vimos) o fato curioso de que, em certo sentido, eu também sou para mim mesmo, embora quase não apareça para mim – o que indica que o “sendo um” socrático não é tão pouco problemático como parece; eu não sou apenas para os outros, mas também para mim mesmo; e, nesse último caso, claramente eu não sou apenas um. Uma diferença se instala na minha Unicidade.

A autora aponta para a contradição da afirmação de Sócrates, uma vez que aquilo que é *Um* não pode entrar em desacordo consigo mesmo. Assim, antes de julgar essa proposição como algo banal, Arendt chama nossa atenção para o problema que realmente nasce dessa afirmação: a ideia de que somos *Um* para os Outros, mas também somos *um* para nós mesmos. Em outras palavras, ela entende que Sócrates não considerava somente as diferenças das singularidades que aparecem nas relações *inter homines*, mas também aquela que se instala no seio da unidade no momento em que vivenciamos a atividade do *ego pensante*. Arendt (2000, p. 139) prossegue:

nada pode ao mesmo tempo ser em si e para si mesmo senão o dois-em-um que Sócrates descobriu ser a essência do pensamento, e que Platão traduziu em linguagem conceitual como o diálogo sem som – *eme emauto* – de mim comigo mesmo. Mas novamente, não é a atividade de pensar que constitui a unidade, que unifica o dois-em-um; ao contrário, o dois-em-um torna-se novamente Um quando o mundo exterior impõe-se ao pensador e interrompe bruscamente o processo do pensamento. Quando o pensador é chamado de volta ao mundo das aparências, onde ele sempre é Um, é como se a dualidade em que tinha sido dividido pelo pensamento unisse, violentamente, voltando de novo à unidade. Existencialmente falando, o pensamento é um *estar-só*, mas não é solidão; o estar-só é a situação em que me faço companhia. A solidão ocorre quando estou sozinho, mas incapaz de dividir-me no dois-em-um, incapaz de fazer-me companhia, quando, como Jaspers dizia: “eu falto a mim mesmo” (*ich bleibe mir aus*), ou, em outras palavras, quando sou um e sem companhia.

O pensamento produz a dualidade do diálogo silencioso do *eu-comigo-mesmo*, que começa quando nos retiramos do mundo das aparências. Arendt (2000) diz que Sócrates

considera que o único critério que torna esse diálogo possível é a conformidade da dualidade interior. “O seu oposto, o estar em contradição consigo mesmo, *enantia legein autos heauto*, de fato significa tornar-se seu próprio adversário” (p. 139). E a autora resume esses entendimentos:

Em poucas palavras, a realização, especificamente humana, no diálogo pensante de mim comigo mesmo sugere que a diferença e a alteridade características tão destacadas do mundo das aparências tal como é dado ao homem, seu hábitat em meio a uma pluralidade de coisas, são também as mesmas condições da existência do ego mental, já que ele só existe na dualidade. E esse ego – o eu-sou-eu – faz a experiência da diferença na identidade precisamente quando ele não está relacionado às coisas que aparecem, mas apenas a si mesmo. (Essa dualidade original, aliás, explica a futilidade da busca de identidade, tão em voga. Nossa moderna crise de identidade só poderia ser resolvida se nunca ficássemos a sós e nunca tentássemos pensar). Sem aquela lição original, a afirmação de Sócrates sobre a harmonia em um ser que segundo todas as aparências é Um não teria sentido (ARENDDT, 2000, p. 140).

Se Sócrates prefere sofrer a cometer o mal, é porque o diálogo interior demanda a manutenção dessa conformidade consigo mesmo, o que não poderia ocorrer caso cometêssemos deliberadamente maldades. Hannah Arendt (2000, p. 141) explica: “Quando Sócrates vai para casa, ele não está solitário, está junto a si mesmo. Evidentemente Sócrates tem que entrar em alguma espécie de acordo com o sujeito que o espera, já que eles vivem sob o mesmo teto”. O *estar-só* sempre cobra o preço da consciência, o julgamento de nossas ações. Por isso, quem nunca *está-só* não pode examinar seus próprios atos, do mesmo modo que aquele que não pensa não pode avaliar suas atitudes. Arendt (p. 143) afirma: “uma pessoa que não conhece essa interação silenciosa (na qual examinamos o que dizemos e fazemos) não se importa em contradizer-se, e isso significa que ela jamais quererá ou prestará contas do que faz ou diz”. O diálogo interior do pensamento se torna impossível justamente pela quebra da conformidade – que não é identidade – da relação do *eu-comigo-mesmo*.

De todo modo, Hannah Arendt assegura que mesmo aqueles que não pensam possuem a condição de pensar, porque a diferença interior se mantém ainda que não seja invocada. Ela entende que o pensamento é uma necessidade da vida humana, uma faculdade presente em nós. Não se trata de inteligência ou conhecimento. A incapacidade de pensar é uma esQUIVA contra o diálogo interior – “todos podemos vir a nos esquivar daquela interação conosco mesmos” (ARENDDT, 2000, p. 143). O pensamento é a “quintessência desmaterializada do estar vivo” (p. 143) dado que ele é a pluralidade – lei da terra – atuando mesmo quando estamos sozinhos. Assim, “uma vida sem pensamento é totalmente possível, mas ela fracassa em fazer desabrochar a sua própria essência – ela não é apenas sem sentido. Ela não é totalmente viva. Homens que não pensam são como sonâmbulos” (p. 143). Aqui, a autora julga encontrar a afirmação que sustenta esse estudo, a saber, a ideia de que Eichmann era a demonstração mais clara da

irreflexão que toma conta do mundo burocrático. Tal ausência de pensamento pode causar as maiores atrocidades e o mal mais terrível que, por ser protocolar, prova a banalidade do mal. Portanto, Hannah Arendt descobre nos diálogos de Sócrates que, se o pensamento é incapaz de nos ensinar a fazer o bem, sua exigência de interrupção, o diálogo interior e o exame de consciência que ele implica nos auxiliam a “não fazer nada que torne impossível para os dois-em-um serem amigos e viverem em harmonia” (p. 144).

1.2.3. O PÊNDULO DAS RELAÇÕES QUE DESCREVEM A ALTERIDADE

Nesse momento, podemos retomar a questão que constitui a centralidade do trabalho e relacionar os resultados dessa discussão sobre o pensamento ao que estávamos chamando, com Buber (1982, 2001) e Levinas (2005), de relação como condição de possibilidade da constatação da alteridade. Em primeiro lugar, devemos observar que a fórmula do *dois-em-um* de Arendt não se assemelha ao *dobrar-se-sobre-si-mesmo* buberiano (BUBER, 1982). O diálogo silencioso pressupõe uma alteridade ou diferença interior, enquanto o monólogo é sempre solipsista. Porque não escapa do mundo das aparências, o diálogo sem palavras termina tão logo o mundo volte a se impor; o monólogo aparenta mais um fechamento inescapável de *si-sobre-si-mesmo* em detrimento de um mundo constituído de Outros. Para Arendt, o pensamento é uma ocasião especial e rara; já o monólogo se torna a norma em um mundo em que, dia após dia, se eliminam todas as circunstâncias em que se poderia emergir a tomada do conhecimento íntimo da relação EU-TU, condição necessária ao aparecimento do dialógico genuíno, segundo Buber (1982; 2001). Desse modo, o monológico do filósofo hassidista corresponde muito mais à possibilidade da irreflexão do que à atividade espiritual do pensamento conforme enunciada por Arendt.

Esses entendimentos nos conduzem a um segundo ponto central em nossa tese. Quando dizemos algo sobre alteridade, não a podemos considerar uma constatação que emerge apenas da relação EU-TU ou EU-Outro, mas também da relação *Eu-comigo-mesmo*. Por isso, podemos pensar um modelo de um Eu pendular que realiza um movimento de vai e vem, encerrado entre duas alteridades: uma que ele observa em suas relações com os TUs; outra que ele percebe nos diálogos interiores consigo mesmo. Em outras palavras, a alteridade é a constatação que surge no movimento pendular de um Eu que transita entre dois Outros.

Conforme já vimos, Buber (1982; 2001), Levinas (2005), Arendt (2000; 2005) e Sartre ([20-]) parecem concordar com a ideia de que a afirmação enfática do Eu só é possível a partir da constatação de um Outro, que emerge no momento em que ocorre uma primeira individuação

em relação ao mundo. Nesse caso, nas palavras de Levinas (2005), passamos a conceber uma liberdade exterior a nós mesmos, que é condição necessária para o pensamento. O Eu nasce desse descolamento em relação ao Outro, produzindo um distanciamento que nunca poderá ser desfeito, dado que não pode existir uma coincidência verdadeira entre eles, no máximo certos graus de proximidade – o Outro é sempre transcendente. Desse modo, o pêndulo Eu descreve um primeiro movimento de interiorização, um fechamento em relação ao mundo das aparências, mas uma abertura para *si-mesmo*, na via daquele diálogo silencioso do *Eu-comigo-mesmo*. Nesse percurso, que é o próprio pensamento, o Eu é levado a se aproximar de si ao mesmo tempo em que produz uma dessensorialização das aparências, criando as condições para o surgimento de uma imaginação radical. Contudo, o Eu também não pode coincidir consigo, porque significaria o fim da dualidade característica do diálogo interior. Por isso, no extremo da relação interior, o Outro volta a se impor, por sua liberdade e transcendência, arrastando o Eu para fora de si. Assim, o Eu volta a se aproximar do Outro, estabelecendo o diálogo genuíno, a conversação, a relação EU-TU. Se o percurso de interiorização pode ser chamado de imaginação ou pensamento, o segundo movimento do pêndulo consiste em uma abertura ou aproximação em relação ao Outro, que poderíamos designar como comunicação.

Seguindo as reflexões de Proust e Deleuze, o teórico brasileiro da comunicação Ciro Marcondes Filho (2010) busca afastar o significante *Comunicação* do significado bastante comum da transmissão de informações. Para o autor, os movimentos interiores ao Eu se tornam coisas bastante distintas quando são traduzidos em linguagem; e essa enunciação, ao ser acolhida pelo Outro, é experimentada conforme outra vivência, muito diferente daquela que lhe deu origem. Portanto, Marcondes Filho considera que, se restringirmos a ideia de comunicação ao sentido de transmissão, veremos que ela é impossível, uma vez que, nas relações dialógicas, o Outro sempre preserva sua transcendência e mistério em relação ao Eu. Nas palavras do autor:

O outro é um mistério, jamais o conheceremos, mas isso não é nada de negativo, ao contrário, é fonte da comunicabilidade, por mais paradoxal que pareça, pois só sinto a comunicação pela percepção do diferente e da diferença. Esse mistério é o que me renova. Se o outro não for um mistério, se for conhecido, se não possuir seu segredo, se me for totalmente transparente, nossa relação recíproca não trará nada. Será tédio e emudecimento. A comunicação, portanto, é possível, mas não no sentido convencional: eu não passo nada a ninguém, não transmito coisa alguma, não troco. Eu existo, emito sinais, canto, escrevo. Para o outro, sou uma alteridade insondável, mas que pode ser observada, ouvida, lida. Esse outro reage a mim enquanto alteridade e realiza para si, havendo interesse e intencionalidade, algo de novo, um aumento de sua complexidade. A comunicação realizou-se (MARCONDES FILHO, 2010, p. 34).

No modelo pendular que descrevemos, a comunicação não significa uma troca efetiva entre o Eu e o Outro, pois não existe identidade entre ambos: o Eu não alcança o Outro, tal qual

não pode alcançar a si mesmo. Nesse sentido, seguimos as ideias de Marcondes Filho quando ele comenta as reflexões de Levinas, dizendo: “eu e ele [o Outro] somos únicos, distintos, nada nos é comum, nem [há] lugar para qualquer coincidência; não obstante, o diálogo supera a distância em suprimi-la: chego ao outro sem explorá-lo, sem investigá-lo, sem escavá-lo” (MARCONDES FILHO, 2010, p. 47). Desse modo, nessa máxima proximidade entre o Eu e o Outro, sem a anulação da distância, se instala aquilo que o autor denomina *comunicação densa*, em oposição à *comunicação trivial*. Ele explica:

as comunicações triviais acomodam-se naquilo que já temos internamente assentado e funcionam antes como um mecanismo de conservação e tranquilização. As formas comunicacionais mais expressivas, ao contrário, são aquelas que nos tiram disso, que nos incomodam, que mexem conosco, exatamente porque são associadas à expressão estética (MARCONDES FILHO, 2010, p. 10).

O extremo da proximidade do Eu com o Outro produz uma força de interiorização que nos carrega para o lado oposto do pêndulo, *violentando* nosso pensamento (DELEUZE *apud* MARCONDES FILHO, 2010). Dessa maneira, a comunicação densa nos leva de novo ao diálogo interior do *Eu-comigo-mesmo*. Isso não ocorre com a comunicação trivial ou banal. Por não possuir essa condição de radicalidade, ela produz somente estágios intermediários de pensamento, reflexões desprovidas de uma capacidade de imaginação livre. Se podemos considerar protocolos que servem como filtros e que chegam, até mesmo, a impedir nossas relações intersubjetivas, podemos também imaginar a existência de pensamentos protocolares, despídos de suas potencialidades mais radicais. No modelo pendular, portanto, o pensamento e a comunicação adquirem virtualidade quando a liberdade do Eu transita com mais frequência entre as extremidades do *Si-Mesmo* e do *Outro*. Assim, o Eu, encerrado nos estágios intermediários, é incapaz de travar diálogos autênticos, ficando limitado aos automatismos que impossibilitam tanto a reflexão, quanto as relações.

Por isso mesmo, se evidencia a importância política da comunicação e do pensamento. Arendt (2000, p.144) argumenta que o pensamento não possui relações óbvias com a ação, senão “quando todos estão deixando-se levar, impensadamente, pelo que os outros fazem e por aquilo em que creem”, isto é, em tempos de extrema adesão às normas ditadas por outros ou de completo isolamento individualista. Nesse tempo, o pensamento consiste em uma “recusa em aderir” (p. 144), uma desalienação, tornando-se “um tipo de ação” (p. 144). A modalidade mais radical da reflexão é aquela que, dessensorializada, não se vincula ao espaço e ao tempo do indivíduo no mundo das aparências e, assim, é capaz de produzir disruptões, criando a abertura sobre “a faculdade do juízo, que podemos chamar com alguma propriedade de a mais política

das capacidades espirituais humanas” (p. 144). Já a comunicação, uma abertura ao Outro, compartilha as mesmas propriedades do que a autora chama de ação e discurso: ela constitui aquele poder que mantém as existências da esfera pública e do mundo das aparências; por meio dela, os seres humanos podem se revelar uns aos outros, enquanto pluralidade de singularidades, permitindo a emergência do inesperado, de alguma novidade capaz de provocar transformações no mundo, bem como na teia das relações humanas. Arendt explica:

A ação e o discurso ocorrem entre os homens, na medida em que a eles estão dirigidos, e conservam sua capacidade de revelar o agente mesmo quando o seu conteúdo é exclusivamente ‘objetivo’, voltado para o mundo das coisas no qual os homens se movem, mundo este que se interpõe entre eles e do qual procedem seus interesses específicos, objetivos e mundanos. Estes interesses constituem, na acepção mais literal da palavra, algo que *inter-essa*, que está entre as pessoas e que, portanto, as relaciona e interliga. Quase sempre a ação e o discurso se referem a essa mediação, que varia de grupo para grupo, de sorte que a maior parte das palavras e atos, além de revelar o agente que fala e age, *refere-se* a alguma realidade mundana objetiva. Como esta revelação do sujeito é parte integrante de todo intercurso, até mesmo do mais ‘objetivo’, é revestida e, por assim dizer, sobrelevada por outra mediação inteiramente diferente, constituída de atos e palavras, cuja origem se deve unicamente ao fato de que os homens agem e falam diretamente uns *com* os outros. Esta segunda mediação subjetiva não é tangível, pois não há objetos tangíveis em que se possa materializar: o processo de agir e falar não produz esse tipo de resultado. Mas, a despeito de toda a sua intangibilidade, esta mediação é tão real quanto o mundo das coisas que visivelmente temos em comum. Damos a esta realidade o nome de ‘teia’ de relações humanas, indicando pela metáfora sua qualidade, de certo modo intangível (ARENDR, 2000, p. 195).

Gozando dessas mesmas qualidades construtoras da realidade intangível, que Arendt dá o nome de “teia das relações humanas”, atravessando o mundo de coisas que se interpõem e relacionam os homens, a comunicação assume o papel político da manutenção, mas também da perturbação da ordem estabelecida. Nesse sentido, ela pode ser “compreendida como ação de articulação do comum por meio da mobilização existencial das diferenças” (SODRÉ, 2014, p. 259). Assim, a comunicação é o meio de produção de um novo comum, nascido da capacidade de pensar radicalmente. “Seja com as obras de sua mão, seja com as palavras de seu discurso, o homem se comunica, não porque transmite um saber, mas porque faz a tradução daquilo que pensa, provocando seu interlocutor a fazer o mesmo, a *contratraduzir*” (SODRÉ, 2014, p. 265). Nisso, ela promove a fricção entre o Eu e o Outro que, mesmo sem nunca coincidirem, nem se constituírem como *Um*, se transformam durante o processo. Nas palavras de Ciro Marcondes Filho (2010, p. 96),

O atrito provoca faísca, e esta detém um potencial explosivo. Ou um potencial *disruptivo*. Diante da faísca provocada pelo atrito, eu posso me defender, me esquivar, armar meus escudos, minha proteção, minhas armaduras na presença daquilo que pretende me provocar, frente àquilo que potencialmente poderá abalar minha

estabilidade. Estarei vivenciando-a como *informação*. Ou, contrariamente, posso parar e ver o que está acontecendo, entrar em contato com a faísca, sentir sua carga e seu potencial inflamatório, combinar esse afrontamento com minhas próprias articulações internas e, a partir disso, revê-las, reformulá-las, alterá-las. Estarei praticando *comunicação*.

Portanto, conforme observamos no sistema pendular que descrevemos, a comunicação leva ao pensamento e o pensamento à comunicação; isto é, passamos do diálogo exterior ao diálogo interior e vice-versa. Quanto maior a amplitude do movimento maior sua radicalidade; maior também a possibilidade de surgimento do novo e do inesperado, típicos do exercício da liberdade humana, ainda que essa novidade possa ser demasiado intangível ou inalcançável para uma determinada época. Dessa forma, a alteridade, enquanto produto das relações constituídas no pêndulo do Eu encerrado entre os dois Outros – o Outro de si mesmo e o Outro genuíno –, se impõe como categoria política por excelência. Não é por acaso que o filósofo contemporâneo Byung-Chul Han relaciona as ameaças generalizadas à alteridade – “a expulsão do distinto” (HAN, 2017b), o desaparecimento do *Eros* (HAN, 2017a), a emergência da sociedade positiva ou de desempenho ou de esgotamento (HAN, 2015), a sociedade da transparência (HAN, 2017c) –, ao fim da política, argumentando:

O neoliberalismo aciona uma despolitização geral da sociedade onde ele, não por último, substitui o *Eros* por sexualidade e pornografia. Baseia-se na *epithymia*. Numa sociedade do cansaço, de sujeitos de desempenho isolados em si mesmos, começa a se atrofiar completamente também o *thymos*. Torna-se impossível um agir comum e universal, um *nós* (HAN, 2017a, p. 77).

Para nós, o ensimesmamento pensado por Byung-Chul Han não significa que, agora, o pêndulo da alteridade esteja encerrado em seu polo interior, uma vez que testemunhamos ataques recorrentes à imaginação livre. Se dissemos que a globalização produz uma ameaça generalizada à alteridade, isso se dá por uma imobilização programada do pêndulo em suas zonas intermediárias, aprisionando o Eu entre automatismos e protocolos, seja em suas relações com os Outros, seja nos diálogos interiores consigo mesmo. Isto é, a globalização que, durante algum tempo, carregou o ideal da formação da *ágora* global, uma abertura mundial para a alteridade, a comunicação e o pensamento, produz exatamente o oposto, o fechamento para as relações e a imaginação e, por conseguinte, uma ameaça ao aparecimento dos produtos da liberdade humana, das novidades que engendram a transformação do mundo ao longo da história. Doravante, corremos o sério risco de habitar um tempo inescapável, encerrado em seus contornos bastante restritos. Assim, dia após dia, testemunhamos o desaparecimento da própria alteridade histórica.

1.3. As Contribuições de Virilio: velocidade, medo e urgência

Nesse sentido, nos parece fundamental a questão sobre a crise da alteridade no mundo atual. Se a constatação da alteridade tem como condição de possibilidade as relações do Eu com os Outros e *consigo-mesmo*, necessitamos investigar os fenômenos atuais que impossibilitam a existência dessas relações. Para usar o modelo pendular, que já descrevemos, precisamos investigar os processos históricos que levam a uma imobilização do Eu nas regiões intermediárias. Para nós, o ensaísta, arquiteto e urbanista francês Paul Virilio nos ajuda na tarefa de compreender os entraves atuais que imobilizam o pêndulo e inviabilizam as relações por meio da chave interpretativa da velocidade.

O autor elabora seus entendimentos investigando a aceleração humana decorrente do desenvolvimento das tecnologias de guerra, transporte, comunicação e informação. Para ele, a velocidade está na base da maneira como nós percebemos, compreendemos e organizamos o mundo em que vivemos. Logo, o ensaísta francês verifica que toda nova aceleração produz transformações nas condições estéticas, epistemológicas e políticas, modificando nossos modos de vida. Nesse sentido, Virilio observa que a história humana se constitui como uma espiral de ultrapassagens, o que ocorre principalmente no campo militar. Assim, ele percorre, em diversas obras, uma linha temporal que se desenrola desde os tempos remotos, até alcançar a era espacial atual, gerando vislumbres daquilo que no futuro provavelmente seremos. Para o autor, nossa época é marcada pela implosão simulada das distâncias como uma consequência do avanço dos sistemas de informação e comunicação. E ele entende que esse desenvolvimento produz os desdobramentos políticos que caracterizam nosso tempo.

Neste trabalho, nossas análises mostram, na obra e no pensamento de Virilio, o modo como a velocidade se relaciona com o poder, que responde ao medo em relação ao Outro, produzindo uma nova aceleração. Essa espiral de ultrapassagens produz assim alterações nas condições do medo ao longo do tempo, modificando também a imagem do Outro. Segundo o autor, nossa época será caracterizada pela disseminação geral do terror pelo aparecimento de uma ameaça indefinida e continuamente renovada. E esses perigos adquirem velocidades cada vez maiores, produzindo a urgência do aparecimento de um regime de poder que privilegia a instantaneidade.

Entendemos que o medo e a urgência, característicos de nosso cronótopo histórico, são afetos que impedem o movimento do pêndulo da alteridade. Eles imobilizam o Eu no centro, incapacitando-o para suas relações com os Outros – a comunicação –, bem como para suas

relações consigo mesmo – o pensamento ou a imaginação. O medo impede as relações com os Outros e gera a urgência que nos conduz à impossibilidade do pensamento. Segundo Virilio, esses afetos são responsáveis pela miniaturização da decisão política, a automação, ou pelo deslocamento da própria ideia de política para o sentido de policiamento. Assim, o medo e a urgência fundam um regime de poder que se produz, se alimenta e se potencializa a partir de uma gestão dos desencontros com o Outro ou com o Outro que é si-mesmo.

2. PAUL VIRILIO E A VELOCIDADE

“*Minha língua estrangeira é a velocidade, é a aceleração do real!*”

– VIRILIO, Paul (SANTOS, VIRILIO; 2011)

No capítulo anterior, realizamos uma discussão acerca da crise da alteridade no mundo contemporâneo e trabalhamos o próprio sentido de alteridade. Dissemos que a alteridade tem como condição de possibilidade não somente os encontros do Eu com os Outros, mas também consigo mesmo. Desse modo, descrevemos o pêndulo das relações que possibilitam a constatação das distâncias que separam definitivamente o Eu do Outro e de si mesmo. Afirmamos que a crise da alteridade é resultante de uma imobilização do pêndulo em suas zonas intermediárias, o que nos leva à questão sobre os processos determinantes do contexto atual. Então, passamos a perguntar: quais as contribuições do pensamento de Paul Virilio para a compreensão da crise da alteridade no mundo atual? Justificamos o estudo desse autor pela aposta de que a velocidade é uma categoria imprescindível para entendermos esse fenômeno contemporâneo. Assim, criamos as hipóteses de que, no pensamento de Paul Virilio, a aceleração tecnológica responde ao mesmo tempo que impulsiona o medo aos Outros e de que, no contexto atual, esse medo é marcado pela urgência. Para nós, o medo e a urgência são dois afetos que imobilizam o pêndulo da alteridade, impedindo a comunicação densa com os Outros e o diálogo silencioso do *Eu-consigo-mesmo*.

Entendemos que essa transição do âmbito geral do problema da crise da alteridade à questão específica das possíveis contribuições de Virilio para a compreensão desse fenômeno demanda uma primeira entrada na obra e no pensamento do autor. Neste capítulo, apresentamos brevemente quem foi Virilio e quais são seus principais conceitos. Por isso, o iniciamos traçando breve biografia do autor, extraída de alguns de seus textos e entrevistas. Passamos em seguida às análises de alguns de seus principais neologismos conceituais, visando apresentar o dromocentrismo de sua cosmologia conceitual. E o encerramos, então, com uma discussão acerca da *dromocracia*, os atravessamentos entre a velocidade e o poder, que nos permite esclarecer melhor nossa hipótese de trabalho e transitar, finalmente, para os demais capítulos de desenvolvimento desta tese.

2.1. Pequena Biografia de Paul Virilio⁵

Filho de pai italiano e mãe francesa, Virilio nasceu na cidade de Paris em 04 de janeiro de 1932. Nasceu, portanto, em uma França prestes a ser invadida pela *Blitzkrieg* do exército nazista e transformada em campo de batalha no ínterim da Segunda Guerra Mundial. Diante da invasão eminente da capital, os parisienses resolveram abandonar a cidade como forma de impedir sua completa destruição. Virilio se mudou com sua família para a cidade de Nantes em 1939. A fuga, porém, não adiantou: a cidade do noroeste francês foi dominada e integrada à área de ocupação alemã entre 1940 e 1944. Assim, o autor viveu uma parte de sua infância e o início de sua adolescência em meio à zona de guerra, testemunhando pessoalmente os acontecimentos da guerra total (ARMITAGE, VIRILIO, 2000), o que marcou profundamente sua vida.

Devido a essa vivência, o ensaísta afirma, em diversas entrevistas, possuir uma relação sanguínea com a guerra, se autointitulando uma “criança da *Blitzkrieg*” ou um “filho da Guerra Total”⁶. Essa metáfora do parentesco também pode ser constatada no prefácio de sua segunda obra *L'insécurité du territoire*, quando o autor declara: “a segunda guerra foi minha mãe, meu pai” (VIRILIO, 1993c, p. 15).⁷ Assim, Virilio compreende que essa relação com o conflito extrapola a significação de um trauma de infância e juventude; essa experiência também foi instrutiva. A esse respeito, ele declara em entrevista a John Armitage: “como um filho da Segunda Guerra Mundial, um ‘war baby’, você pode dizer que a guerra foi minha universidade” (ARMITAGE, VIRILIO, 2000, p. 44).⁸

Sobre esse período, o ensaísta guardou em sua memória a destruição instantânea da Rue du Calvaire, uma das principais vias da cidade de Nantes, sob um ataque aéreo Aliado, em novembro de 1943 (VIRILIO, 1993c). Ele também se lembra de colecionar com seus amigos alguns objetos que caíam do céu, como cápsulas de bala e panfletos propagandísticos lançados por aviões. O autor revela ainda que, apesar de excessos pontuais, em grande parte do tempo, as relações entre franceses e alemães eram pacíficas, banalizadas pelos anos de ocupação

⁵ Esse estudo biográfico também deu origem ao artigo “Lembrar Virilio, pintor das antifomas”, publicado na *Revista ECO-Pós*, v. 22, n. 03, em 2019, que constitui biografia mais completa; ver: AGOSTINETI, QUIROGA, 2019.

⁶ Essas são apenas algumas das designações que podemos encontrar na entrevista de Virilio a John Armitage (2000).

⁷ Livre tradução de: “La seconde guerre a été ma mère, mon père”.

⁸ Livre tradução de: “as a child of the Second World War, a ‘war baby’, you may say that the war was my university”.

(VIRILIO, 1993c). Certamente, porém, a experiência mais marcante para Paul Virilio foi o episódio de sua descoberta do mar, logo após o final da guerra, em 1945.

No prefácio de sua obra *Bunker Archéologie*, o autor nos relata: “durante minha juventude, o litoral europeu estava interdito ao público por causa das obras; estavam construindo um muro, e não descobri o oceano, no estuário do Loire, antes do verão de 1945” (VIRILIO, 2008a, p. 13).⁹ Na entrevista concedida a John Armitage, ele explica melhor tal situação: “passei meu tempo de guerra menino, com o mar a apenas uma hora de distância, sem nunca ter sido possível ir vê-lo: a beira-mar era zona proibida” (ARMITAGE, VIRILIO, 2000, p. 31).¹⁰ Virilio esclarece que essa proibição era decorrente da construção da *Atlantikwall*, uma das estruturas de defesa elaboradas pelos nazistas para a proteção da *Festung Europa*. Assim, o ensaísta precisou esperar até o término do conflito para finalmente poder conhecer o mar. Ele considera que tal descoberta foi uma experiência preciosa, “um fato de consciência com consequências subestimadas” (VIRILIO, 2008a, p. 13);¹¹ um acontecimento com dupla significação, porque “a paz recuperada e o fim da interdição constituem (...) apenas um e o mesmo evento” (VIRILIO, 2008a, p. 13).¹²

Após o término da Segunda Guerra Mundial, Paul Virilio passou a frequentar a *École des Métiers d’Art*, retornando à cidade de Paris, antes de se tornar artesão especialista em vitrais e atuar na restauração de igrejas, como Saint-Paul-de-Vence e Varengeville-sur-Mer, ao lado de artistas renomados, como Henri Matisse e Georges Braque. Essa etapa de formação marcou sua entrada no campo das artes, embora o autor sempre tenha preservado uma distância crítica, por enxergar o caráter opressivo do circuito artístico (VIRILIO, 1984b; 2000). Ele revela também que, ainda na década de 1940, passou a trabalhar com pintura de cartazes de cinema, dos quais cita o pôster francês do filme *Sansão e Dalila*, do famoso diretor Cecil B. DeMille, lançado em 1949 (CARLUT, JOUBERT, VIRILIO, 2001). Segundo Virilio, seu interesse pelos cartazes se deveu à atração que sentia pelas criações de Paul Colin, Capiello e Cassandre. Além dessas referências, ele afirma que outro fato que o marcou profundamente foi ter observado o episódio de distribuição do *Affiche Rouge*, em Nantes, durante a guerra (CARLUT, JOUBERT, VIRILIO, 2001). Podemos dizer que essas vivências artísticas posteriores se alinham de certa forma com os interesses de sua infância e juventude. No prefácio da obra

⁹ Livre tradução de: “Pendant ma jeunesse, le littoral européen était interdit au public pour cause des travaux; on y bâtissait un mur et je ne découvris l’Océan, dans l’estuaire de la Loire, qu’au cours de l’été 1945”.

¹⁰ Livre tradução de: “I spent the war time as a boy, with the sea just one hour away, yet without ever being able to go and see it: the seashore was a forbidden zone”.

¹¹ Livre tradução de: “un fait de conscience aux conséquences méconnues”.

¹² Livre tradução de: “Je n’ai rien oublié des séquences de cette invention au cours de été où la paix retrouvée et l’interdiction levée réalisaient pour moi un seul et même événement”.

L'horizon négatif, o autor narra brevemente seus primeiros passos no aprendizado do desenho e da pintura, quando ainda residia na cidade do noroeste francês, bem como seu fascínio pelas metamorfoses de Émile Cohl e pelo desejo de representar o irrepresentável da pintura oriental (VIRILIO, 1984b). Nesse texto, ele relata ainda seus experimentos tardios com a representação das antiformas: um estudo da fenomenologia das figuras, em busca da aparência silenciosa das coisas mais banais, capazes de revelar os interstícios da visão. Segundo James (2007), essas investigações artísticas são importantíssimas para a compreensão do método das perquirições teóricas do autor, dado que ele sempre buscou aquilo que se situa no fundo da história, nos interstícios dos episódios, e que, por isso mesmo, permanece escondido de nossa visão habitual.

Certamente, outro importante acontecimento de ordem pessoal na vida de Paul Virilio foi sua conversão ao catolicismo em 1940. Sobre essa experiência, ele diz a John Armitage:

quando jovem, eu me converti ao Cristianismo. Converti-me aos 18 anos, como um adulto. A guerra tinha acabado recentemente, e eu tinha visto coisas terríveis, o que foi uma das razões que fizeram eu me converter ao Cristianismo. Mas você deve saber que eu me converti na companhia dos ‘padre-operários’ [*prêtre-ouvrier*]. Os padres-operários eram, na França, aqueles padres que assumiam um emprego na indústria e iam viver entre os trabalhadores das fábricas. Eles não exibiam sua cruz pastoral; eu escolhi me converter com os padre-operários porque eu queria algo real, não um show religioso com alguém de fantasia (ARMITAGE, VIRILIO, 2000, p. 29).¹³

Para o autor, essa conversão à religião cristã, difundida por esse movimento, influenciou sua visão de mundo, porque o aproximou de uma vertente do pensamento de esquerda bastante distante dos comunismos stalinista e maoísta em curso em meados do século XX. Em algumas ocasiões, ele brinca afirmando que tal afastamento pode ser tomado como uma pequena revolta contra seu pai, que era comunista. O ensaísta declara a Armitage: “como todo jovem garoto (risadas), eu tive que escolher entre minha mãe e meu pai. Então, embora eu tenha muito respeito por meu pai, eu rejeito suas visões políticas, eu não poderia absolutamente ser um comunista” (ARMITAGE, VIRILIO, 2000, p. 29).¹⁴ Virilio entende que as violências terríveis testemunhadas durante a guerra o ajudaram a moldar esse julgamento. Ele argumenta: “eu nunca poderia me envolver com algo que parecia, para mim, desde o começo, um fenômeno

¹³ Livre tradução de: “when I was young, I converted to Christianity. I converted when I was 18, as an adult. The war had just ended then, and I had seen terrible things, and that was also one of the reasons for my conversion to Christianity. But then, you must know that I converted in the company of ‘worker-priests’. Worker-priests are, in France, those priests who take an industrial job and go to live with the factory workers. They do not display their pastoral cross. I chose to convert with a worker-priest because I wanted something real, not some religious show with a guy in a costume.”

¹⁴ Livre tradução de: “Like every young boy (laughs) I had to choose between my mother and my father. So, although I have a lot of respect for my father, I totally reject his political views. I absolutely cannot be a communist.”

totalitário” (p. 29).¹⁵ Assim, sua conversão religiosa na companhia dos padre-operários o fez se aproximar do pensamento de esquerda, por causa de seu apreço pelas pessoas mais simples – “eu me sinto muito mais à vontade com as pessoas pobres, comuns” (p. 30).¹⁶

Apesar dessa relação, o autor afirma que sua religião nunca foi a principal influência de suas obras, razão pela qual ele evita as comparações com autores cristãos reconhecidos, como Pierre Teilhard de Chardin ou Jacques Ellul. Sobre isso, ele esclarece a John Armitage: “a razão é que eu sempre fui totalmente incapaz de escrever sobre a minha fé. Eu não tenho o dom para isso. Sempre considerei que minha vida como seguidor de Cristo fosse uma coisa que acontecia em meu cotidiano, e não por meio de meus escritos teóricos” (ARMITAGE, VIRILIO, 2000, p. 30).¹⁷ E o ensaísta complementa: “eu não tenho uma cultura teológica. Minha conversão foi um caso do coração, um caso de amor, você pode dizer, mais do que intelectual” (p. 30).¹⁸

Contudo, ainda que Paul Virilio busque separar os campos da religião e de sua produção intelectual, James (2007) afirma que é impossível entender a posição política do autor sem recorrer ao pensamento personalista desenvolvido por Emmanuel Mounier, um dos fundadores do espírito revisionista no catolicismo francês na década de 1930. O comentador explica:

O personalismo, doutrina política que se coloca diretamente contra o que pode ser chamado de ‘liberalismo burguês’, individualismo e capitalismo industrial, opunha-se ainda ao totalitarismo em todas as suas formas e também ao ordenamento tecnológico do Estado moderno. Contra isso, buscava promover a noção de comunidade organizada de acordo com os valores da pessoa, isto é, uma comunidade na qual as pessoas e as relações pessoais formariam o principal ponto de referência (em vez de, digamos, noções de progresso tecnológico ou científico, atividade econômica ou noções abstratas de direito). Grande parte dos pensamentos de Virilio sobre política é consistente com o pensamento personalista de Mounier ou pode ser visto como um desenvolvimento de suas preocupações e valores principais. Ambas, a política do movimento dos padres-operários, do qual Virilio fez parte na juventude, e a de seu mentor filosófico, Maurice Merleau-Ponty, foram profundamente marcadas pelo personalismo. Sem familiaridade com essa forma de pensamento, a qual se direciona contra o Estado moderno tecnológico, o liberalismo burguês e o capitalismo industrial, é difícil identificar ou avaliar apropriadamente a natureza das posições políticas de Virilio ou entender o sentido de sua visada política mais geral (JAMES, 2007, p. 90).¹⁹

¹⁵ Livre tradução de: “I never could get involved in something that appeared to me, right from the beginning, to be a totalitarian phenomenon.”

¹⁶ Livre tradução retirada do seguinte trecho: “Speaking of religion, I feel much more at ease with an ordinary, poor person.”

¹⁷ Livre tradução de: “The reason is that I have always been utterly unable to write about my faith. I do not have the gift for that. I have always considered that my life as a follower of Christ was something happening through my everyday life, not through my theoretical writings.”

¹⁸ Livre tradução de: “I do not have much of a theological culture. My conversion was an affair of the heart, a love affair you may say, more than an intellectual one.”

¹⁹ Livre tradução de: “Personalism was a political doctrine which set itself squarely against what it would call ‘bourgeois liberalism’, individualism and industrial capitalism. It was also very much opposed to totalitarianism in all its forms and opposed also to the technological ordering of the modern state. Against this it sought to promote the notion of a community organized according to the value of the person, that is a community in which persons

Esses atravessamentos ficarão esclarecidos em sua obra principalmente nas passagens em que o autor analisa a *antiestadolatria*, o caráter anárquico e antimilitar, de Jesus Cristo. Por causa desses entendimentos amparados no catolicismo não tradicional e no pensamento político de esquerda, Virilio se autodeclara um anarcocristão. Seu apreço por uma religião menos doutrinária e ritualística e mais prática e política o leva a se engajar nos grupos de proteção dos sem-teto franceses. Na década de 1950, ele passou a trabalhar com o *abbé* Pierre em questões relativas à habitação popular. Anos mais tarde, na década de 1980, o ensaísta voltou a trabalhar com o fundador do movimento Emaús, no Alto Comitê para a Habitação dos Despossuídos, criado pelo presidente François Mitterrand e continuado na administração de Jacques Chirac. O autor prosseguiu na luta por essa causa, mesmo após deixar o comitê, em parceria com projetos beneficentes da Igreja católica (ARMITAGE, VIRILIO, 2000).

Ainda no início da década de 1950, Paul Virilio viveu sua segunda experiência na guerra como conscrito no conflito de libertação da Argélia (1954-1962). Essa vivência como soldado do exército francês, atuando principalmente na elaboração de mapas, o ajudou a desenvolver uma visão mais próxima e, ao mesmo tempo, crítica do campo militar. Os ensinamentos bélicos caracterizam integralmente seu pensamento e o distanciam de outros autores contemporâneos, que analisaram a modernidade somente a partir de uma perspectiva civil, como Gilles Deleuze ou Michel Foucault.

No final da década de 1950, as memórias da Segunda Guerra Mundial voltaram ao autor com o súbito interesse que lhe foi despertado pelos *bunkers* espalhados por todo o litoral norte da França. Em *Bunker archéologie*, Paul Virilio (2008a) narra o episódio da descoberta das casamatas, que marcaria igualmente o início de sua vida intelectual:

O gatilho – a invenção, no sentido arqueológico do termo – ocorreu ao longo da praia ao sul de Saint-Guérolé, no verão de 1958. Eu estava encostado em um bloco de concreto que, antes, me serviu como cabine de banho; eu tinha esgotado todos os jogos habituais das praias; estava mais desocupado do que nas férias e meu olhar foi projetado no horizonte do oceano, na perspectiva da areia, entre os maciços rochosos de Saint-Guérolé e o dique do porto de Guilvinec, ao sul. Não havia muitas pessoas e esse percurso da visão no horizonte sem acidentes me trouxe de volta ao meu próprio peso, ao calor e a esse apoio sólido contra o qual eu estava escorado; essa massa sólida

and personal relations would form the key point of reference (rather than, say, notions of technological or scientific progress, economic activity or abstract notions of rights). Much of Virilio's thinking about politics is consistent with Mounier's personalist thought or can be seen as a development of its key concerns and values. Both the politics of the worker-priest movement in which the young Virilio participated and that of his philosophical mentor, Maurice Merleau-Ponty, were deeply marked by personalism. Without a familiarity with this form of thinking, which sets itself squarely against the modern technological state, bourgeois liberalism and industrial capitalism, it is difficult to properly identify or evaluate the nature of Virilio's political positions or make much sense of his political outlook more generally."

de concreto inclinado, essa coisa inútil que não havia me interessado até então, exceto como vestígio da Segunda Guerra Mundial, como uma ilustração de uma história, aquela da guerra total (VIRILIO, 2008a, p. 15).²⁰

E ele continua:

Então, eu me virei por um momento para ver o que meu campo de visão aberto não me oferecia: a pesada massa cinzenta onde os traços das tábuas formavam uma pequena escada. Levantei-me e decidi dar a volta nessa obra, como se eu a visse pela primeira vez, com sua embrasura no nível da areia, atrás da tela de proteção, aberta em direção ao porto bretão e visando hoje a banhistas inofensivos, sua defesa traseira com uma *chicane* na entrada e seu interior escuro, ofuscado pela abertura da arma, sua boca de chamas, em direção à praia (VIRILIO, 2008a, p. 15).²¹

O autor entende que a descoberta dos *bunkers* não significou um primeiro encontro com um objeto nunca visto por ele, mas a possibilidade de uma nova significação para essas massas de concreto espalhadas pelo litoral francês. Essas estruturas defensivas eram parte da solução encontrada por Adolf Hitler e pelo corpo de engenheiros e ministros do Terceiro Reich para a proteção do *Lebensraum* nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Sob as ordens do *Führer* e de Albert Speer, segundo no comando, antes que Goebbels assumisse o posto, a *Organisation Todt* construiu cerca de 15 mil *bunkers*, que deveriam servir como linha de defesa contra a retomada eminente do continente europeu por parte dos Aliados. Ao realizar sua descoberta, o ensaísta diz: “a partir daquele dia, decidi inspecionar as costas bretãs a pé, com mais frequência, ao longo da linha da ressaca, cada vez mais longe; de carro, para examinar os promontórios distantes, em direção a Audierne e Brest ao norte, e Concarneau ao sul” (VIRILIO, 2008a, p. 16)²². Assim, ele se engaja em uma investigação sobre essas construções: “esbocei e fotografei esses *bunkers* para enfrentar a dimensão totalitária da guerra. Meus primeiros instantâneos

²⁰ Livre tradução de: “Le déclenchement – l’invention, au sens archéologique du terme – eut lieu le long de plage au sud de Saint-Guérolé, au cours de l’été 1958. J’étais adossé à un massif de béton qui m’avait précédemment servi de cabine de bain; j’avais épuisé les jeux habituels du domaine balnéaire, j’étais vacant plus qu’en vacances et mon regard se projetait sur le ligne d’horizon de l’Océan, sur la perspective de sable entre les massifs rocheux de Saint-Guérolé et la digue du port du Guilvinec au sud. Il y avait peu de monde, et ce tour d’horizon sans accidents me remanait à mon propre poids, à la chaleur et à ce dossier solide contre lequel j’étais installé: ce massif de béton incliné, cette chose sans valeur qui n’avait su m’intéresser jusqu’alors autrement que comme un vestige de la Seconde Guerre mondiale, autrement que comme l’illustration d’une histoire, celle de la guerre totale”.

²¹ Livre tradução de: “Je me retournai donc un instant pour voir ce que mon champ visuel ouvert sur le large ne m’avait pas offert: la lourde masse grise où les traces des planches du coffrage fomaient sur la rampe inclinée comme un minuscule escalier. Je me levai et décidai de faire le tour de cet ouvrage comme si je le voyais pour la première fois, avec son embrasura au ras du sable, derrière l’écran protecteur, ouverte vers le port breton et visant aujourd’hui d’inoffensifs baigneurs, sa défense arrière avec la chicane de l’entrée et son intérieur sombre ébloui par l’ouverture de l’arme, la bouche à feu, vers la plage”.

²² Livre tradução de: “À partir de ce jour, je décidai d’inspecter les côtes bretonnes à pied le plus souvent, en longeant la ligne de ressac, de plus en plus loin; en voiture aussi, pour examiner les promontoires lointains, vers Audierne et Brest au nord, vers Concarneau au sud”.

foram tirados em 1957, os últimos em 1965” (ARMITAGE, VIRILIO, 2000, p. 31).²³ Essas fotografias e esboços foram publicados posteriormente em *Bunker archéologie*, em 1975.

Durante a realização dessa pesquisa com as casamatas da *Atlantikwall*, o planejamento do espaço militar em contraposição à edificação do espaço civil também levou Virilio a se interessar pelos campos da arquitetura e do urbanismo. No início da década de 1960, o autor conheceu o arquiteto parisiense Claude Parent, quando decidiu comprar um apartamento projetado por ele em Paris. Segundo Parent (apud REDHEAD, 2004), o ensaísta ainda trabalhava com vitrais, mas tinha um instinto para a compreensão da arquitetura. Assim, de modo fortuito, após o encontro, os dois começaram uma parceria que os levou à fundação do grupo de estudos Architecture Principe, em 1963.

O grupo contava também com a participação do pintor Michel Cerrade e do escultor Morice Lipse, e tinha como objetivo central “investigar e promover um novo tipo de ordem arquitetural e urbana” (REDHEAD, 2004, p. 22).²⁴ Os estudos coletivos os conduziram ao conceito de *Função Obliqua*, a arquitetura em plano inclinado que, segundo Virilio (LIMON, VIRILIO, 2001), era uma oposição explícita à verticalização das cidades em meados do século XX. Para o ensaísta, a verticalidade ou a horizontalidade da arquitetura tradicional levavam a uma perda do sentido de corporeidade, o que se agravava com a utilização cada vez mais frequente de técnicas e tecnologias de conforto. Como explica Ian James (2007, p. 11), o “ambiente de superfícies inclinadas iria, por assim dizer, afirmar uma relação do movimento do corpo e da sua localização física”.²⁵ Desse modo, esse princípio arquitetônico, que aposta na diagonalidade, objetivava colocar em primeiro plano nossa realidade corporal inserida no espaço e no tempo.

Os resultados das discussões do Architecture Principe foram divulgados em uma série de nove revistas, com título homônimo, publicada de fevereiro a dezembro de 1966. Porém, o grupo também pôde se expressar na prática arquitetônica com as construções da Igreja de Santa Bernadete, em Nevers, e do Centro de Pesquisa Espaciais Thomson-Houston, em Villacoublay, entre 1966 e 1969. Virilio considerava que a primeira dessas obras era, sem dúvida, a mais marcante; e, sobre ela, comenta:

²³ Livre tradução de: “I sketched and photographed these bunkers in order to come to grips with the totalitarian dimension of the war. My first snapshots were taken in 1957, the last ones in 1965.”

²⁴ Livre tradução retirada de: “The aim was to investigate and promote a new kind of architectural and urban order.”

²⁵ Livre tradução de: “this environment of inclined surfaces would, as it were, affirm a relation to the movement of the body and its physical situatedness.”

Claude Parent e eu decidimos começar um grupo de pesquisa juntos e a principal coisa em que eu contribuí foi uma igreja. Essa era a igreja de St. Bernadette em Nevers; ela é chamada de ‘igreja bunker’. Por quê? Porque eu queria ‘cristianizar’ o bunker. É claro que, na época, o mito predominante era o da cripta – o abrigo atômico. Vivíamos sob a ameaça permanente da bomba atômica; por isso, o abrigo atômico. E assim, você obtém um cruzamento entre o tema da Santa Bernadette de Lourdes e o do bunker. Em Lourdes, a Virgem Maria apareceu a Santa Bernadette numa gruta. Agora, tanto a gruta quanto o bunker são criptas, lugares escondidos, como a na palavra inglesa, *cryptic* [enigmático]. E assim houve uma oportunidade de fazer um cruzamento entre aquele tipo de arquitetura monolítica e um edifício religioso. Existia outro motivo: eu tinha ido com frequência à Alemanha, para ver os *bunkers*, e lá eu vi muitos dos chamados ‘*Luftschutzraum*’, abrigos antiaéreos e, em Dusseldorf, eu me deparei repentinamente com *Luftschutzraum* que haviam sido convertidos em igrejas protestantes ou católicas. E uma correspondência me ocorreu entre esses abrigos contra os perigos e locais de adoração, que também são lugares de salvação (ARMITAGE, VIRILIO, 2000, p. 32).²⁶

A obra ficou conhecida como a *igreja-bunker* por sua aparência bastante incomum para os edifícios religiosos e por formas e técnicas muito próximas àquelas que o autor observava durante a sua pesquisa com os *bunkers* da *Atlantikwall*. Além dessas escolhas projetivas, nela também é possível observar a aplicação do conceito da *Função Oblíqua*, com suas diversas inclinações.

Apesar dessas realizações, o grupo Architecture Principe durou pouco tempo. Com os acontecimentos de Maio de 1968, Virilio e Parent passaram a divergir politicamente. O autor explica essa passagem a John Armitage:

esse foi um ‘grupo jovem’ típico. E ele se rompeu com os ‘eventos’ de Maio de 1968. Eu me encontrava muito envolvido com os acontecimentos, enquanto Claude Parent era contra a coisa toda. Então nossos caminhos se dividiram, eu fui para a esquerda e ele para a direita (ARMITAGE, VIRILIO, 2000, p. 33).²⁷

Por seu ativo envolvimento nas ocupações estudantis em 1968, Virilio precisou fugir da cidade de Paris e se esconder na Bretanha, terra de sua mãe, para não ser preso pelas forças

²⁶ Livre tradução de: “Claude Parent and myself decided to start a research group together, and the main thing I contributed to was a church. That was the St Bernadette church in Nevers, and that church is a so-called ‘Bunker church’. Why? Because I wanted to ‘Christianize’ the bunker. Of course, at the time, the prevailing myth was that of the crypt – the atomic shelter. One was then living under the permanent threat of the atomic bomb, and hence the atomic shelter. And so, you get a cross-point between the theme of St Bernadette of Lourdes, and that of the bunker. In Lourdes, the Virgin Mary appeared to St Bernadette in a grotto. Now, both the grotto and the bunker are crypts, hidden places, as in the English word, cryptic. And thus there was an opportunity to make a cross-over happen between that monolithic branch of architecture and a religious building. There is another reason: I had frequently been to Germany, to look at bunkers, and there I had seen a lot of so-called *Luftschutzraum*, air-shelters and, in Dusseldorf, I suddenly saw *Luftschutzraums* which had been converted into Protestant or Catholic churches. And a correspondence dawned on me as between these places of shelter from danger, and places of worship, which are also places of salvation.”

²⁷ Livre tradução de: “this was a typical ‘youth group’. And it broke up with the ‘events’ of May 1968. I was myself very much involved in those events, whereas Claude Parent was against the whole thing. So our ways parted, I went to the left, and he went to the right.”

repressoras de Charles de Gaulle (LIMON, VIRILIO, 2001). Após os acontecimentos, apesar de não possuir educação formal nos campos da arquitetura e do urbanismo, ele foi convidado pelos próprios estudantes a lecionar na *École Speciale d'Architecture* (ESA), em Paris, em 1969 (LIMON, VIRILIO, 2001), tornando-se diretor da escola em 1975 e presidente em 1990. Ainda nas áreas da arquitetura e do urbanismo, o ensaísta ganhou o Grand Prix National de la Critique Architecturale da França em 1987. Em 1999, recebeu o título de professor emérito da ESA e se aposentou. Nessa época, o autor se mudou para La Rochelle, cidade portuária localizada no oeste francês, onde permaneceu até sua morte, em decorrência de um ataque cardíaco, no dia 10 de setembro de 2018.

2.1.1. ANOS DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO INTELECTUAL

A carreira intelectual de Paul Virilio é marcada por uma série de amizades, mas também distanciamentos em relação aos autores franceses da segunda metade do século XX. O ensaísta foi frequentemente associado ao pós-modernismo de filósofos como Gilles Deleuze, Michel Foucault, Jacques Derrida e Jean Baudrillard. Porém, apesar de expressar seu respeito por esses autores, muitos deles, seus amigos íntimos, Virilio compreendia que o pós-modernismo era uma catástrofe em termos arquitetônicos e uma corrente pouco interessante no campo do pensamento filosófico. O autor ainda busca se afastar de tais escritores afirmando sua falta de instrução no campo da filosofia e se recusando a cair na zona de influência das ideias de Friedrich Nietzsche (ARMITAGE, VIRILIO, 2000). Por isso, o ensaísta entende que a proximidade entre seus escritos e os desses autores era mais um paralelismo do que uma convergência.

Podemos dizer que as verdadeiras fontes intelectuais de Paul Virilio foram alguns cursos de fenomenologia ministrados por Maurice Merleau-Ponty na Sorbonne no final da década de 1950. Ali, ele passa a ter contato com a fenomenologia da percepção de seu professor e com o edifício intelectual de Edmund Husserl. Nessa época, ele também foi aluno de Raymond Aron e Vladimir Jankélévitch. Além disso, outra importante fonte de influência, que decorria de seu interesse no campo das artes, foi a *Gestalt*, a psicologia das formas. Contudo, apesar dessas referências intelectuais, Virilio sempre se considerou um pensador marginal, que não seguiu nenhuma linha teórica pura, nem se encaixou perfeitamente em nenhuma corrente filosófica já consolidada (ARMITAGE, VIRILIO, 2000). Sobre esses pontos, ele diz a John Armitage:

sou um pensador marginal, não estou ligado a nenhuma escola de pensamento estabelecida. É claro, sou um fenomenólogo. Quando jovem, eu fui pupilo de [Maurice] Merleau-Ponty, eu amava [Edmund] Husserl. Você poderia me chamar de

‘Gestaltista’, eu era entusiasmado com a psicologia da forma, Paul Guillaume e a Escolha de Berlim: essas são minhas origens intelectuais. Eu sempre fui associado com a fase final do estruturalismo, com [Michel] Foucault, é óbvio, e [Gilles] Deleuze. Mas sou essencialmente uma figura marginal. A principal influência no meu trabalho tem sido a Segunda Guerra Mundial, isto é, a estratégia, o planejamento espacial, e esse corpo de pensamento sobre a guerra total do qual eu fui vítima em minha juventude (ARMITAGE, VIRILIO, 2000, p. 26)²⁸

Mesmo uma leitura bastante superficial da obra de Paul Virilio já é capaz de apontar a profunda vinculação entre seu pensamento e a Segunda Guerra Mundial – e isso não pode ser destrelado de seu conhecimento pessoal do campo militar. No entanto, uma análise mais atenta é também capaz de demonstrar os diálogos do autor com a fenomenologia de Merleau-Ponty e Husserl, a proximidade de seu pensamento em relação à corrente personalista de Emmanuel Mounier, e suas inúmeras tentativas de descolamento em relação às filosofias marxista e nietzschiana, principalmente, no modo como esta última foi incorporada pela cibernética social.²⁹

Podemos também aceitar a hipótese elaborada por James (2007) de que a obra de Virilio é uma espécie de cruzamento entre as filosofias husserliana e benjaminiana. O comentador resume seu argumento dizendo que “Virilio partilha com Husserl a ideia de que a experiência moderna é formada pela visão tecnocientífica do mundo e, como Husserl, ele busca desvelar, redescobrir e analisar o reino da percepção sensorial mais imediato, que precede as abstrações e o conhecimento científico” (p. 05).³⁰ Todavia, James (p. 05) entende que Husserl não aceitaria a aproximação da fenomenologia com a ideia de Benjamin de que “os fundamentos da percepção podem ser moldados ou ‘treinados’ pela tecnologia, uma vez que ele busca demonstrar sua constância universal e consistências lógicas”.³¹ Assim, o comentador compreende que, ao formular esse cruzamento, Paul Virilio funda uma perspectiva original em que a tecnologia e a aceleração que ela permite assumem um papel central na maneira como percebemos e organizamos o espaço político e social na modernidade.

²⁸ Livre tradução de: “I am a very marginal thinker, I do not relate to any established school of thought. Of course, I am a phenomenologist. When young, I was a pupil of [Maurice] Merleau-Ponty, I loved [Edmund] Husserl. You could call me a ‘Gestaltist’, I was enthusiastic about the psychology of form, Paul Guillaume, and the Berlin school: these are my intellectual origins. I have been associated with the end phase of structuralism, with [Michel] Foucault, of course, and [Gilles] Deleuze. But I am essentially a marginal figure. The main influence in my work has been the Second World War, that is, strategy, spatial planning, and this body of thinking about total war of which I was victim in my youth.”

²⁹ Isso poderá ser visto mais explicitamente na obra *L’art du moteur*, publicada em 1993.

³⁰ Livre tradução de: “Virilio shares with Husserl the idea that modern experience is shaped by a techno-scientific world view and, like Husserl, he seeks to uncover, rediscover and analyse a more immediate realm of sense perception which precedes the theoretical abstractions of scientific knowledge.”

³¹ Livre tradução retirada de: “Husserl would not, like Virilio and Benjamin, accept that the fundamentals of perception can be shaped or ‘trained’ by technology, since he aims to demonstrate their universal constancy and logical consistency.”

Esse caminho investigativo acerca dos efeitos dos avanços tecnológicos em nossas vidas conduz o ensaísta a uma tarefa de investigação contínua, o que resultou na escrita e publicação de mais de 40 livros, entre ensaios e entrevistas, dos quais nove foram traduzidos e publicados no Brasil.³² Consideramos bastante satisfatória a classificação proposta por Armitage acerca da periodização da obra de Virilio. O comentador a divide do seguinte modo: na década de 1970, o autor estuda a militarização do espaço urbano e o desenvolvimento da cronopolítica; na década de 1980, ele se ocupa com os efeitos das tecnologias audiovisuais sobre a percepção; na década de 1990, o ensaísta investiga as tecnologias cibernéticas e infocomunicacionais e as mutações na sociedade hipermoderna. Por último, podemos acrescentar outra fase que ocorre, a partir dos anos 2000, em que Virilio buscou se defender dos ataques provenientes dos críticos de sua obra, que o acusavam de nutrir um tom exageradamente pessimista em suas análises. Assim, ele elaborou a teoria do acidente que resultou no livro *L'accident originel* publicado em 2005.

Virilio (2005, p. 25) explica essa teoria afirmando que “diferentemente do acidente natural, o acidente artificial resulta da inovação de um engenho ou de uma matéria original”.³³ Ele complementa: “inventar o navio a vela ou a vapor é inventar o naufrágio, inventar o trem é inventar o acidente ferroviário do descarrilhamento. Inventar o automóvel doméstico é produzir a ‘telescopia’ em cadeia na estrada [o engavetamento]” (p. 27).³⁴ Com tais relações lógicas, o autor visa se posicionar sobre obra, observando que as tecnologias são sempre lembradas por suas proezas, mas nunca por seus acidentes. Ele diz que a campanha publicitária que acompanha a inovação apaga qualquer rastro de negatividade, promovendo uma adesão ao fundamentalismo tecnológico. Desse modo, ao apontar para as negatividades, Virilio se autointitula um crítico da arte tecnológica (ARMITAGE, VIRILIO, 2000). O ensaísta afirma que muitas pessoas já estão acostumadas com a função do crítico de arte, mas poucas aceitam e compreendem essa ideia de uma crítica da tecnologia. No campo da inovação tecnológica, só é permitida a cega aceitação. O autor declara: “que as coisas sejam claras, é contra isso que eu estou lutando, é contra a propaganda do progresso e não contra o progresso propriamente”

³² As obras traduzidas e lançadas no Brasil, em ordem cronológica de publicação, foram: *Guerra pura* (1984); *O espaço crítico* (1993); *A máquina de visão* (1994); *A arte do motor* (1996); *Velocidade e política* (1996); *A bomba informática* (1999); *Estratégia da decepção* (2000); *Guerra e cinema* (2005); e *Estética da desapareição* (2005).

³³ Livre tradução de: “À la différence de l'accident NATUREL, l'accident ARTIFICIEL résulte de l'innovation d'un engin ou d'une matière substantielle”.

³⁴ Livre tradução de: “Inventer la navire à voile ou à vapeur, c'est inventer le naufrage. Inventer le train, c'est inventer l'accident ferroviaire du déraillement. Inventer l'automobile domestique, c'est produire le télescope en chaîne sur l'autoroute”.

(RICHARD, VIRILIO, 2010, p. 38).³⁵ E completa: “eu sempre disse que não sou contra as novas tecnologias, mas contra sua promoção” (p. 38).³⁶

2.2. A Cosmologia Conceitual Dromocêntrica

Em entrevista recente concedida ao filósofo brasileiro Guilherme Soares dos Santos, ao responder a seu interlocutor sobre sua maneira de escrever, Paul Virilio recorda de uma declaração do grande literato francês do início do século XX Marcel Proust, no sentido de que todo verdadeiro escritor possui um tipo de língua estrangeira (SANTOS, VIRILIO, 2011). Partindo dessa afirmação, o ensaísta declara: “minha língua estrangeira é a velocidade, é a aceleração do real” (SANTOS, VIRILIO, 2011). Se acompanharmos de perto os percursos do autor, veremos que essa não é a primeira vez que ele se depara com uma pergunta acerca de seu estilo acelerado. Na entrevista que deu origem ao livro *Guerra Pura*, Virilio já esboçava os contornos gerais de sua escritura teórica, recusando, ao mesmo tempo, o modo explicativo, que, segundo ele, era adotado por Michel Foucault, bem como aquilo que ele chamou de progressão por captações, que foi utilizada por seus amigos Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Mille plateaux*. Assim, o ensaísta afirma: “sendo um urbanista e arquiteto, estou muito acostumado a construir sistemas claros, máquinas que funcionam bem. Não acredito que o trabalho da escritura seja fazer a mesma coisa. Eu não gosto da escritura do tipo dois-e-dois-são-quatro” (LOTRINGER, VIRILIO, 1984, p. 45). E complementa:

Eu trabalho em escadas – algumas pessoas já perceberam isso. Começo uma sentença, trabalho uma ideia e quando a considero suficientemente sugestiva, pulo um degrau para uma outra ideia sem me preocupar com o desenvolvimento. Desenvolvimentos são os episódios. Eu tento alcançar a tendência. Tendência é a mudança de nível (LOTRINGER, VIRILIO, 1984, p. 45-46).

O autor afirma progredir por meio de rupturas e ausências que, a seu ver, evidenciam a importância das interrupções abruptas das ideias, que tanto caracterizam sua obra. Para Virilio, tais pausas servem “para que outra coisa aconteça e um espaço possa surgir” (LOTRINGER, VIRILIO, 1984, p. 46). Por isso, ele compreende que “é absurda a pretensão de cercar totalmente uma questão. Você não pode moldá-la. Não se deveria tentar apreender tudo em

³⁵ Livre tradução de: “ce contre quoi je me bats, que les choses soient claires, c'est contre la propagande du progrès et non contre le progrès lui-même”.

³⁶ Livre tradução de: “J'ai toujours dit que je n'étais pas contre les nouvelles technologies mais contre leur promotion”.

torno de uma questão. Apenas existem perspectivas sucessivas” (p. 46). Ou seja, o ensaísta entende que os problemas se transformam com o passar do tempo e o escritor deve intentar captar apenas os planos sucessivos dos fenômenos e das ideias em mutação, sem nunca pretender reuni-los sob um único momento. A tendência é somente o modo como os processos parecem prosseguir até outra interrupção: a passagem de um estado a outro.

Dessa maneira, o autor considera fundamental uma escritura teórica original: sua obra é inteiramente marcada por um ritmo alucinante, formado pela combinatória de continuidades, interrupções, retomadas, transformações... Conforme declara o comentador James Der Derian (2000, p. 215), “um capítulo nada atípico de Virilio começa com a comparação entre o fenomenólogo Edmund Husserl e o astrofísico Stephen Hawking, e termina com o caso do bilionário recluso Howard Hughes”.³⁷ E essa transição rápida entre os mais diversos assuntos, campos, personagens, casos e épocas cria um turbilhonamento violento de imagens, que “pode levar alguém a se sentir mentalmente perturbado, acometido geralmente por um caso grave de vertigem, uma vez que a velocidade não é apenas o tema, mas o estilo de Virilio” (p. 219).³⁸

Podemos inverter esta última afirmação e dizer que Virilio formula sua escritura teórica extraindo-a da categoria principal de sua obra, a velocidade. Em outras palavras, a aceleração incessante vivenciada pelos seres humanos ao menos desde o início da Era Moderna produz as condições para a fundamentação de uma linguagem própria, um novo idioma, que ele acolhe e desenvolve num intenso movimento de criação e recriação lexical. Portanto, se o estilo desse ensaísta está inteiramente atravessado por essas condições e entendimentos, podemos afirmar que a categoria velocidade exerce um protagonismo em sua obra e pensamento, o que se desenrola na realização de suas análises e na invenção de seus conceitos.

Tanto os especialistas e comentadores usuais, quanto os leitores ocasionais dos trabalhos de Paul Virilio parecem concordar com essa centralidade da velocidade ao afirmar que, ainda que o ensaísta demonstre grande interesse por diferentes assuntos, ele sempre retorna à questão da aceleração como elemento imprescindível para sua abordagem dos fenômenos humanos. Ian James (2007, p. 29) considera que o autor constatou a impossibilidade da compreensão das histórias política, social, econômica e militar sem a observação de que tais campos são, “em um nível decisivo e fundamental, moldados pelos vetores de movimento e pela velocidade de

³⁷ Livre tradução de: “A not atypical Virilio chapter begins with a comparison of the phenomenologist Edmund Husserl to the astrophysicist Stephen Hawking, and ends with account of the billionaire recluse, Howard Hughes.”

³⁸ Livre tradução retirada de: “reading Virilio will probably leave one feeling mentally disturbed, usually compounded by a bad case of vertigo, since speed is not only the subject but the style of Virilio.”

transmissão com a qual esses vetores de movimento são efetuados”.³⁹ Essa análise é corroborada por Armitage (2000, p. 06), de acordo com quem Virilio teria percebido que “a lógica implacável da velocidade desempenha uma parte crucial na militarização do espaço urbano, na organização do território e na transformação da vida social, política e cultural”.⁴⁰ Assim, ambos os comentadores mostram por que o nome do ensaísta é sempre relacionado prontamente à temática da aceleração, de tal modo que, segundo Redhead (2004), ele é reconhecido por muitos como o “sumo sacerdote da velocidade”. Desse modo, a ideia da aceleração implacável permite a amarração conceitual do pensamento de nosso autor, produzindo uma perspectiva crítica em relação aos modelos históricos mais conhecidos e às análises mais corriqueiras da atualidade, criando uma abertura capaz de nos apresentar a um novo mundo.

Essas leituras nos conduzem à hipótese do *dromocentrismo* da cosmologia conceitual de Virilio. A ideia de uma cosmologia conceitual do ensaísta francês foi pensada por James Der Derian (2000). Esse comentador utiliza a própria recorrência do autor a termos da astrofísica para explorar suas análises e entendimentos. Para Derian, o valor heurístico dos conceitos *virilianos* podem variar do brilho final de uma supernova à escuridão total dos buracos negros, conforme o gosto, o preparo e a paciência do leitor. Considera, porém, que “existem alguns buracos de minhocas conceituais em Virilio que podem levar o leitor a lugares bastante estranhos e nem sempre recompensadores” (DERIAN, 2000, p 220).⁴¹ Assim, James Der Derian parte da ideia da cosmologia conceitual para percorrer as obras do ensaísta, apontando suas antecipações e aprofundamentos, bem como as influências gravitacionais que ela exerce sobre outros autores, como Deleuze e Guattari.

Para nós, essa figura da “cosmologia conceitual” de Virilio pode ser abordada sob outra angulação. Podemos verificar a centralidade da categoria velocidade em seu pensamento e observar a maneira como em torno dela gravitam seus principais conceitos, como *dromologia*, *dromoscopia* e *dromocracia*. A presença do radical *dromos* nesses neologismos prova a pertinência de nosso raciocínio. Esse radical tem origem no vocábulo grego δρόμος (*drómos*), podendo significar tanto as vias, os caminhos ou as estradas, como o movimento, a marcha ou

³⁹ Livre tradução retirada do seguinte trecho: “According to Virilio we cannot properly approach the reality of social, political or military history unless we first realize that social space, political space and military space are, at a decisive and fundamental level, shaped by vectors of movement and the speed of transmission with which these vectors of movement are accomplished.”

⁴⁰ Livre tradução realizada a partir do seguinte trecho: “For him, the relentless logic of speed plays a crucial part in the militarization of urban space, the organization of territory and the transformation of social, political and cultural life.”

⁴¹ Livre tradução de: “there are in Virilio some conceptual wormholes which can take the reader to very strange and not always rewarding places.”

a corrida (BÖLTING, 1953, p. 207). Portanto, esses três neologismos conceituais explicitam a importância da velocidade no pensamento de Paul Virilio e nos permitem extrair a proposta de uma cosmologia conceitual dromocêntrica.

O ensaísta francês, entendemos, considera que a velocidade ocupa o cerne do modo como nós percebemos, compreendemos e organizamos o mundo em que vivemos. Logo, toda nova aceleração decorrente do desenvolvimento contínuo das tecnologias de transporte, informação e comunicação produz transformações em nossas condições estéticas, epistêmicas e políticas, que nos arrastam e alteram nossas vidas. Certamente, entre essas mutações do cotidiano podemos encontrar uma modificação na maneira como nos relacionamos com os Outros e nos diálogos que travamos conosco mesmos. Assim, após apresentar o *dromocentrismo* do pensamento do autor, podemos passar a uma investigação mais detalhada de seus principais neologismos conceituais, *dromologia*, *dromoscopia* e *dromocracia*. Nessa análise, daremos maior destaque à *dromocracia*, pois entendemos que as relações entre a velocidade e o poder estão diretamente relacionadas com os afetos políticos do medo e da urgência que, conforme vimos, são anteparos que impossibilitam o funcionamento pendular das relações condicionadoras da possibilidade de alteridade.

2.2.1. DROMOLOGIA E DROMOSCOPIA

Consideramos que a ideia de *dromologia* possui extrema relevância para a compreensão do edifício teórico do ensaísta, pois ela fornece um correto enquadramento para a leitura e a interpretação de sua obra. Entendemos que esse conceito não poder ser visto como mais um entre tantos outros presentes nos livros do autor, mas antes como um neologismo que serve justamente para a fundação de um horizonte teórico em torno da temática da velocidade. Se buscarmos a definição etimológica desse conceito, sabemos que o radical *dromos* significa a corrida ou o percurso, enquanto a terminação *logia* tem origens no termo grego *λόγος* (*lógos*) que possui os sentidos de discurso, tratado, estudo, razão etc. (BÖLTING, 1953). Desse modo, podemos dizer que a *dromologia* se refere a um estudo ou campo discursivo cujo objeto é o movimento, a velocidade. Assim, Paul Virilio pretende criar, por meio desse conceito, uma área de estudos – alguns comentadores dizem que se trata de uma ciência (EBERT, 2013) – interessada na investigação dos atravessamentos entre a aceleração propiciada pelo contínuo desenvolvimento tecnológico e as mutações das condições estéticas, epistêmicas e políticas ao longo da história, desde tempos remotos, até nossa época.

O autor menciona pela primeira vez esse conceito no título de sua terceira obra *Vitesse et politique: essai de dromologie*. Ao proceder à leitura do livro, verificamos que o ensaísta utiliza somente uma vez essa palavra durante o texto, sem oferecer ao leitor qualquer definição clara do conceito. Em uma passagem em que retoma certas ideias trabalhadas em *L'insécurité du territoire*, mostrando como a superioridade econômica inglesa esteve diretamente atrelada ao domínio dos oceanos, decorrente da invenção de engenhos velozes, Virilio (1996b, p. 56) constata: “de fato, não há mais ‘revolução industrial’ e sim ‘revolução dromocrática’, não há mais democracia e sim dromocracia, não há mais estratégia, e sim dromologia”. Nessa passagem, percebemos que o ensaísta constrói a oposição entre estratégia e dromologia, em que a segunda substitui a primeira com o passar do tempo. Como podemos notar, nesses primeiros registros, ainda estamos longe daquele sentido de um campo de estudos da velocidade.

Essa imprecisão conceitual se aprofunda ainda mais quando analisamos uma noção bastante recorrente em *Vitesse et politique*. Se o autor utiliza apenas uma vez a palavra dromologia ao longo do livro, ele se refere várias vezes à noção de *progresso dromológico*. Esse conceito dá título à segunda sessão do livro e foi utilizado em uma passagem subsequente àquela que já analisamos. Nessa parte, Paul Virilio prossegue sua argumentação observando o modo como o declínio do império britânico e a desilusão com a possibilidade da realização do ideal de vida americano estavam relacionados diretamente com a aceleração propiciada pelo evolucionismo tecnológico nos últimos séculos. Então, ele declara: “é a velocidade como natureza do progresso dromológico que arruína o progresso, é a permanência da guerra do Tempo que cria a paz total, a *paz de inanição*” (VIRILIO, 1996b, p. 56; verificado no original de 1977).

Para nós, o autor constrói aqui um esboço da oposição entre o “progresso dromológico” e o sentido mais amplo de “progresso”, que perpassa suas demais obras. Nessa passagem, ele assume o *dromocentrismo* de sua cosmologia conceitual ao afirmar que a velocidade produz seu tipo específico de evolução, o *progresso dromológico*. Obviamente, o conceito é carregado de ironias, pois a ideia de que aceleração engendra a ruína da própria noção de progresso mostra que o ensaísta elabora uma perspectiva crítica acerca do “evolucionismo tecnológico” ao longo da história e de suas potencialidades políticas. Esse entendimento pode ser constatado quando Virilio (1996b, p. 95;) afirma: “houve coincidência, com toda certeza, mas não há convergência entre o progresso dromológico e o que se convencionou chamar de progresso humano e social”.

Se quisermos extrair uma possível definição de *dromologia* partindo dos usos da noção de *progresso dromológico*, veremos que estamos em um sentido bastante próximo daquele que encontramos em nossas explorações etimológicas iniciais. O *progresso dromológico* significa

o desenvolvimento das tecnologias de velocidade e seus desdobramentos em nossas condições políticas. Assim, a *dromologia* poderia significar uma área de estudos que se interessa por essa modalidade do avanço da velocidade com seus múltiplos efeitos. Não podemos, porém, de modo nenhum, desprezar o componente crítico que reside nesses entendimentos *virilianos*. Por isso, a *dromologia* pode ser definida até aqui como o estudo crítico do *progresso dromológico* em suas relações e, sobretudo, seu possível afastamento da verdadeira política.⁴²

No entanto, mesmo após esses desenvolvimentos, ainda permanece aquele sentido de *dromologia* como substituta da estratégia. A ambiguidade conceitual começa a se dissipar com o desenvolvimento de obras posteriores, até desaparecer completamente em *Pure war* (1984). Nessa entrevista realizada por Sylvere Lotringer, Paul Virilio faz um importante esclarecimento acerca do conceito de estratégia, estabelecendo-o como a organização do teatro das operações de defesa na cidade. Então, em vez de contrapor a noção de *dromologia* à de estratégia, ele recorre ao conceito de *logística*, elaborado por Antoine Henri-Jomini – adversário teórico de Carl Von Clausewitz – em seu tratado sobre a guerra. Segundo o ensaísta, a estratégia estava relacionada com a necessidade de construção de obstáculos para a defesa, enquanto a *logística* buscava a criação de uma transparência total que possibilitasse o controle de todos vetores e da circulação rápida de pessoas, produtos e informações. Diante desses entendimentos, o autor reformula seu pensamento, posicionando a *logística* como verdadeira sucedânea da estratégia, desfazendo a ambiguidade que pairava sobre o conceito de *dromologia*. Ainda na entrevista a Lotringer, Paul Virilio (LOTRINGER, VIRILIO, 1984, p. 48) declara: “‘Dromologia’ vem de *dromos*, corrida. Portanto, é a lógica da corrida. Para mim, foi a entrada no mundo do equivalente-velocidade ao equivalente-riqueza”. Assim, nos aproximamos do sentido de um campo de estudos da velocidade e de seus possíveis desdobramentos políticos.

Para nós, contudo, essa definição anterior não expressa completamente o sentido de *dromologia*. Se essa noção nasceu atrelada àquilo que Paul Virilio define como *dromocracia*, as relações entre a velocidade e o poder, ela se transforma com o passar do tempo. O desenrolar das obras do autor mostra que não podemos reduzir a *dromologia* a uma *economia política da velocidade*. O ensaísta possui pretensão mais arrojada: sem perder de vista os processos políticos, ele busca investigar também os fenômenos estéticos e epistemológicos decorrentes da aceleração humana. Portanto, a *dromologia* não consiste somente na ciência que examina o *progresso dromológico* e os desdobramentos *dromocráticos*. Ela incorpora igualmente aquilo que Virilio define como *dromoscopia*.

⁴² A política no sentido aristotélico, ou seja, uma “arte mestra” com a finalidade de descobrir e disseminar o sumo bem humano, a *Eudaimonia*, para todos os habitantes de um território (ARISTÓTELES, 1973, 1985).

Sabemos que, etimologicamente, *dromoscopia* é formada pela junção de *dromos*, que se refere ao movimento ou à velocidade, e *σκοπεῖν* (*skopein*), que significa ver, ter em vista, vigiar etc. (BÖLTING, 1953). Nesse sentido, com esse conceito, Virilio deseja propor o modo como a velocidade altera nossa percepção do mundo e, por conseguinte, as relações que podemos ter com ele. Essa ideia começou a ser desenvolvida já na segunda obra do autor *L'insécurité du territoire*, quando ele diz:

O veículo que estaciona ao longo da calçada não é mais do que um canapé de quatro ou cinco lugares... Quando ele arranca e circula a toda velocidade pelas ruas da cidade, o móvel desaparece e suas aberturas se animam, onde estamos nós então? O automóvel é na verdade um projetor, um projetor que nós comandamos com a alavanca da troca de velocidades. Mas o que significa essa mudança, já que ignoramos a significação, o sentido da velocidade? Nós passamos de um estado de movimento a outro sem nos importar com o que isso significa; somos levados, transportados em direção a uma meta, um lugar, futuro objetivo de nosso trajeto, mas nos escapam o aqui e o agora da rapidez e de sua aceleração – ainda que isso prejudique gravemente a imagem do meio percorrido. Entre vinte e duzentos quilômetros por hora, o *movimento* e o desfile de imagens são radicalmente diferentes. É claro que o termo introduzido aqui se presta a comentários. Quando caminhamos por um campo, nós falamos do *campo*; já quando nós atravessamos a *Beauce* em um carro, os campos animados se tornam *cinéticos*, e ninguém se atreveria a confundir essas ‘sequências’ com sua realidade geográfica. Um pouco como o cinema em câmera lenta ou acelerada oferece ao observador a visão de uma segunda realidade, aquele de um outro tempo, as altas velocidades de deslocamento dos veículos modernos nos levam tanto de uma realidade a outra, como de uma cidade a outra. Nesse sentido, o automóvel é um *autocomutador*; o motor do veículo e aquele do projetor possuem um efeito semelhante: eles são ambos meios de transmissão (VIRILIO, 1993c, p. 243-244).⁴³

Essa passagem apresenta algumas ideias muito importantes, que ressoam ao longo dos desenvolvimentos do pensamento de Paul Virilio, como a analogia entre o veículo e o sofá, ou mesmo a relação entre os meios de transporte e o cinema, o que nos aproxima do conceito de *cinematismo*.⁴⁴ O mais importante consiste em perceber o modo como o autor observa a relação

⁴³ Livre tradução de: “Le véhicule qui stationne le long du trottoir n’est qu’un canapé a quatre ou cinq places... lorsqu’il démarre et circule à toute allure dans les rues de la ville, le meuble disparaît et ses ouvertures s’animent, où sommes-nous alors? L’automobile est en fait un projecteur, un projecteur que nous commandons avec le levier du changement de vitesses. Mais que signifie ce changement puisque nous méconnaissons la signification, le sens de la vitesse? Nous passons d’un état de mouvement à un autre, sans nous soucier de ce qu’ils signifient, nous sommes emportés, véhiculés vers un but, un lieu, futur objectif de notre trajet, mais l’ici e maintenant de la rapidité et de son accélération nous échappent, bien qu’ils lèsent gravement l’image du milieu parcouru: entre vingt et deux cents kilomètres à l’heure, le *bougé*, le défilement de l’image sont radicalement différents. Mais ce terme d’‘image’, introduit ici, prête lui-même à commentaires. Lorsque nous marchons dans un champ, nous parlons du *champ*, mais lorsque nous traversons la Beauce en voiture, les champs animés deviennent *cinétiques*, et nul ne s’aviserait de confondre ces ‘séquences’ avec leur réalité géographique. Un peu comme l’accélééré ou le ralenti cinématographiques donnent à voir une réalité seconde, celle d’un autre temps, les hautes vitesses de déplacement des véhicules modernes nous mènent d’une réalité à une autre tout autant que d’une ville à l’autre; en ce sens, l’automobile est un *autocommutateur*, le moteur de la voiture et celui du projecteur ont un effet semblable: ils sont tous deux moyens de transmission”.

⁴⁴ Esse conceito será intensamente trabalhado pelo autor a partir da obra *Esthétique de la disparition*, publicada em 1980.

entre a velocidade e a percepção visual quando ele afirma que “entre vinte e duzentos quilômetros por hora, o *movimento* e o desfile das imagens são radicalmente diferentes”. Assim, as imagens do mundo se transformam com a aceleração do motor, produzindo outra realidade, que não pode ser confundida com a realidade geográfica primeira. O ensaísta entende, portanto, que a velocidade modifica nossa relação com o mundo, alterando a duração da experiência que temos com o campo atravessado, transformando os sentidos que podemos atribuir às coisas que vemos ao longo da travessia. Esses entendimentos o levam a se perguntar o que acontecerá com os seres humanos quando já não houver mais tempo de travessia, isto é, quando o intervalo entre a partida e a chegada for reduzido a quase nada?.

Após um período em que se dedica às investigações dos atravessamentos entre o progresso dromológico e a dromocracia, Paul Virilio retorna a essas análises e questões sobre a velocidade e a percepção em suas obras da década de 1980.⁴⁵ Apesar da importância do livro *Esthétique de la disparition* – que, segundo Jonathan Crary (2015, p. 10), mostra que o verdadeiro interesse do ensaísta é “um exame incessante das condições que possibilitam a experiência” –, podemos constatar que o autor passa a formular especificamente a *dromoscopia* na obra *L’horizon négatif*, publicada em 1984. Nela, o autor formula um capítulo inteiramente dedicado a essa ideia, atribuindo-lhe título homônimo.

Paul Virilio inicia sua exposição retomando o exemplo do carro trabalhado em *L’insécurité du territoire* e opondo a *dromoscopia* à estroboscopia. Ele afirma: “ao contrário da *estroboscopia*, que permite observar os objetos animados por um movimento rápido, como se eles estivessem em câmera lenta, essa *dromoscopia* dá a ver os objetos inanimados como se eles fossem animados por um movimento violento” (VIRILIO, 1984b, p. 144).⁴⁶ O autor também compara o automóvel ao cinema apontando para as diferenças existentes entre eles: “na rapidez do deslocamento, o *voyeur-voyageur* se encontra em uma situação oposta àquela do frequentador de cinema; *é ele mesmo que é projetado*, ator e espectador do drama da projeção, no trajeto ele encena seu próprio final” (VIRILIO, 1984b, p. 145).⁴⁷

Esses entendimentos servem como ponto de partida para o estudo das relações entre a velocidade e a percepção do mundo. Assim, Paul Virilio aborda um conjunto de efeitos que a

⁴⁵ No referimos às obras *L’espace critique* (1984); *L’horizon négatif* (1984); *La machine de vision* (1988); *L’inertie polaire* (1990).

⁴⁶ Livre tradução de: “A l’inverse de la *stroboscopie* qui permet d’observer des objets animés d’un mouvement rapide, comme s’ils étaient au ralenti, cette *dromoscopie* donne à voir les objets inanimés comme s’ils étaient animés d’un violent mouvement”.

⁴⁷ Livre tradução de: “Dans la rapidité du déplacement le *voyeur-voyageur* se trouve dans une situation qui est à l’opposé de celle de l’usager des salles obscures; *c’est lui qui est projeté*; acteur et spectateur du drame de la projection, il joue, dans l’instant du trajet, sa propre fin”.

aceleração tecnológica dos veículos produz nos seres humanos. O mais importante consiste em observar que, para ele, as altas velocidades modificam o que podemos perceber como realidade. Nesse sentido, o autor começa a esboçar aqui o fenômeno da “contração telúrica do mundo” (VIRILIO, 1993a, 2002), com a desvalorização dos entornos geográficos, em favor das imagens de lugares distantes que ele analisa com mais detalhes na obra *L’inertie polaire* (1990). Ele percebe que, se as coisas se encontram hoje mais próximas do que antigamente, o mundo corre o risco de se tornar um amontoado de imagens confusas, que contribuem para o completo ofuscamento dos indivíduos. Assim, o ensaísta entende que a *dromoscopia* não se refere somente às transformações operadas na percepção, mas também nas faculdades cognitivas dos seres humanos (VIRILIO, 1984b, 1993a, 2002).

Em *L’inertie polaire*, Paul Virilio busca mostrar que a luz é algo inteiramente relacionado à velocidade. Desse modo, ele compreende que a iluminação é um fenômeno direto da velocidade, e elabora a conclusão de que os meios de aceleração, entre eles as tecnologias de transporte, informação e comunicação, engendram uma nova iluminação sobre o mundo (VIRILIO, 1993a, 2002). Os para-brisas dos automóveis e as telas dos terminais de informação e comunicação produzem um efeito de transparência similar ao do telescópio que nos dá acesso a outras realidades na forma de imagem. O ensaísta percebe aí uma primazia das imagens sobre as coisas, o que contribui para um declínio da “fé perceptiva” da óptica geométrica. Doravante, o conhecimento deve passar cada vez mais por instrumentos e telas que desvalorizam o papel dos seres humanos enquanto sujeitos cognoscentes. Esses entendimentos podem ser constatados na passagem em que Paul Virilio comenta os desdobramentos da *máquina de pensar*, inventada por Alan Turing na década de 1940:

o que Turing com certeza não adivinhava era que a sua famosa ‘máquina numérica’ desembocaria trinta anos mais tarde, na emergência da *máquina de ver*. Automação da percepção numérica e não já apenas da produção de cálculo, que punha novamente em causa não apenas os fundamentos axiomáticos das matemáticas, como antes fizera Gödel, mas o próprio conjunto dos processos de aquisição do conhecimento; a potência das ‘máquinas numéricas’ herdeiras da de Turing, potência que se resume afinal à sua velocidade de cálculo, e que lhes permite apreender a informação do meio ambiente, isto é, *ver, avistar em vez de nós*, faz assim do cientista, como ontem do artista, um simples ‘demonstrador de material’, uma vez que a informática permite doravante aos sábios *imaginar* as suas teorias... (VIRILIO, 1993a, p. 81; verificado no original de 2002).

Em suma, o desenvolvimento do conceito de *dromoscopia* mostra que a *dromologia* de Paul Virilio não pode ser reduzida a uma *economia política da velocidade*. Na verdade, o autor nos apresenta os entrelaçamentos da velocidade, dos fenômenos perceptivos e cognitivos e das condições políticas ao longo do tempo. Como ficará explícito nos próximos capítulos, o

progresso dromológico produz uma aceleração – uma espiral de ultrapassagens – que engendra mutações nas condições estéticas, epistêmicas e políticas na história.

2.2.2. DROMOCRACIA: OS CRUZAMENTOS ENTRE VELOCIDADE E PODER

Podemos iniciar esse percurso de investigação da ideia de *dromocracia* em Paul Virilio realizando uma análise etimológica do termo. O ensaísta utiliza sempre o radical *dromos* para se referir ao movimento e à velocidade, enquanto a terminação *cracia* tem origem na palavra grega κράτος (*kratos*), que pode significar “império, estado, força poder, governo ou violência” (BÖLTING, 1953, p. 345). Assim, a noção de *dromocracia* explicita em sua própria etimologia as relações entre as categorias velocidade e poder, podendo ser definida ainda como o poder dos mais velozes. Com essa ideia, o autor chama nossa atenção para os diversos atravessamentos entre a aceleração e a política ao longo da história. Para Sylvere Lotringer, ele argumenta:

A velocidade é lado desconhecido da política, e sempre foi, desde o início; isso não é novo. Em política, o aspecto riqueza foi focalizado há muito tempo. Agora, foi um erro, que eu modestamente estou tentando corrigir – esquecer que a riqueza é um aspecto da velocidade. Comumente se diz que o poder está vinculado à riqueza. Em minha opinião, está, acima de tudo, vinculado à velocidade; a riqueza vem depois. Claro que é verdade que o poder precisa de meios, que adquire esses meios através do entesouramento, da exploração ou de ambos, mas as pessoas esquecem a dimensão dromológica do poder – sua capacidade de captação, seja através de impostos, de conquista etc. Toda sociedade é fundada numa relação de velocidade. Toda sociedade é dromocrática. Se você tomar a sociedade ateniense, observará que no topo há o trierarca; em outras palavras, aquele que pode preparar uma trirreme [um barco]. Depois há o cavaleiro – aquele que pode preparar um cavalo, para usar a linguagem naval. Depois disso, há o hoplita, que pode aprontar-se para a guerra, ‘armar a si mesmo’ – no estranho sentido de que a palavra ‘armamento’ tem tanto conotação naval quanto marcial – com suas lanças e seu escudo como um vetor de combate. E, finalmente, há o homem livre e o escravo que só têm a possibilidade de se alugarem ou de serem recrutados como energia na máquina de guerra – os remadores. Nesse sistema (que também existiu em Roma com a cavalaria), aquele que tem a velocidade tem o poder. E tem o poder porque é capaz de adquirir os meios, o dinheiro. Os cavaleiros romanos eram os banqueiros da sociedade romana. Aquele que for mais rápido possui a capacidade de coletar impostos, a capacidade de conquistar e, através disso, de herdar o direito de explorar a sociedade (LOTRINGER, VIRILIO, 1984).

Nessa passagem, observamos o modo como o autor busca se desassociar do pensamento marxista, mas sem recusar a importância histórica das relações entre os meios de produção e a riqueza. Se os entendimentos de Karl Marx apontavam para as interações entre a infraestrutura econômica e a superestrutura política, jurídica e ideológica (ABBAGNANO, 2007), Virilio busca demonstrar que existe um fator ainda mais profundo, que se encontra na base das

dinâmicas econômicas e políticas de nossas sociedades. Na entrevista a John Armitage, ele justifica: “as maiores velocidades pertencem às camadas mais altas da sociedade, enquanto as lentas, às mais baixas. A pirâmide da riqueza é a réplica da pirâmide da velocidade” (ARMITAGE, VIRILIO, 2000, p. 35).⁴⁸ Nessa citação, podemos constatar que o autor afirma explicitamente uma anterioridade da velocidade em relação à riqueza. Desse entendimento ele extrai a ideia de que as classes sociais mais elevadas são mais velozes antes de ser mais ricas. Segundo Virilio, a conquista da velocidade fornece os melhores meios de exploração das classes mais baixas.

Essas ideias do ensaísta estão amparadas na relação que ele constrói entre velocidade e propriedade, que pode ser vista na obra *Bunker Aarchéologie*:

Existe, então, uma hierarquia das velocidades atuando na história das sociedades, porque possuir a terra, ter terreno, significa também possuir os melhores meios de a percorrer para a controlar e defender. A propriedade de um bem *imóvel* é ligada, direta ou indiretamente, à faculdade de a penetrar e, do mesmo modo que uma coisa muda de valor assim que se desloca de uma região para outra, um lugar muda de qualidade pela possibilidade que temos de atravessá-lo mais ou menos facilmente. O trajeto do objeto, como do sujeito, carrega um valor frequentemente despercebido; e a aparição de um novo sistema infraestrutura-veículo sempre revoluciona a sociedade, perturbando tanto seu senso material quanto o de suas relações sociais e, portanto, de todo o espaço social (VIRILIO, 2008a, p. 28).⁴⁹

Essa passagem nos mostra que Virilio considera que a propriedade de um bem *imóvel*, como a terra ou mesmo uma máquina, está atrelada à capacidade de proteção desse mesmo objeto no espaço. Entendemos que essas ideias são amparadas pela imagem que ele formula sobre a vida em campo livre (VIRILIO, 1978). Segundo o autor, os seres humanos passaram do nomadismo e do seminomadismo ao sedentarismo no exato momento em que começaram a construir estruturas defensivas que permitiram antecipar os inimigos no tempo, conduzir a guerra e manter uma distância em relação ao possível assaltante ou invasor. Para nós, no fundo desses entendimentos, o ensaísta está formulando um conceito de propriedade a partir de uma perspectiva militar. Na vida em campo livre, no nomadismo ou no seminomadismo, o ser humano só pode possuir aquilo que consegue carregar individualmente ou em bando; a posse

⁴⁸ Livre tradução de: “the high speeds belong to the upper reaches of society, the slower to the bottom. The wealth pyramid is the replica of the velocity pyramid.”

⁴⁹ Livre tradução de: “Il y a donc une hiérarchie des vitesses à l'œuvre dans l'histoire des sociétés, puisque posséder la terre, tenir le terrain, c'est aussi posséder le meilleur moyen de la parcourir pour le contrôler et le défendre. La propriété d'un bien immobilier est liée, directement ou indirectement, à la faculté de le pénétrer et, de même qu'une chose change de valeur selon qu'on la déplace d'une région à l'autre, un lieu change de qualité par la possibilité que l'on a de le traverser plus ou moins facilement. Le trajet de l'objet, comme du sujet, véhicule une valeur souvent inaperçue ; et l'apparition d'un nouveau système infrastructure-véhicule révolutionne toujours la société en bouleversant à la fois le sens de la matière, celui des rapports sociaux, et donc celui de l'espace social tout entier”.

de um bem é garantida por um distanciamento em relação ao assaltante e a propriedade é aquilo que está fora do alcance dos outros. Com a criação dos primeiros sítios defensivos e a sedentarização, esse sentido ainda se mantém: o domínio sobre as terras exige a manutenção da distância e a impenetrabilidade desse espaço pelos invasores. Assim, a consolidação de uma propriedade fundiária significa o território se tornando inacessível e inalcançável aos outros.

Para nós, essas formulações teóricas de Paul Virilio se alinham com as ideias do filósofo inglês Thomas Hobbes (2003) em sua hipótese do *estado de natureza*. O autor do século XVII elabora essa hipótese tentando investigar os motivos que levaram ao aparecimento do Estado civil na história. Ele inicia seu percurso explicativo afirmando que o Leviatã, o humanoide artificial, é um tipo de autômato, uma criação dos homens, e que, por isso mesmo, devemos investigar a própria natureza humana se quisermos compreender as condições do aparecimento do Estado ao longo do tempo. Thomas Hobbes considera que os homens são seres desejantes, que entram em competição, uns com os outros, em decorrência da escassez de bens que lhes permitam satisfazer suas necessidades e prosperar constantemente. Nesse ponto, ele desenvolve um conceito de poder que “consiste nos meios de que presentemente [os homens] dispõem para obter qualquer visível bem futuro” (HOBBS, 2003, p. 74). Se os seres humanos agem segundo seus interesses individuais, utilizando os meios disponíveis para alcançar os bens de que necessitam, essa transitividade do desejo humano os impele ao acúmulo de poder.

Outro pressuposto fundamental para Hobbes é a afirmação da igualdade de nascimento entre os seres humanos. Ele entende que os homens são iguais tanto em relação à sua natureza desejante quanto às faculdades corporais e espirituais. O filósofo argumenta:

Desta igualdade quanto à capacidade deriva a igualdade quanto à esperança de atingirmos os nossos fins. Portanto, se dois homens desejam a mesma coisa, ao mesmo tempo que é impossível ela ser gozada por ambos, eles tornam-se inimigos. E no caminho para o seu fim (que é principalmente a sua própria conservação, e às vezes apenas o seu deleite) esforçam-se por se destruir ou subjugar um ao outro. E disto se segue que, quando um invasor nada mais tem a recear do que o poder de um único homem, se alguém planta, semeia, constrói ou possui um lugar cômodo, espera-se que provavelmente outros venham preparados com forças conjugadas, para o desapossar e privar, não apenas o fruto do seu trabalho, mas também da sua vida ou da sua liberdade. Por sua vez, o invasor ficará no mesmo perigo em relação aos outros (HOBBS, 2003, p. 107).

Assim, Hobbes considera que a natureza humana empurra os homens para uma situação de desconfiança e competição, o que os leva a um estado de guerra, a um tempo – um clima – em que eles são inimigos entre si. Desse modo, o autor começa a explicar sua hipótese do *estado de natureza*. Ele continua:

Portanto, tudo aquilo que se infere de um tempo de guerra, em que todo homem é inimigo de todo homem, infere-se também do tempo durante o qual os homens vivem sem outra segurança senão a que lhes pode ser oferecida pela sua própria força e pela sua própria invenção. Numa tal condição não há lugar para o trabalho, pois o seu fruto é incerto; conseqüentemente, não há cultivo da terra, nem navegação, nem uso das mercadorias que podem ser importadas pelo mar; não há construções confortáveis, nem instrumentos para mover e remover as coisas que precisam de grande força; não há sociedade; e o que é pior de tudo, um medo contínuo e perigo de morte violenta. E a vida do homem é solitária, miserável, sórdida, brutal e curta (HOBBS, 2003, p. 109).

O *estado de natureza* hobbesiano propõe imaginar o homem reduzido a uma condição individual e solitária, sem fazer parte de uma sociedade ou Estado Civil, sem estar submetido a nenhum tipo de poder regulador, contando somente com seus próprios atributos para segurança e sustento. Nessa situação, os seres humanos entram em conflito entre si e podem se utilizar de quaisquer meios presentes e disponíveis para a manutenção da sobrevivência; isto é, o homem busca sempre sua autopreservação e é livre para fazer uso de seu poder conforme seus próprios interesses. Como não existem leis comuns que regulem a posse de objetos, o indivíduo se separa daquilo que deseja somente em decorrência da limitação de seus meios individuais, o que, como vimos, impulsiona a busca pela maximização do poder.

A ausência do Estado civil significa também a inexistência de leis que instituem valores comuns, como bem e mal, certo e errado, justo e injusto, legal e ilegal... No *estado de natureza*, o indivíduo pode matar ou, até mesmo, se apossar do corpo de outro homem, se o seu poder o permitir, sem que tais comportamentos possam ser moral ou legalmente reprovados. Nas palavras do autor:

Desta guerra de todos os homens contra todos os homens também isto é consequência: que nada pode ser injusto. As noções de certo e de errado, de justiça e de injustiça, não podem aí ter lugar. Onde não há poder comum não há lei, e onde não há lei não há injustiça. Na guerra, a força e a fraude são duas virtudes cardeais. A justiça e a injustiça não fazem parte das faculdades do corpo ou do espírito. Se assim fosse, poderiam existir num homem que estivesse sozinho no mundo, do mesmo modo que os seus sentidos e paixões. São qualidades que pertencem aos homens em sociedade, não na solidão. Outra consequência dessa mesma condição é que não há propriedade, nem domínio, nem distinção entre o *meu* e o *teu*; só pertence a cada homem aquilo que ele é capaz de conseguir, e apenas enquanto for capaz de o conservar. É, pois, nessa miserável condição que o homem realmente se encontra, por obra da simples natureza, embora com uma possibilidade de escapar a ela, que em parte reside nas paixões e em parte na sua razão (HOBBS, 2003, p. 111).

Percebemos que o *estado de natureza* de Thomas Hobbes é semelhante à vida em campo aberto ou livre em Paul Virilio. Para o autor do século XVII, a passagem da posse à propriedade demanda a fundação do Estado civil capaz de impor as normas do contrato entre os indivíduos por meio da lei e do uso da força. Já o ensaísta francês compreende que a propriedade só pode

ser garantida pela aquisição de maiores velocidades. A aceleração permite o distanciamento que significa a inacessibilidade dos bens móveis ou imóveis a todos os demais. Segundo Virilio, o que caracteriza o poder do Estado é o controle das vias e dos vetores de velocidade; veremos que, para esse autor, o Estado é um *Ente* que deve ser capaz de agir rapidamente em todos os lugares. Se Thomas Hobbes entende que apenas o acúmulo de poder, cuja expressão máxima é o próprio *Leviatã*, permite a posse ou a propriedade, o ensaísta francês observa que o verdadeiro poder é a aceleração, pois somente ela possibilita a manutenção da posse ou do domínio sobre a propriedade. Portanto, a maximização do poder significa o aumento da velocidade e a riqueza, ou o acúmulo de bens, é um resultado dessa associação.

Devemos analisar outra relação nesses desenvolvimentos. A igualdade hobbesiana é, de certo modo, incorporada no pensamento de Paul Virilio. Se ela produz uma competição que leva a uma profunda desconfiança e medo em relação ao outro, então, o poder responde ao terror, o que leva a sua maximização. No edifício teórico do filósofo contratualista do século XVII, o *estado de natureza* é caracterizado pelo constante medo da morte violenta. O Outro é aquele que me amedronta, pois possui a liberdade natural de me matar e, até mesmo, de me escravizar. Assim, a maximização do poder é a única garantia do indivíduo contra sua morte e escravidão. No pensamento de Paul Virilio, a vida em campo aberto ou livre consiste em manter ou aumentar a distância em relação aos outros que se aproximam e que, por isso mesmo, aterrorizam. Nesse sentido, podemos dizer que nosso ensaísta compreende que o poder responde ao medo, propondo o acúmulo de poder, que é também uma aceleração da velocidade – o que produz a espiral de ultrapassagens.

Devemos, porém, observar algo ainda mais profundo nesses entendimentos. A hipótese hobbesiana admitia que a liberdade natural do homem concedia-lhe o direito de escravizar seu semelhante para o alcance de seus interesses. A maximização do poder possibilita submeter os demais seres humanos e utilizá-los como meios para os objetivos individuais. O medo do Outro leva a uma constante tentativa de domínio sobre ele (HOBBS, 2003). Esse pensamento também está presente em Paul Virilio. O autor mostra como os mais poderosos não eram apenas aqueles que possuíam os melhores meios de velocidade, como o cavalo, o navio, os meios de comunicação... Eles também conseguiam controlar os demais seres humanos, direcionar seus corpos e energias em favor dos interesses pessoais (VIRILIO, 1977, 1996b). Para o ensaísta, existe um *poder-mover* que atravessa a história das sociedades e que objetiva a produção de “corpos sem vontade”, habitados por imposições alheias. Virilio entende que essa diferença existente entre o indivíduo poderoso e o “corpo sem vontade” será justamente o que marca a divisão entre as classes militar e popular ao longo da história. Nesse sentido, ele compreende

que o domínio de alguns sobre os demais é menos um fenômeno econômico do que algo que se origina no campo da guerra. Por isso mesmo, ele irá afirmar que a classe burguesa é militar muito antes de ser econômica (VIRILIO, 1977; 1996b). Ela conquista e habita os corpos dos operários, impondo-lhes uma vontade exterior.

Nesse ponto, Paul Virilio se sintoniza com o conceito de poder de Sun-Tzu (2002) na obra *A arte da guerra*. Segundo o antigo general chinês, “quem excele em empregar a força militar subjuga o exército dos outros povos sem travar batalha” (SUN-TZU, 2002, p. 62). O ensaísta francês entende que esse ensinamento de Sun-Tzu pode ser considerado um sinônimo da ideia de poder puro, isto é, o poder de submeter os Outros à vontade do poderoso. E ele comenta como esse poder envolve o afeto do medo:

A questão do poder é longa e complicada. Os antigos chineses tinham uma extraordinária frase para isso. Se um representante do imperador fosse se encontrar com algum potentado local ou regional, suas primeiras palavras seriam: ‘Tremam e Obedeçam!’ Para mim, essa é a melhor definição do poder. Medo! Isto é, instigar medo, aterrorizar. A primeira coisa sobre o poder é o medo e, dela, se segue o conformismo. O medo também é, obviamente, sobre emoções, sobre espanto. E a velocidade aterroriza (ARMITAGE, VIRILIO, 2000, p. 35).⁵⁰

Virilio (1978) entende que os mais poderosos são aqueles capazes não apenas de causar o medo, mas também de administrar o medo. Esse controle do terror é uma forma de produção de corpos sem vontade, de engajar o dominado no projeto de seu dominador. Para o ensaísta, as classes militares são aquelas que causam o medo ao mesmo tempo em que oferecem proteção à população civil. Desse modo, elas praticam um tipo de *gangsterismo estatal*. Isso ficará bastante claro mais à frente quando explorarmos as estratégias de defesa do *Lebensraum* aplicadas por Hitler durante a Segunda Guerra Mundial.

Em suma, se a *dromocracia* significa os atravessamentos entre a velocidade e o poder, não podemos desprezar o fato de que essas relações envolvem o afeto do medo ao Outro. Se o poder responde ao medo propondo um acúmulo de poder, que é aceleração, então podemos enxergar a formação de um percurso histórico em que o aumento da velocidade engendra novos regimes de poder, produzindo transformações nas condições do medo ao longo da história. Para nós, se o medo é um afeto dirigido basicamente ao outro que me ameaça, podemos observar nessa história da aceleração humana uma série de modificações no modo como nos

⁵⁰ Livre tradução de: “The question of power is a long and vexed one. The ancient Chinese had an extraordinary phrase for it. When a representative of the Emperor would meet some local or regional power holder, his first words would be: ‘Tremble and Obey!’ To me, this is the best definition of power. Fear! That is, to instil fear, to frighten. The first thing power is about is fear, and from that compliance follows. Fear is of course also about emotions, about astonishment. And speed frightens.”

relacionamos com os Outros ao longo do tempo, o que nos conduz à crise da alteridade na atualidade.

3. ACELERAÇÃO: VELOCIDADE, PODER MEDO

“Ataca onde eles não estão preparados.
Avança onde eles não esperam.”
– Sun Tzu (2002, p. 52)

No capítulo anterior, observamos o modo como Paul Virilio relaciona a velocidade e o poder quando analisamos os desdobramentos do que ele nomeia *dromocracia*. Também dissemos que seu conceito de poder está inteiramente atrelado ao medo ou à insegurança que levam à obediência e ao conformismo. Vimos ainda que o autor considera a guerra um palco privilegiado para o desenvolvimento da velocidade. Esses entendimentos nos permitem vislumbrar os atravessamentos entre guerra, velocidade, poder e medo. Neste capítulo, examinamos esses atravessamentos, tomando como principais referências os livros *Bunker archéologie*, *L'insécurité du territoire*, *Vitesse et politique*, *Défense populaire et luttés écologiques* e *L'horizon négatif*. Consideramos que esse percurso se faz necessário e importante no quadro geral de nossa pesquisa, pois ele está diretamente relacionado à hipótese de que a aceleração produz o afeto do medo que impede a relação com o Outro, decisiva para a alteridade. Entendemos que os vínculos da guerra e do progresso dromológico elaborados por Virilio fundamentam em sua perspectiva os regimes de poder responsáveis pela “administração do medo”⁵¹ nas sociedades. Doravante, analisamos a espiral de ultrapassagens produzida pela “dialética ataque-defesa” e a maneira pela qual essa aceleração incessante nos campos dos armamentos e dos meios de transporte, informação e comunicação reconfigura a divisão do poder, desde os tempos remotos, até nossa época. Assim, investigamos os desdobramentos dromocráticos decorrentes dos atravessamentos entre a guerra e a velocidade em diferentes períodos, tentando imaginar, com isso, as transformações operadas no afeto do medo no curso da história.⁵²

⁵¹ A “administração do medo” é um conceito primeiramente utilizado pelo ensaísta em *Bunker archéologie* e, posteriormente, trabalhado em *L'insécurité du territoire*. Essa expressão se refere à administração promovida pelos nazistas no interior da *Festung Europa* como forma de promover o engajamento dos povos dominados na defesa de seus invasores. Para o autor, o medo foi um afeto utilizado pelo Terceiro Reich para a expansão e manutenção de seu domínio (Veremos isso melhor no capítulo 4). A *L'administration de la peur* também nomeia uma entrevista recente do autor realizada por Bertrand Richard (2010).

⁵² Virilio nem era, nem se considerava um historiador. Grande parte de suas análises históricas do progresso dromológico é formulada a partir de dados extraídos das obras de autores como Clastres e Grimal, entre outros. Ainda assim, existe bastante imaginação nos constructos históricos de Virilio. Entendemos, contudo, que isso não inviabiliza de nenhum modo suas análises, uma vez que sua intenção ao recorrer à história não era explicar os fatos ou narrá-los minuciosamente, mas captar tendências.

3.1. O Campo da Guerra como uma Espiral de Ultrapassagens

Paul Virilio, como já observamos, entende que a história não pode ser reduzida à economia política da riqueza: ela deve compreender também a economia política da velocidade. Vimos ainda que o ensaísta considera que o poder está ligado fundamentalmente à velocidade e, só depois, à riqueza. Esses entendimentos ficaram bastante claros quando constatamos que o autor assume que seu trabalho pode ser compreendido como uma tentativa de desvelamento da dimensão dromológica do poder nas sociedades. Ele percebe que a pirâmide da riqueza é uma réplica da pirâmide da velocidade, e isso o conduz à ideia de que aqueles que possuem os meios mais rápidos podem conquistar os territórios e explorar a sociedade. Por isso, Virilio (LOTRINGER, VIRILIO, 1984, p. 49) conclui que “toda sociedade é fundada numa relação de velocidade. Toda sociedade é dromocrática”, acrescentando que tais relações entre a velocidade e o poder são mais visíveis no Ocidente.

Ainda no capítulo anterior, verificamos que o poder, como sinônimo da velocidade, não significa apenas a posse dos meios de produção da aceleração, mas também a capacidade de utilização desses meios para a produção de corpos sem vontade, que sinaliza o controle do espaço e do tempo humanos. Afirmamos que o ensaísta parece elaborar seu conceito de poder como velocidade a partir dos cruzamentos das descrições contidas na hipótese do “estado de natureza”, de Thomas Hobbes, e dos ensinamentos do antigo general chinês Sun Tzu em *A arte da guerra*. Desse modo, verificamos que o poder absoluto significa possuir os meios que propiciem a ausência de oposição aos movimentos originados na vontade do indivíduo. Assim, se o Outro pode representar um obstáculo a tais movimentos, o poder puro consistiria em uma completa submissão desse Outro sem correr os riscos contidos na imprevisibilidade dos combates. Observamos que esse caminho descreve uma busca constante pela maximização do poder com a finalidade da administração integral dos movimentos alheios, extraindo dos Outros inteiramente suas vontades. Nesse sentido, o poder sempre agiria mirando a produção de “corpos sem vontade”. Podemos concluir essa análise dizendo que a insegurança que caracteriza o “estado de natureza” hobbesiano decorre da incerteza do controle do indivíduo sobre os outros. O poder sempre tenta responder ao medo ao mesmo tempo em que o produz. A insegurança permanente leva a uma necessidade de acumulação infinita de poder que, como vimos, é também aceleração da velocidade. Esse raciocínio de fundo parece guiar o pensamento de Paul Virilio, embasando a ideia de que a competição desenfreada pelo poder é um sinônimo de progresso dromológico.

Nas obras de Paul Virilio, observamos que o autor considera que a guerra é um palco privilegiado para o desenvolvimento da velocidade. Sobre isso, o ensaísta francês retoma a ideia do pensador alemão do século XIX, Friedrich Ratzel (apud VIRILIO, 1978, p. 55), que postulava: “a guerra consiste em estender nossas fronteiras sobre o território do outro”.⁵³ Conquistar o território significa também dominar o Outro, tomá-lo de assalto, submetendo-o a uma vontade que lhe é exterior;⁵⁴ já a defesa objetiva impedir a invasão, desacelerando e bloqueando o movimento do inimigo. Tais entendimentos nos mostram que, para Virilio (1978), a batalha delinea um conjunto de oposições entre dentro e fora, assalto e bloqueio, mobilidade e obstáculo, alisamento e rugosidade... Em outras palavras, o autor compreende que a guerra desenha uma dialética própria formada entre o ataque e a defesa. O ensaísta enuncia essa concepção na obra *Défense populaire et lutttes écologiques*:

Quando a possibilidade da fuga pastoral desapareceu com o estabelecimento dos assentamentos agrícolas e a mudança de natureza da riqueza (bens imóveis), ser rapidamente avisado sobre as cercanias não era mais suficiente. *Era necessário também* lhe ‘informar’. Em outras palavras, era preciso tentar preservar, *naquele mesmo lugar*, a vantagem sobre o inimigo. Daí a construção ao redor dos outeiros, dos enclaves, de cercados, de paliçadas protegidas, que pretendiam desacelerar o agressor. O ataque e a defesa então se separam nesse terreno para formar os dois elementos de uma mesma dialética: o primeiro se tornou sinônimo de velocidade, circulação, progressão e mudança; e o segundo, oposição ao movimento, preservação tautológica etc. (VIRILIO, 1978, p 17).⁵⁵

Nessa passagem, Virilio nos apresenta a demarcação que configura a dialética da guerra entre o ataque e a defesa. Também esclarece que, em ambos os lados, se torna necessário manter “uma cabeça de vantagem sobre o inimigo”. Se o ataque é uma progressão, ele demanda meios cada vez mais rápidos, capazes de ultrapassar os bloqueios dos adversários. Os armamentos sempre envolvem movimento ou velocidade. Uma pedra qualquer parada em meio ao campo é

⁵³ Livre tradução retirada de: Ratzel le prétendait déjà au XIXe siècle: “La guerre consiste à promener ses frontières sur le territoire d’autrui”.

⁵⁴ Virilio relaciona o território à energia vital dos povos territorializados. Isso se evidencia quando ele comenta em *Vitesse et politique* acerca da maneira como a guerra total busca destruir a alma do adversário por meio da guerra ecológica: “Atingindo os povos com morte lenta pela destruição de seu habitat, as formas últimas da guerra ecológica moderna retomam bizarramente ‘a alma’ em suas definições primitivas, ‘etnológicas’: ‘mana’, substância potencial não diferenciada do meio, não individual mas plural, multiforme, ‘fluidiforme’, mais ou menos coagulada aqui ou ali nos corpos (sociais, animais, territoriais...)” (VIRILIO, 1996b, p. 79; verificado no original VIRILIO, 1977, p. 81).

⁵⁵ Livre tradução de: “Lorsque l’éventualité de la fuite pastorale disparaît avec l’implantation agricole et le changement de nature de la richesse (un bien non transportable), il ne suffira plus d’être rapidement informé sur son milieu, il faudra aussi l’informer, c’est-à-dire tenter de conserver sur place son avance sur l’ennemi, d’où la construction autour du tertre, d’enclaves protégées, d’enceintes, de palissades, destinées à ralentir l’agresseur. L’attaque et la défense se scindent alors sur le terrain pour former les deux éléments d’une même dialectique: la première devenant synonyme de vitesse, de circulation, de progression, de changement et la seconde comme opposition au mouvement, conservation tautologique etc.”.

um mero objeto sem função preestabelecida; essa mesma pedra acelerada a uma grande velocidade se torna um projétil capaz de penetrar a pele, as armaduras, romper os obstáculos. Por outro lado, a defesa é sempre relativa ao ataque. Ela responde ao assalto criando obstáculos ou armadilhas, adestrando os campos, construindo escudos mais resistentes.⁵⁶ Com o progresso da velocidade dos armamentos, a defesa deve sempre inventar novos meios capazes de controlar o movimento do agressor. Essa transformação contínua para a manutenção da mesmidade é o que Virilio chama de “preservação tautológica”. O ensaísta retoma as afirmações do coronel Delair na obra de Vauban para dizer que a arte defensiva, ainda que ocorra *naquele mesmo lugar*, não escapa à lei geral do mundo: “Estacionar é morrer” (DELAIR apud VAUBAN apud VIRILIO, 1996b, p. 27; verificado no original de 1977).

Nesse sentido, a vantagem na guerra frequentemente significa a busca da superioridade técnica e tecnológica, impulsionando o desenvolvimento contínuo de novos meios de ataque e defesa. Em *L'insécurité du territoire*, o autor ilustra esses avanços analisando o modo como a poliorcética⁵⁷ busca responder às novidades empregadas no assalto, objetivando a preservação da fortaleza:

Desde as origens, o aporte mecânico é determinante: é a transformação técnica da máquina (de assalto) que é o fator principal da transformação da estrutura construída, de sua evolução esquemática; mas esta transformação não é um fator de *mudança*: é literalmente uma *conservação* de natureza tautológica (na Babilônia, para um primeiro recinto de 90 quilômetros, os muros atingiam 26 metros de espessura e 46 de altura, enquanto no Ocidente, devido à ausência das máquinas, de choque ou de escada, eles terão apenas 2 ou 3 metros de espessura, 6 a 8 de altura). Esse duplo fator do progresso tautológico da proteção se perpetua sob ameaça; obstáculo permanente, a fortificação é um mesmo corpo que, todos os dias, em segredo, deve se modificar, porque, assim que ela se paralisa – não aumenta sua resistência –, essa não-progressão lhe é imediatamente fatal e ela desaparecerá (VIRILIO, 1993c, p. 77-78).⁵⁸

Essa impulsão das técnicas e tecnologias de ataque e defesa, porém, não se restringe somente aos armamentos. Paul Virilio observa a importância da fusão dos meios de transporte,

⁵⁶ Paul Virilio (1993) considera que as estruturas defensivas não são menos armamentos do que os meios de ataque.

⁵⁷ No dicionário poliorcética advém do termo grego *Poliorketiké* e significa “Arte de fazer assédios militares ou a de a eles resistir” (DICIO, 2020). Virilio utilizará muito esse termo primeiramente nas obras *L'insécurité du territoire* e *Vitesse et politique* se referindo quase sempre ao Curso de Fortificação Permanente, de Vauban, na École d'application du génie et de l'artillerie.

⁵⁸ Livre tradução de: “Dès l'origine, l'apport mécanique est déterminant: c'est la transformation technique de la machine (d'assaut) que est le facteur principal de la transformation de la structure construite, de son évolution schématique; mais cette transformation n'est pas un facteur de changement, c'est littéralement une conservation de nature tautologique (à Babylone, pour une première enceinte de 90 kilomètres, les murs atteignent 26 mètres d'épaisseur et 46 de haut, tandis qu'en Occident, à cause de l'absence de machines, de choc ou d'escalade, ils auront seulement 2 ou 3 mètres d'épaisseur, 6 à 8 de hauteur). Ce double facteur de progrès tautologique de la protection se perpétue sous la menace; obstacle permanent, la fortification est un même corps qui, chaque jour, dans le secret, doit se modifier, car dès qu'il se périmé – n'augmente pas sa résistance – cette non-progression lui est aussitôt fatale et il disparaît”.

informação e comunicação no campo da guerra. Em *Bunker archéologie*, o autor mostra como o conhecimento integral do campo de batalha sempre foi um fator decisivo para a resolução dos conflitos:⁵⁹

A necessidade de *controlar* uma unidade territorial cada vez maior, de a percorrer em todas as direções (e agora em três dimensões), enfrentando um mínimo de obstáculos, justifica constantemente o aumento da velocidade de penetração dos meios de transporte e da comunicação (o telégrafo de Chappe em Austerlitz) como projéteis de arsenal: primeiro na era da cavalaria, pelo arranjo geométrico do caminho mais curto – aquele da infraestrutura – e, depois, com a invenção das energias de síntese, pela aceleração crescente das velocidades de todos os veículos (VIRILIO, 2008a, p. 25-26).⁶⁰

O conhecimento do terreno inimigo significa para a ofensiva a possibilidade de traçar estratégias que lhe permitam vencer o adversário em seu próprio território. Paul Virilio argumenta que a geografia dos exércitos é um tipo de geografia dinâmica que leva em consideração não apenas as características geofísicas dos campos, mas também as possibilidades de manobras militares nesse espaço. Por isso mesmo, ele afirma que o avanço da representação cartográfica na história esteve muito relacionado à evolução do campo militar. Já para a defesa, é fundamental possuir informações sobre a estratégia de seu adversário antes mesmo do embate. Vimos que a fortaleza antiga era sempre construída em alguma elevação, e a extensão das terras senhoriais era frequentemente ditada pela altura das torres dos castelos (VIRILIO, 1978, 1993c). Essa posição elevada permitia visibilidade integral do território, gerando informações rápidas que possibilitavam à arte defensiva elaborar as contramedidas para a desaceleração do inimigo. Paul Virilio chega até mesmo a afirmar – a partir das análises de Georges Duby – que a expansão da área cultivada e o desflorestamento, ocorridos na era medieval, estavam também relacionados à necessidade defensiva. Eram tentativas de produzir a transparência no interior dos próprios territórios (VIRILIO, 1977, 1996b). Tal necessidade de informação nos dois lados do conflito prova que a dialética da guerra é também marcada pelo par opositivo “surpreender” e “evitar a surpresa”.

Surpreender significa agir rapidamente causando um “acontecimento que sobrevém de repente” (BORBA, 2011, p. 1326); logo, evitar a surpresa é impedir essa ação inesperada por

⁵⁹ Esses entendimentos são claramente retirados dos ensinamentos de Sun Tzu (2002).

⁶⁰ Livre tradução de: “La nécessité de contrôler un ensemble territorial sans cesse plus vaste, de le parcourir en tous sens (et dans les trois dimensions désormais) en rencontrant un minimum d'obstacles, a constamment justifié l'accroissement de la vitesse de pénétration des moyens de transport et de communication (le télégraphe Chappe à Austerlitz) comme des projectiles de l'arsenal: tout d'abord à l'époque de la cavalerie, par l'aménagement géométrique du plus court chemin – celui des infrastructures – puis, avec l'invention des énergies de synthèse, par l'accélération croissante des vitesses de l'ensemble des véhicules”.

meio de uma antecipação da agressão, uma reação antes da própria ação. Sobre o ataque, pondera Virilio (2008a, p. 28): “a velocidade sempre foi a vantagem e o privilégio do caçador e do guerreiro. Corrida e perseguição estão no coração de todos os combates”.⁶¹ No entanto, desde a Antiguidade, a ofensiva nunca significou somente uma descarga desorientada de velocidade: os assaltantes sempre procuraram despistar suas reais intenções, até mesmo seus verdadeiros movimentos, objetivando surpreender o inimigo, pegá-lo completamente desprevenido. Por isso, o ensaísta considera que, “de fato, a arte da guerra participa de uma estética da desapareição que é provavelmente toda a história” (VIRILIO, 1984b, p. 100).⁶² Essas ideias encontram respaldo nas lições de Sun Tzu (2002, p. 117) quando o general chinês afirma que “é da natureza do exército enfatizar a velocidade, obter vantagem da ausência do inimigo, viajar por estradas imprevisíveis e atacar quando ele não está alerta”. E ele ainda acrescenta: “ataca onde eles não estão preparados. Avança onde eles não esperam” (p. 52).

Por outro lado, Virilio (1993c) compreende que o aumento da velocidade na ofensiva produz a necessidade, no campo da defesa, de antecipação e previsão das ações do inimigo. Assim, ele capta a tendência do progresso dromológico para a arte defensiva: um aprimoramento constante marcado pela busca por “transparência, ubiquidade, conhecimento total e instantâneo; esses são os elementos necessários para a sobrevivência” (VIRILIO, 2008a, p. 45).⁶³ Como veremos ainda neste capítulo, o autor caracteriza a fortaleza antiga como uma caixa de surpresas, um campo de armadilhas, repleto de obstáculos e aberturas programadas, formando um labirinto com o objetivo de controlar e prever todos os movimentos dos adversários, antecipá-los. O ensaísta explica também que a altura dos torreões permitia não apenas vislumbrar as ameaças, mas também elaborar previsões sobre as possíveis movimentações dos inimigos. Essa tendência defensiva ainda estará presente, muito tempo depois, nos planos da construção da *Festung Europa*, a fortaleza continental de Hitler, criada como resposta à retomada territorial eminente dos países Aliados no decorrer da Segunda Guerra Mundial. Nessa infraestrutura com dimensões gigantescas, a defesa não se restringia à construção da *Atlantikwall*: a fortaleza seria recoberta inteiramente por uma grande rede de radares que produzia a visibilidade integral do espaço aéreo do continente europeu, completada

⁶¹ Livre tradução de: “La vitesse a toujours été un avantage et un privilège du chasseur, du guerrier. La course, la poursuite sont au cœur de tous les combats”.

⁶² Livre tradução de: “En fait, l’art de la guerre participe d’une esthétique de la disparition qui est probablement toute histoire”.

⁶³ Livre tradução de: “La transparence, l’ubiquité, la connaissance totale et instantanée, voilà ce qu’il faut pour survivre”.

por um sistema de comunicação para a delação em massa, buscando promover uma perfuração total do espaço dominado e, com isso, prever as ações dos adversários (VIRILIO, 2008a).

Em suma, Paul Virilio deixa claro que, na dialética formada entre o ataque e a defesa, o essencial é sempre estar um passo além, ultrapassar o inimigo, no curso histórico do progresso dromológico. Em *L'horizon négatif*, ele considera:

Para aqueles que perseguem, é preciso então abolir o intervalo, preencher os interstícios; quanto àqueles que escapam, seu armamento é menos um meio de destruição do que um meio de distanciamento. Eles se ocupam apenas daquilo que os separa e devem sua salvação à manutenção da lacuna, ao espaçamento, a dez passos um do outro, o que enfatiza ainda mais o isolamento de suas marchas (VIRILIO, 1984b, p. 100).⁶⁴

Os meios de velocidade permitem, assim, ao assaltante “preencher o intervalo”, alcançar seu adversário e penetrá-lo. Já as estruturas defensivas procuram imprimir distância, oferecendo resistência à ofensiva e fornecendo instantaneamente informações que servem às antecipações e previsões sobre as ações do inimigo. Portanto, se o assaltante deseja avançar sua fronteira sobre o território estrangeiro, a defesa, por sua vez, mira promover o avanço que é também uma fuga no tempo, criando técnicas e tecnologias de controle dos movimentos do inimigo. Desse modo, essa dinâmica que parece definir o próprio evolucionismo do campo militar delineia uma espiral de ultrapassagens. A velocidade como fator decisivo nos dois lados da luta gera a aceleração, impulsionando o desenvolvimento de armamentos mais velozes e penetrantes, de couraças mais resistentes e de tecnologias de transporte, informação e comunicação cada vez mais rápidas.

Neste ponto, podemos passar à análise dessa espiral de ultrapassagens, iniciando pelas descrições do ensaísta acerca dos embates, das táticas e da vida em campo livre, passando pela fundação das cidades e das fortalezas, e alcançado o chamado Império dos Mares. Esse percurso histórico apresenta as trocas na ordem da velocidade. Por meio dele, somos capazes de observar o modo como tais transformações produzem modificações nos regimes dromocráticos, bem como mutações nas condições do medo ao longo da história. Dessa maneira, encerramos o capítulo buscando atingir as bordas da contemporaneidade. O panorama que traçamos a partir das obras de Virilio se presta, então, ao exame das alterações históricas nas relações entre a guerra, o poder e a velocidade nas eras passadas. Assim, estaremos mais aptos a compreender

⁶⁴ Livre tradução de: “Pour ceux qui poursuivent, il faut alors abolir l’intervalle, combler l’instertice, quant à ceux qui s’échappent, leur armement est moins un moyen de destruction qu’un moyen de distanciation, ils n’habitent que ce qui les sépare et ne doivent leur salut qu’au maintien de l’écart, jusqu’à l’espace, à dix pas l’un de l’autre, qui souligne encore l’isolement de leur marche”.

continuidades, rupturas e deslocamentos nas condições do medo contemporâneo, geradas pelos processos de aceleração atuais. Para nós, tais características afetivas de nossos contextos levam ao fechamento geral que inviabiliza as condições de possibilidade das relações com o Outro e com o outro que é si mesmo, produzindo o declínio da alteridade.

3.1.1. O CAMPO LIVRE E O EMBATE ENTRE VEÍCULOS METABÓLICOS

Logo no início de *Défense populaire et lutttes écologiques*, Virilio (1978) especula acerca das origens da “ação de guerra”:

Originalmente, a “ação de guerra” se inicia no pugilato espontâneo, no qual os combatentes tinham que demonstrar reflexo, força física, agilidade e astúcia no campo aberto... Não existia *condução de guerra* por assim dizer, em outras palavras, *nenhum cenário*, nenhum teatro preparado antecipadamente. O ato de violência era verdadeiramente parte do conjunto ainda mal definido de trocas sociais e não era mais distinto dele do que os próprios homens, que, vivendo isolados ou em pequenos grupos étnicos, não se mostravam nem deixavam pistas de sua presença em seu ambiente (VIRILIO, 1978, p. 15).⁶⁵

Essa passagem nos mostra as características dos combates em “campo aberto” ou campo livre. O ensaísta explica que, nos primórdios da guerra, os homens não construíam obstáculos ou fortificações; “eles sabiam perfeitamente bem como usar seus entornos para se camuflar, mover ou escapar, mas *não para se proteger*” (VIRILIO, 1978, p. 15-16).⁶⁶ Disso resulta o que já vimos: se o ataque almeja a superação da distância em relação ao inimigo, a defesa objetiva a expansão do intervalo que separa o indivíduo de seu perseguidor. Esse distanciamento significa uma fuga do campo de visão do adversário. Assim, aparecer e desaparecer são fatores fundamentais para a decisão das perseguições. Para a ofensiva, aparecer de repente pode significar surpreender seu adversário, negando-lhe a possibilidade de qualquer reação; já, para a defesa, desaparecer é o mesmo que escapar de seu predador, o que representa uma chance de sobrevivência, evitando o combate corporal imprevisível e, por isso mesmo, possivelmente mortal. Dessa maneira, nos dois lados da dialética, as técnicas de camuflagem são instrumentos

⁶⁵ Livre tradução de: “à l’origine, ‘l’action de guerre’ tenait du pugilat instantané, où il fallait faire preuve de réflexe, de force physique, d’agilité, de ruse dans le champ libre... Il n’y avait pas de *conduite de la guerre* proprement dite, c’est-à-dire pas de *scénario*, pas de théâtre préparé à l’avance. L’acte de violence faisait réelement partie de l’ensemble encore mal circonscrit des échanges sociaux et ne s’en distinguait pas davantage que les hommes eux-mêmes, vivant en isolément ou par petits groupes ethniques, ne se montraient ou signalaient leur présence dans leur environnement”.

⁶⁶ Livre tradução retirada de: “ils n’utilisaient pas d’obstacles ou de fortifications artificielles et savaient à la perfection se servir de leur milieu pour se camoufler, se déplacer, se dérober mais *non pour se défendre*”.

imprescindíveis, seja para disfarçar as armadilhas e emboscadas, seja para despistar os perseguidores sem necessariamente produzir um distanciamento geográfico.

Uma vez superada a distância existente entre perseguidores e presas, inicia-se o embate “mão a mão”. Na luta corporal, munidos ou não de armas, escudos ou armaduras, os oponentes buscam imobilizar seu adversário. Se Paul Virilio define o corpo como um veículo metabólico, o ataque e a defesa durante o duelo desejam justamente extrair a capacidade de movimento do corpo do inimigo, o que pode se dar por amarras, por desmaio e, mesmo, por assassinato. Nesse caso, a igualdade frequente de forças e habilidades dos seres humanos cria a imprevisibilidade do combate; os adversários estão muito próximos da morte. Por isso, a utilização da velocidade para a superação de seu oponente é sempre desejável; a fuga é ação quase instintiva diante da morte eminente. O “medo da morte violenta”, descrito por Hobbes (2003) e que comparece no fundo da obra de Virilio, cria um primeiro impulso técnico e tecnológico que lança os homens nas sendas do progresso da velocidade.

Esses entendimentos, obtidos a partir do desdobramento das análises do ensaísta francês, nos mostram por que, nessas origens da guerra, “o ato de violência era verdadeiramente parte do conjunto ainda mal definido das trocas sociais”. Dissemos no capítulo anterior que a propriedade está diretamente relacionada com o progresso da velocidade. Essa ideia de Virilio, como vimos, estava inteiramente amparada na conclusão hobbesiana de que, no estado de natureza, pode existir no máximo a posse momentânea dos bens. Desse modo, o autor define a propriedade como uma tentativa de retirar os bens definitivamente do alcance dos outros, por meio da criação de obstáculos. No campo livre, porém, a vida se dá em um ambiente hostil, sem tais resistências. Por isso, a luta corporal entre os seres humanos significa uma forma de troca, ainda que violenta, com os outros. Conforme vimos, se quisermos aqui complementar as ideias de Virilio, podemos recorrer às descrições de Thomas Hobbes (2003) sobre o estado de natureza, isto é, observar que, na vida em campo livre, a igualdade de meios e a ausência da propriedade expõe os seres humanos ao medo constante e aos riscos de morte violenta, de tal modo, que a vida é solitária, brutal e curta.

A vida nesses primórdios seria uma luta constante pela sobrevivência; ela seria o mesmo que a guerra – “a guerra de todos contra todos” conforme a acepção hobbesiana. Disso resultaria o entendimento de que o campo livre é igualmente um espaço em que impera o medo constante, que reclama atenção total aos sinais de perigo dos arredores. A desatenção pode significar a surpresa mortal, a impossibilidade da fuga, o fim do movimento. Assim, esse medo, que provém da condição de igualdade física, técnica e tecnológica dos homens nessas origens, leva à busca de acúmulo de poder e velocidade.

Nesse estágio, como vimos, o poder ainda se confunde com os reflexos, a força física, a agilidade e a astúcia individuais. Contudo, uma vez desencadeado o progresso dromológico, o poder se torna também a capacidade inventiva de técnicas e meios de velocidade. Virilio (1984b) afirma que uma das principais formas de poder nessas origens do ato de guerra era a capacidade de controle sobre outros corpos ou veículos metabólicos. O domínio masculino sobre as mulheres e o adestramento dos animais se dão como respostas aos desafios da luta e da sobrevivência em ambiente hostil. No início de *L'horizon négatif*, o ensaísta analisa o modo como, na sociedade pastoril, os homens passaram da caça aos animais à perseguição das mulheres e, então, de outros homens. Sobre o controle masculino dos corpos femininos, ele afirma: “podemos dizer que a fêmea é o meio que o macho encontrou para se reproduzir, isto é, *vir* ao mundo. Nesse sentido, a mulher é o primeiro meio de transporte da espécie, o primeiro veículo” (VIRILIO, 1984b, p. 35).⁶⁷ Assim, as mulheres eram vistas nessas sociedades como uma espécie de *estoque vivo* capaz de criar outros veículos metabólicos. Além disso, Virilio (p. 37) complementa,

(...) bem antes dos animais, a mulher servia como besta de carga; como o rebanho, ela trabalhava nos campos, controlada e supervisionada pelo homem. Nas migrações, durante os confrontos, ela carregava a bagagem, bem antes da utilização dos burros domesticados, ela é o único ‘meio de transporte’. Ao garantir o carregamento, a mulher permite que o caçador necessitado se especialize no duelo homossexual, ou seja, se torne um caçador de homens, um guerreiro.⁶⁸

Posteriormente, os homens criam as técnicas de domesticação e adestramento de outras espécies. O treinamento dos cães permitiu aos seres humanos o desenvolvimento da atividade de pastoreio de rebanhos semisselvagens (VIRILIO, 1978, 1984b); já os cavalos possibilitaram o alcance de maiores velocidades e distâncias, levando ao aperfeiçoamento das artes da caça, da perseguição e da guerra. Para Virilio (1993c), a montaria significou uma primeira troca na ordem das velocidades e, por isso mesmo, o cavalo pode ser entendido como um arquétipo veicular. O ensaísta entende que a montaria é uma tática de guerra, porque ela evita a fadiga corporal da viagem pedestre ao mesmo tempo em que permite a aquisição de velocidades

⁶⁷ Livre tradução retirada de: “on pourrait dire que la femelle est le moyen qu’a trouvé le mâle pour se reproduire c’est-à-dire pour *venir* au monde. En ce sens, la femme est le premier moyen de transport de l’espèce, son tout premier véhicule, le second serait la monture avec l’énigme de l’accouplement de corps dissemblables appareillés pour la migration, le voyage commun”.

⁶⁸ Livre tradução de: “bien avant l’animal de bât, le femme sert de bête de somme; como le troupeau, elle travaille dans le champs, contrôlée et surveillée par l’homme. Dans les migrations, au cours des affrontements, elle porte le bagage, bien avant l’utilisation de l’âne domestique, elle est l’unique ‘moyen de transport’. En assurant ainsi le portage, la femme permet au chasseur besogneux de se spécialiser dans le duel homosexuel, c’est-à-dire de devenir un chasseur d’hommes, un guerrier”.

inauditas. O acoplamento do homem com o animal – essa heterossexualidade da zoofilia – permite a contração do espaço, criando a vantagem para os caçadores e os guerreiros. O domínio sobre esses novos veículos metabólicos produz uma divisão de poder, marcando o início de outra desigualdade. O autor explica: “aquele que está ‘montado’ domina aqueles que permanecem no solo, ele os domina pela elevação de sua montaria, mas também e principalmente pela força motriz de seu animal” (VIRILIO, 1984b, p. 42).⁶⁹ Desse modo, Virilio compreende que os caçadores cavaleiros controlam todos aqueles que estão atados ao solo justamente pela aceleração da velocidade, o que o leva a concluir que mesmo os primeiros passos do progresso dromológico já produzem certos desdobramentos dromocráticos.

O ensaísta afirma que grande parte do poder dos caçadores e dos guerreiros se dava pelo controle da distribuição dos alimentos no interior do grupo, o chamado *food power*, bem como pela proteção em relação às ameaças dos Outros (VIRILIO, 1977; 1993c; 1996b). As técnicas de domesticação e adestramento dos animais parecem reforçar essa dominação ao produzir uma cisão grupal entre aqueles que controlavam e coordenavam os vetores e todos os demais. Nesse sentido, observamos o deslocamento da ideia de poder que, doravante, se alinha apenas de maneira secundária, e cada vez menos, ao atributo da força física dos corpos individuais e às terríveis violências que eles são capazes de produzir. O autor afirma: “o derramamento de sangue e o assassinato imediato são contrários ao uso ilimitado da violência, isto é, sua economia” (VIRILIO, 1984b, p. 37).⁷⁰ Assim, mesmo nas origens do ato de guerra, Paul Virilio já observa o aparecimento daquele tipo de violência cujo produto é a criação dos “corpos sem vontade”, de uma matilha animal e humana capaz de obedecer “a uma lei que às vezes nem mesmo conhece, mas que poderia recitar em sonho” – como definiu Joseph Goebbels (apud VIRILIO, 1996b, p. 20), alguns milênios mais tarde.

Em suma, observamos aqui o modo como, segundo Paul Virilio, os começos da guerra, no tempo remoto em que ela se confundia com o conjunto da vida em campo livre, ao estimular os primeiros passos do progresso dromológico, também deu origem ao avanço em direção ao poder puro, pensado pelo autor a partir dos ensinamentos de Sun Tzu. Como vimos no capítulo anterior, o general chinês registrou, alguns séculos antes de Cristo, que os melhores em empregar a força militar conseguem subjugar os outros povos sem a necessidade de iniciar uma batalha (SUN TZU, 2002). A esses entendimentos, ele acrescenta algumas palavras sobre a

⁶⁹ Livre tradução de: “Celui qui est ‘monté’ domine ceux qui demeurent au sol, il les domine de la taille para l’élévation de sa monture, mais ausi et surtout par la force motrice de son animal de selle”.

⁷⁰ Livre tradução de: “L’effusion de sang, la mise à mort immédiate sont contraires à l’usage illimité de la violence c’est-à-dire à son économie”.

capacidade do chefe militar de controlar seus próprios batalhões: “quem emprega o poder estratégico comanda os homens em batalhas como se fossem toras e pedras em movimento” (p. 77). No fundo, o poder é a capacidade da criação dos “corpos sem vontade”, ou seja, ele consiste em tornar os outros membros de uma comunidade meros instrumentos para a realização do ataque ou da defesa, o que leva ao próprio acúmulo de poder nesses primeiros momentos. O medo dirigido ao Outro, exterior ao grupo, que se traduz na ameaça contínua, gerando uma tensão permanente, promove uma primeira distinção entre caçadores/guerreiros/cavaleiros e mulheres, escravos e animais domesticados, que são apenas pedras ou toras paradas ou em movimento, seguindo as prédicas de uma vontade alheia – que é a vontade daqueles que detêm o poder sobre o grupo. Paul Virilio, portanto, nos possibilita mostrar como a divisão do poder obedece nas origens à ordem das velocidades. Essa divisão decorre do medo produzido pelos não membros que impõem o controle, ainda que difuso, da vida no interior dos primeiros agrupamentos humanos.

3.1.2. DAS ROTAS ÀS CIDADES: A FORTALEZA COMO “MÁQUINA” DE DEFESA

No capítulo anterior, dissemos que Virilio se aproxima dos entendimentos de Hobbes ao observar que, antes do aparecimento de certas condições históricas, era impossível a existência da propriedade. Lembremos o que ensaísta entende que existe uma hierarquia da velocidade em todas as sociedades, uma vez que toda propriedade demanda também a posse dos melhores meios de controle e defesa.

Possuir os melhores meios de controle e defesa de um determinado terreno é também possuir os melhores meios de velocidade. Os cavalos permitiram não apenas o aparecimento da hegemonia que dividiu o poder no interior dos grupos humanos; eles possibilitaram igualmente o início da colonização do território. Se, como vimos, as mulheres serviram de animais de carga nos primeiros estágios do progresso dromológico, a montaria não só aumentou essa capacidade de carregamento, mas também permitiu o deslocamento em maiores velocidades e o alcance de grandes distâncias necessárias para a defesa do território. Paul Virilio explora essas relações na história da Antiguidade: “na Mesopotâmia, há uma posse da terra ligada às técnicas da “guerra de corrida”; o monarca distribui o território a uma elite do movimento, aqueles que passam rapidamente são os donos da terra” (VIRILIO, 1984b, p. 50).⁷¹ Em Roma, o autor observa igualmente a formação de uma aristocracia da velocidade com a Ordem Equestre Romana,

⁷¹ Livre tradução de: “en Mésopotamie, il y a une possession de la terre qui est liée aux techniques de la ‘guerre de course’, le monarque distribue le territoire à une élite du mouvement, ceux qui passent vite possèdent la terre”.

marcando a emergência de uma primeira elite econômico-militar bem definida. Assim, ele nos mostra como a posse da terra e, conseqüentemente, a riqueza nesses primeiros estágios estavam direta ou indiretamente ligadas ao processo de domesticação dos cavalos e ao crescimento da capacidade defensiva proveniente do acoplamento heterossexual zoofílico entre diferentes veículos metabólicos.

Virilio (1977, 1978, 1984a, 1993c, 1996b, 2008b), contudo, investiga o modo como a passagem do movimento pedestre ao equestre demandou a produção de infraestruturas viárias, impulsionando os processos de transformação do próprio território. Em *L'insécurité du territoire*, o autor define a infraestrutura viária como um *veículo estático* que é “indispensável às viagens do veículo ‘dinâmico’, que o utiliza, porque ele permite ‘superar’ as asperezas mais ou menos acentuadas do relevo, os mais diversos obstáculos” (VIRILIO, 1993c, p. 246).⁷² Como vimos em citação anterior, a organização geométrica da rota mais curta estava diretamente relacionada com a necessidade de controlar o território. Tais estradas, ainda rudimentares, permitiam ao exército de defesa alcançar mais rapidamente as fronteiras, preparar o campo de batalha e planejar estratégias de desaceleração do inimigo-invasor. Além disso, essas rotas estratégicas serviam também para a circulação de informações, o que era fundamental ao exercício do poder sobre o território (VIRILIO, 1984b). Por isso mesmo, Virilio (2008a) afirma que algumas dessas estradas e passagens seriam completadas com a construção de fortificações que tinham como principal objetivo protegê-las.

Sobre a relevância da circulação de informações para a defesa dos territórios, o ensaísta argumenta:

O poder político e policial, como poder do conhecimento, resultou diretamente da capacidade de coletar dados por uma casta privilegiada de mensageiros (condutor de charretes, corredores, cavaleiro...) capaz de extrair informações das regiões mais distantes; ‘informações gerais’ antes da cobrança de impostos, o que lhes garantia, portanto, indiretamente, o controle estratégico e econômico do país (VIRILIO, 1984b, p. 222).⁷³

O autor ainda lembra a importante função desempenhada por aqueles que possuíam o conhecimento e o direito da utilização dos pombos-correios durante a era medieval. Assim, essa “casta privilegiada dos mensageiros” cumpre um papel fundamental: ela permite a ligação entre o centro e a periferia, possibilitando a rápida circulação de informações no interior dos

⁷² Livre tradução de: “indispensable aux voyages du véhicule dynamique que l'emprunte, puisqu'il lui permet de ‘fanchir’ les aspérités plus ou moins accentuées du relief, les obstacles les plus divers”.

⁷³ Livre tradução de: “Le pouvoir politique et policier, en tant que pouvoir-savoir résultait donc directement des capacités de prélèvement des données par une caste privilégiée de messagers (conducteur de chars, coureur fieffé, cavalier...) capable de soutirer l'information jusqu'aux contrées les plus lointaines, ‘renseignements généraux’ préables au prélèvement de l'impôt et donc, indirectement, au contrôle stratégique et économique du pays”.

territórios. Por um lado, ela informa o centro sobre as possíveis ameaças que se aproximam das fronteiras; por outro, ela transmite às periferias as ordens dos comandantes. Para Virilio (1993c), esse duplo movimento seria posteriormente reintroduzido na defesa dos territórios dos Estados nacionais, levando ao crescimento das diversas formas de vigilância e controle das fronteiras do território.

Se as estradas, rotas e passagens permitiam a circulação mais rápida dos exércitos e das informações necessários ao exercício defensivo, isso demonstra a maneira como a defesa busca superar, a seu modo, a velocidade de seu oponente, criando a resistência estratégica que objetiva provocar sua desaceleração. Dessa capacidade de planejamento da guerra por meio da preparação do campo de batalha resulta grande parte da vantagem defensiva. Segundo o general chinês Sun Tzu (2002, p. 82), “em geral, quem quer que ocupe primeiro o campo de batalha estará confortável, quem quer que ocupe o campo de batalha depois e tenha que correr para o conflito estará fatigado. Assim, quem excele na guerra compele os homens e não é compelido por outros homens”. Desse modo, Paul Virilio nos mostra como, a partir do estabelecimento do território, o distanciamento da defesa em relação às forças de ataque não ocorre mais no espaço, mas no tempo. Em outras palavras, torna-se necessário reagir antes mesmo das ações dos adversários, ocupar antecipadamente o campo de batalha, preparar estratégias, planejar armadilhas etc. Para a realização de tais planos defensivos, é necessária a capacidade de agir em qualquer espaço no tempo correto. Logo, percebemos como, mesmo nesses primeiros estágios, o ideal da defesa é a produção da ubiquidade e da instantaneidade. Mais uma vez, como vimos, “transparência, ubiquidade, conhecimento total e instantâneo; esses são os elementos necessários para a sobrevivência” (VIRILIO, 2008a, p. 45).⁷⁴

A ubiquidade não significa apenas a característica daquele “que está em toda parte ao mesmo tempo” (BORBA, 2011, p. 1400), mas também a capacidade de agir em todos os lugares. A instantaneidade, por sua vez, é a propriedade daquilo “que se produz ou se processa imediatamente” (p. 777). Essas duas características são obviamente ideais e se sustentam sobre a figura da transparência. Com as análises de Virilio, constatamos que a transparência significa a total visibilidade do espaço, uma perfuração integral obtida por meio da imposição de uma geometria capaz de reduzir as opacidades inerentes à materialidade. Nesse sentido, os ideais do espírito da defesa produzem uma vontade de intervenção total no território dominado, propondo o artifício humano como uma resposta às liberdades naturais de movimento dos inimigos. Nas palavras do autor:

⁷⁴ Livre tradução de: “La transparence, l’ubiquité, la connaissance totale et instantanée, voilà ce qu’il faut pour survivre”.

Então, é contra esse conjunto mal definido de liberdades, chances e incertezas, esse *caos* do ambiente natural e movimentos espontâneos que podem ocorrer ali que, desde o início, a inteligência militar lutará; é sua primeira definição, aquela que funda a coerência da realização do conceito de guerra no tempo e no espaço, *sua condutividade* (VIRILIO, 1978, p. 16).⁷⁵

No entanto, podemos imaginar as inúmeras dificuldades de transformação dos territórios com os meios disponíveis na Antiguidade. Por isso, ainda que todos esses ideais já estivessem presentes no início da história da inteligência militar – como é possível ver no livro de Sun Tzu, por exemplo –, o exercício da defesa não ocorria, senão secundariamente, em grandes extensões de terra. A *condutividade* da guerra seria quase impossível em tais condições – o que ficaria provado milênios mais tarde com a impossibilidade de defesa da *Festung* Europa por parte dos nazistas (VIRILIO, 2008a). As estratégias defensivas empregadas no campo aberto, nas fronteiras dos territórios, tinham menos a função de imobilizar completamente o inimigo do que de impor uma gradual desaceleração que permitisse a fuga dos camponeses para as fortalezas e uma correta preparação do campo de batalha nos limites das cidades fortificadas (VIRILIO, 1993c). Assim, Virilio entende que, até certa época, a proeza militar defensiva se deu pela construção de muralhas e cercos capazes de impor uma resistência quase inexpugnável, levando à paralisação dos movimentos ofensivos.

O ensaísta considera que o aparecimento das cidades na história pode ser relacionado a esses objetivos de defesa. Na entrevista a Sylvere Lotringer, ele explica:

Em planejamento urbano há duas grandes escolas de pensamento: para uma delas, a origem da cristalização da cidade, da sedentariedade urbana é o mercantilismo; para outra – a minoritária, com Phillip Toynbee – é a guerra; o comércio só vem depois. Obviamente eu me situo na minoria, que sustenta que a cidade é o resultado da guerra ou, pelo menos, da preparação para a guerra (LOTRINGER, VIRILIO, 1984, p. 15).

E o autor continua:

Na guerra antiga, a defesa não consistia em acelerar mas em retardar. A preparação para a guerra era a muralha, o baluarte, a fortaleza. E foi a fortaleza como fortificação permanente que instituiu a cidade em permanência. A sedentariedade urbana está, assim, vinculada à durabilidade do obstáculo. Quer seja o baluarte da *oppidum* – da vila espontaneamente fortificada do sul da Itália – ou aquele da cidade antiga, a muralha circundante está ligada à organização da guerra enquanto organização de um espaço (LOTRINGER, VIRILIO, 1984, p. 16).

⁷⁵ Livre tradução de: “C'est donc contre cet ensemble mal défini de libertés, de hasards et d'incertudes, ce *chaos* du milieu naturel et des mouvements spontanés qui peuvent s'y produire que, dès l'origine, l'intelligence militaire va lutter, c'est là sa première définition, celle qui fonde la cohérence de la réalisation du concept de guerre dans le temps et l'espace *sa conductibilité*”.

A permanência de uma estrutura no tempo significa um transporte coletivo o longo da história que não pode se dar sem um conjunto de ações cuja finalidade é aquilo que Paul Virilio chama de preservação tautológica. Dissemos que o ensaísta entende que, para permanecer no tempo, para durar, a fortaleza deve se modificar secretamente todos os dias como modo de impor uma resistência continuada ao inimigo/invasor. Vimos também que as estruturas defensivas eram relativas às técnicas e aos instrumentos utilizados pelo adversário. Desse modo, a evolução dos meios de guerra cria a necessidade de um constante aprimoramento das técnicas de defesa. Então, Virilio conclui sobre esse exercício de transformação contínua da fortaleza: “sua permanência estrutural se tornou uma modificação perpétua; prova pelo absurdo de sua existência: ela não existe mais, exceto em relação à sua possível inexistência” (VIRILIO, 1993c, p. 78).⁷⁶

O autor afirma que a fortaleza com sua muralha abre um campo de previsões acerca dos movimentos dos inimigos (VIRILIO, 1993c). Os diferentes níveis, as escadas, as aberturas, transformam a cidade fortificada em um imenso labirinto ou “uma espécie de caixa de surpresas” (GENERAL DE VILLEMOSY apud VIRILIO, 1993c, p. 79). Assim, a própria infraestrutura construída desempenha uma função de desaceleração dos invasores. A muralha exterior possibilita prolongar indefinidamente o combate, enquanto os campos de armadilhas, os becos, as torres, os portões, em suma, toda a organização do interior, impedem o inimigo de alcançar os níveis superiores da cidade, para onde se retiram os indivíduos eleitos da sociedade. Dessa forma, a fortaleza é um tipo de cidade máquina que atua por si mesma contra os avanços dos adversários. Em *Vitesse et politique*, Paul Virilio afirma que essa máquina defensiva atua no sentido de evitar o derramamento de sangue, a carnificina, buscando dissuadir seu opositor, imobilizá-lo. Essa desaceleração é uma consequência da construção de um universo topológico formado por “um conjunto de mecanismos capaz de receber uma forma definida de energia (nas circunstâncias, a massa móvel dos agressores), *transformá-la e, finalmente, restituí-la sob uma forma mais apropriada...*” (VAUBAN apud VIRILIO 1996, p. 25; verificado no original de 1977).

A transformação da energia do agressor em outra forma de energia “mais apropriada” é uma coação e um controle sobre os movimentos do adversário. Em *L'insécurité du territoire*, o autor mostra como esse universo topológico permite à defesa a superação do ataque por meio da previsão das ações. Programar aberturas e fechamentos que não podem ser alterados significa

⁷⁶ Livre tradução de: “Sa permanence structurelle est devenue celle d'une perpétuelle modification; preuve par l'absurde de son existence, elle n'existe plus que par rapport à son éventuelle non-existence”.

fazer com que os invasores procedam de uma determinada maneira, impossibilitando qualquer atitude imprevista; significa também extrair do inimigo sua vontade de movimento, obrigando-o a agir conforme um princípio que lhe é exterior (VIRILIO, 1993c). Com isso, o espírito da defesa busca “interditar psíquica e moralmente a possibilidade do adversário de renovar as suas hipóteses pelo planejamento do espaço que deverá ser atravessado, do tempo dado para viver” (VIRILIO, 1978, p. 18-19).⁷⁷ Assim, essas proezas defensivas garantem maior probabilidade de condução da guerra contra os inimigos, ao menos, até determinado momento histórico.

Vimos que, na dialética da guerra, os avanços da arte defensiva impulsionam a evolução das estratégias de ataque. As epopeias atribuídas a Homero demonstram bem o modo como o ataque poderia superar a defesa, no tempo em que as estruturas construídas da fortaleza eram capazes da produção do distanciamento defensivo contra o invasor. A *Ilíada* é a narrativa da batalha no exterior dos muros da cidade de Troia. Além de narrar a resolução das disputas entre Aquiles e Agamenon, com a morte de Pátroclo, e a luta entre o herói grego e o troiano Heitor, essa epopeia nos mostra como a morte do mais capaz dos inimigos pelo guerreiro mais forte ainda assim era insuficiente para o desfecho do conflito que já durava mais de uma década. As muralhas eram a garantia troiana contra o exército grego; a fortaleza inexpugnável não ruiu nem mesmo com a morte de seu herói; era necessário algo mais para as forças de ataque (HOMERO, 2005). A estratégia do cavalo de Troia, descrita na *Odisseia*, apresenta a forma como a ofensiva grega procedeu para avançar ante as estruturas defensivas troianas. Como não existia uma força capaz de superar as resistências impostas pelas muralhas da cidade, era necessário um plano mais audacioso. Os gregos fingiram a retirada e deixaram na praia um cavalo de madeira construído por Epeio como um sinal de paz. Esse cavalo, que foi levado para o interior da cidade pelos próprios troianos, era na verdade um engodo, pois dentro dele se escondiam Ulisses e outros guerreiros gregos. Desse modo, ao surpreender o adversário, o ataque ultrapassou os limites da defesa, ganhando a dianteira na guerra, o que levou à ruína troiana (HOMERO, 2013).

As epopeias de Homero não apresentam apenas as dificuldades da ofensiva frente a uma defesa inexpugnável, o universo topológico da fortaleza. Elas nos permitem imaginar também as condições do medo no tempo em que a arte defensiva levava a vantagem sobre as estratégias de ataque no percurso da dialética da guerra que, como vimos, descreve igualmente o progresso dromológico. Se não existem velocidades capazes de superar as resistências, a cidade se torna

⁷⁷ Livre tradução retirada de: “C’est l’objet même de l’information stratégique que d’interdire physiquement et moralement à l’adversaire le renouvellement de ses hypothèses par l’aménagement de l’espace donné a parcourir, du temps donné a vivre”.

um espaço seguro. Em *Política*, Aristóteles (1985) afirma que o objetivo da *polis* era mais do que garantir a defesa e sobrevivência de seus membros: ela intentava alcançar a *Eudaimonia* para o conjunto de seus cidadãos. Contudo, podemos perguntar: não estaria o extraordinário refinamento da cultura urbana, o desenvolvimento de uma vida guiada pela palavra (ARENDDT, 2005), diretamente atrelado à resistência defensiva da cidade antiga? Em *Défense populaire et lutttes écologiques*, Virilio (1978, p. 23) afirma que “a cidade-estado não é mais do que um exército que estaciona sobre um território inimigo e estabelece um posto defensivo”.⁷⁸ Ele completa: “a assembleia democrática (dos iguais) é uma assembleia militar-política e não o inverso” (VIRILIO, 1978, p. 24).⁷⁹

Nessas condições, o medo daqueles que viviam no interior das muralhas ou era dirigido para as discordâncias internas, ou para as ameaças exteriores. Séculos mais tarde, o líder chinês Mao Tsé-Tung (apud VIRILIO, 2008a, p. 39) anuncia o elemento fundamental para o espírito de defesa: “somente o povo pode construir tais fortificações e somente ele as pode manter”.⁸⁰ A ruptura da unicidade da fortaleza pela proliferação de conflitos entre seus membros poderia significar a ruína de todo o aparato defensivo.⁸¹ Certamente, porém, o maior medo era provocado por aquilo que vinha do exterior. O cavalo de Troia era, portanto, um símbolo do medo dirigido àquilo que estava fora de lugar, que vinha de longe trazendo surpresas mortais. A esse respeito, Virilio (1996b, p. 24) conclui:

A garantia das liberdades urbanas é, em primeiro lugar, a reorganização do antigo sítio galo-romano segundo a fórmula do castelo fortificado, a construção daquelas fortalezas impenetráveis que nada tinham a temer das máquinas de guerra de então, e tudo a temer, constantemente, das surpresas e ardis trazidos de fora, do exterior, de longe, com a massa nômade.

O intruso, o espião, o traidor, são tipos indesejados porque são capazes de provocar a ruptura da unidade do espírito de defesa da fortaleza. A preocupação constante de descobrir tais indivíduos aparentemente inofensivos, certamente, gera um sistema de coação interior que recai sobre todos os habitantes e, principalmente, sobre as massas nômade. Mais uma vez, o poder reage ao medo propondo um acúmulo de poder. A política se transforma em mero policiamento das cidades fortificadas. Assim, esse universo topológico munido de mecanismos de vigilância

⁷⁸ Livre tradução de: “l’État-citadelle n’étant rien d’autre qu’une armée qui s’arrête en territoire ennemi et se met en position défensive”.

⁷⁹ Livre tradução de: “l’assemblée démocratique (des Égaux) est une assemblée militaro-politique et non l’inverse”.

⁸⁰ Livre tradução de: “Seul le peuple peut réaliser de pareilles fortifications, seul il peut les garnir”.

⁸¹ Esses entendimentos parecem explicar por que grande parte do pensamento político nasce em torno do ideal de justiça, se apoiando sobre a figura da unidade dos homens.

produz uma separação gradativa e valorativa entre centro e periferia, dentro e fora. “As portas da cidade, seus postos fixais e suas alfândegas são barreiras, filtros à fluidez das massas, ao poder de penetração das hordas migratórias” (VIRILIO, 1996b, p 23). Virilio afirma ainda que esses obstáculos à livre movimentação das massas se alinhavam ao tempo astronômico: a abertura e o fechamento das portas da cidade obedeciam à alternância entre dia e noite (VIRILIO, 1984a, 2008b). Isso nos mostra como a fortaleza era capaz não apenas de seguir um tempo ditado pelo sol, mas também de inventar um protocolo sobre o tempo, um conjunto de operações, criando uma temporalidade própria. Desse modo, o controle do espaço e do tempo humanos é igualmente a administração dos movimentos e dos comportamentos. Há, aí, em curso, um novo processo, ainda que discreto, de domesticação, que Paul Virilio, recorrendo a Geoffroy Saint-Hilaire, assim explica:

‘Domesticar um animal é habituá-lo a viver e a se reproduzir nas habitações dos homens ou ao seu lado.’ O ‘direito de alojamento’ não é, como se pretendeu, ‘o direito à cidade’. Como o bando inorgânico de animais selvagens, a multidão proletária traz em si uma ameaça, uma carga de mistério e de ferocidade. Permite-se que ela, em sua condição de ‘doméstica’, congregue-se e reproduza-se perto da morada dos homens, sob suas vistas – os problemas do habitat humano propriamente dito são absolutamente diferenciados dos do plantel proletário, de seu *alojamento* no galinheiro do castelo, nos subúrbios da praça forte. Tal como o estábulo ou o cercado, o alojamento provisório das massas migrantes implica seu relativo afastamento da moradia dos homens, isto é, da cidade (VIRILIO, 1996b, p. 24).

Nesse ponto, devemos perguntar: qual será o destino dessas fortalezas no momento da criação de técnicas e materiais que permitam à ofensiva romper as muralhas? Virilio responde essa questão retomando as palavras de Montesquieu (apud VIRILIO, 1996b, p. 25): “Com a invenção da pólvora, não há mais lugar inexpugnável”. Inicialmente, as cidades fortificadas buscam aumentar ainda mais suas resistências como forma de garantia contra o medo. Contudo, ao perceber a ineficácia dos muros frente às possibilidades ameaçadoras do desenvolvimento do campo militar, a defesa se tornou menos a edificação da muralha do que o avanço das formas de vigilância e controle sobre o território. O poder se torna, assim, mais etéreo. Estamos, portanto, próximo do que Paul Virilio (1993c) chamou de estratégia do *ente* e que está relacionada, segundo ele, com a origem da *idealidade morfológica do Estado ocidental*.

Algumas palavras servem como transição para a próxima seção do capítulo. Se não existem mais espaços seguros, a defesa deve aumentar as estruturas de controle sobre o tempo e o espaço humanos tanto no interior quanto no exterior das cidades fortificadas. Assim, a estratégia defensiva passa a uma maior vigilância das fronteiras dos territórios. A mera permanência da figura imaginária do oponente, porém, já é o bastante para produzir um novo

movimento de defesa, dessa vez, em direção aos terrenos inimigos. Já dissemos que, segundo a fórmula de Ratzel, a guerra consiste em retraçar nossas fronteiras nos territórios dos outros. Desse modo, a defesa impulsionada pela ameaça constante de um suposto outro exterior precisa expandir seu cerco, aumentar seu domínio, na busca de um novo distanciamento capaz de lhe garantir novamente a sensação de segurança. Nesse momento, como podemos ver, os dois lados da dialética se confundem; a defesa se torna expansionismo, colonialismo e imperialismo; ela não consiste mais, senão secundariamente, na construção de obstáculos como as muralhas da fortaleza antiga. Doravante, o espírito defensivo deve também se apossar dos meios de ataque que, como dissemos, são meios de velocidade. A defesa se transforma ela própria em uma ofensiva; a velocidade se torna um imperativo para os dois lados da guerra.

Para nós, é nesse sentido que devemos entender as constantes menções de Paul Virilio à ideia do general prussiano Carl von Clausewitz (apud VIRILIO, 1978) de que, na transição dos séculos XVIII e XIX, as potências europeias já se encaminhavam para a guerra pura, isto é, a disseminação da guerra real em direção à realização de sua essência absoluta. No fundo, o ensaísta francês quer demonstrar o modo como a dialética da guerra, que se ampara no progresso dromológico, carrega em seu interior a expansão do campo militar, uma das raízes do imperialismo e do colonialismo que demarcam a disputa do poder no mundo ocidental. Paul Virilio parece constatar a existência de tais linhas de fuga na história até mesmo na Antiguidade, quando analisa as declarações de duas importantes figuras romanas. Primeiro, o autor se recorda do anátema lançado a Roma por Namatius (apud VIRILIO, 1993c, p. 119): “Você fez uma cidade do que era um mundo!”.⁸² Depois, ele retoma as palavras de Júlio César (apud VIRILIO, 1984b, p. 99) em que o imperador declara o objetivo do Estado: “A maior glória de um Estado é fazer de suas fronteiras um vasto deserto”.⁸³ Essas duas proposições recorrentes na obra do ensaísta francês expressam bem o expansionismo que reside no coração do Ocidente, evidenciando a busca da criação de um “Estado perfeito”. Virilio compreende que esse Estado é caracterizado por uma tentativa de promover a completa adesão à *estadolatria*. E, nesse ímpeto de submissão total, reside uma busca sempre renovada de distanciamento definitivo do Outro, a eliminação das ameaças e surpresas.⁸⁴

⁸² Livre tradução de: “Tu as fait une ville de ce qui était un monde!”.

⁸³ Livre tradução de: “La plus grande gloire d’un État est de faire de ses frontières un vaste désert”.

⁸⁴ Esses entendimentos se alinham ao tipo de cristianismo professado pelo autor. Sabemos que Virilio se converteu ao catolicismo no movimento dos padres-operários em 1950. Mas podemos dizer que seu sentido religioso era bastante político. Virilio entende que Jesus Cristo morreu sob a acusação de inimigo do Estado romano, se recusando a aderir à *Estadolatria* (VIRILIO, 1993c).

3.1.3. O IMPÉRIO DOS MARES

Se a presença contínua do medo ante a ameaça do Outro leva ao acúmulo de poder e ao expansionismo do espírito de defesa, que se confunde agora com a ofensiva, esse movimento em direção ao “Estado perfeito” ganha ainda maiores amplitudes com uma nova troca na ordem das velocidades. Paul Virilio considera que uma nova ultrapassagem ocorre com a utilização e o desenvolvimento do navio – o segundo arquétipo veicular –, que permitiram a colonização do ambiente marítimo. Ele entende que esse movimento rumo à hidrosfera estava diretamente relacionado ao aparecimento dos primeiros impérios efetivamente mundiais. Em *L'insécurité du territoire*, o ensaísta analisa a expansão do poder ocidental com a conquista dos mares:

Uma hipótese bastante comum é a de que nosso mundo nasceu em um círculo geográfico natural, o das Ilhas Cíclades. De qualquer forma, foi ali que foi criado quase certamente esse grande ausente dos manuais de logística continental, o *Seemacht* ou *sea-power*... o poder do mar. Havia, de fato, reinos marítimos – Creta em particular –, mas foi nesse *kuklos* [círculo] que o primeiro poder marítimo regular da história foi criado durante a primeira liga. Mais tarde, quando a cidade-Estado romana quis, por sua vez, resolver o problema do poder marítimo, ela o fez novamente em termos teleológicos; ela assumiu a costa do Mediterrâneo sob sua autoridade, reproduzindo, assim, em maior escala, o círculo original. O poder hanseático dominou logo após os mares setentrionais, mas, irradiando para as costas inglesas, e seu traçado linear, que se sobrepunha às costas europeias, desapareceu momentaneamente quando a nova corrida do Ocidente começou, rumo à margem problemática da Índia ou da América (VIRILIO, 1993c, p. 102).⁸⁵

Paul Virilio relaciona a tendência de expansão contínua do círculo de domínio das potências marítimas com uma busca eterna pelo ideal da unidade. Para dar pista sobre esses entendimentos, o ensaísta se refere ao discurso sobre o amor da personagem Aristófanes no diálogo platônico *O Banquete*. Nessa passagem, a personagem narra o mito segundo o qual Zeus, para diminuir a indolência dos homens, teria sugerido a divisão em masculino e feminino, eliminando a androgenia e a esfericidade humana (PLATÃO, 1972). Assim, Aristófanes conclui: “É então de há tanto tempo que o amor de um pelo outro está implantado nos homens, restaurador da nossa antiga natureza, em sua tentativa de fazer um só de dois e de curar a

⁸⁵ Livre tradução de: “Une hypothèse assez répandue veut que notre monde soit né dans un cercle géographique naturel, celui des îles Cyclades. Quoi qu'il en soit, c'est là que fut créé presque certainement ce grand absent des manuels continentaux de logistique, *Seemacht* ou *sea-power*... le pouvoir de la mer. Il y avait bien eu, en Crète notamment, des royaumes maritimes, mais c'est dans ce *kuklos* que fut créée, lors de la première ligue, la première puissance maritime régulière de l'histoire. Plus tard, quand la cité-État romaine voulut résoudre à son tour le problème de la puissance maritime, ce fut encore une fois en termes téléologiques; elle prit sous son autorité du littoral méditerranéen, reproduisant ainsi, à une plus grande échelle, le cercle originel. La puissance hanseatique domina peu après les mers septentrionales, mais en rayonnant vers les rives anglaises, et son tracé linéaire, qui se superposait à celui des côtes européennes, disparut momentanément lorsque fut entreprise la nouvelle course vers l'Ouest, vers un problématique rive d'en face, Indes ou Amériques”.

natureza humana” (PLATÃO, 1972, p. 30). Virilio (1993c, p. 103) retoma o mito sobre o amor enxergando nele uma narrativa sobre o poder: “o homem ocidental é verdadeiramente o esférico andrógino, animado sem cessar pelo desejo, em busca da unidade inteira, e o ‘círculo de Empédocles’ realmente enlaça o mundo”.⁸⁶ Da terra ao mar, portanto, a expansão do poder é essa perseguição que mira a completa eliminação do Outro, o que não precisa ocorrer por meio da violência física – dado que, como dissemos, ela é oposta ao *continuum* da violência –, mas por sua incorporação ao controle. Tal aniquilação da diferença representaria também o fim das incertezas e das ameaças. Por isso mesmo, o autor afirma, a partir das análises de Jean Servier, que não é por acaso que “a idade de ouro de nossas utopias é também aquela das grandes explorações e descobertas” (VIRILIO, 1993c, p. 103).⁸⁷ Paul Virilio (p. 103), então, conclui: “essa identidade utópica, que muitos historiadores ainda recusam, o sistema, ao atingir seu apogeu, não sonha em negá-la; pelo contrário, ele afirma sua esquizofrenia como o fundamento de seus esforços técnicos”.⁸⁸

Esses esforços técnicos em busca da “unidade inteira” produziram o avanço dos homens sobre os mares para fundar, em meados do segundo milênio, a primeira pátria flutuante da história, o Império britânico. Paul Virilio observa como essa nova ultrapassagem no campo das navegações contribuiu para a produção de um império verdadeiramente global. As análises do autor acerca da estratégia da *fleet in being* ajudam a provar seu argumento (VIRILIO, 1977, 1993c, 1996b). Essa estratégia empregada pela marinha inglesa no final do século XVII tinha como finalidade proporcionar o domínio integral dos mares sem a necessidade de uma quantidade absurda de navios. Para isso, os ingleses se dedicaram à invenção das embarcações mais rápidas. Elas deveriam ser capazes de alcançar os adversários, atacá-los e se retirar prontamente para uma região segura, esperando uma oportunidade de repetir o movimento. Assim, a *fleet in being* impôs a necessidade da aceleração como forma de estabelecer a hegemonia britânica sobre os mares; a velocidade é a garantia da ação correta no tempo preciso. Assim Paul Virilio complementa essa análise:

Parece mais interessante, porém, considerar o aspecto cronométrico desse império que movimenta a sua violência na invisibilidade da proteção marítima, nação flutuante que se equipara à História, essa outra máquina de remontar no Tempo. Com efeito, a

⁸⁶ Livre tradução de: “L’homme occidental est véritablement le sphérique androgyne, animé sans cesse par le désir, à la poursuite de l’entière unité, et le ‘rond d’Empédocle’ enlace réellement l’univers”. (Nota explicativa: o círculo de Empédocles aqui parece se referir a ideia do filósofo pré-socrático de que o amor une os elementos distintos. Mas, nesse caso, Virilio se refere ao poder).

⁸⁷ Livre tradução de: “l’âge d’or de nos utopies est aussi celui des grandes explorations et des découvertes”.

⁸⁸ Livre tradução de: “cette identité utopique que beaucoup d'historiens lui refusent encore, le système, en arrivant à son apogée, ne songe nullement à la nier; il affirme, au contraire, sa schizophrénie comme le fondement même de ses efforts techniques”.

vitória (a decisão) no mundo sem referências e sem acidentes da *Fleet in Being* exige, se não nos situarmos em algum lugar sobre a terra, que nos situemos, ao menos, no Tempo, isto é, na mecânica planetária. Por esta simples razão, os ingleses permanecerão por muito tempo como os melhores relojoeiros do mundo; o domínio do mar exige o domínio do Tempo, exige ‘visar à lua’, como se dizia então (VIRILIO, 1996b, p. 54-55).

O domínio sobre o tempo é um modo de produzir uma administração da presença e da ausência no elemento marinho. Para Virilio, esse domínio sobre o tempo por meio da velocidade cria as condições de possibilidade para as revoluções dromológicas posteriores e, entre elas, a Revolução Industrial. O ensaísta argumenta:

Com a *Fleet in Being*, a Inglaterra concentra seus esforços na inovação técnica no campo dos transportes e, mais precisamente, na fábrica de engenhos rápidos. É disso que ela tira diretamente sua superioridade econômica e, sobretudo, a orientação que fez dela a primeira grande nação industrial, modelo de todas as outras, criando ‘este sentimento primordial de uma superioridade técnica confundindo-se com o sentimento de uma superioridade geral’. De fato, não há mais ‘revolução industrial’ e sim ‘revolução dromocrática’, não há mais democracia e sim dromocracia, não há mais estratégia, e sim dromologia (VIRILIO, 1996b, p. 56).

Paul Virilio entende que a *fleet in being* marca o deslocamento do poder do campo da estratégia para a logística. O ensaísta explica o sentido dessa palavra retomando os escritos de Antoine-Henri Jomini, o adversário teórico de Clausewitz. Segundo o autor, o teórico militar do século XIX perguntava: “o que é que faz com que já não baste ter a inteligência da guerra – ponho os meus batalhões à esquerda, ataco pela direita, surpreendo-os de madrugada, etc.? Como é que os meios se tornaram tão importantes?” (JOMINI apud LOTRINGER, VIRILIO, 1984, p. 25). Jomini teria percebido que as guerras napoleônicas já eram guerras técnicas e massivas; nessa mesma época, ele observa a invenção do telégrafo de Claude Chappe e sua utilização na batalha de Austerlitz; assim, ele percebe que a guerra propõe novos problemas para o campo militar. Virilio complementa: “a logística ocorre no tempo das guerras napoleônicas porque tais guerras arrastam milhões de homens para as estradas e, com eles, problemas de subsistência. Mas subsistência não é tudo: logística não é só boia, é também transporte e munições” (LOTRINGER, VIRILIO, 1984, p. 25). Na verdade, como se evidencia em *Vitesse et politique*, a logística é uma espécie de estratégia aplicada ao controle dos vetores. Em outras palavras, ela intenta solucionar problemas de mobilidade que se referem à administração da presença ou da ausência de tropas, armamentos, provisões etc. Desse modo, mais uma vez nos deparamos com aquela tentativa de agir corretamente em um tempo preciso, que é um fator decisivo no domínio do elemento marinho exercido pela *fleet in being*. Doravante, o imperativo da velocidade se espalha por todos os lados, até mesmo para as

batalhas terrestres, porque a aceleração possibilita maior controle sobre o tempo no caminho da realização da ubiquidade e da instantaneidade.

Podemos imaginar as condições do medo nessa etapa do progresso dromológico. Virilio declara:

A Fleet in Being é a logística realizando plenamente a estratégia como arte do movimento dos corpos não vistos, é a presença permanente de uma frota invisível no mar podendo golpear o adversário em qualquer lugar e a qualquer momento, aniquilando sua vontade de poder com a criação de uma zona de insegurança global onde ele nunca estará em condições de ‘decidir’ com segurança, de querer, isto é, de vencer. Trata-se, pois, sobretudo, de uma nova ideia de violência que não nasce mais do enfrentamento direto, do derramamento de sangue, mas das propriedades desiguais dos corpos, da avaliação da quantidade de movimentos que lhes são permitidos num elemento escolhido da verificação permanente de sua eficácia dinâmica. Se Napoleão julgava a força de um exército em termos mecânicos, Maurício da Saxônia foi um dos primeiros a compreender, no continente, que a violência pode se reduzir ao movimento apenas: “Não sou a favor das batalhas”, afirmava ele. “Estou persuadido de que um general hábil pode fazer a guerra durante toda a sua vida sem se ver obrigado a isso.” Na Europa Ocidental, no entanto, um espaço reduzido e acidentado, não se poderia pretender “destruir o adversário” sem ser forçado, algum dia, ao enfrentamento direto entre massas militares cada vez mais numerosas: a situação de enclave da Alemanha é o melhor exemplo dessa coação histórica criadora de um belicismo sangrento e imperativo, o da teoria prussiana. Em compensação, em seu imenso santuário marítimo, a home fleet podia evitar quase indefinidamente a batalha. Ela não se via coagida pelo adversário a algum combate desesperado, contanto que, mesmo estando presente, ficasse fora de alcance (VIRILIO, 1996b, p. 50).

Nessa passagem, vemos como a conquista da velocidade concedia à marinha inglesa o direito à segurança dos poderosos. A defesa não consistia mais em construir infraestruturas que convertiam a energia agressora em algum tipo de energia favorável; ela demandava a utilização da energia cinética para se colocar fora do alcance do inimigo, produzir o distanciamento em relação a qualquer agressor. Isso não quer dizer que os ataques localizados não produziam medo sobre os marinheiros da *home fleet*. O mar é um elemento liso, e sua homogeneidade abre um campo de surpresas mortais. Porém, em resposta ao medo eventual dos marinheiros, a logística aí fundada se encarregou de colocar em funcionamento a “justiça militar” cujo arquétipo é a lei da *decimação*, a execução de todo décimo homem da fila de soldados (VIRILIO, 1978). Como se vê, a justiça armada “é menos uma questão de ‘fazer justiça’ a um indivíduo ou a um grupo do que de mobilizar a totalidade com um medo salutar, um medo mais terrível do que aquele inspirado pelo inimigo” (p. 73).⁸⁹ Paul Virilio parafraseia William Shakespeare (apud VIRILIO, 1978, p. 73) em *Ricardo II* ao argumentar que “a Guerra é a Morte matando a Morte”,⁹⁰ para

⁸⁹ Livre tradução de: “Il s’agit donc moins de ‘rendre justice’ à un individu ou à un groupe que de mobiliser l’ensemble dans une crainte salutaires, une peur plus redoutable que celle inspirée par l’ennemi”.

⁹⁰ Livre tradução de : “la guerre c’est la Mort tuant la Mort”.

afirmar que “a justiça da guerra é apenas o Medo mantado o Medo” (VIRILIO, 1978, p.73).⁹¹ O ensaísta explica: “Para matar a morte que representa, para o soldado, seu inimigo, devemos antes matar o medo que a primeira inspira, matar esse medo por um medo ainda maior, o de seus parceiros, o de seus oficiais” (p. 73).⁹² E completa:

Nos combates navais de antigamente, não era incomum praticar na manhã de um confronto, a execução completamente arbitrária de alguns marinheiros, a fim de ‘soldar/unir’ a tripulação antes dos disparos de canhões e da abordagem sangrenta. O terror é a única maneira de garantir essa ‘união’ sem falha. A disciplina e a justiça militar são, assim, unicamente, *a administração do terror* (VIRILIO, 1978, p. 73).⁹³

Esse trecho parece deixar mais claro o que dissemos sobre a divisão entre classe militar e classes populares no pensamento de Virilio. Vimos que o ensaísta entende que a classe militar é aquela que retira seu poder da proteção, enquanto as classes populares são aquelas que lhe rendem tributos. Quando trabalhamos com a comunidade pastoral, observamos o controle dos caçadores sobre os demais membros do grupo étnico. Na fortaleza, dissemos que a invenção da pólvora produziu um apelo maior à coação dos habitantes e das hordas migrantes. Todas essas passagens são atualizações das formas de trocas entre as classes militar e popular. Paul Virilio (1978), porém, reforça seu argumento mostrando que, até determinado momento da história, a igualdade de força entre essas duas classes, obrigava a uma espécie de pacto de semicolonização. Havia segurança e liberdade nas relações entre esses dois grupos. O progresso dromológico parece desfazer esses vínculos principalmente com o estabelecimento de uma classe militar permanente. A aceleração de uns em detrimento dos demais produz um desequilíbrio de forças levando a um desdobramento dromocrático. Doravante, a classe militar se torna colonizadora; ela reclama inteiramente a vida das classes populares. Para eliminar as vontades adversas e se espalhar por todos os campos, ela não atua mais na resolução definitiva do problema da proteção contra as ameaças. Ela mesma deve gerir e criar as ameaças reais ou imaginárias como meio de administrar o medo social. Assim, a classe militar produz a expansão do seu poder oferecendo a proteção contra um medo que ela mesma parece causar. A disciplina militar, a morte do décimo homem, a execução dos marinheiros, todos eles, membros de baixa

⁹¹ Livre tradução de: “la justice guerrière c’est seulement la Peur tuant la Peur”.

⁹² Livre tradução de: “Pour tuer la mort que représente pour le soldat, son ennemi, il faut d’abord tuer la peur que ce dernier inspire, tuer cette crainte par un crainte plus grande encore, celle de ses partenaires, celle de ses officiers”.

⁹³ Livre tradução de: “Dans le combat naval de jadis, il n’était pas rare de pratiquer au matin d’un affrontement, le mise à mort totalement arbitraire de quelques matelots, ceci afin de souder l’équipage avant la canonnade et l’abordage sanglant. Or cette ‘soudure’, la terreur est seule à l’assurer sans faille. La discipline, la justice militaire, c’est donc uniquement *l’administration de la peur*”.

patente, agora, atravessa o campo civil. Em nome do fim do medo – uma utopia –, as maiores atrocidades são permitidas contra os Outros e, até mesmo, contra as próprias populações.

No fundo, encontramos aí a figura da *fleet in being* como uma logística da máquina de guerra que possibilitou o controle do Império britânico não apenas sobre os mares, mas também sobre os continentes. A *home fleet* utiliza essa tática para promover os bloqueios continentais que, de certo modo, reproduziam aquele prolongamento indefinido das fortalezas, só que, dessa vez, invertendo o papel dos oponentes: os que estão dentro do continente se encontram presos pelos adversários que os cercam de fora, do mar. Nas batalhas contra a França no século XVIII e XIX, a Inglaterra mostra como se torna possível, por meio da logística, “vencer sem lutar um adversário continental que se lança e se esgota incessantemente nos limites espaçotemporais do campo de batalha terrestre” (VIRILIO, 1996b, p. 50). O bloqueio continental britânico levou à ruína fisiológica francesa, tanto no campo militar quanto no campo civil – o que já nos dá a correta dimensão daquilo que estava se tornando a *guerra total* –, sem a necessidade de combates sangrentos; mais um passo na direção da realização do poder puro. Nas palavras de Virilio (1996b, p. 51):

Não se ver forçado a um combate desesperado, mas provocar no adversário um desespero prolongado, infligir-lhe contínuos sofrimentos morais e materiais que o enfraqueçam e *destruam*; a estratégia indireta pode desesperar um povo sem derramamento de sangue. Como diz o adágio: ‘o medo é o mais cruel dos assassinos; ele não mata jamais, mas vos impede de viver’.

Certamente, a insegurança e o medo tomam conta daqueles que não possuem capacidade de competir no mar ou em terra com a velocidade dos engenhos navais ingleses. A velocidade é o elemento necessário para a segurança, porque ela permite estar e não estar, alcançar e se colocar fora de alcance. O mar é o ambiente ideal para isso, pois é um campo efetivamente livre, sem obstáculos, sem esconderijos, homogêneo, liso, um verdadeiro deserto. O poder aí já não é uma coerção física sobre o inimigo, mas o controle daquilo que chega e sai, do que vai e vem, dos aprovisionamentos, um domínio dos meios, vetores, dos veículos mecânicos ou metabólicos... O sentimento de insegurança que resulta desse regime de poder é fundamentalmente causado pelo terror psíquico da ameaça constante e pelo colapso fisiológico da inanição, mais do que pelas batalhas sangrentas. Assim, o medo e a fome levam à rendição e à obediência – “Tremam e Obedeçam”, diziam os antigos imperadores chineses frente aos potentados locais (ARMITAGE, VIRILIO, 2000).

Paul Virilio mostra como esse deslocamento do poder, da estratégia para a logística, é reproduzido nos continentes. Se a *home fleet* praticou a tática do bloqueio contra os franceses, as potências europeias irão estender essa logística ao interior de suas colônias. O ensaísta diz:

A planificação das condutas mercantis passará normalmente do niilismo natural do meio ambiente marinho (sem obstáculos, sem sentido) à neutralização permanente dos meios colonizados. As estruturas de exploração (estradas, urbanização, vias férreas. Etc.) serão reconstruídas segundo um mesmo modelo e estarão acompanhadas da destruição obrigatória das contingências, dos obstáculos: a ruína do *habitat* precede a eliminação do aborígene; a subalimentação transforma grandes povos em tribos dispersas e miseráveis, suprimindo, assim, a hipótese política, a troca costumeira ou institucional (VIRILIO, 1993c, p. 28-29).⁹⁴

O pensamento de Virilio busca demonstrar que as estruturas e as normas da colonização aplicadas às Américas, à África e à Ásia se constituíram como um balão de ensaio para aquilo que o mundo iria se tornar no final do século XX. Na verdade, esses seriam espaços de vanguarda para uma colonização mais geral, o imperialismo planetário. Os preceitos desse *regime de poder* estariam dados na flutuação dos mares e na estratégia inventada pela marinha britânica. Para o autor, o Estado burguês não seria mais do que uma nova variante dromocrática no percurso do progresso dromológico em direção à realização da essência absoluta da guerra, a guerra total, a expansão do campo militar para todos os cantos da Terra – Vauban (apud VIRILIO, 1996b, p. 59) preconizava “a guerra deve ser capaz de cobrir imediatamente todos os lugares habitáveis do universo”. A classe burguesa, que assumiu a condução dos Estados definitivamente após as revoluções dos séculos XVIII e XIX, retira seu poder mais do controle dos vetores logísticos, dos meios de transporte, comunicação e informação, do que da produção de bens.

Na França, Virilio entende que o Estado burguês revolucionário incorpora os problemas logísticos do deslocamento das massas, do esvaziamento da multidão de passantes da capital e do aprovisionamento das populações direcionadas para o interior. O que estava em jogo nesse campo problemático não era exclusivamente a expansão do ideal da revolução, a libertação dos oprimidos, a melhoria das condições de vida da população maltratada pelo *Ancien Regime*, mas a tentativa de promover uma segurança nas proximidades do centro de poder. Paul Virilio (1977, 1996b) observa que a massa é uma multidão de passantes, uma força dromológica que

⁹⁴ Livre tradução de: “La planification des conduits mercantiles passera normalment du nihilisme naturel du milieu marin à la neutralisation permanente des milieux colonisés. Les structures de l’exploitation (routes, urbanisation, voies ferrées, etc.) seront construites sur un même modèle et accompagnées de la destruction obligée des contingences, des obstacles : la ruine de l’habitat précédant l’emination de l’aborigène, la sous-alimentation transformant de grands peuples en tribus dispersées et misérables et supprimant ainsi l’hypothèse politique, l’échange coutumier ou institutionnel”.

uma vez incitada ao movimento se torna quase irrefreável. Para evitar o próximo passo da revolução, a tomada de poder pelas forças populares, a burguesia irá direcionar os ímpetus revolucionários para o interior da França e, posteriormente, para as estradas da Europa. O autor diz:

A revolução nada mais é que o desvio do velho assalto social. Carnot, como bom membro do *Génie*, canaliza sua vaga humana para longe da fortaleza comunal, para as ‘zonas dos exércitos’. Ele retira seus contingentes prioritariamente das forças populares parisienses. O soldado do Ano II é arrancado da rua que pretendia conquistar e engajado na viagem irracional, a deportação da ‘marcha forçada’ longe e mortífera. ‘O novo exército’ escreve Carnot, ‘é um exército de massa *esmagando sob seu peso* o adversário numa *ofensiva permanente*, ao canto da Marselhesa’. O hino nacional é tão somente uma canção de estrada cadenciando a mecânica da marcha (VIRILIO, 1996b, p. 33-34).

Enquanto isso, a burguesia francesa promove a reurbanização parisiense com o intuito de tornar a cidade supostamente mais racional e ordeira. Paul Virilio mostra como essa classe se alinhou às ideias de certos pensadores do século XVIII que buscavam provar a necessidade da readequação urbana para colocar fim aos tumultos e às revoltas populares. Essa transformação do espaço urbano não significa somente uma divisão da cidade entre os burgueses, por meio da valorização dos imóveis e da cobrança de impostos mais caros, mas o início de uma intensa exposição das massas citadinas ao olhar policial. As ruas serão vigiadas e controladas por esse sistema de coerção contínuo. Por isso mesmo, o autor conclui: “O poder burguês é militar antes de ser econômico, mas ele se relaciona mais precisamente à permanência oculta do estado de sítio” (VIRILIO, 1996b, p. 25).

O Estado burguês, portanto, mira o controle total da circulação das coisas e das massas, necessitando da perfuração e da transparência absoluta dos territórios. Ele deve reproduzir em terra as condições da homogeneidade marítima. O imperativo da velocidade, como uma via de realização da ubiquidade e da instantaneidade necessárias ao controle, demanda um alisamento contínuo, a transformação do mundo em um tapete de trajetórias, a desertificação de todos os lugares. Assim, o capitalismo industrial é menos um modo de produção do que um modo de produção da destruição ambiental pela necessidade cada vez maior da penetração dos meios de transporte, informação e comunicação (VIRILIO, 1977, 1984b, 1993c, 1996b).

Por último, devemos reiterar: a hipertrofia do Estado ocorre justamente pela “administração do medo”. Dissemos que o poder responde ao medo propondo o acúmulo do poder que é também progresso da velocidade. Para isso, o poder dromocrático deve gestar o medo contra o medo. Isso significa que ele deve causar um medo terrível que impeça qualquer ato de insubmissão ao mesmo tempo em que direciona esse medo contra o terror do inimigo

real ou imaginário. Se, como vimos, esse procedimento é bastante comum no campo militar, na sociedade civil, o estabelecimento do Estado não se dará de outra forma. As classes burguesas e militares oferecem proteção contra o medo ao Outro, ao mesmo tempo em que elas mesmas produzem esses outros pela própria permanência oculta do estado de sítio. A hipertrofia do poder se dá como uma espécie de *gangsterismo estatal*: em troca de tributos, as classes militares oferecem uma solução para um problema que elas mesmas criaram. Virilio, portanto, enxerga, na fundação do Estado burguês, o acúmulo e o deslocamento dos preceitos anteriores. O ideal do poder se torna a ubiquidade e a instantaneidade permitidas pelo progresso contínuo da velocidade. O autor percebe aí o início de uma linguagem totalitária da história (VIRILIO, 1978).

4. ESTADO DE EMERGÊNCIA

“O terror é a realização da lei do movimento”

– Hannah Arendt (2013)

No capítulo anterior, dissemos que, no pensamento de Paul Virilio, o poder responde ao medo – que é medo do Outro –, propondo o acúmulo de poder. Vimos também que se, em sua obra, o poder é sinônimo de velocidade, então a velocidade responde ao medo com um acúmulo de velocidade. Esse caminho se configura como uma dialética de guerra entre defesa e ataque e delineia uma espiral de ultrapassagens, que é uma das maneiras pelas quais podemos entender o progresso dromológico. Observamos ainda que a aceleração significa o avanço do poder de penetração das armas. Com a invenção da pólvora, a velocidade atinge valores inéditos, levando ao fim das fortalezas, dos espaços seguros. Desde então, defesa e ataque passam a se assemelhar: para ambos, a sobrevivência e a segurança demandam o controle sobre a movimentação dos Outros, o que se dá pela aquisição de velocidades ainda maiores. Argumentamos que a *fleet in being* é um protótipo da logística e está em larga medida associada à produção do Império britânico, a *pátria flutuante*. E esse acúmulo de poder ou velocidade foi responsável pela criação da zona de insegurança global, alastrando o medo não apenas pelos mares, mas também sobre os continentes. Vimos que a *home fleet* incorpora a “administração do medo” seja como forma de controle sobre seus próprios marinheiros, seja como modo de ataque a outros povos, seja como uma maneira de proteger seus domínios. Terminamos o capítulo anterior mostrando como Paul Virilio enxerga a disseminação da logística sobre o continente com a fundação dos Estados burgueses. Verificamos que, no caso da França, o controle da velocidade, dos vetores e dos meios se torna um sustentáculo do poder burguês contra o próximo assalto das massas revolucionárias. Assim, nesse caminho, constatamos, a partir dos argumentos de Virilio, como a guerra, que já não é mais necessariamente um confronto direto e sangrento, vai se instalando e disseminando no caminho da realização de sua essência absoluta.

Esses entendimentos nos conduzem às bordas do mundo contemporâneo. Obviamente, muitas dessas tendências anteriores, investigadas por Paul Virilio, se aprofundam e se espalham durante o século XIX com o progresso dromológico e a evolução das tecnologias de transporte, informação e comunicação, bem como com os avanços nas tecnologias de guerra e no poder de penetração dos projéteis. Desse modo, a insegurança global se dissemina, aumentando ainda mais a rivalidade e a disputa entre as potências beligerantes, o que nos conduz direto à Primeira

Guerra Mundial – a primeira guerra mundial total (VIRILIO, 2008a). As invenções das metralhadoras portáteis, das granadas de mão, das armas químicas, dos aviões de combate, dos primeiros armamentos do arsenal eletrônico – os radares primitivos –, dos meios de comunicação bélicos, da estratégia de reconhecimento aéreo etc. são, sem dúvida, importantíssimas. Elas demarcam uma revolução dromológica que é também uma revolução do campo militar-industrial. Porém, apesar de uma relevância inegável, esses passos no caminho da evolução tecnológica da velocidade se configuram nas análises de Paul Virilio como estágios de preparação para a Segunda Guerra Mundial.

No segundo capítulo, vimos como a vivência da guerra, em Nantes, em meio à zona de ocupação nazista na França, marcou profundamente a vida do autor em sua juventude. Contudo, dissemos que esse acontecimento não significou apenas um trauma de infância: ele o ajudou a formular posteriormente uma cosmologia conceitual dromocêntrica. Paul Virilio observa que a ênfase na velocidade, que era explicitada tanto na *Blitzkrieg* alemã quanto na utilização dos aviões de combate dos Aliados, significa uma nova ultrapassagem no progresso dromológico, produzindo uma série de desdobramentos dromocráticos, que se aprofunda no pós-guerra e que atinge em cheio nossa atualidade.

Entendemos que as análises do ensaísta acerca da Segunda Guerra Mundial apresentam uma mutação das condições do medo, antecipando as características da insegurança no início do terceiro milênio. Paul Virilio compreende que a aceleração do combate produziu o fim das distâncias, o ocaso definitivo da fortaleza, espalhando um medo tomado pela necessidade da urgência. Esses dois afetos caracterizam o Estado de Emergência que é um deslocamento do *estado de sítio* com ênfase no aspecto temporal das respostas às ameaças. Assim, o progresso da velocidade produz transformações dromocráticas que serão intensamente exploradas pelas duas potências mundiais para a criação do que o autor chamou de regime da paz total, que é a continuação da guerra por outros meios (VIRILIO, 1993c). As análises de Paul Virilio nos mostram como a administração do medo ainda prossegue em nossas sociedades, mesmo com o fim da Guerra Fria, se alimentando das novas ameaças que ela mesma ajuda a produzir.

Neste capítulo, desdobramos os percursos anteriores por meio de uma investigação centrada nas análises do autor acerca da Segunda Guerra Mundial. Observamos a evolução da espiral de ultrapassagens e seus efeitos sobre as relações entre o poder, a velocidade e o medo no século XX. Posteriormente, estudamos na obra de Paul Virilio as condições do medo no período pós-guerra e a configuração do regime da paz total e do Estado de Emergência como resposta à insegurança, alcançando os contextos atuais. Assim, explicitamos como o progresso dromológico, que ocorre pelo rápido desenvolvimento dos meios de transporte e, nas últimas

décadas principalmente, pelo avanço das tecnologias de informação e comunicação, leva a uma implosão do mundo que engendra a insegurança e a necessidade de urgência das reações, produzindo impactos profundos no campo político.

4.1. Da Aceleração Implosiva ao Ocaso da Fortaleza

No prefácio da obra *L'insécurité du territoire*, Paul Virilio narra algumas memórias de infância e juventude vividas em meio à zona de ocupação nazista na França durante a Segunda Guerra Mundial. O ensaísta relata com contornos ainda bastante vivos a apreensão que tomava conta de toda a cidade no momento em que os habitantes ouviam os alarmes, enquanto, no céu, observavam a aproximação das esquadras voadoras Aliadas. Ele enfatiza a importância de tais acontecimentos, entendendo-os como uma nova ultrapassagem na espiral do progresso dromológico: “começava uma outra época, aquela do céu usado, praticado, em conquista... Todas essas pessoas que olhavam para o ar, abandonando seus trabalhos assim que o barulho alto e longínquo de um aparelho era ouvido, um outro mundo” (VIRILIO, 1993c, p. 11).⁹⁵ Dessa maneira, Virilio (2008a) narra a conquista do terceiro elemento ou dimensão do espaço e do campo militar, o aparecimento do “céu primitivo da Segunda Guerra” (VIRILIO, 1993c, p. 12),⁹⁶ que produzia a mobilização total de pessoas e coisas, descortinando “o conflito de uma guerra efetivamente mundial entre o céu e o solo, separados e confrontados pela primeira vez” (VIRILIO, 1993c, p. 12).⁹⁷

A verticalização do combate ocorre com a utilização cada vez mais frequente dos aviões. O céu foi tomado por esses veículos capazes de atingir velocidades antes inéditas para os meios de transporte. Nesse sentido, o autor diz que o caça é uma máquina atmosférica resultante da coalescência entre os veículos e os projéteis; ele seria um tipo de projétil tripulado – como demonstram os *kamikazes*. Assim, os aviões permitiram estender consideravelmente o alcance das artilharias. Essa vantagem ofensiva ocorreu como uma consequência da implosão das distâncias possibilitada pela conquista de novas velocidades. O ensaísta enfatiza tais efeitos do progresso dromológico afirmando: “a conquista científica das energias e da velocidade é, então, apenas aquela da redução e da contração do mundo. Diante dos danos espetaculares dos

⁹⁵ Livre tradução de: “Une autre époque débutait, celle du ciel usagé, pratiqué, en conquête... Tous ces gens qui regardaient en l'air, abandonnant leurs travaux dès que le bruit haut et lointain d'un appareil se faisait entendre, un autre monde”.

⁹⁶ Livre tradução de: “le ciel primitif de la seconde guerre”.

⁹⁷ Livre tradução de: “le conflit d'une guerre, mondiale effectivement entre ciel et sol, rompus et affrontés pour la première fois”.

explosivos do arsenal militar, aqueles dos implosivos permanecem curiosamente ocultos” (VIRILIO, 2008a, p. 29).⁹⁸

Sobre o efeito da implosão do mundo, permitida pela aceleração dos aviões de combate, Paul Virilio narra sua experiência da destruição da Rue du Calvaire em Nantes em 1943:

Lembro-me do mês de setembro de 1943. Na mesma manhã, fui à Rue du Calvaire, nesta rua cheia de vida, nessas lojas cheias de objetos, de brinquedos... À noite, tudo desapareceu, roubado pelo acontecimento, o acontecimento sobre o acontecimento, a guerra sobre a paz do cotidiano; a rua principal de uma cidade, situada a centenas de quilômetros de todos os *fronts*, ativa nos seus mais diversos usos, trocas e complicitades, com o sol sobre as calçadas e os reflexos nas vitrinas, se torna Verdun. Intempestivamente, tudo mudou, os prédios e as perspectivas, os alinhamentos das fachadas desapareceram... o céu, a transparência e a sombra das ruínas no meio da pilha de pedras e escombros (VIRILIO, 1993c, p. 15-16).⁹⁹

Paul Virilio (2008a) explica que uma série de resistências morais foi abolida dos dois lados da guerra justamente em 1943. Desde então, os comandantes Aliados puderam colocar em prática a estratégia do *zoneamento da destruição*, que consistia no arrasamento minucioso do território do adversário por meio do derramamento indiscriminado de bombas. Essa tática havia sido testada anteriormente pelos ingleses nas revoltas coloniais, mas, agora, seria utilizada em pleno território europeu. O chefe da *Bomber Command* inglesa Arthur Harris (apud VIRILIO, 2008a, p. 79) declarou logo após a conferência de Casablanca: “a questão moral foi deixada de lado e foi responsável por assegurar a desorganização geral da indústria alemã. Isso me proporcionou uma ampla margem de manobra, e eu poderia atacar a meu gosto todas as cidades alemãs com populações de pelo menos 100 mil habitantes”.¹⁰⁰ Conforme podemos notar, se a quantidade do poder explosivo das bombas é um elemento decisivo para a produção da destruição das cidades, a qualidade do poder implosivo dos aviões é um fator igualmente necessário. Doravante, a ofensiva alcança velocidades inéditas e, com elas, todo um conjunto de possibilidades que se tornam decisivas para a resolução do conflito.

⁹⁸ Livre tradução de: “La conquête scientifique des énergies et de la vitesse n'est donc que celle de la réduction et de la contraction du monde. Face aux spectaculaires dégâts des explosifs de l'arsenal militaire, ceux de ses implosifs restent curieusement dissimulés”.

⁹⁹ Livre tradução de: “Je me souviens du mois de septembre 1943. J'étais allé le matin même rue du Calvaire, dans cette rue grouillante de vie, dans ces magasins comblés d'objets, de jouets... au soir, tout avait disparu, subtilisé par l'événement, l'événement sur l'événement, la guerre sur la paix de la quotidienneté; la grande rue d'une ville, à des centaines de kilomètres de tous les fronts, active des usages les plus divers, des échanges et des complicités, du soleil sur les trottoirs et des reflets dans les vitrines, était devenue Verdun. Intempestivement, tout avait bougé, disparus les immeubles, les perspectives, volatilisés les alignements de façades... le ciel, la transparence et l'ombre des ruines au milieu de l'amoncellement de pierrailles et de gravats”.

¹⁰⁰ Livre tradução: “La question morale a été laissée de côté et j'ai été chargé d'assurer la désorganisation générale de l'industrie allemande. Cella m'offre un éventail très large et me permet d'attaquer à mon gré toutes les villes allemandes dont la population atteint ou dépasse cent mille habitants”.

O ensaísta francês analisa que Hitler já havia observado a importância da velocidade ao colocá-la no centro de sua mais famosa estratégia de guerra, a *Blitzkrieg*. A “guerra relâmpago” consistia em uma rápida descarga de energia cinética cujo objetivo era surpreender o adversário, pegá-lo inteiramente desprevenido e, assim, facilmente conquistá-lo. Virilio (2008a) comenta o modo como essa tática de combate nazista surpreendeu a todos na França em 1940. A invasão alemã ao território francês se consolidou em poucos meses; a *Wehrmacht* pôde rapidamente atingir as bordas do litoral norte da Europa Ocidental, estabelecendo a zona de ocupação nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Mais uma vez, a aceleração se mostra elemento imprescindível para o sucesso da ofensiva militar.

Virilio observa que a rápida expansão do território alemão durante a guerra trouxe sérios problemas defensivos para o regime nazista. Em sua opinião, tais dificuldades foram decorrentes dos limites impostos pelo próprio pensamento militar de Hitler. O autor analisa que, “apesar da guerra aérea e submarina, da ofensiva das primeiras armas espaciais, a atmosfera e a hidrosfera permanecem estrangeiras à ideologia hitleriana” (VIRILIO, 2008a, p. 41).¹⁰¹ O ensaísta enxerga no cerne do pensamento do líder nazista uma extrema limitação ao território, o que se tornava explícito na formulação da ideia do *Lebensraum*. As várias dificuldades da *Luftwaffe* e da *Kriegsmarine*, mesmo com a superioridade tecnológica, se deram como consequências dessa relação inseparável do *Führer* para com o solo. Virilio (p. 41) complementa: “esses são os resultados de uma filosofia do espaço militar, a filosofia de um senhor da guerra ligado à terra, à sua superfície; esses são os resultados de uma política de produção de armamentos que privilegia as forças terrestres em detrimento das forças aeronavais”.¹⁰²

Assim, no momento em que o exército alemão se depara com seus primeiros fracassos, nas tentativas sempre frustradas de invasão da Inglaterra ou na derrota imprevista na cidade de Stalingrado, a *Blitzkrieg* apresenta suas limitações: a máquina de guerra alemã se encontra em apuros, estacionada sobre o continente europeu, sem saída para o Oeste ou para o Leste. Virilio observa que essa paralisação é bastante significativa, porque ela marca o ponto de transição da ofensiva para a defensiva nazista, o começo do fim da Segunda Guerra Mundial. Para sustentar esses entendimentos, o ensaísta retoma as análises de Mao Tse-Tung, de 1942, em que o líder chinês pondera: “se Hitler for forçado a passar à defesa estratégica, o destino do fascismo está

¹⁰¹ Livre tradução de: “Malgré la guerre aérienne et sous-marine, l’offensive des premières armes spatiales, l’atmosphère et l’hydrosphère restent étrangères à l’idéologie hitlerienne”.

¹⁰² Livre tradução de: “ce sont les résultats d’une philosophie de l’espace militaire, celle d’un chef de guerre attaché à la terre, à sa surface, ce sont les résultats d’une politique de production des armements qui privilégie les forces terrestres au détriment des forces aéronavales”.

dado: de fato, um Estado como o Terceiro Reich, desde seu nascimento, baseou toda sua vida política e militar na ofensiva. Se ele emperra, sua existência termina” (MAO TSE-TUNG apud VIRILIO, 2008a, p. 39).¹⁰³

Com a paralisação da *Wehrmacht* em ambos os *fronts* da batalha, Adolf Hitler ordena a instalação das infraestruturas defensivas do *Lebensraum*. A solução arquitetada pelo corpo de ministros e engenheiros do Terceiro Reich foi a construção de uma fortaleza com dimensões continentais, a *Festung Europa*. Para isso, uma geometria colonial foi aplicada sobre o território europeu, modificando o espaço, que passa a sofrer as influências daquela geografia dinâmica do campo militar. Entre essas estruturas de defesa, podemos destacar a *Atlantikwall* (a muralha do Atlântico). Ela consistia em uma linha de proteção formada por cerca de 15 mil *bunkers* e estações de apoio, que se estendia da fronteira litorânea norte entre a Espanha e a França à Dinamarca e à Noruega, ao norte.

Em *Bunker archéologie*, Virilio investiga minuciosamente a edificação dos *bunkers* da *Atlantikwall*, percorrendo todo o litoral norte da Europa, recolhendo diversos dados sobre tais estruturas defensivas. Para o ensaísta, “a imensidão desse projeto era algo que desafiava o senso comum; a guerra total foi revelada aqui em sua dimensão mítica” (VIRILIO, 2008a, p. 17).¹⁰⁴ E ele complementa:

Até aquele momento, as fortificações eram orientadas para um objetivo específico e delimitado: a defesa de um ponto de passagem, degraus, vale ou mesmo a defesa de um porto, como as torres de La Rochelle; eram um ‘guarda’ fácil de se compreender e assemelhavam ao papel do *concierge*. Lá [na *Atlantikwall*], ao longo dos quilômetros de praia, que percorria diariamente, eu reencontrava esses marcos de concreto no topo das dunas, nas falésias, nas praias, abertos, transparentes, com o céu brincando entre a embrasura e a entrada, como se cada casamata fosse uma arca vazia ou um pequeno templo sem religião. De fato, era todo o litoral que havia sido assim organizado em pontos de apoio sucessivos. Poderíamos caminhar dias e dias ao longo do mar sem parar de encontrar esses altares de concreto erguidos de frente para o vazio do horizonte marinho (VIRILIO, 2008a, p. 16-17).¹⁰⁵

¹⁰³ Livre tradução de: “Si Hitler est contraint de passer à la défense stratégique le sort du fascisme est réglé: en effet, un État comme celui du III Reich a, dès sa naissance, fondé toute sa vie politique et militaire sur l'offensive. Celle-ci enrayée, son existence prend fin”.

¹⁰⁴ Livre tradução de: “Cette immensité du projet, voilà bien ce qui dépassait le sens commun; la guerre totale était ici révélé dans sa dimension mythique”.

¹⁰⁵ Livre tradução de: “Jusqu'à cette époque, les fortifications étaient orientées vers un objectif précis, délimité: la défense d'un lieu de passage, col, marches, vallée ou encore là défense d'un port, comme les tours de La Rochelle; il s'agissait d'un 'gardiennage' facile à comprendre et qui s'apparentait au rôle du concierge. Là, tout le long des kilomètres de plages que je parcourais journallement, je retrouvais ces balises de béton au sommet des dunes, des falaises, en travers de plages, ouvertes, transparentes, avec le ciel qui jouait entre l'embrasure et l'entrée, comme si chaque casemate était une arche vide ou encore un petit temple sans religion. C'était bien l'ensemble de l'étendue littorale qui était ainsi organisé en points d'appuis successifs. On pouvait marcher des jour et des jours le long de la mer sans cesser de retrouver ces autels de béton dressés face au vide de l'horizon marin”.

Virilio começa a estudar os *bunkers* do Atlântico ao perceber neles significados bastante profundos sobre as condições contemporâneas. O ensaísta observa a perfeição dessas estruturas de concreto armado, projetadas para resistir às condições adversas do campo de batalha. Em primeiro lugar, ele constata que a Segunda Guerra Mundial elevou ao limite todas as possibilidades da guerra ecológica, produzindo uma destruição quase completa do *habitat* humano europeu, a construção final de um “lugar impróprio para o homem” (VIRILIO, 2008a, p. 49).¹⁰⁶ O poder humano passou definitivamente a rivalizar com as forças destrutivas/criativas da natureza, inventando as tecnologias de destruição/construção de um meio ambiente artificial. As chuvas de bombas que provocavam o aparecimento de novos relevos e os gases tóxicos emanados dos armamentos são provas de que a arte da guerra se transformou em arte da guerra ecológica, uma estratégia que mirava destruir “nem tanto as armas e os exércitos, mas os recursos indispensáveis para a sobrevivência do inimigo” (p. 77).¹⁰⁷ Por isso, inseridos nessa outra realidade, para fornecer proteção, os *bunkers* eram estruturas defensivas que se antecipavam aos desafios impostos pelo novo espaço e tempo da guerra. Nas palavras de Virilio: “se o homem não precisa da máquina para viver em seu meio ambiente natural, ele precisa dela para sobreviver em um ambiente hostil. Agora, durante o combate, a superfície da terra se torna inabitável e os gestos mais comuns se tornaram impossíveis” (p. 55-56).¹⁰⁸ Assim, com a guerra ecológica levada ao extremo, os seres humanos passam a necessitar de uma prótese de sobrevivência como proteção em relação aos perigos de seu novo *habitat* artificial.

Posteriormente, o autor observa que tais estruturas de defesa retiram suas características de seus arredores. Paul Virilio analisa que os *bunkers* não estavam implantados no terreno como outras edificações, eles flutuavam, o que constituía uma solução para o problema da liquefação do continente, da dissolução da resistência material do solo com as explosões das chuvas de bombas. Eles também eram estruturas monolíticas construídas com concreto armado, técnica que permitia a obtenção de formas oblíquas e arredondadas, que executavam uma função de absorção e desvio do impacto dos projéteis. O ensaísta constata ainda que essas pequenas fortificações eram parcialmente enterradas, o que possibilitava mais resistência contra os ataques aéreos, enquanto suas partes superficiais foram projetadas para desaparecer no campo

¹⁰⁶ Livre tradução retirada de: “L’art de la guerre vise à constituer un lieu impropre à l’homme là où, précisément, se trouvait son habitat naturel”.

¹⁰⁷ Livre tradução retirada de: “il s’agirait de dépasser la guerre classique pour atteindre à un type de guerre écologique où l’on détruirait moins les armes et les armées que les ressources indispensables à la survie de l’ennemi”.

¹⁰⁸ Livre tradução de: “si l’homme n’a nul besoin de machine pour vivre dans son milieu naturel, il a par contre besoin de celle-ci pour survivre dans un milieu hostile. Or, pendant le combat, la surface de la terre, devient inhabitable et les gestes les plus ordinaires y deviennent impossibles”.

de guerra. Os *bunkers* se aninhavam “na extensão ininterrupta da paisagem” (VIRILIO, 2008a, p. 59),¹⁰⁹ desaparecendo de nossa visão. O autor afirma que tais máquinas de sobrevivências eram dotadas de fendas minúsculas equipadas com filtros de ar projetados para regular as trocas gasosas com a atmosfera tóxica do campo de batalha; mas elas também possuíam aberturas para metralhadoras que executavam uma dupla função, pois forneciam proteção aos atiradores ao mesmo tempo em que favoreciam a mira no inimigo. Paul Virilio explica que essas aberturas funcionavam como um tipo de estreitamento tecnológico da pupila. Dessa maneira, diminuem-se “os riscos de choque que destruiriam o órgão humano e eliminam-se as periferias irrelevantes da paisagem” (p. 59).¹¹⁰ Ele acrescenta: “há sinestesia: a proteção realiza a precisão e a precisão, em troca, protege” (p. 59).¹¹¹ Portanto, em razão desses aspectos que antecipam as possíveis ameaças do conflito, os *bunkers* foram projetados como máquinas de sobrevivência para o tempo da guerra em um mundo exposto aos ataques vindos de qualquer direção e em todas as dimensões.

O interesse do ensaísta nas casamatas da *Atlantikwall* não se restringia, contudo, ao modo como essas arquiteturas antecipavam os perigos da guerra total, que era também uma guerra ecológica. O autor entende que os *bunkers* possuíam sentidos ainda mais profundos, pois eles se inscreviam na história do progresso da velocidade enquanto últimas estruturas defensivas, fronteiriças e superficiais. Virilio (2008a, p. 17) explica:

Esses blocos de concreto eram, de fato, os contornos mais recentes da história das fronteiras, desde os *Limes* romanos à Grande Muralha da China; os *bunkers*, última arquitetura militar de superfície, haviam encaixado no limite das terras, no exato momento da chegada do céu à guerra. Eles demarcam o litoral horizontal, o limite continental. A história mudou de curso uma última vez antes de saltar para a imensidão do espaço aéreo.¹¹²

No prefácio do livro *Bunker archéologie*, o ensaísta revela que precisou lidar constantemente com o olhar desconfiado de certos franceses que lhe perguntavam por que ele se interessava por essas estruturas, símbolos da ocupação nazista. Paul Virilio afirma que não

¹⁰⁹ Livre tradução retirada de: “le bunker s’use et se polit prématurément pour éviter tout impact, il se love dans le continu du paysage et disparaît ainsi de notre perception, habitués que nous sommes des repères et des ponctuations”.

¹¹⁰ Livre tradução retirada de: “On évacue en effet, avec le rétrécissement de la pupille technique, à fois les risques de chocs que détruiraient l’organe humain et on élimine aussi les à-côtés sans intérêt du paysage”.

¹¹¹ Livre tradução de: “Il y a synesthésie: la protection réalise l’acuité et l’acuité, en retour, protège”.

¹¹² Livre tradução de: “ces blocs de béton étaient en fait les derniers rejetons de l’histoire des frontières, du *limes* romain à la muraille de Chine; les bunkers, ultime architecture militaire de surface, étaient venus s’enchouer aux limites des terres, au moment précis de l’avènement du ciel dans la guerre; ils venaient borner le litoral horizontal, la limite continentale. L’histoire avait changé de lit une dernière fois avant le saut dans l’immensité de l’espace aérien”.

entendia o repúdio de seus conterrâneos em relação a essas construções. Ele declara: “eu acredito que estava sozinho ao ver surgir um outro sentido, uma outra significação para esses marcos alinhados ao longo do litoral europeu” (VIRILIO, 2008a, p. 19).¹¹³ Argumenta que pouquíssimas pessoas se indignavam ao ver a exposição de armas em vitrinas de lojas ou em museus, mas muitas reagiam ferozmente contra essas estruturas. E acrescenta:

As formas imponentes dos *bunkers* do muro do Atlântico são consequência do armamento dos adversários, do poder de fogo daqueles que nos resgataram, de nossos próprios exércitos. Arquitetura defensiva, o *bunker* não é, como era a arquitetura oficial do regime nazista, a expressão de uma arquitetura neoclássica. Ele pertence a uma outra história: aquela das armas e das trincheiras e, sem voltar às casamatas do século passado, basta conhecer as defesas inglesas, francesas ou alemãs da Primeira Guerra Mundial para encontrar muitas das soluções utilizadas, tanto na linha Maginot como na *Westwall* (VIRILIO, 2008a, p. 61).¹¹⁴

Para o autor, os *bunkers* são, sobretudo, um ponto de transição na história da velocidade. Se ele pôde realizar a arqueologia de um objeto tão recente na história da humanidade, é porque ela pertence a outra época. Virilio (1993c) observa que tudo inclinou sobre nossas cabeças com a chegada do céu à guerra e que nem mesmo tais “máquinas de sobrevivência” foram suficientes para deter o avanço da violência explosiva e implosiva das armas de fogo e das tecnologias de velocidade. Nesse sentido, ele entende que o declínio da *Festung Europa* significou igualmente o ocaso da defesa enquanto exercício de construção de obstáculos no espaço, uma espécie de geopolítica. Os aviões de combate praticaram uma nova ultrapassagem, produzindo um poder de penetração nunca visto antes, perfurando o espaço do continente europeu, alcançando uma transparência inédita. Essas “máquinas atmosféricas” engendraram, desse modo, uma reviravolta não apenas na guerra, mas também na história de maneira geral. Doravante, o ensaísta afirma, as cidades, “da menor até a capital, todas se tornaram portos de um novo litoral: o litoral vertical” (p. 13).¹¹⁵

4.1.1. AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO MEIOS DE GUERRA

¹¹³ Livre tradução de: “j’étais seul, je crois, à voir surgir un autre sens, une autre signification pour ces bornes alignées le long du littoral européen”.

¹¹⁴ Livre tradução de: “Les formes imposantes des bunkers du Mur de l’Atlantique sont la conséquence de l’armement adverse, de la puissance de feu de ceux qui nous délivraient, de nos propres armées. Architecture défensive, le bunker n’est pas, comme l’architecture officielle du régime nazi, l’expression d’une esthétique néo-classique. Il est issu d’une autre histoire, celle des armes et des retranchements et, sans remonter aux casemates du siècle dernier, il suffit de connaître les défenses anglaises, françaises ou allemandes de la Première Guerre mondiale pour retrouver beaucoup des solutions utilisées aussi bien dans la ligne Maginot que dans le Westwall”.

¹¹⁵ Livre tradução de: “de la plus petite à la capitale, elles étaient toutes les ports du nouveau littoral: le littoral vertical”.

Como vimos, Paul Virilio compreende que a utilização frequente dos aviões de combate na guerra pratica uma ultrapassagem, colocando um ponto final na história das fronteiras. Essa nova realidade, em seu entendimento, produziu uma verdadeira mutação do campo militar, impulsionando, no jogo dialético, uma completa transformação das estratégias de defesa. O autor constata que “a defensiva, no decorrer da Segunda Guerra Mundial, passou, assim, do entrenchamento à informação, por meio do prodigioso aumento dos sistemas de detecção e telecomunicação” (VIRILIO, 2008a, p. 42).¹¹⁶ Esse caminho tecnológico acelerou o desenvolvimento do chamado arsenal eletrônico que havia sido utilizado na Primeira Guerra Mundial, com a invenção dos meios de detecção acústica. Portanto, se os caças estenderam o alcance das artilharias, eles também impulsionaram, em contrapartida,

os aperfeiçoamentos das armas antiaéreas. Com a caçada noturna, a artilharia vertical se beneficiará igualmente dessa ubiquidade. A *Festung* Europa será coberta até o final do conflito por uma rede de radares panorâmicos alemães, cada um dos quais iluminará um círculo de trezentos quilômetros, transmitindo por cabos a imagem eletrônica do céu às grandes baterias de defesa contra a aviação de aglomerações ameaçadas. A artilharia não apenas não é mais cega, mas vê com antecedência. Essa visibilidade integral, que atravessa todos os obstáculos, torna transparente o espaço da nova guerra, enquanto o tempo é reduzido pelos sistemas de previsão e prevenção (VIRILIO, 2008a, p. 43).¹¹⁷

Nesse sentido, as tecnologias eletrônicas de informação e comunicação se transformam em armas defensivas contra os ataques aéreos inimigos. Dissemos que a ofensiva sempre buscou avançar rapidamente sobre o território do adversário, enquanto a arte da defesa intentava, até determinado momento da história, construir obstáculos que impedissem essa livre circulação, desacelerando a velocidade do opositor. Isto é, observamos a existência de uma dialética de guerra entre ataque e defesa em que o primeiro significava a aceleração, e a segunda, a construção de barreiras. Se a ofensiva objetiva invadir o terreno inimigo, ultrapassá-lo no espaço, a defensiva deve antecipar todas as ações de seus opositores, ultrapassando-os no tempo. Desse modo, a guerra pode ser compreendida como um jogo entre surpreender e evitar ser surpreendido, o segredo e a transparência, o inesperado e a antecipação. Com a invenção da

¹¹⁶ Livre tradução de: “La défensive, au cours de la Seconde Guerre mondiale, est passée ainsi du retranchement au renseignement, par le prodigieux essor de systèmes de détection et de télécommunication”.

¹¹⁷ Livre tradução de: “avec la chasse de nuit, l'artillerie verticale bénéficiera également de cette ubiquité. la Forteresse Europe sera couverte jusqu'à la fin du conflit par un réseau de radars panoramiques allemands dont chacun éclairera un cercle de trois cents kilomètres, transmettant par câbles l'image électronique du ciel aux grandes batteries de défense contre l'aviation des agglomérations menacées. L'artillerie non seulement n'est plus aveugle, mais elle voit à l'avance. Cette visibilité intrégrale qui perce tous les obstacles, rend transparent l'espace de la guerre nouvelle, alors que le temps est réduit par les systèmes de prévision et de prévoyance”.

pólvora e, posteriormente, dos aviões, com o fim da fortaleza inexpugnável, a defesa de um território demanda reações ainda mais rápidas, a ultrapassagem veloz, o avanço sobre o tempo.

Virilio explica:

A nova defesa se tornou não apenas a antecipação dos atos do adversário, mas a predição. A velocidade das novas armas é tal que, em breve, uma calculadora prepara o tiro e corrige sem cessar os elementos de ajuste para que os projéteis e as aeronaves se encontrem. Esse dispositivo é chamado de *Predictor*. Essa automação da perseguição levará, após a guerra, ao extraordinário desenvolvimento da informática e de suas 'calculadoras estratégicas' que perturbarão a política de guerra (VIRILIO, 2008a, p. 43-44).¹¹⁸

Portanto, o autor mostra como a conquista da velocidade se estabelece como imperativo dos dois lados do conflito. Se a ofensiva é caracterizada pela invasão rápida do território com a descarga da energia cinética tanto pelas tropas quanto pelos aviões, a defesa deve reagir antes da ação e predir os movimentos inimigos. Assim, o ensaísta francês verifica que as tecnologias de informação e comunicação serviram a ambos os campos. No ataque, ele percebe a invenção das óperas de comando, dos grandes centros de inteligência e telecomunicação que permitiam a conexão direta a distância, “o controle total e imediato da autoridade suprema sobre todos os executantes” (VIRILIO, 2008a, p. 44)¹¹⁹ do ato de guerra; na defesa, os radares ligados às baterias antiaéreas, cada vez mais automatizadas, que permitiam detectar a ameaça e solucioná-la antes mesmo de os projéteis atingirem seus alvos. No fundo, como vimos, tais avanços dromológicos produzem um declínio dos limites que antes separavam ofensiva e defensiva na dialética da guerra.

Virilio observa ainda que as informações necessárias à nova defesa no curso da Segunda Guerra Mundial não provinham somente dos radares que transmitiam as imagens eletrônicas do espaço aéreo do continente europeu aos centros de comando da *Wehrmacht*. O autor afirma que muitas informações eram provenientes de um sistema de delação em massa inaugurado por Hitler. Nesse ponto, ele observa a disseminação e penetração da “administração do medo” no espaço da *Festung Europa*, o que nos leva diretamente à temática da utilização dos meios de comunicação de massa pelo regime nazista durante o conflito.

¹¹⁸ Livre tradução de: “La nouvelle défense devient non plus seulement l'anticipation des actes de l'adversaire, mais la prédiction. La vitesse des nouvelles armes est telle qu'il faut bientôt qu'une calculatrice prépare le tir et corrige sans cesse les éléments de réglage afin que les projectiles-obus et le projectiles-avion se rejoignent; on appelle cet appareil le Predictor. Cette automatisation de la poursuite amènera, après la guerre, l'extraordinaire développement de l'informatique et ces fameux 'calculateurs stratégiques' qui bouleverseront la politique de guerre”.

¹¹⁹ Livre tradução de: “le contrôle total et immédiat de l'autorité suprême sur les exécutants”.

O ensaísta observa que Adolf Hitler e Joseph Goebbels utilizaram em larga medida essas tecnologias para impulsionar a *Blitzkrieg* no período da ofensiva nazista contra os outros países europeus. Paul Virilio analisa os discursos do ministro da propaganda nazista nos quais Joseph Goebbels (apud VIRILIO, 1996b, p. 20) declara a necessidade da invenção de uma nova linguagem de massas para a mobilização da sociedade alemã no sentido do estabelecimento do Terceiro Reich: “falou-se aqui uma língua nova e moderna que nada mais tem a ver com as formas de expressão arcaicas e, por assim dizer, populares; este é o início de um estilo artístico inédito, primeira forma de expressão *animada e galvanizante*”. Assim, Joseph Goebbels apresenta as novas formas dessa linguagem afirmando que a propaganda nazista deveria ser feita diretamente pela palavra falada e pela imagem, e não pela escrita. A esse respeito, Virilio complementa:

O tempo da leitura implica o de reflexão, uma desaceleração que destrói a eficiência dinâmica da massa. Se algum monumento é ocasionalmente ocupado pela malta, ele será rapidamente transformado em lugar de passagem onde cada um entre e sai, leva e traz; trata-se de uma tomada com ocupação temporária, o saque pelo saque (VIRILIO, 1996b, p. 21).

O cinema e o rádio, os principais meios de comunicação de massa do regime nazista, associados às altas doses de Pervitin – um composto derivado da metanfetamina – criaram o soldado perfeito, aquele que encarnava o ideal militante do Exército Pardo, “obedecendo a uma lei que às vezes nem mesmo conhece, mas que poderia recitar em sonho” (VIRILIO, 1996b, p.20); uma arma humana sem capacidade reflexiva, projetada unicamente para avançar sem tréguas e tomar a Europa inteira em poucos meses. Sem dor, fome e cansaço, esses super-humanos foram capazes de matar o medo, matando inclusive a morte... Desse modo, a mistura eletroquímica dos novos meios de comunicação e das drogas revelou-se ao mesmo tempo explosiva e implosiva. Conforme conclui Goebbels (apud VIRILIO, 1977, 1996b), essas técnicas possibilitaram a colocação em marcha de seres fanáticos.

Se essas análises se tornaram lugar-comum quando tratamos do desenvolvimento do nazismo na Alemanha, na década de 1930, e sua expansão pelo continente europeu durante a guerra, Virilio investiga também os usos dos meios de informação e comunicação no exercício da defesa estratégica da *Festung Europa*. Conforme dissemos, Mao Tse-Tung afirmou, em 1942, que a fortaleza continental só poderia ser mantida com o engajamento ativo de seus cidadãos. O ensaísta francês afirma que Hitler havia constatado essa necessidade e se aproveitou sobremaneira das condições do medo impostas pela própria realidade da guerra. Segundo o

autor, o grande mérito de Hitler (apud VIRILIO, 2008a, p. 44) foi compreender esse terror e perceber que “a ideia de proteção assombra e preenche a vida...”.¹²⁰

Para explicar o modo como o regime nazista administrou o medo na *Festung Europa*, Virilio relata o sentimento paradoxal dos franceses que viviam nas cidades ocupadas durante a Segunda Guerra Mundial:

a situação dos cidadãos franceses era espantosa: o inimigo coexistia aqui embaixo na vida cotidiana pacífica, mesmo que seus excessos às vezes pontuassem a vida ordinária. Ele estava lá, ao nosso lado, banalizado pelos anos de ocupação, enquanto os Aliados, os nossos, derramavam suas bombas na cidade. Paradoxalmente, porém, era impossível reprovar aqueles que, do alto do céu, esmagavam a tranqüila certeza dos hábitos diários. O maior horror, os crimes mais terríveis, a inocência das vítimas, o nivelamento fatal das silhuetas urbanas, tudo isso parecia aceitável, senão amigável... (VIRILIO, 1993c, p. 16).¹²¹

Nessa situação, a destruição das cidades francesas não poderia ser reprovada, e as mortes de civis pelos bombardeios aéreos Aliados eram aceitáveis. Esses crimes contra a humanidade, que não apagam as atrocidades praticadas pela máquina de destruição nazista nem a elas se comparam, significavam um passo a mais na direção da liberdade. Virilio (1993c, p. 17) pontua: “nós somos prisioneiros não somente das forças de ocupação, mas também dos muros de nossas cidades; são nossas próprias construções que sevem para nos sequestrar de uma zona a outra”.¹²² Por isso, o autor se lembra da existência de um sentimento de euforia entre os jovens cidadãos franceses quando eles observavam as ruínas das paisagens urbanas – “os amigos, os Aliados, nos converteram em outras tantas Neros contemplando o incêndio de Roma” (p. 18).¹²³

Ainda que existisse certo gozo na destruição urbana entre os franceses mais jovens, o ensaísta comenta, contudo, que o medo se espalhou na zona de domínio nazista, principalmente, com acirramento dos embates entre as forças de resistência e os Aliados contra os invasores alemães. Paul Virilio relembra:

nós poderíamos ser mortos por pessoas que conhecíamos e que eram aparentemente seres humanos normais, uma vez que nós estávamos na França e não na Polônia onde

¹²⁰ Livre tradução de: “L’Idée de protection hante et remplit la vie...”.

¹²¹ Livre tradução de: “la situation des citoyens français était étonnante, l’ennemi cohabitait ici-bas dans la quotidienneté pacifique, même si ses excès ponctuaient parfois la vie ordinaire; il était là, à côté de nous, banalisé par les années d’occupation, tandis que les Alliés, les nôtres, déversaient leurs bombes sur la cité. Paradoxalement, pourtant, il était impossible de réprover ceux qui, du haut du ciel, écrasaient la tranquille assurance des habitudes quotidiennes. L’horreur la plus grande, les crimes les plus épouvantables, l’innocence des victimes, l’arasement fatal des silhouettes urbaines, tout cela semblait acceptable sinon amical...”.

¹²² Livre tradução de: “Nous sommes prisonniers non seulement des forces d’occupation, mais aussi des murs de nos villes, ce sont nos propres constructions qui servent à nous séquestrer d’une zone à l’autre”.

¹²³ Livre tradução de: “les amis, les Alliés, nous avaient mutés en autant de Nérons contemplant l’incendie de Rome”.

ocorriam atrocidades como as dos guetos de Varsóvia. Os ocupantes eram ‘normais’ até o momento em que o chefe da *Kommandantur* foi assassinado, em Nantes, e as represálias se tornaram violentas – estou pensando em particular no episódio dos fuzilamentos em Chateaubriand, incluindo aquele de Guy Moquet. A partir de então, a cidade estava em estado de sítio, e o toque de recolher foi imposto às quatro horas da tarde. O medo se tornou físico, medo pela eminência da morte. E então, pela segunda vez, nós sofremos alguns anos mais tarde com os bombardeios aliados, uma violência extrema. Nossos aliados nos matavam e nós vimos ir em direção ao Hospital Saint-Jacques caminhões inteiros de pessoas aleijadas, com peitos eviscerados, pulmões expostos, decapitadas (RICHARD, VIRILIO, 2010, p. 19).¹²⁴

E ele complementa:

Para uma criança pequena como eu era, a questão do medo era aquela do mais forte e a questão estava confinada à da coragem individual, astúcia e força. Mas com o bombardeio, com o sequestro de reféns, o medo tomou conta de todos, incluindo os adultos. Todos os edifícios estavam tremendo de medo. Naquela época, éramos confrontados por um medo coletivo e, para uma criança, o terror reina porque é impossível ser corajoso em tempos de terror coletivo, exceto se caíssemos em ideologias de sacrifício como as do patriotismo ou do *kamikaze* (RICHARD, VIRILIO, 2010, p. 20).¹²⁵

O autor argumenta que o regime nazista utilizou esse medo coletivo principalmente após o início dos ataques aéreos aliados, para engajar a população francesa no exercício de defesa da *Festung* Europa. Virilio (1993c, p. 213) afirma que, naquele período, os invasores alemães recomendaram a “cada um cavar uma trincheira em seu jardim ou em seu pátio com a finalidade de poder abrigar sua família”¹²⁶ durante os bombardeios. Os nazistas também construíram diversos abrigos urbanos, outro tipo de *bunker*, como forma de defender a população dos países ocupados (VIRILIO, 2008a). As sirenes soavam rapidamente tão logo os aviões de guerra adentrassem o espaço aéreo europeu e fossem captados pela rede alemã de radares. Os alertas noturnos levavam a uma mobilização geral da cidade, e todos os cidadãos desciam para os

¹²⁴ Livre tradução de: “on pouvait être tué par des gens que l’on côtoyait et qui étaient apparemment des hommes normaux puisque ja rappelle qu’alors nous étions en France et non pas en Pologne où prenaient cours les atrocités du ghetto de Varsovie. Ces occupants étaient ‘normaux’ jusqu’au moment où, une fois le chef de la Kommandantur assassiné, à Nantes, les représailles devinrent violentes, je songe notamment à l’épisode des fuillés de Chateaubriand, parmi lesquels Guy Moquet. Dès lors, la ville est en état de siège et le couvre-feu est imposé dès quatre heures de l’après-midi. La peur devient peur physique, peur de l’imminence de la mort. Et puis, second temps, nous subissons quelques années plus tard les bombardements alliés, d’une extrême violence. Nos alliés nous tuent et l’on voit passer vers l’hôpital Saint-Jacques des comins entiers de gens estropiés, poitrines ouvertes, poumons à l’air, têtes coupées”.

¹²⁵ Livre tradução de: “Pour un petit garçon comme je l’étais, la question de la peur est celle du grand costaud et la question se cantonne à celle du courage individuel, de l’astuce et de la force. Mais avec les bombardements, avec les prises d’otages, la peur s’empare de tous, adultes compris. Tous les immeubles crèvent de trouille. À ce moment-là, nous sommes confrontés à la peur collective et, pour un enfant, la terreur règne car il est impossible d’être corageux en temps de terreur collective, sauf à verser dans des idéologies sacrificielles qui sont celles du patriotisme ou du kamikaze”.

¹²⁶ Livre tradução retirada de: “au cours de cette période, et plus précisément entre 1943 et 1944, on recommandait à chacun de creuser une tranchée dans son jardin ou sa cour afin de pouvoir mettre sa famille à l’abri”.

abrigos ou para seus porões, onde, aliás, poderiam ser mortos por asfixia ou afogamento, devido ao rompimento dos dutos de água e gás.

Todas essas medidas, contudo, eram insuficientes para a manutenção eficaz da fortaleza continental. Os alemães precisaram envolver os franceses em uma narrativa ainda mais sádica.

O autor recorda:

Para levar as populações dos países ocupados a temer mais do que a esperar sua libertação, publicaram-se na imprensa fotomontagens de ruínas hipotéticas [da cidade de Paris], prenunciando os estrondos da guerra total... O campo fechado da famosa *Festung Europa* então teve um efeito psicológico e sociológico considerável: ele tendeu a unir o ocupante e o ocupado em um mesmo medo do futuro; o recinto fortificado deu unidade e identidade àqueles que não as possuíam (VIRILIO, 1993c, p. 213).¹²⁷

Desse modo, a guerra psicológica movida por Hitler e seu corpo de ministros teve como principal consequência o início do processo de delação em massa. Paul Virilio (1993c, 2008a) afirma que a necessidade da perfuração integral do continente europeu para a manutenção das conquistas alemãs demandou um engajamento da população dos países ocupados na tarefa de informar os centros de comando acerca dos perigos próximos ou distantes. A informação total e instantânea possibilitava a abolição do efeito surpresa, que, como vimos, é um fator decisivo na resolução do combate. “O espaço e o tempo da guerra se comprimem; o perigo é vivido simultaneamente por milhões de ouvintes; aquilo que protege, ao que parece, é informação; é ter tempo, por falta de espaço... o tempo da reação” (VIRILIO, 1993c, p. 214).¹²⁸ Assim, por meio da propaganda e da administração do medo, o regime nazista tornou a espionagem um fenômeno de massa, estimulando a superexposição social. O ensaísta explica: “é então a guerra ‘psicológica’ que, juntamente com a guerra ‘eletrônica’, transforma centenas de milhares de civis em potenciais delatores dos mais diversos suspeitos: paraquedistas, judeus, refratários, prisioneiros em fuga, etc.” (p. 215).¹²⁹ O autor complementa: “o rádio o informa sobre qualquer perigo, imediatamente, mas, em troca, você alerta por telefone as autoridades sobre qualquer

¹²⁷ Livre tradução de: “Pour amener les populations des pays occupés à redouter plus qu'à espérer leu libération, on publiait dans la presse des photomontages de ruines hypothétiques, on préfigurait les affres de la guerre totale... Le champ clos de la trop fameuse Festung Europa avait alors un effet à la fois psychologique et sociologique considérable, il tendait à unir l'occupant et l'occupé dans une même peur de l'avenir, l'enceinte fortifiée donnait à fois unité et identité à ce qui n'en possédait pas”.

¹²⁸ Livre tradução de: “L'espace et le temps de la guerre se compriment, le danger est vécu simultanément par des millions d'auditeurs; ce qui protège, semble-t-il, c'est l'information, c'est d'avoir le temps, faute d'avoir l'espace... le temps de la réaction”.

¹²⁹ Livre tradução de: “c'est ensuite la guerre psychologique qui, concurremment à la guerre électronique, transforme des centaines de milliers de civils en dénonciateurs potentiels des suspects les plus divers: parachutistes, juifs, réfractaires, prisonniers évadés etc. ”.

anormalidade ocorrendo nas proximidades. É a forma de combate cívico dos cidadãos do Estado totalitário” (p. 215).¹³⁰

Nesse ponto, devemos ressaltar que Virilio compreende que a queda da *Festung Europa* significou um umbral histórico sem chance de retorno. Doravante, os obstáculos e as estruturas defensivas serão incapazes de conter as ameaças, vindas de todas as direções e dimensões, em grande velocidade, carregando surpresas mortais. O ensaísta demonstra que a defesa mudou no curso da Segunda Guerra Mundial. Ela deve apostar igualmente na aceleração, sobretudo na velocidade dos meios de informação e comunicação. Desse modo, a defesa se confunde com a própria ofensiva, conforme observamos na estratégia da *fleet in being*. Portanto, o que caracteriza o domínio nazista sobre a Europa não é tanto antiguidade de uma ideia de vida ligada intimamente ao solo, que conduz à edificação da última fronteira, a *Atlantikwall*, mas uma capacidade bastante minuciosa de travar um combate psicológico por meio da propaganda, levando os dominados europeus a se identificar e a contribuir com seus próprios sequestradores, fornecendo-lhes informações em troca de proteção.

Para Virilio (1993c), ainda que o declínio da fortaleza tenha demonstrado os limites da doutrina do *Lebensraum*, as técnicas de “administração do medo” inventadas pelos nazistas continuaram ativas após a guerra e foram ainda aprofundadas em nosso período, que ele nomeou como paz total. Por isso mesmo, o autor declara que “a Segunda Guerra é um reservatório de sentidos indispensável para a conhecimento da segunda paz, que é a nossa” (p. 15).¹³¹ Esses entendimentos se alinham à ideia de que Adolf Hitler não significou uma exceção no percurso civilizatório ocidental, mas uma de suas figuras mais eloquentes.¹³²

4.2. Da Guerra Total à Paz Total

¹³⁰ Livre tradução de: “la radio vous informe sur tout danger, tout de suite, mais, en retour, vous alertez téléphiniquement les autorités de toute anomalie survenant dans votre voisinage immédiat. C'est la forme de combat civique des citoyens de l'État totalitaire”.

¹³¹ Livre tradução de: “La deuxième guerre est un réservoir de sens indispensable à la connaissance de la seconde paix qui est la nôtre”.

¹³² Esse entendimento de Paul Virilio pode ser visto na análise do julgamento e da vida de Albert Speer que foi o segundo no comando do Terceiro Reich, antes de Goebbels, e verdadeiro promotor da guerra total. Segundo Virilio, Speer dizia que “a ditadura de Hitler foi a primeira ditadura de um Estado industrial, uma ditadura que, para dominar seu próprio povo, se serviu com perfeição de todos os meios técnicos... Assim, os acontecimentos criminosos desses últimos anos não ocorreram unicamente pela personalidade de Hitler. A desmesura de seus crimes poderia ser ao mesmo tempo explicada pelo fato de Hitler ter sido o primeiro a se servir dos meios ofertados pela técnica para cometê-los” (VIRILIO, 2008a, p. 81). Livre tradução de: “La dictature de Hitler fut la première dictature d'un État industriel, une dictature qui pour dominer son propre peuple se servit à la perfection de tous les moyens techniques... ainsi les événements criminels de ces années passées n'ont pas été dus uniquement à la personnalité de Hitler. La démesure de ces crimes pouvait en même temps s'expliquer par le fait que Hitler avait su le premier se servir pour les commettre des moyens offerts par la technique”.

Se os aviões de combate significaram uma velocidade inédita que levou à implosão do espaço e do tempo do continente europeu e ao declínio da *Festung Europa*, o lançamento dos primeiros mísseis balísticos durante a Segunda Guerra Mundial, antecipando a invenção dos foguetes e a chegada do homem à Lua, representa uma nova ultrapassagem. Para Virilio (1993c), esse novo passo do progresso dromológico possibilitou o desdobramento dromocrático da transição da guerra total para o regime da paz total. O ensaísta adverte que não devemos nos deixar enganar por esse nome: a paz total não significa uma paz verdadeira, mas aquilo que Briand (apud VIRILIO, 1993c) chamava de *a paz por inanição*, isto é, uma pacificação forçada, a guerra à guerra, o fim da alternativa política entre a guerra e a paz... Desse modo, o autor nos diz sobre a presença oculta de um estado de sítio global, marcado, sobretudo, por processos de espionagem compartilhados pelas duas potências atômicas e siderais do período da Guerra Fria, os EUA e a URSS.

Segundo Virilio, os satélites colocados em órbita em meados do século XX permitiram não apenas o início da conquista do espaço, mas também a criação de um *imperialismo sideral*, que é igualmente um *imperialismo planetário*. O ensaísta mostra que essas tecnologias devem ser entendidas, ao mesmo tempo, enquanto o produto do progresso da velocidade dos foguetes, que praticam a velocidade de libertação,¹³³ e como um novo meio de velocidade, dado que elas são capazes de transmitir informações em tempo real¹³⁴ a qualquer ponto da Terra, produzindo uma implosão total das distâncias, o que permite de modo mais completo a realização daqueles ideais de ubiquidade e instantaneidade iniciados com logística da *fleet in being* no século XVII. Nesse sentido, os satélites servem à vigilância e ao controle de todos os lugares em tempo real e se tornam eles mesmos máquinas de guerra, ou melhor, máquinas de guerra à guerra, como demonstram as análises de Paul Virilio acerca da produção informacional de um conflito sem combate durante a Guerra do Golfo Pérsico, em 1990 e 1991.¹³⁵

O ensaísta, contudo, demonstra que o imperialismo planetário não estaria completo sem a existência do grande medo nuclear que surgiu a partir de meados do século XX. As explosões das bombas estadunidenses em Hiroshima e Nagasaki, no término da Segunda Guerra Mundial, são, assim, igualmente importantes para a configuração do regime da paz total. Virilio explica que essas bombas levaram ao vislumbre de uma diminuição tão grande do tempo de guerra, que

¹³³ Esse conceito será trabalhado principalmente em *La vitesse de liberation* publicada originalmente em 1995. Com ele, Virilio (2000b) remarca a importância dromológica do escape vertical dos foguetes.

¹³⁴ Virilio trabalha detidamente com o conceito de tempo real em *L'espace critique*, obra de 1984. O tempo real é a capacidade da transmissão instantânea das imagens que permite a sincronização em diferentes espaços (VIRILIO, 1984a, 2008b).

¹³⁵ Essas análises foram realizadas primeiramente na obra *L'ecrã du desert*, de 1991.

a guerra mesma tendeu a seu próprio desaparecimento. Se, antes, a vitória sobre o adversário poderia demandar meses, anos ou décadas, agora, a destruição mundial não demoraria mais do que três horas (BEAUFRE apud VIRILIO, 2008a). Por causa desse poder explosivo, completado pelo poder implosivo dos mísseis balísticos e dos submarinos nucleares, o planeta inteiro se converteu em um reduto defensivo. Desse modo, as bombas ajudaram a produzir um sistema da dissuasão entre as duas potências atômicas, deslocando o conflito eminente para a competição econômica e tecnológica nas áreas dos desenvolvimentos dos armamentos e dos meios de transporte, informação e comunicação (VIRILIO, 1993c).

Paul Virilio (1993c, p. 138) observa: “se cremos nos estrategistas, a arma absoluta seria o meio de fazer guerra à guerra; esse armamento supremo garante a síntese entre a arma e a armadura; a bomba seria em suma o melhor abrigo”.¹³⁶ Os países que obtinham a arma não poderiam obviamente utilizá-la, sob o risco de disparar o gatilho da destruição total, mas o simples fato de tê-la garantia maior segurança contra possíveis investidas do adversário. Desse modo, a certeza da destruição total levou à pacificação forçada entre os dois blocos de poder capitaneados pelos EUA e pela URSS, impedindo a aniquilação humana. Por isso mesmo, o autor enxerga, ao analisar as declarações de alguns militares, a formação de uma espécie de evangelismo nuclear ao longo do século XX. Essa crença estava fundamentada na ideia de que somente a bomba poderia impedir a guerra e o extermínio da humanidade. Segundo Virilio (p. 138-139), “assim, desde 1945, a fé na boa nova da arma absoluta se espalhou em um ambiente restrito, em um cenáculo. A salvação dos homens não viria mais de sua conversão, mas desse medo comparado ao inspirado pelo Deus de Israel, vindo nas nuvens, cercado por raios”.¹³⁷ Portanto, a paz total que se produziu desde então é apenas a presença de um medo absoluto da destruição total, o equilíbrio do terror.

O ensaísta vai ainda mais longe ao afirmar que a competição econômica e tecnológica, que surgiu do sistema da dissuasão nuclear, produziu, na verdade, uma conciliação entre as duas potências atômicas e siderais. O autor comenta em sua entrevista a Sylvere Lotringer:

Penso que o que tem sido instituído é um acoplamento fatal entre os Estados Unidos e a União Soviética. A corrida armamentista unifica-os. Aliás, eu disse isso em meu primeiro livro, *L'insécurité du territoire*. Naquela época, as pessoas estavam discutindo a escalada da Guerra do Vietnã, e depois a escalada da guerra nuclear. Sugeri que os acordos SALT I de Moscou entre Nixon e Brezhnev eram uma espécie de escalada, e isso foi confirmado. O SALT I, para que serviu? Promoveu a precisão

¹³⁶ Livre tradução de: “À en croire les stratèges, l’arme absolue serait le moyen de faire la guerre à la guerre; cet armement suprême assurant la synthèse de l’arme et de la cuirasse, la bombe serait en somme le meilleur abri”.

¹³⁷ Livre tradução de: “Ainsi, depuis 1945, se serait répandue dans un milieu restreint, dans un cénacle, la foi en la bonne nouvelle de l’arme absolue. Le salut des hommes ne viendrait plus leur conversion, mais de cette crainte comparable à celle qu’inspirait le Dieu d’Israël venant sur les nuées, environée d’éclairs”.

dos sistemas de direção, a miniaturização e multiplicação das ogivas. Em outras palavras, graças aos acordos SALT I relativos à redução da limitação das armas, a máquina-de-guerra sofisticou-se ainda mais, e em proporções incríveis, na medida em que a pluralidade de ogivas foi posteriormente reforçada por sua precisão. Portanto, parece-me que se eles estão preparando acordos START sobre a redução do armamento, e não mais sobre a sua limitação, é porque na realidade preveem um aperfeiçoamento ainda maior, uma sofisticação ainda maior da máquina-de-guerra. Os acordos entre os americanos e os soviéticos são acordos de aperfeiçoamento da máquina-de-guerra. “Esse é o seu único propósito” – e ponto final. E nessa responsabilidade eles são aliados. Para cada lado, não há remissão de jeito nenhum. Os acordos SALT aperfeiçoaram as armas; os acordos START as aperfeiçoarão ainda mais (LOTRINGER, VIRILIO, 1984, p. 114).

Em *L'insécurité du territoire*, Paul Virilio analisa os acordos entre os EUA e a URSS mostrando que eles não versavam apenas sobre a produção dos armamentos nucleares táticos ou inteligentes: eles também estipulavam o lançamento de satélites de espionagem como modo de garantir a vigilância e o controle sobre todo o planeta. As armas nucleares inteligentes e os satélites formavam um conjunto destinado menos à espionagem do sócio imperial do que a impedir que um novo Vietnã pudesse se manifestar na cena geopolítica, escapando ao rígido esquema da divisão do mundo. O ensaísta afirma que, com a utilização das armas táticas, “a guerra revolucionária se tornará praticamente impossível, pois a ocupação (política e militar) do terreno será ela mesma irrealizável” (VIRILIO, 1993c, p. 110).¹³⁸

Virilio não diz que o período da paz total ocorre com a completa ausência da guerra ou de massacres, como a história bem mostrou – e ainda mostra na atualidade. O autor afirma somente que, a partir de determinado momento histórico, os conflitos foram reduzidos a problemas locais, enquanto as grandes potências nucleares se encontravam ironicamente em uma espécie de imobilismo inofensivo. O ensaísta argumenta que as potências aliviaram essa situação quando criaram a *entente nuclear*, o que significou a emergência da “dominação do mundo, por um esquema estratégico comum, absoluto em seu resultado” (VIRILIO, 1993c, p. 141-142),¹³⁹ que buscava eliminar qualquer caminho que apontasse para além das duas alternativas imperiais existentes.¹⁴⁰

No contexto desse atravessamento dos campos nuclear e sideral, Paul Virilio enxerga a hierarquização entre os países que possuíam essas tecnologias e aqueles que não as dominavam

¹³⁸ Livre tradução de: “la guerre révolutionnaire deviendrait impossible pratiquement, puisque l'occupation (politique et militaire) du terrain serait elle-même impossible”.

¹³⁹ Livre tradução retirada de: “Les deux super-grands pallièrent cette situation en prenant l'un et l'autre leurs distances vis-à-vis de leurs encombrants partenaires, et créèrent l'*entente nucléaire*, la domination du monde, par un schème stratégique commun, absolu dans son résultat, annihilant ainsi pour moment toutes les autres formes de spéculation ou velléités d'escalade, car on ne pouvait, semble-t-il, aller au-delà de l'adhésion à la mort universelle”.

¹⁴⁰ Em *L'insécurité du territoire*, o autor demonstra como os planos de reconstrução da Europa Ocidental, que tanto fortaleceram a economia estadunidense no pós-guerra, impossibilitaram aos países europeus a construção de um caminho político próprio, fora das zonas de influência dos EUA.

e que, por isso mesmo, se encontravam em suas zonas de influências. Nesse sentido, o autor observa uma cisão entre dois litorais, o horizontal e o vertical, que significava igualmente uma divisão geopolítica:

Um duplo litoral político e histórico se desenha. Uma macropolítica, nascida do escape vertical, e capaz de resolver tecnicamente do alto os problemas mais vastos no quadro de um ecossistema global, e uma micropolítica, aquela da instituição humana, prisioneira horizontal do litoral tecnicamente obsoleto, limitada por seu lugar e forçadamente incapaz de alcançar a solução de problemas mais extensos (VIRILIO, 1993c, p. 96).¹⁴¹

E o ensaísta continua:

Se os dois grandes blocos são os únicos agora a se encontrar sobre o novo litoral político, é porque eles são os únicos a possuir o poder tecnológico. Eles se apressam em solucionar os conflitos territoriais limitados, aqueles dos Estados-nações, que os dividem sempre em um nível subalterno, porque os esforços que eles devem fazer serão gigantescos: desqualificar o conjunto do *habitat* planetário, despojando os povos de suas qualidades de habitantes. Mas, justamente por causa de seu gigantismo, esse novo projeto é o único que parece estar à altura do progresso tecnológico que conhecemos (VIRILIO, 1993c, p. 99).¹⁴²

As bombas atômicas levam ao equilíbrio do terror e à formação do sistema da dissuasão nuclear; já os satélites permitem realizar a vigilância e o controle global para a manutenção do *status quo*. Dessa maneira, as lógicas da macropolítica sideral ou ortogonal desqualificam o planeta inteiro e produzem efeitos sobre os territórios, que se tornam incapazes de traçar um destino próprio, fora dos quadros de integração das duas grandes potências mundiais. Virilio (1993c, p. 99) observa que, “no nível da micropolítica, nos próximos anos, assistiremos, então, à grande associação dos interesses econômicos e militares na grande remodelagem geográfica dos territórios”.¹⁴³ O autor entende que tais atravessamentos entre macro e micropolítica

¹⁴¹ Livre tradução de: “Un double littoral politique et historique se dessine. Une macropolitique, née de l'échappement vertical, et capable de résoudre techniquement d'en haut les problèmes les plus vastes dans le cadre d'un écosystème global, et una micropolitique, celle de l'institution humaine, prisonnière horizontale de littoraux techniquement périmés, limitée par son lieu et forcément incapable de se hisser à la solution de problèmes plus étendus”.

¹⁴² Livre tradução de: “Si les deux grands blocs sont seuls désormais à se rencontrer sur le nouveau littoral politique, c'es qu'ils sont seuls à en posséder le pouvoir technique. Ils s'empressent de régler les conflits territoriaux périmés, ceux des États-nations, qui les divisent toujours au niveau subalterne, car l'effort qu'ils vont avoir à fournir sera gigantesque: disqualifier l'ensemble de l'habitat planétaire en dépouillant les peuples de leur qualité d'habitant. Mais justement à cause de son gigantisme, ce nouveau projet est le seul qui paraisse à la mesure du progrès technologique que nous connaissons”.

¹⁴³ Livre tradução de: “Au niveau de la micropolitique, nous allons donc assister, dans les années qui viennent, à l'association majeure des intérêts économiques et militaires dans le grand remodelage géographique des territoires”.

produzem o percurso em direção à militarização do território que tende a eliminar completamente o espaço civil. Para ele, esse é o início da *endocolonização*.

Sobre esse processo, o ensaísta francês explica que a criação macropolítica da paz total gera a necessidade da pacificação social no interior dos territórios. Para isso, os países deveriam produzir, de maneira forçada, uma homogeneização de seus cidadãos por meio da eliminação de todos os *desviacionismos* (VIRILIO, 1993c). Se, na Europa, o processo ainda engatinhava, enfrentando fortes resistências democráticas, nos países do Terceiro Mundo, as ditaduras militares, amparadas na doutrina da segurança nacional, que, supostamente, naquele tempo, se confundia com a doutrina da segurança global, podiam facilmente produzir o desaparecimento de cidadãos ditos perigosos, como se deu, de fato, na América Latina.

Nesse ponto, Paul Virilio observa um deslocamento:

Até a Segunda Guerra Mundial – até os campos de concentração – as sociedades eram sociedades de encarceramento, de aprisionamento, no sentido foucaultiano. A grande transparência do mundo, seja através de satélites ou simplesmente de turistas, suscitou uma hipertextualização desses lugares à observação, tanto por parte da imprensa quanto da opinião pública que agora proscreeva os campos de concentração. Você não pode isolar nada neste mundo de ubiquidade e de instantaneidade. Ainda que existam alguns campos, a hipertextualização do mundo levou à necessidade de superar o cerco e o aprisionamento. Isto exigiu a promoção de um outro tipo de repressão, que é o desaparecimento (o *gangster* já o havia inventado fazendo os corpos desaparecerem no cimento). Neste nível, para a política do desaparecimento, a América do Sul foi mais um laboratório (LOTRINGER, VIRILIO, 1984, p. 86).

O autor considera que essa política do desaparecimento – que ainda não foi abolida na periferia das grandes cidades latino-americanas – prova o desacoplamento entre a classe militar – e ele inclui nela também a burguesia – e a população dos países de maneira geral. O ensaísta afirma: “a classe militar está se tornando uma superpolícia interna. Além do mais, é lógico. Na estratégia da dissuasão, as instituições militares, não mais lutando entre si, tendem a lutar somente com as sociedades civis” (LOTRINGER, VIRILIO, 1984, p. 92). E ele complementa:

Na sociedade antiga, em que dominavam as estratégias econômicas e políticas, o exército era uma defesa nacional: sua tarefa consistia em proteger fronteiras ou expandi-las combatendo o inimigo. Na sociedade de segurança nacional – o próprio termo é bastante interessante – as forças armadas voltam-se contra suas próprias populações: de um lado para exigir os fundos necessários para a Guerra Pura, o desenvolvimento infinito de seu armamento (através de formas de pressão política muito precisas – como podemos facilmente ver na França, onde elas funcionam até num governo socialista); e, de outro, para controlar a sociedade. O que está acontecendo na Polônia hoje é semelhante ao que ocorreu no Camboja, mesmo que existam diferenças: a transformação de um estado de guerra numa guerra “contra a sua própria população” (LOTRINGER, VIRILIO, 1984, p. 92).

Virilio (1978) entende que a guerra total e a guerra pura, que é a concorrência tecnocientífica cujo objeto de ponta é a arma nuclear, levaram a uma quebra do pacto de semicolonização que se estabeleceu ao longo da história entre as classes militares e a sociedade civil. Esse pacto se manteve intacto enquanto as populações conseguiram preservar uma força dissuasiva contra as classes guerreiras e exploradoras, a possibilidade da defesa popular. Como vimos, com as armas nucleares, a defesa territorial se tornou praticamente impossível. Doravante, nos tornamos estrangeiros em nossos países, reféns das classes militares, que direcionam toda a energia social para um acúmulo de seu próprio poder. Para o ensaísta, a ultrapassagem dromológica, com a aceleração implosiva e explosiva nos campos dos armamentos e dos meios de transporte, informação e comunicação, produz um desdobramento dromocrático que nos direciona para a realização final da *civilização do exército* (VIRILIO, 1993c).

Se os países do Terceiro Mundo foram laboratórios para o desenvolvimento das técnicas da *endocolonização*, Paul Virilio analisa o modo como esses meios de vigilância e controle das populações começaram a ser implementados também no cerne das metrópoles europeias. Em *L'insécurité du territoire*, ele argumenta:

O interesse que a maior parte de nós possui em relação aos países oprimidos da América Latina deveria orientar nossa visão política, porque a exploração ultrajante dos Estados sul-americanos, com a cumplicidade passiva ou ativa das forças armadas indígenas [locais] não é mais do que uma prefiguração daquilo que deverá ocorrer com a Europa no final do século. As 'repúblicas de bananas' estão na própria lógica do supercapitalismo; experimentadas primeiramente na zona de influência direta do Império americano, elas serão um dia exportadas ao conjunto do hemisfério ocidental (VIRILIO, 1993c, p. 158).¹⁴⁴

Virilio errou no prognóstico temporal acerca da transformação dos países europeus em "Repúblicas de Bananas". Ele captou, contudo, a tendência que envolve inteiramente a Europa no final do último século. Sabemos que o velho continente foi reconstruído no pós-guerra com um rígido controle dos empréstimos estadunidenses e sob a proteção do exército comum da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). O autor compreende que esses processos impossibilitaram os países europeus de encontrar soluções originais para seus diversos dilemas políticos, econômicos e sociais, que perduram até a atualidade. Desse modo, eles foram

¹⁴⁴ Livre tradução de: "L'intérêt que la plupart d'entre nous portons aux pays opprimés d'Amérique latine devrait orienter la vision politique, car l'exploitation outrancière des États sud-américains avec la complicité passive ou active des forces armées indigènes n'est en fait qu'une préfiguration de ce que devrait devenir l'Europe de la fin de siècle. Les 'républiques de bananes' sont dans la logique même du surcapitalisme; expérimentées d'abord dans la zone d'influence directe de l'Empire américain, elles seront un jour exportées dans l'ensemble de l'hémisphère occidental".

forçadamente inseridos no esquema determinado pelas superpotências mundiais: os países não poderiam mais traçar um caminho geopolítico próprio, perdendo a força que tinham até o início do século XX. Para o ensaísta, o caso da repressão violenta da polícia do general De Gaulle aos movimentos de Maio de 1968 prova essa tendência de um alinhamento cada vez maior dos países europeus ao esquema da *endocolonização*, no caminho que leva à realização da *civilização do exército* (VIRILIO, 1993c).

No entanto, Virilio esclarece ao longo de seus livros que investigam os desdobramentos dromocráticos do progresso dromológico que não se trata de apontar para um país e afirmar que ele é colonizado por uma das duas superpotências mundiais, como se poderia dizer antigamente. O autor mostra que os EUA e a URSS também reproduzem essas lógicas coloniais no interior de seus territórios. Enquanto no caso soviético a aplicação das técnicas endocoloniais é óbvia por causa de seu caráter totalitário, nos EUA, a situação é um tanto mais difusa, mas igualmente presente. A homogeneização anima a implementação, “por parte da presidência norte-americana, de métodos de política interior semelhantes àqueles que foram em todos os tempos empregados na política exterior” (VIRILIO, 1993c, p. 156).¹⁴⁵. Nesse sentido, o ensaísta analisa as leis surgidas nas cidades estadunidenses na segunda metade do século XX:

Nos Estados Unidos, os decretos municipais se multiplicam: lei contra a vagabundagem (Cincinnati), interdições contra a reunião nas praças (Plainfield), proibição de se sentar sobre a calçada (Boulder), etc. O passante é brutalmente posto contra a parede e revistado pelo policial americano em nome da segurança urbana; o automobilista deve andar cada vez mais lentamente, com medo de ser preso; as causas de prisão se multiplicam a cada mês e, em pouco tempo, a cada dia; o universo cotidiano e *normal* das estruturas viárias ocidentais se junta, através de suas armadilhas, de seus controles, de seus radares, de sua espionagem, ao universo *anormal* da antiga ditadura stalinista, seus espaços restritos permanentes, a grande radial de Berlin, a periferia moscovita, ou, na África do Sul, o espaço do *Apartheid* (controle da população negra a cada dez quilômetros, nos transportes, nos bancos públicos etc.) (VIRILIO, 1993c, p. 82).¹⁴⁶

Para nós, o mais importante é observar a maneira como o medo, diante da certeza da destruição, produz a paralisação da guerra em níveis macropolíticos, ao mesmo tempo em que

¹⁴⁵ Livre tradução retirada de: “c’est le sens de l’actuelle mise en œuvre, par la présidence américaine, de méthodes semblables en politique intérieure à celles qui furent de tout temps employées en politique extérieure”.

¹⁴⁶ Livre tradução de: “Aus États-Unis, les arrêtés municipaux se multiplient: loi anti-flânerie (Cincinnati), interdiction de se réunir dans les squares (Plainfield), interdiction de s’asseoir sur les trottoirs (Boulder), etc. Le promeneur est brutalement collé au mur et fouillé par le policier américain au nom de la sécurité urbaine, l’automobiliste doit rouler de plus en plus lentement, dans la crainte d’être interpellé; les causes d’interpellations se multipliant chaque mois et bientôt chaque jour, l’univers quotidien et *normal* des structures autoroutières occidentales rejoint, au travers de ses pièges, de ses contrôles, de ses radars, de son espionnage, l’univers *anormal* de l’ancienne dictature stalinienne, ses espaces contraints permanents, la grande radiale de Berlin, la périphérie moscovite, ou, en Afrique du Sud, l’espace de l’apartheid (contrôle des populations noires tous les dix kilomètres, des transports, des bancs publics, etc.)”.

leva à proliferação de conflitos localizados e ao aumento da tensão entre as classes militares e as sociedades civis, o que se desdobra nos tensionamentos constantes no interior das próprias populações dos países em todo o mundo. Em outras palavras, se o equilíbrio do terror dissuade a guerra entre as duas potências, ele também age como uma força micropolítica, produzindo um retorno das técnicas de administração do medo desenvolvidas principalmente durante a Segunda Guerra Mundial. Desse modo, Paul Virilio mostra como o medo ao Outro – e veremos que esse outro pode ser entendido em um sentido amplo – será usado pelas classes militares como forma de dominação e homogeneização social. Assim, o autor sugere um deslocamento do próprio sentido da guerra: no século XIX, o general prussiano Carl von Clausewitz (2007) dizia que a guerra era continuação da política por outros meios; doravante, a política será a continuação da guerra, e o Estado assume cada dia mais um papel de mero policiamento, gestando os medos, as tensões e os desencontros (VIRILIO, 1993c). Segundo o ensaísta, essa situação permanece mesmo após o fim da Guerra Fria e a diminuição aparente da dissuasão nuclear, se prolongando até a atualidade.

4.3. O Medo Contemporâneo e o Estado de Emergência

Vimos que a dissuasão nuclear teve um efeito duplo. Por um lado, o equilíbrio do terror forçou a coexistência pacífica entre as duas superpotências atômicas e siderais, produzindo duas alternativas ou dois alinhamentos ideológicos, que imobilizavam as novas guerras como forma de impedir a destruição global. Por outro lado, a manutenção do sistema foi incorporada como dever das forças policiais no interior dos países, com a finalidade de controlar as trocas sociais que poderiam levar a um novo desequilíbrio macropolítico. Assim, essa situação produzia uma coincidência entre a necessidade de segurança nacional e a doutrina da segurança global, o que levou a uma hipertrofia da classe militar e seu progressivo afastamento em relação às sociedades civis. Sobre isso, Virilio declara: “aquilo que nós podemos chamar de ‘equilíbrio do terror’ é, acima de tudo, concretamente, um equilíbrio militar se apoiando sobre uma indústria de armamento e sobre um complexo que é aquele da ciência” (RICHARD, VIRILIO, 2010, p. 22).¹⁴⁷ E o autor acrescenta: “depois de Hiroshima, nós, as democracias ocidentais, a URSS, depois a Rússia, o resto do mundo por meio de alianças e preferências diplomáticas, vivemos

¹⁴⁷ Livre tradução retirada de: “Car ce qu’on appelle ‘équilibre de la terreur’ est avant tout, concrètement, un équilibre militaire reposant sur l’industrie de l’armement et sur un complexe qui est celui de la science”.

em um regime militar que suprime a via política” (p. 23).¹⁴⁸ Então, ele conclui: “eu acredito que aquela primeira deflagração real e simbólica em Hiroshima abriu literalmente o espaço de um medo cósmico” (p. 22).¹⁴⁹

Posteriormente, o medo cósmico será completado com os atentados terroristas, que se tornaram recorrentes a partir da segunda metade do século XX. Paul Virilio analisa o caso dos ataques promovidos por grupos terroristas palestinos, afirmando que, após a resistência do povo vietnamita, eles significavam uma evolução das estratégias de defesa popular em um contexto marcado pela dominação ortogonal total, que produz um conjunto de populações violentamente arrancadas dos territórios, uma “deslocalização nacional” (VIRILIO, 1978, p. 54). Como vimos no capítulo anterior, o progresso dromológico leva a uma confusão entre o ataque e a defesa no momento em que se eliminam os espaços seguros. Desde então, todos os lados do conflito devem avançar no campo da velocidade, e, assim, a história se direciona para a realização da essência absoluta da guerra total. Com os atentados terroristas, os palestinos estão inseridos nessa lógica. Seus inimigos não são mais os cidadãos de outra nação, mas o resto o mundo – “evocar aqui as velhas clivagens políticas ou ideologias se torna insignificante. Russos, estadunidenses, alemães, árabes ou judeus fazem o policiamento juntos” (p. 54).¹⁵⁰ Após as tentativas de conquistar um novo território, eles se voltaram para o ataque aos aeroportos, espaços de migração aérea. Paul Virilio (p. 55) complementa:

Aqueles que afirmam que o combate palestino não é mais uma ‘defesa’ popular têm razão, *ele é um assalto popular que se tornou suicida* porque eles não tinham escolha. Depois de seu desaparecimento geográfico, seu último objetivo foi garantir que o povo palestino não irá desaparecer da memória, como ele desapareceu do mapa. Se eles deixaram de ser *legalmente os habitantes da Terra*, como migrantes, eles ainda possuem um território específico: *aquele das mídias*. Das vias aéreas às ferrovias, das estradas à imprensa e à televisão, eles não podiam perder essa última vantagem, eles não podiam deixar que os vetores fossem neutros.¹⁵¹

¹⁴⁸ Livre tradução de: “Depuis Hiroshima, nous, les démocraties occidentales, l’URSS puis la Russie, le reste du monde *via* les alliances et préférences diplomatiques, vivons dans un régime militaire qui surplobe la vie politique”.

¹⁴⁹ Livre tradução de: “Je crois que cette première déflagration, réelle et symbolique, d’Hiroshima, a littéralement ouvert l’espace de la peur cosmique”.

¹⁵⁰ Livre tradução de: “Rappeler ici les vieux clivages politiques ou idéologiques devient dérisoire. Russes, Américains, Allemands, Arabes ou Juifs fon leur policie ensemble”.

¹⁵¹ Livre tradução de: “Ceux qui prétendent que le combat palestinien n’est pas une ‘defense’ populaire ont raison, il est un assaut populaire devenu suicidaire parece qu’ils n’ont pas eu le choix, après leur disparition géographique, leur denier objectif fut que le peuple palestinien ne disparaisse pas des mémoires comme il avait disparu de la carte. S’ils avaient cessé d’être légalement des habitants de la Terre, en tant que migrants, ils possédaient encontre un territoire spécifique: celui des médias, de la voie aérienne à la voie ferrée, de la route à la presse et à la télévision, il ne fallait pas qu’ils perdent cet ultime avantage, il ne fallait plus que les vecteurs soient neutres”.

Se os palestinos não eram capazes de estender suas fronteiras sobre as dos adversários, justamente porque eles não tinham mais território, eles passaram a estender suas fronteiras sobre a memória, sobre a mente das pessoas. O ensaísta francês argumenta: “os palestinos são mestres de um império audiovisual. Eles existem em qualquer parte de um Estado fundado sobre as estradas, ondas e imagens, com uma identidade precária e fantasmagórica, no fundo da memória de 400 a 500 milhões de telespectadores” (VIRILIO, 1978, p. 55).¹⁵² Paul Virilio entende que não podemos deslegitimar a causa palestina, pois ela deve se tornar recorrente em um mundo marcado por processos de desterritorialização. Porém, o autor diz que devemos pensar na maneira como esses atos levam ao clamor geral pela instalação de uma doutrina de segurança global.

Nem mesmo o fim da Guerra Fria e a diminuição das tensões consequentes do sistema da dissuasão nuclear frearam o avanço dessa doutrina em todo o mundo. Sabemos como a história prossegue até o atentado ao World Trade Center em Nova York. Desde seus primeiros trabalhos, nas décadas de 1960 e 1970, Virilio escrevia sobre os riscos que corriam os habitantes das cidades verticalizadas em um mundo marcado pelo conflito atmosférico. Nos ataques de 11 de setembro de 2001, esses prognósticos do autor se realizaram: as torres se tornaram um alvo fácil para os aviões sequestrados pelos membros da organização terrorista Al-Qaeda. Segundo o ensaísta, esse acontecimento marcou a passagem definitiva do *balanço do terror* da segunda metade do século XX para um “desequilíbrio do terror ‘terrorista’” (RICHARD, VIRILIO, 2010, p. 28) do terceiro milênio. Sobre isso, ele pondera:

Os eventos inaugurais daquela nova fase chamada ‘desequilíbrio do terror’, são evidentemente os atentados de 11 de setembro de 2001 em Nova York, depois, três anos mais tarde, aqueles da estação Atocha de Madri, seguido pelos atentados de Londres. Como definir o desequilíbrio do terror? Como a possibilidade dada a um único indivíduo de causar tanto dano quanto a arma absoluta. É também a ‘fábrica do medo’, no sentido literal do termo, que é o propriamente o terrorismo. Não são necessariamente armas extremamente sofisticadas, mas voláteis, deslocáveis e assustadoramente eficazes. Essa possibilidade de uma guerra total assumida por um indivíduo solitário é assustadora, porque altera as relações tradicionais de força, como eram pensadas e vividas durante a maior parte da história da humanidade. Isso criou um pânico não apenas no nível individual, mas igualmente aquele pânico da política que perdeu toda a medida, especialmente nos Estados Unidos (RICHARD, VIRILIO, 2010, p. 28-29).¹⁵³

¹⁵² Livre tradução de: “les palestiniens sont maîtres d’un empire audio-visuel, ils existent quelque part, indentité précaire et fantasmagique, au fon de la mémoire de 400 à 500 millions de télespectateurs, d’un État fondé sur des routes, des ondes, des images”.

¹⁵³ Livre tradução de: “Les événements inauguraux de cette nouvelle phase appelée ‘déséquilibre de la terreur’, ce sont évidemment les attentats du 11 septembre 2001 à New York, puis ceux, trois ans plus tard, de la gare d’Atocha à Madrid, puis ceux de Londres. Comment définir le déséquilibre de la terreur? Comme la possibilité donnée à un seul individu de faire autant de dégâts que l’arme absolue. C’est aussi la fabrique de la peur, au sens littéral du terme, ce qu’est en propre le terrorisme. Il ne s’agit pas nécessairement d’armes extrêmement

Virilio entende que existe uma relação muito próxima entre esse desequilíbrio do terror e a “bomba informacional” que nos assola diariamente principalmente com a extraordinária disseminação das telas e dos terminais no final do século XX e início do século XXI.¹⁵⁴ Para ele, essa espécie de bomba contribuiu para o estabelecimento de um ambiente de terror em escala global. O autor entende que o mesmo medo é sentido em todos os lugares, ao mesmo tempo, graças à velocidade instantânea de transmissão das ondas informacionais. Em outras palavras, a bomba não age apenas de maneira local; “ela explode a cada instante, quando ocorre um atentado, uma catástrofe natural, um pânico sanitário, um boato maligno” (RICHARD, VIRILIO, 2010, p. 30),¹⁵⁵ produzindo uma comunidade de emoções que se espalha, unindo diferentes indivíduos em um mesmo afeto – o comunismo da comunidade emotiva sucede o comunismo da comunidade de interesses.

Certamente, as tecnologias de informação e comunicação, que atuam na velocidade da luz e em tempo real, produzem transformações nas condições do medo contemporâneo. Virilio (1984a, 1984b, 1988, 1993b, 2008b, 1993a, 1994, 1996a, 2002) entende que os meios de informação e comunicação atuais geram uma forma de “iluminação indireta” sobre o mundo. A transparência simulada pelas telas dos terminais – a televisão, o computador e o celular – permite que nós acessemos os acontecimentos do mundo em tempo real sem qualquer necessidade de mudança de nossa posição original. A possibilidade paradoxal de um deslocamento sedentário, ou de uma “*motilidade imóvel*” (VIRILIO, 1984b, p. 127), nada mais é do que um novo efeito de real provocado pela chegada instantânea das imagens de outro mundo. E essa chegada irrefreável das imagens nas telas é complementada pela possibilidade de controlar remotamente processos em outros lugares. Assim, as tecnologias de informação e comunicação conseguem, com maior eficácia, engendrar a ubiquidade e a instantaneidade, como conquista da velocidade absoluta, o que leva à hipertrofia dos sujeitos contemporâneos, que habitam todos os lugares sem precisar sair de seu sofá. Para Virilio (1984a; 1984b; 1988; 1993b; 2008b; 1993a; 1994; 1996a; 2002), essa hipertrofia não significa outra coisa senão a

sophistiquées, mais volatiles, déplaçables et effroyablement efficaces. Cette possibilité d'une guerre totale assumée par un individu solitaire est effrayante car cela change les rapports de force traditionnels tels qu'ils ont été pensés et vécus durant l'essentiel de l'histoire de l'humanité. Cela a créé une panique non seulement à l'échelle des individus mais également cette panique du politique qui en a perdu toute mesure, notamment aux États-Unis”.

¹⁵⁴ Na verdade, Virilio percebe a ligação íntima entre o terrorismo e a tecnologia. Ele diz a Lotringer: “O terrorista tem de ter uma indústria de armas, pois se a indústria de armas parasse não haveria mais terroristas. Vamos admitir que amanhã não haja mais fabricantes de P38, que os Boeings estejam no chão por causa das greves, que não haja mais combustível, carros, máquinas: o terrorismo teria acabado. O terrorismo está intimamente ligado à tecnologia” (LOTRINGER, VIRILIO, 1984, p. 106).

¹⁵⁵ Livre tradução de: “elle explose à chaque instant, à propos d'un attentat, d'une catastrophe naturelle, d'une panique sanitaire, d'une rumeur maligne”.

perda de todos os referenciais que, antes, separavam as vidas privada e pública, o indivíduo e a coletividade, bem como os valores dimensionais da proximidade e da distância...

O ensaísta afirma que as cidades perdem seus limites, passando a ser atravessadas por acontecimentos vindos de outras partes – uma consumação da ortogonalidade. Enquanto isso, o domicílio não é mais uma habitação, um espaço cercado, mas um veículo que abriga as telas dos terminais, “terceiras janelas” (VIRILIO, 1984a; 2008b) e “últimos veículos” (VIRILIO, 1993a; 2002), através das quais podemos observar e atuar na cidade global – uma “cidadela eletrônica” (VIRILIO, 1977; 1996b) e virtual. Segundo o autor, o caso da fundação da Cable News Network (CNN), por Ted Turner em Atlanta, em 1980, ajuda a elucidar essa confusão atual, porque se tratava de “uma cadeia de televisão destinada a assegurar a transmissão de notícias *ao vivo* 24 horas por dia”, que, então, transformava “o apartamento de seus assinantes em uma espécie de ‘central dos acontecimentos mundiais’” (VIRILIO, 2008b, p. 13). O ensaísta, que também era arquiteto e urbanista prático, indaga sobre o modo como a arquitetura vem sofrendo as influências da nova ultrapassagem tecnológica. No fundo, se a Segunda Guerra Mundial representou o ocaso definitivo da fortaleza, da possibilidade do distanciamento geográfico do inimigo, as tecnologias de informação e comunicação estendem esse declínio ao nível das casas. Doravante, não existirão espaços seguros. O terror não será experimentado somente nas guerras, nos conflitos urbanos ou nas catástrofes naturais ou sociais que, real ou corporalmente, presenciamos. Ele nos assombrará mesmo quando estivermos trancafiados em nossas casas, cercados por sistemas de segurança sempre mais avançados, mas, ainda assim, insuficientes.

Em *L'insécurité du territoire*, Paul Virilio (1993c) nos advertia sobre os riscos do progresso da velocidade e da saturação veicular gerada pela hipercomunicabilidade dos meios. O ensaísta mostra como a aceleração de todas as coisas produz uma perfuração integral do espaço – e até mesmo da matéria –, eliminando qualquer possibilidade de segurança.¹⁵⁶ Conforme analisamos no ocaso da *Festung Europa*, o declínio do espaço seguro foi solucionado por uma tentativa de avanço sobre o tempo, de antecipação e até previsão de possíveis ameaças inimigas. Em um universo marcado pela implosão das distâncias, contudo, também não pode existir uma separação clara entre as ameaças e as não ameaças. Com isso, os perigos se tornam

¹⁵⁶ Para compreendermos essa ideia, basta imaginarmos duas situações: uma pedra arremessada a uma velocidade contra o para-brisa de um carro em repouso pode não causar grandes danos; essa mesma pedra arremessada a essa mesma velocidade contra o para-brisa de um carro em movimento pode causar um acidente fatal. Os buracos nas estradas também nos ameaçam por essa mesma lógica: se passarmos sobre eles lentamente, eles não representam grandes riscos; se passarmos sobre eles rapidamente, podemos sofrer um acidente ou, como diria Paul Virilio (1984b), conhecer finalmente a realidade da velocidade.

ordinários: somos rodeados cotidianamente de várias possibilidades aterrorizantes. Nas palavras de Virilio (1993c, p. 263), no tempo em que “saber tudo ou quase tudo imediatamente não nos permite mais prejudicar o que é o que não será importante, tudo se torna fonte de inquietação; a informação instantânea, antecipando as ações, pode efetivamente proteger de um risco, mas ela produz instantaneamente a crise”.¹⁵⁷ O autor explora o sentido dessa crise afirmando: “o conhecimento imediato e recíproco tornará o menor incidente, o menor gesto, dramático para o futuro do mundo” (p. 263).¹⁵⁸ E ele conclui: “ao dissolver por meio do veículo técnico o espaço do percurso, a velocidade (...) dissipa a insignificância. Agora, tudo é extremo. O FIM do mundo é sensível nessa situação que resulta da supercondutividade da mídia e da hipercomunicabilidade dos meios” (p. 264).¹⁵⁹

Esses entendimentos nos conduzem ainda a outra conclusão acerca das condições do medo contemporâneo no pensamento de Paul Virilio. Se, como dissemos, na era das fortalezas, o medo era dirigido a um outro exterior à sociedade ou ao outro que secretamente se infiltrava nas cidadelas para repassar a informação de suas mutações secretas aos inimigos, agora, com o ocaso das fronteiras, até mesmo dos domicílios – completando a conquista do céu e do espaço durante a Segunda Guerra e a dissuasão nuclear –, o medo do Outro já não se direciona ao estrangeiro... O ensaísta destaca que a implosão do mundo, com a ubiquidade e a instantaneidade consequentes da alta velocidade das tecnologias de informação e comunicação, elimina os estranhos (VIRILIO, 1993a, 2002). Desse modo, o inimigo politicamente declarado de antigamente tende ao desaparecimento “em benefício de uma indeterminação das ameaças constantemente renovadas” (VIRILIO, 1984b, p.245).¹⁶⁰ Assim, o Outro não desaparece da história, mas se difunde, retornando aos seus contornos mais simples: ele é aquele que transcende qualquer tentativa de redução, escapando completamente ao controle, trazendo novidades mortais.

Por um lado, a ubiquidade e a instantaneidade das ameaças contemporâneas atuam sobre os indivíduos, criando uma necessidade de atenção constante, pois a velocidade, como vimos,

¹⁵⁷ Livre tradução de: “tout savoir tout de suite ou presque ne permet plus préjuger de ce qui est ou sera sans importance, tout devient source d'inquiétude; l'information instantanée, en anticipant les actions, peut effectivement protéger d'un risque, mais elle produit instantanément la crise”.

¹⁵⁸ Livre tradução de: “La connaissance immédiate et réciproque rendra le moindre incident, le moindres geste, dramatique pour l'avenir du monde”.

¹⁵⁹ Livre tradução de: “Comme elle dissout par le véhicule technique l'espace du parcours, la vitesse (...) dissipe l'insignificance. tout est extrême désormais, la FIN du monde est sensible dans cette situation qui résulte à la fois de la supraconductibilité des milieux comme de l'hypercommunicabilité des moyens”.

¹⁶⁰ Livre tradução retirada de: “Puisque désormais, la volonté de la puissance publique consiste moins à assurer la pérennité d'une Nation par la défense ou l'extension de ses frontières qu'à assurer perpétuellement la paix, la réalité politiquement déclarée de 'l'ennemi' disparaît à son tour, au profit de l'indétermination de 'menaces' constamment renouvelées”.

acaba com toda insignificância. É preciso estar sempre um passo além, antecipar e prever todas as possibilidades aterrorizantes. O medo desse Outro bastante difuso se torna igualmente uma pressão individual contra a obsolescência de nossas próprias capacidades defensivas. Ele leva à tentativa de isolamento, ao fechamento em sua casa, se afastando progressivamente das relações presenciais com o mundo. Paul Virilio compreende que, ainda que a percepção da insegurança seja maior do que as ameaças verdadeiras – dado o efeito simulado da implosão do mundo gerado pelos meios de informação e comunicação –, a alta velocidade cria uma demanda real por segurança, que não pode ser vista como fantasia ou paranoia (RICHARD, VIRILIO, 2010). O autor complementa:

a demanda por segurança, em um mundo sujeito ao medo e a grandes riscos, é uma realidade política. Que não exista ambiguidade: não estou falando nada sobre as políticas de Charles Pasqua ou Nicolas Sarkozy, ou sobre o uso da polícia. Estou falando da pressão, do estresse e do encolhimento do mundo, agora, estreito demais para o progresso técnico, onde o individualismo de massa é uma das grandes questões psicopolíticas da humanidade (RICHARD, VIRILIO, 2010, p 52).¹⁶¹

Por outro lado, como sabemos bem, o medo transborda a esfera individual, adquirindo contornos políticos que se expressam na forma de um clamor público por mais segurança contra as ameaças indefinidas e sempre renovadas. Virilio percebe que essa exclamação generalizada produz o impulso da hipertrofia e da militarização do Estado. Ele enxerga nesse grito coletivo por segurança a exigência da construção de uma tecnocracia capaz de antecipar os perigos e controlá-los ou, então, responder às ameaças de maneira instantânea. Esta talvez seja uma das principais características das condições do medo na atualidade: o progresso dromológico, com seu imperativo da velocidade, com seu extraordinário desenvolvimento dos armamentos e das tecnologias de transporte, informação e comunicação, leva também à disseminação do regime de urgência, atravessando os indivíduos e o Estado, que passa a atuar continuamente em estado de emergência.

4.3.1. O ESTADO MILITAR DE EMERGÊNCIA

No começo do último capítulo de *Vitesse et politique*, Paul Virilio (1996b, p. 123) afirma que “o estreitamento das distâncias transformou-se numa realidade estratégica com

¹⁶¹ Livre tradução de: “la demande de sécurité, dans un univers soumis à la peur et aux risques majeurs, c'est une réalité politique. Qu'il n'y ait pas d'ambiguïté: je ne parle pas du tout des politiques de Charles Pasqua ou de Nicolas Sarkozy, ni de leur usage de la police. Je parle de la pression, du stress, du rétrécissement d'un monde désormais trop étroit pour le progrès technique où l'individualisme de masse est l'une des très grandes questions psychopolitiques de l'humanité”.

consequências econômicas e políticas incalculáveis pois equivale a uma negação do espaço”. No texto, o autor afirma que o desenvolvimento dos vetores supersônicos e eletromagnéticos, que se iniciou com a dissuasão nuclear e o lançamento das primeiras tecnologias orbitais, levou “à derrota do mundo como campo, como distância, como matéria” (p. 123). Com essas palavras, ele anuncia, mais uma vez, o ocaso das fortalezas, da resistência material dos obstáculos e das fronteiras, determinantes da distância que, antes, separava defesa e ataque na batalha:

A manobra que consistia ontem *em ceder terreno para ganhar Tempo* perde qualquer sentido; atualmente, o ganho de Tempo é questão exclusivamente de vetores e o território perdeu seu significado ante o projétil. De fato, *o valor estratégico do não lugar da velocidade suplantou definitivamente o do lugar*, e a questão da posse do Tempo renovou a da posse territorial (VIRILIO, 1996b, p. 123).

Conforme dissemos quando abordamos a ultrapassagem dromológica da *fleet in being*, possuir o tempo significa atuar em qualquer lugar em um momento preciso, realizando, assim, os ideais da ubiquidade e da instantaneidade. O progresso da velocidade visa produzir a acessibilidade de todos os espaços em qualquer tempo – a transparência, a perfuração integral das coisas. Assim, com os desenvolvimentos dos vetores supersônicos e das ondas eletromagnéticas, a localização geográfica perdeu definitivamente sua importância estratégica. Desde então, nos deparamos com “um fenômeno telúrico e técnico que nos faz hoje penetrar um universo topológico artificial: *o face a face de todas as superfícies do globo*” (VIRILIO, 1996b, p. 125). E essa nova realidade conduz a uma verdadeira mutação no campo da guerra:

Se na antiga guerra convencional ainda se podia falar de exércitos de manobras em campanha, no estágio atual, se essa manobra subiste, ela não precisa mais de ‘campanha’, a invasão do instante sucede à invasão do território, a contagem regressiva torna-se o campo de enfrentamento, a última fronteira (VIRILIO, 1996b, p. 127).

Nesse contexto global, a velocidade se torna um imperativo tanto para o ataque quanto para a defesa, impulsionando ainda mais o progresso dromológico. Assim, conforme vimos, com a aceleração decorrente da evolução tecnológica, ocorrem o aumento da zona de insegurança global e o deslocamento dos inimigos declarados para as ameaças velozes, indeterminadas e continuamente renovadas. Como dissemos, essas ameaças aterrorizantes nos circundam diariamente como consequência da pressão exercida em um universo sem distâncias. Se tudo se encontra face a face, se não existe mais qualquer distância segura, se os fenômenos são extremos, o medo se espalha, gerando o clamor por segurança, o que justifica a expansão dos processos de *endocolonização*, a hipertrofia estatal, a instalação do Estado de Emergência.

Dissemos que o poder responde ao medo, propondo um acúmulo de poder, que significa também um acúmulo da velocidade. Assim, o Estado de Emergência deve ser compreendido como um regime de poder capaz de atuar constantemente em grandes velocidades, o desdobramento dromocrático decorrente de uma nova ultrapassagem dromológica, marcada pela superação das barreiras do som e da luz pelos armamentos e meios de transporte, informação e comunicação atuais. Trata-se de uma nova configuração do Estado que já não se refere mais à capacidade de manutenção de um território, mas em avançar sobre a posse do tempo, ou seja, agir em qualquer lugar no momento preciso. O Estado de Emergência deve alcançar, então, os ideais da ubiquidade e da instantaneidade, o que produz transformações econômicas e políticas “incalculáveis”, que permanecem mesmo após o término da *dissuasão nuclear* e atingem em cheio o panorama contemporâneo do desequilíbrio do terror.

Se as ameaças atuais são caracterizadas pela velocidade e pela indeterminação, o Estado de Emergência contemporâneo deve controlar todos os movimentos, mesmo os menores gestos, por meio da vigilância contínua dos espaços e das vias, reais ou virtuais, evitando as surpresas, os acidentes... Desse modo, Virilio evidencia a continuação e o aprofundamento dos métodos e das técnicas de administração do medo inventadas e aplicadas pelo regime nazista na *Festung Europa* durante a Segunda Guerra Mundial. Primeiramente, o ensaísta observa o espalhamento dos sistemas infocomunicacionais no interior do tecido urbano com a substituição das patrulhas por câmeras capazes de transmitir imagens contínuas e em tempo real às centrais de comando policial (VIRILIO, 1993c). O autor percebe nesse processo uma “inversão dos meios de comunicação de massa” (p. 205)¹⁶² que possibilita a “automatização dos serviços de inteligência e a centralização instantânea das informações” (p. 205).¹⁶³ Ele continua:

Quando a polícia urbana substitui a patrulha motorizada pela vigilância televisual, ela torna sua presença não mais ocasional, mas a faz pesar permanentemente sobre as idas e vindas de todos. Não são mais certos indivíduos, os delinquentes, que tomam a iniciativa de afrontar pontualmente a representação do sistema, mas o sistema que precede e impede os atos do conjunto social. Nós abandonamos a ideia de uma repressão exercida pontualmente por agentes mais fortes ou mais numerosos em benefício de um estado de opressão, de uma violência imanente aos lugares (VIRILIO, 1993c, p. 205-206).¹⁶⁴

¹⁶² Livre tradução de: “l’inversion des moyens de communication de masse”.

¹⁶³ Livre tradução de: “l’automatisation du renseignement et la centralisation instantanée des informations”.

¹⁶⁴ Livre tradução de: “Lorsque la police urbaine substitue à la patrouille motorisée la surveillance télévisuelle, elle rend sa présence non plus occasionnelle, mais la fait peser en permanence sur les allés et venues de tous. Ce ne sont plus certains individus, les délinquants, qui prennent l’initiative d’affronter en un point la représentation du système, mais le système qui précède et prévient les actes de l’ensemble social. On abandonne l’idée d’une répression exercée ponctuellement par des agents plus forts ou plus nombreux au profit d’un état d’oppression, d’une violence immanente aux lieux”.

Paul Virilio também percebe a penetrabilidade dessas tecnologias de televigilância ao dizer “somos contados, sopesados, auscultados até em nossas temperaturas, que os sensores infravermelhos medem para adivinhar nossos deslocamentos, surpreender nossos gestos...” (VIRILIO, 1993c, p. 206).¹⁶⁵ E essas informações serão transmitidas e armazenadas instantaneamente no Banco Central de Dados. Para o autor, todo esse sistema eletrônico é completado pela permanência dos processos de delação massiva, em conjunto com outras tecnologias de vigilância, que não se restringem às vias ou ao que resta dos espaços públicos, mas que avançam para o interior dos domicílios e atravessam, até mesmo, os corpos dos indivíduos (VIRILIO, 1984a; 1984b; 1988; 1993a; 1993b; 1994; 1996a; 2002; 2008b). O clamor coletivo por mais segurança nos transforma em delatores, ao mesmo tempo em que nos leva a fornecer de bom grado nossas informações pessoais aos Bancos Centrais de Dados. Assim, o ensaísta percebe o espraiamento da militarização no terreno social e a produção de uma sociedade para-civil (VIRILIO, 1993c). Podemos ver aí o início de uma superexposição voluntária da cidade e da sociedade. Virilio (p. 226) conclui:

A polícia e o novo exército [para-civil] trabalham agora ‘em domicílio’ por meio das escutas telefônicas, as câmeras espãs, a plêiade de delatores oficiais e officiosos, o controle social se efetua não mais apenas extensivamente sobre os territórios mais vastos (...), mas intensivamente na escala do quarteirão, do prédio, não mais somente na rua ou nas praças pública, mas no nível do andar, do corredor e do vestibulo.¹⁶⁶

Além desses procedimentos que visam produzir uma transparência integral do tecido social, Virilio entende que um dos principais meios de controle do espaço e do tempo humanos, dos movimentos, é o estímulo à sedentarização das populações urbanas. Para o ensaísta, esses estímulos se tornaram evidentes após a Segunda Guerra Mundial, quando o extraordinário consumo da economia de guerra foi tomado como modelo para economia da paz. O *New Deal* de Roosevelt, nos EUA, e os planos de segurança social de Beveridge, na Inglaterra, tornavam os cidadãos desses países reféns de seus próprios governos. O autor afirma que esses dois atores políticos utilizaram o medo proveniente da guerra total para provocar a aceitação desses planos mesmo em populações com fortes tendências liberais. Virilio percebe que, apesar de declararem a *freedom for want* [a liberação do desejo], esses documentos indicavam, paradoxalmente, que

¹⁶⁵ Livre tradução de: “nous sommes comptés, sopesés, auscultés – jusqu’à notre température que les senseurs à infrarouge testent pour deviner nos déplacements, surprendre nos gestes...”.

¹⁶⁶ Livre tradução de: “La police et l’armée nouvelle travaillent désormais ‘à domicile’ par les écoutes téléphoniques, les caméras-espions, la pléiade des délateurs officiels et officieux, le contrôle social s’effectue non plus seulement extensivement sur des territoires de plus en plus vastes (...), mais intensivement à l’échelle de l’ilot, de l’immeuble, non plus seulement dans les rues et sur les places publiques, mais au niveau du palier, du couloir et du vestibule”.

o Estado seria, de agora em diante, o único ente suficientemente qualificado para “diagnosticar a necessidade para a vida saudável do cidadão” (BEVERIDGE apud VIRILIO, 1993c, p. 31).¹⁶⁷ Assim, diz o autor, esses planos substituíram o homem com seu direito costumeiro por aquele “da ação sanitaria e social, quer dizer, o homem nu e sozinho sob a visão estatística e clínica” (p. 31).¹⁶⁸ O ensaísta continua:

O homem da *freedom* não é mais, então, propriamente falando um ‘cidadão’, ele é um organismo anônimo vivendo em uma situação-limite, porque a lei diz respeito à satisfação mínima de suas necessidades, àquilo que é indispensável à vida. Sem cultura, sem sociedade e sem memória, essa figura não tem precedentes históricos. É somente a precariedade de sua situação dentro do sistema que o vincula a ele, pois, para o homem nu, a assistência se tornou a sobrevivência, a não assistência, uma condenação à morte (VIRILIO, 1993c, p. 31-32).¹⁶⁹

Virilio percebe que o assistencialismo toma conta do Estado após a Segunda Guerra Mundial em detrimento da antiga ideia de serviço público. Ele complementa:

Com a ideia de serviço público das populações, é uma das últimas características do estado de paz verdadeira que desaparece, porque, além de sua representação humana e desinteressada, é a imagem social do Estado que desaparece do espírito dos cidadãos. Isso é normal, pois a ideia de serviço se opõe fundamentalmente à ideia de assistência por intermédio da política do meio. A característica desinteressada e anônima do serviço público das populações aparece de fato *como o último suporte tangível das liberdades, dos cidadãos*, e isso tudo particularmente em matéria de legislação espacial: é essa característica desinteressada do que garantiu de fato o direito de circular ou parar, a inviolabilidade de um espaço apropriado mesmo que provisoriamente, deixando aos habitantes a liberdade de passar da vontade ao movimento, quer dizer, de preexistir à vida cotidiana, recriá-la no lazer, inalienável, simplesmente armando uma barraca ou possuindo uma casa sobre rodas. Nós sabemos das perseguições dos Estados Totalitários àquelas noções dinâmicas de espaço social, que foram, por exemplo, as diversas formas de nomadismo: o tratamento dos ciganos e dos boêmios sob o Terceiro Reich e, hoje em dia, as leis de assistência que visam à sedentarização (VIRILIO, 1993c, p. 41).¹⁷⁰

¹⁶⁷ Livre tradução de: “faire le diagnostic du besoin en vue de la vie saine du citoyen”.

¹⁶⁸ Livre tradução de: “de l’action sanitaire et sociale, c’est-à-dire l’homme nu et seul sous le regard étatique et clinique”.

¹⁶⁹ Livre tradução de: “L’homme de la *free* n’est donc plus à proprement parler un ‘citoyen’, c’est un organisme anonyme vivant en situation limite, puisque la loi porte sur la satisfaction minimale du besoin, ce qui est indispensable à la vie. Sans culture, sans société et sans mémoire, cette figure n’a pas de précédent historique, c’est uniquement la précarité de sa situation au sein du système qui le lie à celui-ci, puisque, pour l’homme nu, l’assistance est devenu la survie, la non-assistance, une condamnation à mort”.

¹⁷⁰ Livre tradução de: “Avec l’idée de service public des populations, c’est une des dernières caractéristiques de la paix véritable qui disparaît, car, au-delà de sa représentation humanitaire et désintéressée, c’est l’image sociale de l’État qui s’efface de l’esprit des citoyens. Cela est normal, car l’idée de service s’oppose fondamentalement à l’idée d’assistance à travers la politique de milieu. La caractéristique désintéressée et anonyme du service public des populations apparaît en effet *comme l’ultime support tangible des libertés, des citoyens*, et cela tout particulièrement en matière de législation de l’espace: c’est ce caractère désintéressé qui garantit dans les faits le droit de circuler ou de s’arrêter, l’inviolabilité d’un espace même provisoirement approprié, laissant aux habitants la liberté de passer du vouloir au mouvoir, c’est-à-dire de préexister à la quotienneté, de la recrier à loisir, inaliénable, en plantant simplement une tente, en arrêtant une roulotte. On sait de quelles persécutions ces notions dynamiques de l’espace social que sont, par exemple, les diverses formes de nomadisme, font l’objet dans les États

A sedentarização, como método do controle do movimento, em prol da segurança, frente às ameaças continuamente renovadas, será completada pela disseminação das tecnologias de informação e comunicação mais atuais, com o surgimento do trabalho a distância, possibilitado pela invenção de meios interativos, capazes não apenas de transmitir imagens em tempo real de qualquer parte do mundo, mas também de permitir o controle remoto, a atuação nesses espaços distantes (VIRILIO, 1984a; 1984b; 1988; 1993a; 1993b; 1994; 1996a; 2002; 2008b). Assim, as cidades tendem ao esvaziamento, à desertificação, um processo de desurbanização, resultante do aprisionamento domiciliar dos seres humanos (VIRILIO, 1993c).

Virilio aponta, contudo, que a militarização econômica possui também outra função em nosso contexto. Ele percebe que a necessidade de controle total dos movimentos leva a um progressivo desmonte do Estado civil em favor de um Estado militar. O autor observa que o clamor geral por segurança produz o contínuo crescimento dos orçamentos militares. As necessidades de vigilância total e ação instantânea como garantia contra as ameaças atuais são tomadas como prioridades em detrimento da economia civil. Para o ensaísta, o Estado mínimo, apregoadado pelos neoliberais e neoconservadores na esteira do pensamento econômico de Milton Friedman – que se autointitularam, paradoxalmente, anarcocapitalistas –, não passa do desdobramento dessa operação de militarização econômica iniciada após a Segunda Guerra Mundial (VIRILIO, 1978). Sobre isso, Virilio comenta: “a política maximal do Estado de Bem-Estar é sucedida pela política minimal (...). Em minha opinião, um Estado mínimo significa pauperização e, mais precisamente, endocolonização. É como se as sociedades tivessem perdido sua capacidade de autorregulação” (LOTRINGER, VIRILIO, 1984, p. 95). Segundo ele, a perda dessa capacidade reflete uma profunda descrença no caráter humano das instituições do Estado, que o autor explica retomando um exemplo francês:

Em um nível menos confidencial, o referendo sobre a Europa na França foi um modelo interessante. A campanha de propaganda começou na realidade com a exibição dos escândalos e da corrupção que, logo, desvalorizou os representantes eleitos pela maioria, assim como os representantes de grandes órgãos de Estado ou os dignitários locais. Um fato revelador: a televisão e a rádio governamentais, no lugar de abafar o caso, bateu nela, complacientemente, por meses. O caráter comum de representantes institucionais que foi, de fato, visado por intermédio de todos esses personagens tão diversos. O que era precisamente designado era o *intermediário humano, demasiado humano* e, por isto, acessível às tentações do poder. Graças a essas manobras, o corpo social é empurrado à crítica irracional, quer dizer, negativa, da instituição; ele não se mostra mais ávido pela mudança institucional, ele está cansado agora de *todas as instituições de caráter humano*; é isso o que as cédulas traduziram. Uma excelente

totalitaires: le *traitement* des tziganes et des bohémiens sous le IIIe Reich, et, aujourd’hui, les lois d’assistance qui visent à les sédentariser”.

notícia para a tecnoestrutura e, no entanto, um presságio temível para os intermediários sociais, para o corpo social mesmo (VIRILIO, 1993c, p. 55-56).¹⁷¹

Além desse cansaço diante da corrupção estatal, Paul Virilio (1993c) argumenta que o que está em jogo no Estado de Emergência atual é a necessidade de uma ação instantânea, levando ao descrédito de todas as instituições humanas em benefício das decisões técnicas, que tendem a considerar apenas dilemas logísticos e que, por isso mesmo, são mais rápidas e eficazes. Assim, se o Estado de Emergência tende ao militarismo é porque a classe militar se estabeleceu ao longo da história como portadora de uma racionalidade capaz de lidar com a urgência da ameaça contemporânea. Para o ensaísta, a classe militar se adequa fundamentalmente ao tempo da transição para o Estado Tecnológico, que “já não necessita senão, muito secundariamente, do acidente humano, que representa um desconforto para seu funcionamento” (VIRILIO, 1993c, p. 54).¹⁷²

No fundo, Paul Virilio nos mostra como a urgência diante das ameaças atuais provoca uma verdadeira disputa conceitual entre o *instante* e a *duração* no interior do Estado. Se o tempo da ação da ameaça diminuiu drasticamente com a possibilidade da ubiquidade e da instantaneidade dos meios dromológicos atuais, o tempo de reação deve se tornar igualmente nulo, suplantando qualquer duração reflexiva. Para o autor, os fenômenos de interação instantânea e interface, que dizem tanto sobre o terror contemporâneo, eliminam “o tempo reservado para reflexão, em favor de reflexos condicionados produzidos pela emoção” (RICHARD, VIRILIO, 2010, p. 31).¹⁷³ Contudo, a ação quase instintiva, orientada pelo afeto do medo, não provoca mudanças somente em nossas vidas cotidianas; ela penetra o cerne do Estado, produzindo uma ameaça direta à democracia. O ensaísta argumenta que a democracia, por sua característica reflexiva, foi considerada por alguns chefes militares e autoridades importantes no século XX uma organização política demasiado lenta para responder às crises

¹⁷¹ Livre tradução de: “À un niveau moins confidentiel, le référendum sur l’Europe a été en France un modèle intéressant. La campagne de propagande a commencé en réalité avec l’étalage des scandales et de la corruption qui dévalorisaient aussi bien des élus de la majorité que des représentants des grands corps de l’État ou des dignitaires locaux. Fait révélateur: la télévision et la radio gouvernementales, au lieu d’étouffer la chose, l’ont matraquée, complaisamment, pendant des mois. Au travers de tous ces personnages, si divers, c’est leur caractère commun de représentant de l’institution qui était en fait visé, c’est l’*intermédiaire humain, trop humain*, et par là accessible aux tentations du pouvoir qui était très précisément désigné. Grâce à de telles manœuvres, le corps social est possédé à la critique irrationnelle, c’est-à-dire négative, de l’institution; il ne se montre bientôt plus avide de changement institutionnel, il est désormais de toute institution à caractère humain, ce que devait traduire finalement le scrutin. C’est une excellente nouvelle pour la technostrucure et, en revanche, un pressage redoutable pour les intermédiaires sociaux, pour le corps social lui-même”.

¹⁷² Livre tradução retirada de: “l’État technologique n’a plus besoin que très secondairement de l’accident humain, celui-ci représentant, pour son fonctionnement, une gêne”.

¹⁷³ Livre tradução retirada de: “Avec les phénomènes d’interactivité instantanés qui sont désormais notre lot quotidien, a lieu un véritable bouleversement qui déstabilise le rapport à l’activité des hommes entre eux, dans le délai qui est celui de la réflexion, et cela au profit du réflexe conditionné à quoi l’émotion conduit”.

atuais. Assim, passamos a uma era marcada por um estímulo geral àquilo que ele conceitua como *transpolítica*. Virilio explica: “A transpolítica é o início do desaparecimento do político na rarefação da última provisão: a duração. Democracia, consulta, bases do político, requerem tempo. A duração é própria do homem: ele está inscrito nela” (LOTRINGER, VIRILIO, 1984, p. 35). O estabelecimento da *instantaneidade* enquanto ideal é simultaneamente consequência e causa da crise do pensamento democrático atual, favorecendo a miniaturização da decisão, a automação ou o automatismo militar tecnocrático, no caminho do estabelecimento do Estado efetivamente tecnológico (LOTRINGER, VIRILIO, 1984; RICHARD, VIRILIO, 2010).

Por último, devemos destacar, o Estado Militar de Emergência não objetiva qualquer progresso no campo civil. Ele atua dentro daquele quadro que Paul Virilio (1993c) chamou de *solving system*, procedendo por aberturas programadas, mirando apenas a solução de um determinado problema, o que não significa revolução. *Mas seria esse Estado capaz de solucionar o medo contemporâneo?* Conforme vimos a respeito das técnicas de administração do medo durante a Segunda Guerra Mundial, esse Estado extrai seu poder justamente da permanência do medo no interior das populações. Dito de outro modo, ele se retroalimenta do terror e, por isso mesmo, deve estimulá-lo, aumentando seus regramentos e suas velocidades, amplificando suas ameaças. Assim, esse Estado promete uma solução para problemas que ele mesmo parece criar, praticando uma espécie de terrorismo oficial, que termina por justificar sua própria invasão do campo social, um novo avanço do totalitarismo.

Então, Virilio (1993c, p. 220-221) afirma: “um aparelho de controle social se coloca em funcionamento sem que nós possamos ainda compreender claramente os prós e os contras. Em todo caso, se trata do fim das liberdades individuais sob o manto agora clássico da ‘segurança’ e da ‘proteção’”.¹⁷⁴ E ele ainda nos adverte:

Cada um desses fatos é menos importante do que a convergência que visa transformar a vida cotidiana pacífica em uma selva onde a sucessão de riscos e perigos é rigorosamente classificada – da laranja danificada do supermercado ao assassinato em um local público, passando pelas vendas fraudulentas na loja, o risco de acidente na estrada ou o alerta para a poluição do ar e de alimentos. Essa mistura dos medos mais leves com as maiores ansiedades não parece preocupar ninguém no final: esse é o paradoxo! O Estado administra o medo, mas ninguém parece preocupado com a mudança na vida cotidiana; melhor ainda, as próprias pessoas que passam por esse treinamento diário acusam prontamente aqueles que se ofendem de um pessimismo ultrajante (VIRILIO, 1993c, p. 224).¹⁷⁵

¹⁷⁴ Livre tradução de: “Un appareil de contrôle social se met en place sans que nous puissions encore en comprendre clairement les tenants et les aboutissants, c’est en tout cas la fin des libertés individuelles sous le couvert désormais classique de la ‘sécurité’ et de la ‘protection’”.

¹⁷⁵ Livre tradução de: “Chacun de ces faits est moins important que la convergence qui vise à transformer la pacifique quotidienneté en une jungle où la succession des risques et des dangers est rigoureusement graduée, de l’orange avariée du supermarché à l’assassinat dans un lieu public en passant par les soldes frauduleux dans le

Paul Virilio entende que o Estado de Emergência não é senão a realização daquilo que estava contido na figura de fundo da *idealidade morfológica do Ocidente*, isto é, a tentativa de criação do Estado perfeito – uma utopia esquizofrênica, fora da história, incorporando o outro, como no mito do amor narrado pela personagem Aristófanes do diálogo *O Banquete*, de Platão. Isso se dá a partir da tentativa de controle total dos espaços e dos tempos, de todos os movimentos humanos. Assim, assistimos ao nascimento de um *Ente* investindo contra tudo que lhe escapa, praticando a *endocolonização* minuciosa dos territórios, em vias de penetrar nossos corpos e tomar completamente nossas consciências.

magasin, les risques d'accident sur l'autoroute ou l'alerte à la pollution atmosphérique et alimentaire. Ce mixte des craintes les plus légères aux angoisses les plus grandes ne semble finalement inquiéter personne, c'est le paradoxe! L'État administre la peur, mais nul ne semble inquiet de la mutation de la quotidienneté; mieux, ceux-là mêmes qui subissent ce dressage journaliers accusent volontiers de pessimisme outrancier ceux qui s'en offusquent”.

CONCLUSÃO: OS MEDOS URBANOS E A VIDA SEM PENSAMENTO

“A violência da velocidade tornou-se, simultaneamente, o lugar e a lei, o destino e a destinação do mundo.”

- VIRILIO, Paul (1996b, p. 137)

Iniciamos este trabalho apresentando a crise da alteridade no mundo atual e seus vários entrelaçamentos com a globalização enquanto fenômeno da contração simulada do planeta pelo intenso desenvolvimento dos meios de transporte, informação e comunicação nos últimos dois séculos (BAUMAN, 1999; SANTOS, 2018; IANNI, 1999a; 1999b). Dissemos também que o processo de globalização se amparou durante algum tempo na ideia de que a aproximação informacional propiciada pelas tecnologias produziria uma via de harmonização entre os diversos países para resolução conjunta dos problemas que assolavam a humanidade no final do século XX. Muitos foram os discursos que sustentaram o entendimento de que a globalização poderia nos conduzir de volta ao paraíso perdido da *ágora* ateniense, possibilitando uma refundação da democracia e da cidadania em escala mundial (GORE, 1994). Porém, percebemos que a experiência histórica nos tem provado justamente o contrário.

Os assassinatos em massa de imigrantes e compatriotas, as diversas mortes motivadas por conflitos étnico-raciais, a proliferação dos discursos de ódio nas redes, os embates urbanos, as brigas banais e o fechamento cada vez maior dos indivíduos em comunidades reduzidíssimas, em suas casas e, até mesmo, em seus quartos, em seus mundos virtuais... todos esses casos demonstram que a vida com os Outros, que caracterizava a experiência na *polis* de Atenas (ARENDRT, 2005), tem-se tornado demasiado insuportável na atualidade. Verificamos o modo como essa crise contemporânea sentida por todos os lados é cooptada e redirecionada em favor de um capitalismo financeiro global (BAUMAN, 1999; IANNI, 1999a; 1999b; SANTOS, 2018; SODRÉ, 2014). A competitividade transborda as instâncias políticas locais e se instala até mesmo em níveis individuais, engendrando fraturas sociais profundas que eliminam qualquer possibilidade de resistência local em benefício da livre circulação dos capitais. O ideal da transparência se impõe como norma atual, levando à crise da alteridade.

Para afirmar essa crise contemporânea, também se fez necessário trabalhar com o próprio sentido de alteridade. Definimos a alteridade como uma constatação de si que emerge de nossas relações com os Outros e conosco mesmos. A partir dos entendimentos de Buber, Levinas, Arendt e Sartre, elaboramos um modelo pendular que descreve os encontros de um Eu com os Outros, mas também consigo mesmo, que são condições de possibilidade para a

emergência da alteridade. Dissemos ainda que a crise atual da alteridade ocorre por uma imobilização do pêndulo em suas regiões intermediárias, o que impede o desenvolvimento das relações com os Outros e a comunicação densa, bem como os diálogos consigo mesmo, que chamamos de pensamento. Afirmamos também que a impossibilidade da liberdade pendular impede a realização da liberdade humana, dado que o novo que nos direciona a uma alteridade histórica ou temporal só pode surgir nos discursos e nas ações, na vida com os Outros, ou na imaginação e no pensamento, quando realizamos aquele diálogo silencioso com nós mesmos. Em suma, o Eu se vê encerrado entre duas alteridades que são fundamentais para nossa condição política.

Tomamos esses desenvolvimentos como um enquadramento mais amplo e expressamos nosso desejo de estudar especificamente as contribuições do pensamento de Paul Virilio para a compreensão do fenômeno da crise da alteridade no mundo contemporâneo. A escolha desse autor foi motivada pela aposta na velocidade enquanto uma categoria imprescindível para um entendimento mais aprofundado do panorama atual. Por isso, mergulhamos na obra desse autor. Elaboramos uma pequena biografia e uma análise preliminar de seu *dromocentrismo*, além de seus principais neologismos conceituais. Então, alcançamos a ideia de *dromocracia*, que ele define como os atravessamentos entre velocidade e poder, e o modo segundo o qual a aceleração propiciada pelo progresso dromológico, por meio do desenvolvimento dos meios de transporte, informação e comunicação ao longo do tempo, esteve relacionada ao medo dirigido ao Outro – modificando o próprio Outro na história.

Analisamos a ideia de uma espiral de ultrapassagens, que pode ser vista na obra de nosso ensaísta na dialética de guerra formada entre o par ataque e defesa. Evidenciamos como o ataque visa superar as resistências defensivas e, para isso, sempre precisou dos melhores meios de velocidade. Por outro lado, observamos como a defesa significou a construção de obstáculos e resistências contra a livre movimentação do invasor até determinado momento histórico. Desse modo, vimos como a dialética de guerra tende à aceleração, impulsionando o desenvolvimento de armas e meios de transporte, informação e comunicação cada vez mais velozes. Dissemos, contudo, que a realidade dessa oposição muda com a ultrapassagem explosiva da pólvora e a implosão do espaço pelos navios, completada pelos aviões e pelos foguetes. Verificamos que essas etapas do progresso dromológico eliminam definitivamente a possibilidade da distância, o que nos conduz diretamente ao panorama contemporâneo, marcado, sobretudo, pela ubiquidade e instantaneidade dos meios infocomunicacionais. Desde então, ataque e defesa devem investir na aceleração; a velocidade se torna um imperativo em nossa época.

O mais importante ao acompanhar essa espiral de ultrapassagem do campo militar na obra de Virilio foi observar as transformações do Outro, que modificaram igualmente as condições do medo ao longo da história. Na vida em campo livre, o terror era dirigido contra o predador, que poderia avançar sobre o grupo seminômade e surpreendê-lo a qualquer momento. A fortaleza solucionou esse medo ao permitir a edificação de um universo topológico que poderia estabelecer um distanciamento definitivo em relação a um Outro que passa a ser exterior à cidadela. O estrangeiro, o imigrante, o espião, são seres temíveis, pois podem levar à corrosão do espírito defensivo. Com a *fleet in being*, observamos como tudo se modifica, e o terror passa a ser dirigido novamente contra a surpresa do ataque inimigo em altas velocidades; o Outro é aquele que age subitamente. O ocaso da fortaleza, com a queda da *Festung Europa* na Segunda Guerra Mundial, mostra o aprofundamento de tais condições do medo que se iniciaram com a invenção da pólvora e dos navios, e que foram completadas com a utilização dos aviões de combate, com o lançamento dos foguetes e dos satélites, com as bombas atômicas etc. Virilio nos mostra como, durante a dissuasão nuclear, o terror direcionado à possibilidade da destruição mútua atravessou simultaneamente as localidades nos dois blocos. Assim, vimos que o Outro não é mais facilmente identificável; ele se dissemina por toda parte e se transforma em uma ameaça constante e continuamente renovada. Se não existe mais distância segura, a insegurança se torna uma realidade cotidiana e permanente... Ela impõe a urgência como forma de respostas a esse Outro difuso e cada vez mais veloz, que se atualiza em tudo que escapa às tentativas de controle.

Outro ponto importante que trabalhamos ao longo deste texto foi a maneira pela qual as transformações operadas nas condições do medo produzem igualmente diferentes regimes de poder. As análises de Paul Virilio nos mostram que, se na comunidade étnica seminômade o poder se confundia com a velocidade, com a força e também com a exploração de outros veículos metabólicos, como as mulheres e os animais, e se na fortaleza o poder consistia justamente na capacidade de penetrar pela velocidade ou bloquear pelo universo topológico, com a *fleet in being*, os navios, os aviões, os foguetes, os satélites artificiais e os meios de informação e comunicação, o poder se deslocou para a logística, o controle dos vetores e dos veículos. Ante a uma ameaça instantânea, ubiqüitária e continuamente renovada, o poder significa um controle total do espaço e do tempo, um domínio sobre todos os movimentos humanos.

Vimos que esses caminhos nos trazem a uma doutrina de segurança que impulsiona o desenvolvimento de um contínuo Estado de Emergência. Dissemos que esse Estado significa a emergência de um poder que age instantaneamente, antecipando e prevendo as ameaças velozes

e continuamente renovadas. Tais capacidades serão desenvolvidas com o extraordinário avanço dos meios de informação e comunicação, interligados aos bancos centrais de dados, que são utilizados para a vigilância contínua dos cidadãos. Segundo Paul Virilio, esses percursos nos conduzem à situação de hipertrofia do poder, que implica a consolidação de um Estado militar e tecnocrático em detrimento do Estado civil e democrático. A necessidade da instantaneidade da reação ante as ameaças contemporâneas leva à derrocada da ideia do Estado como duração e, conseqüentemente, impossibilita a permanência da democracia, que se torna demasiado lenta para a atualidade. No fundo, Virilio demonstra como o progresso da velocidade produz o fim da política enquanto possibilidade de reflexão e decisão coletiva sobre o futuro da humanidade...

Obviamente, as ideias reunidas e encadeadas neste trabalho, extraídas das obras de Paul Virilio, devem ser capazes de responder à questão sobre as contribuições desse ensaísta para a compreensão do fenômeno atual da crise a alteridade. Para isso, devemos completar o arco necessário à nossa tese e que nos obriga a investigar as relações entre as ideias de Virilio – o progresso da velocidade produzindo o medo atual, caracterizado pela urgência – e o pêndulo que descreve as relações que são condições de possibilidade da alteridade. Entendemos que esses cruzamentos dos entendimentos do autor com a temática da alteridade nos levam diretamente às análises do ensaísta sobre a crise urbana na transição dos séculos XX e XXI.

•

Se não existe mais distância segura, todas as coisas se tornam demasiado perigosas. O ocaso da fortaleza como consequência do progresso dromológico produziu as ameaças difusas e continuamente renovadas, o que se traduz, por um lado, no medo real e permanente, que é resultado da própria implosão do espaço, por outro, na sensação de insegurança potencializada pelo fenômeno da “contração telúrica do mundo” (VIRILIO, 1993a, 2002) operada pelas tecnologias de informação e comunicação em tempo real. Paul Virilio nos adverte de que não devemos tomar tais afetos como meras histerias ou paranoias, mas perceber o modo como eles se relacionam com a extraordinária aceleração contemporânea e produzem transformações em nossas experiências com o mundo...

O ensaísta aponta que uma das maiores modificações em nossas vidas na transição dos séculos XX e XXI ocorre certamente em nossas relações com a cidade. O ocaso definitivo da fortaleza, com a queda da *Festung* Europa, durante a Segunda Guerra Mundial, prenunciou o fim daquela arte do planejamento e da edificação do universo topológico voltada para a defesa.

Se, conforme vimos, a cidade surge com a necessidade de organização ou preparação defensiva para a guerra, doravante, com as velocidades dos mísseis balísticos, dos caças supersônicos e das tecnologias de informação e comunicação, ela adquire um “caráter aeroportuário” (VIRILIO, 1993c), o que marca definitivamente a perda de sua importância geopolítica (LOTRINGER, VIRILIO, 1984). As cidades já não serão mais o centro da ação política (VIRILIO, 1984b), mas um espaço inteiramente atravessado por lógicas ortogonais que, cada dia mais, impõem a “desertificação final dos canais de poder” (VIRILIO, 1993c). Essa perda da finalidade urbana nem por isso levou à completa irrelevância das cidades nos quadros gerais de integração de nossa época. Paul Virilio nos mostra, em várias de suas obras, como a cidade, que continua a ser caracterizada pelo intenso fluxo de veículos e vetores, se converte em um campo aberto para as ameaças velozes, permanentes e continuamente renovadas, o que termina por justificar a hipertrofia do poder militar, calcado em uma doutrina da segurança, cujo objetivo é o controle do espaço, do tempo e dos movimentos humanos. Assim, esses lugares de extrema insegurança se tornam os campos para a aplicação das diversas técnicas de “administração do medo” (RICHARD, VIRILIO, 2010; VIRILIO, 1993c), que iniciam “um movimento de capilaridade do poder militar em direção ao poder civil” (VIRILIO, 1993c, p. 157).¹⁷⁶ A cidade se transforma, portanto, em um espaço integralmente exposto ao intenso controle social operado pelas forças policiais.

Analisamos a maneira como a “inversão dos meios de comunicação” (VIRILIO, 1993c), integrada aos bancos centrais de dados informatizados, permitiu uma superexposição urbana ao olhar policial. Vimos também que essas tecnologias serão complementadas por procedimentos de delação massiva e pela possibilidade de monitoramento dos telespectadores e dos usuários de computador. Essas novas possibilidades aumentam sobremaneira o poder de penetração do olhar policial, produzindo uma transparência integral da cidade, que atravessa as vias, os restos do espaço público, adentrando os domicílios e, até mesmo, os corpos dos indivíduos. Nesse sentido, Virilio (1993a, 2002) compreende que as câmeras de vigilância em tempo real promovem outro tipo de iluminação pública. Se as luzes da cidade estavam originalmente relacionadas com a necessidade de segurança para uma extensão temporal das atividades comerciais e industriais urbanas, atualmente, a vigilância eletrônica tem o mesmo objetivo de dissipação completa das trevas, por meio daquilo que o ensaísta chamou de “iluminação indireta” (VIRILIO, 1993a, 2002). Para ele, esse tipo de iluminação mira a eliminação das distâncias, que, como a escuridão, permitem o ocultamento das ações e dos acontecimentos

¹⁷⁶ Livre tradução de: “un mouvement de capillarité du pouvoir militaire en direction du civil”.

urbanos. O autor observa, portanto, que as forças policiais atuais são marcadas menos pelo uso da violência física do que pelo aumento exponencial dos serviços de inteligência (VIRILIO, 1993c). E acrescenta:

O Estado moderno, nós temos visto, não é mais do que uma mãe abusiva; a familiaridade deve, então, se tornar a segunda natureza do policial, daquele policial que se aproxima insensivelmente de cada um de nós antes de se identificar integralmente com cada um de nós, a ponto de tornar inútil a própria polícia, o exército suficiente para controlar tal tipo de sociedade (VIRILIO, 1993c, p. 231).¹⁷⁷

Além do espraiamento dos sistemas de vigilância que permite o início da superexposição social, Paul Virilio também analisa o modo como o universo caracterizado pelos fluxos intensos e constantes dos veículos e vetores implica igualmente o aparecimento de uma logística urbana, uma “administração rigorosa dos tempos dos deslocamentos” (VIRILIO, 1993c, p. 252). O encontro entre dois corpos que se deslocam em altas velocidades é tomado como um acidente com possibilidades mortais. Assim, para evitar que eles habitem o mesmo espaço em um mesmo tempo, torna-se necessário o monitoramento constante de todos os espaços de circulação como garantia do cumprimento de um conjunto de regras cada vez mais extenso. O ensaísta compreende que o poder do Estado moderno se tornou o sinônimo da manutenção do sistema viário e que “desde a aurora da revolução burguesa, o discurso político nada mais é do que a retomada mais ou menos consciente de uma série de bandeiras da velha poliorcética comunal, confundindo a ordem social com o controle da circulação (de pessoas, das mercadorias)” (VIRILIO, 1996b, p. 28). Segundo Paul Virilio, a classe burguesa revolucionária incorporou os conceitos da “planificação funcional” contidos no pensamento militar do *Ancien Régime*. O autor explica que tais entendimentos provenientes do campo militar objetivavam “eliminar os acasos que lhe parecem sinônimos de desastre e ruína” (p. 31), incluídos as revoltas e os tumultos urbanos, por meio do planejamento espacial e temporal das cidades. Para resumir esses intuitos, Paul Virilio recorre aos trabalhos do oficial de macharelato Guillaute, escritos por volta de 1749, segundo os quais:

A ordem pública reinará se cuidarmos de organizar o tempo e o espaço humano entre cidade e campo por meio de uma regulação severa do trânsito, se nos preocuparmos tanto com os horários quanto com os nivelamentos e a sinalização, se pela normalização do *habitat* toda a cidade se tornar transparente, isto é, familiar ao olhar policial (GUILLAUTE apud VIRILIO, 1996b, p. 31).

¹⁷⁷ Livre tradução de: “L’État moderne, nous l’avons vu, n’est plus qu’une mère abusive, la familiarité devrait donc devenir la seconde nature du policier, de ce policier qui se rapproche insensiblement de chacun de nous avant de s’identifier intégralement à chacun de nous, au point de rendre inutile la police elle-même, l’armée suffisant à contrôler un tel type de société”.

Esse universo de fluxos intensos e velocidades cada vez maiores abre a possibilidade de constantes ameaças. O encontro entre corpos tomado como acidente mortal deve ser evitado a todo custo por meio da administração rigorosa do tempo, que significa um controle integral dos movimentos de modo a garantir as distâncias entre as coisas que circulam. Assim, o poder que responde à insegurança urbana propõe a criação utópica de um ritmo urbano harmonioso pela disposição ordenada de todas as coisas, pela cadência acertada de todos os vetores. Por um lado, esses ideais demandam o acréscimo dos regulamentos das cidades que impõe uma moral social urbana e proibições contra os desviacionismos – “lei contra a vagabundagem (Cincinnati), interdição de reuniões nas praças (Plainfield), proibição de se sentar sobre a calçada (Boulder) etc.” (VIRILIO, 1993c, p. 82).¹⁷⁸ Por outro lado, Paul Virilio observa que a arquitetura e o urbanismo incorporaram essa doutrina da segurança aderindo ao dogma funcionalista.

O autor entende que o funcionalismo em tais campos pretende eliminar os espaços sem utilidade por meio da organização completa do território. Para isso, o arquiteto deve dividir as distâncias em pequenos segmentos e impregná-los de certas funções que ensinam determinados comportamentos – “um lugar para a cozinha, outro para dormir, outro para almoçar, para fumar, para o banho, os banheiros, as canaletas de lixo etc.” (VIRILIO, 1993c, p. 188).¹⁷⁹ A ética funcionalista estabelece uma função dominante para diversos lugares, impossibilitando a variedade de usos que os qualificariam de outra maneira. Se “nada nos impede de converter a cozinha em banheiro, ou nos lavarmos na entrada, parasitando assim a regulação funcional do apartamento” (p. 201),¹⁸⁰ será preciso criar uma série de obstáculos, como os dutos de água e eletricidade, “que tende a fixar solidamente a atribuição dos lugares” (p. 201).¹⁸¹ Desse modo, Paul Virilio (p. 198) compreende que “implicitamente, o estado desse espaço é suicidário, pois tendendo a evacuar as diversidades dos possíveis, ele tende a evacuar a diversidade de situações que caracteriza a duração-extensão do edifício”.¹⁸² E o autor complementa: “o funcionalismo é uma tentativa desesperada do arquiteto de intervir em um espaço afetivo que não cessa de escapar dele. Em certo sentido, a arquitetura funcional é inabitável, pois o sistema de hábitos

¹⁷⁸ Livre tradução de: “loi anti-flânerie (Cincinnati), interdiction de se réunir dans les squares (Plainfield), interdiction de s’asseoir sur les trottoirs (Boulder) etc.”.

¹⁷⁹ Livre tradução de: “un lieu pour la cuisine, un autre pour dormir, pour déjeuner, pour fumer, pour le bain, le W-C, le vide-ordures, etc.”.

¹⁸⁰ Livre tradução de: “rien ne nous empêche de faire de la cuisine dans la salle de bains, ou de nous laver dans l’entrée, parasitant ainsi la régulation fonctionnelle de l’appartement”.

¹⁸¹ Livre tradução de: “Cependant, nous nous heurtons à l’obstacle de l’équipement de l’immeuble (conduites d’eau, électricité, conduits de fumée, etc.) qui tend à fixer solidement l’affectation des lieux”.

¹⁸² Livre tradução de: “Implicitement, l’état d’un tel espace est donc suicidaire, puisqu’en tendant à évacuer la diversité des possibles, il tend à évacuer la diversité des situations qui caractérise la durée-étendue du bâtiment”.

do utilizador tende a ser capitalizado pelo realizador” (p. 198).¹⁸³ Em suma, nessa ideologia arquitetônica, os usos devem ser determinados pelas funções previstas; o desenho precede e dirige a vida.

Paul Virilio constata que essa hipertrofia funcionalista dos regulamentos urbanos produz igualmente o aumento das adaptações secundárias e dos usos transgressivos dos lugares. Nas palavras do autor, “a ‘racionalização’ sempre mais avançada do real carrega como corolário a significação das adaptações secundárias, e sua importância cresce, pois elas não existiriam sem a determinação primária abusiva” (VIRILIO, 1993c, p. 201).¹⁸⁴ Os usos transgressivos individuais – “dormir sobre o banco de uma estação de metrô” (p. 199)¹⁸⁵ – são vistos como desvios comportamentais que devem ser combatidos em nome da manutenção do caráter asséptico da sociedade. O autor nos mostra como o funcionalismo incorpora o dogma higienista que atenta contra as liberdades naturais humanas de transgressão dos lugares. Assim, ele entende que a doutrina da segurança, que impera nas grandes cidades, marcadas por intensos fluxos, potencialmente, contaminantes, é atravessada pelos preceitos de uma ideologia sanitarista com a finalidade de controlar todas as trocas possíveis entre os homens e a natureza, bem como eliminar a própria condição natural dos seres humanos. Virilio (p. 171-172) pondera:

As regras fixadas na entrada da praça marcam as *distâncias* que nós devemos guardar ante o natural, o tipo exato de trocas que nós devemos manter com ele, os limites do comportamento que nós devemos adotar sob pena de repressão imediata da parte dos guardas armados. Nesse espaço quadrado, o número de posturas permitidas é tão limitado quanto às do soldado em manobra; podemos andar, sentar sobre um banco e conversar, desde que em voz baixa. O tempo na praça é medido da mesma maneira que seu espaço: pela abertura e pelo fechamento regulares de suas grades; é que o homem, a presença humana, nunca deve se tornar um acidente, correndo o risco de interromper o funcionamento. É por isso que o desenho da praça contribui para a retidão do comportamento: o caminhante é sempre claro e visível, ele não encontra nenhum lugar protegido de investigação e não pode ficar sozinho em nenhuma parte. Contrariamente aos antigos jardins, os espaços verdes são lugares de cultivo absolutamente estéreis e as árvores e as espécies plantadas são escolhidas em função de sua improdutividade e da rapidez de suas taxas de crescimento. Novamente, qualquer produtividade alteraria o funcionamento da praça, criando, por exemplo, nos caminhantes, desejos, uma desordem imprevisível, a vontade de se deitar ao invés de se sentar, de roubar, de colher... Pelas mesmas razões, medidas radicais são tomadas contra gatos, cães, pássaros, perturbadores de ordem e limpeza. Assim, ao entrar na praça, notamos a atitude congelada de uma humanidade como que ‘atingida’ por um

¹⁸³ Livre tradução de: “le fonctionnalisme est une tentative désespérée de l’architecte pour intervenir dans un espace affectif qui ne cesse de lui échapper. En un certain sens, l’architecture fonctionnelle est inhabitable, puisque le système d’habitudes de l’utilisateur tend à être capitalisé par le réalisateur”.

¹⁸⁴ Livre tradução de: “La ‘rationalisation’ toujours plus avancée du réel dégage en corollaire la signification des adaptations secondaires et leur importance croissante, puisqu’elles n’existent que par l’abusivité de la détermination primaire”.

¹⁸⁵ Livre tradução de: “dormir sur un banc dans une station de métro”.

comportamento somático padrão, limitado a um jogo de movimentos imperceptíveis.¹⁸⁶

Nesse sentido, o autor compreende que a ideologia sanitária influencia a organização da cidade, objetivando regular seus fluxos e impedir as trocas contagiosas dos seres humanos com o meio ambiente ou entre si. O ensaísta nos diz sobre as oposições entre o natural e o antinatural, o séptico e o asséptico, que vão sendo estabelecidas no interior do espaço urbano, reproduzindo as antigas valorações entre a cidade e o campo. Virilio alerta para o fato de que mesmo a fuga para o campo, para os parques nacionais, ou as idas às praias de naturismo em nome de uma suposta boa saúde, desintoxicação urbana, não podem ser vistas como uma tentativa de revalorização da pureza da natureza frente à contaminação citadina. Para ele, os espaços se tornam inteiramente artificiais no exato momento em que eles passam a ser regidos por uma série de ordenamentos e vigiados constantemente pelo olhar policial. A esse respeito, o ensaísta comenta que, na segunda metade do século XX, os franceses ficaram bastante orgulhosos pela criação do primeiro Ministério do Meio Ambiente. Então, ele aponta para uma ironia: “mas esse ministério, desde sua fundação, permanece bizarramente inativo. Parece que nosso espaço nacional já está tão saturado tecnicamente que o ministro do Meio Ambiente ainda não conseguiu encontrar um *local* onde sua ação em favor da natureza pudesse ser praticada” (VIRILIO, 1993c, p. 48).¹⁸⁷ E o autor complementa: “o ministro do Meio Ambiente não é, na realidade, mais do que o primeiro-ministro da Utopia” (VIRILIO, 1993c, p. 48).¹⁸⁸

Tomada pelo dogma higienista que delineia uma ideologia sanitária e pela doutrina da segurança, que estabelece um controle geral dos movimentos humanos, Virilio observa como

¹⁸⁶ Livre tradução de: “Les règles affichées à l’entrée du square marquent les *distances* que nous devons garder vis-à-vis du naturel, le type exact des échanges que nous devons entretenir avec lui, les limites du comportement que nous devons adopter sous peine de répression immédiate de la part des gardiens armés. Dans cet espace carré, le nombre de posture permises est aussi limité que celles du soldat à la manoeuvre, on peut marcher, s’asseoir sur un banc et parler, pourvu ce soit à voix basse. le temps, dans le square, est mesuré au même titre que son espace par l’ouverture et la fermeture régulière de ses grilles; c’est que l’homme, la présence humaine, ne doit à aucun moment devenir accident, risquer d’interrompre le fonctionnement. C’est pourquoi l’aménagement du square contribue à la rectitude du comportement: le promeneur est toujours éclairé et visible, il ne trouve aucun endroit à l’abri de l’investigation et ne peut être seul nulle part. Contrairement aux anciens jardins, les arbres et espèces plantés sont choisis à la fois en fonction de leur improductivité et de la rapidité de leur tax de croissance. Là encore, une productivité quelconque altérerait le fonctionnement du square en créant par exemple chez le promeneur des désirs, un trouble imprévisible, l’envie de s’étendre au lieu de s’asseoir, de chaparder, de cueillir... Por les mêmes raisons, des mesures radicales sont prises à l’encontre des chats, des chiens, des oiseaux, perturbateurs de l’ordre et de la propreté. Ainsi, en pénétrant dans le square, on remarque l’attitude figée d’une humanité comme ‘frappée’ d’un comportement somatique standard, limité à un jeu de mouvements imperceptibles”.

¹⁸⁷ Livre tradução de: “Mais ce ministère, depuis de sa fondation, demeure bizarrement inactif. Il paraît que notre espace national est déjà tellement saturé techniquement que le ministre de l’Environnement n’est pas encore parvenu à y trouver un *lieu* où pourrait s’exercer concrètement son action en faveur du *milieu*”.

¹⁸⁸ Livre tradução de: “le ministre de l’Environnement n’est, en réalité, que le premier ministre de l’Utopie”.

tanto a arquitetura quanto o urbanismo funcionalistas contemporâneos transformam a cidade, elegendo como referência os aeroportos.

As construções não são mais executadas segundo as restrições técnicas tradicionais, o projeto passa a ser concebido em função dos riscos de ‘contaminação terrorista’ e a organização dos espaços é feita a partir da distinção entre *zona estéril* (partida) e *zona não estéril* (chegada). Todos os circuitos de carga (passageiros, bagagens, frete...) e suas rupturas, assim como os diferentes movimentos de trânsito devem ser submetidos a um sistema de desvio do tráfego (interior/exterior), a forma arquitetural do prédio passando a traduzir menos a personalidade do arquiteto do que as precauções necessárias à segurança pública. *Última porta do Estado*, o aeroporto torna-se assim, como o forte, o porto ou a estação de trem no passado, lugar de uma regulação essencial das trocas e das comunicações e, portanto, espaço de uma forte experimentação de controle e vigilância máxima realizada por uma ‘polícia do ar e das fronteiras’, cujos feitos contra os terroristas iriam ganhar destaque com a tomada de reféns em Mogadíscio e a mobilização dos guardas de fronteira alemães do GS.G9 a milhares de quilômetros de sua jurisdição... Desde então não se trata mais, como no passado, de isolar pelo encarceramento o contagioso ou o suspeito, trata-se, sobretudo de *interceptá-lo em seu trajeto* a tempo de auscultar seus trajes e bagagens, daí a súbita proliferação de câmeras, radares de detectores nos locais de passagem obrigatória. Observemos ainda que as prisões francesas que possuem ‘setores de segurança máxima’ iriam ser equipadas com estes mesmos *pórticos magnéticos* instalados há alguns anos nos aeroportos, o equipamento da maior liberdade de deslocamento servindo paradoxalmente como modelo para o de encarceramento penitenciário. Em diversas áreas residenciais americanas, o policiamento é feito apenas através de um circuito fechado de televisão ligado ao posto (estação? delegacia?) central da cidade. Nos bancos, supermercados, assim como nas estradas, onde os pedágios espelham a antiga porta urbana, o *rito de passagem* não é mais intermitente, tendo se tornado imanente (VIRILIO, 2008b, p. 07-08).

Para Virilio, não há como deixar de evidenciar que a planificação urbana segue preceitos extraídos do campo militar desde suas origens. As técnicas e tecnologias de defesa e proteção da cidade são igualmente meios de guerra contra o caráter aleatório das trocas naturais. As leis urbanas e o arsenal eletrônico de vigilância imanente aos lugares são atentados à liberdade de movimento dos homens e animais. A ideologia sanitária e o higienismo condenam os homens por sua participação no mundo natural. As secreções e os gases humanos serão logo convertidos em novos pecados; “o odor natural significa de agora em diante exalação nauseante, e isso alcança o extremo pela venda de produtos ditos ‘desodorantes’, cujo sistema de publicidade tende unicamente a comprovar a repulsão do homem pelo odor de seu semelhante” (VIRILIO, 1993c, p. 186).¹⁸⁹ Estamos, portanto, diante de uma retórica que, em nome da “grande saúde”,¹⁹⁰ não atua somente na escala macroscópica da cidade, mas também na escala individual e

¹⁸⁹ VIRILIO, 1993c, p. 186. Livre tradução de: “odeur naturelle signifiait désormais exhalation nauséabonde, cela s’achevant à l’extrême par la vente de produits dits ‘déodorants’ dont le système de publicité tend uniquement à prouver la répulsion de l’homme pour l’odeur de son semblable”.

¹⁹⁰ Virilio realiza a crítica à ideia de “grande saúde” contida no *Ecce Homo*, de Friedrich Nietzsche, em seu livro *L’art du moteur*, publicado em 1993.

microscópica, desqualificando os corpos humanos. Segundo o ensaísta, o fenômeno do sedentarismo característico das sociedades atuais prova essa decretação da obsolescência dos veículos metabólicos;¹⁹¹ isso antecede todas as tentativas de profanar o corpo como modo de expressão de “uma vontade de potência de uma ciência sem consciência” (VIRILIO, 1996a, p. 106), como forma de redirecionar a evolução biológica humana à tecnicidade. O autor mostra como a biotecnologia e as neurociências ampliaram o campo de ação da *endocolonização* urbana por meio da miniaturização de seus aparatos que eliminam a demarcação clara que existia entre interioridade e exterioridade. “*De fora é sempre de dentro*, pretendia o arquiteto Le Corbusier. E a partir de agora, a palavra está com os especialistas das neurociências: *De dentro é sempre de fora!* O espaço continua aberto como o de uma cidade ameaçada de destruição por seus invasores” (p. 110).

Paul Virilio (1996b, p. 28) nos alerta: “política de progresso, de mudança, são palavras vazias se não se enxergar por trás da megalópole elétrica, da cidade que não para, a silhueta da velha fortaleza lutando contra sua inércia e para quem parar significa morrer”. O declínio definitivo da velha fortaleza, com o ocaso da *Festung* Europa, não deixa dúvidas sobre o destino urbano. O autor nos mostra como a cidade busca construir uma “muralla psicológica” por meio de suas regras e suas técnicas de controle (VIRILIO, 1993c). Como vimos, porém, o aumento dos ordenamentos leva igualmente ao crescimento das transgressões dos usos. A cidade que nunca para é um espaço de intensos e contínuos fluxos e movimentos e que, por isso mesmo, está sujeita às ameaças indefinidas, aos riscos da contaminação de todos os tipos. Desse modo, ao lado da hipertrofia dos sistemas de controle, a cidade, que se torna um campo de problemas sem solução, deve incorporar em seus planos as considerações logísticas da desertificação urbana. O autor observa: “a ideologia sanitária evacua o homem físico de uma sociedade essencialmente urbana, em que o problema da promiscuidade na concentração jamais foi resolvido senão pela evacuação e pelo confinamento dos ‘resíduos’ sociais ou raciais à periferia ou aos guetos” (p. 186).¹⁹² No fundo, ele entende que os antigos planos de construção de asilos e manicômios nas bordas da cidade, para atuar como filtros contra indivíduos indesejados, retornam com muita força em nossa época. A diferença é que esse sistema de aberturas e

¹⁹¹ Para nós, Paul Virilio diria que mesmo a intensa atividade que se realiza nas academias de ginástica não pode ser considerada prova contra o sedentarismo. Em sua obra, a verdadeira atividade corporal é aquela em que existe uma união da vontade com o movimento em uma espécie de livre experimentação do corpo. Na ginástica, estamos em movimento guiados por uma vontade alheia, por um conjunto de regras que possibilita o exercício em segurança. Dito isso, na ginástica, ainda que o corpo se movimenta, a vontade permanece passiva, o que provaria sua sedentarietà.

¹⁹² Livre tradução de: “L’idéologie sanitaire évacue l’homme physique d’une société essentiellement urbaine où le problème de la promiscuité dans la concentration n’a jamais été résolu autrement que para l’évacuation en périphérie ou la mise en ghetto des ‘déchets’ sociaux ou raciaux”.

fechamentos se amplia, objetivando esvaziar diariamente a cidade, povoando a periferia. O indivíduo que transita pelo espaço urbano deve passar diretamente de um veículo a outro, sem parar, até alcançar sua casa, onde se refugia da pressão insuportável e das ameaças indefinidas do universo topológico citadino. Para o ensaísta, esse é o início de um encarceramento domiciliar generalizado.

Assim, “a cidade, hoje, participa menos da ordem do que da desordem, menos do social do que do antissocial” (VIRILIO, 1993c, p.190).¹⁹³ Ao aumentar seu conjunto de regras e meios de vigilância para atuar contra as ameaças difusas contemporâneas, a partir dos vários atravessamentos da doutrina da segurança e da ideologia sanitária, o espaço urbano exerce uma pressão constante sobre os indivíduos e se converte “em um amplo instrumento de destruição social. A massa crescente dos antissociais já constitui seu signo; ela sucede àquela dos excluídos do século passado, proletários e colonizados. O sistema político deixa que o potencial urbano se volte contra ele mesmo” (p. 187-188).¹⁹⁴ O autor complementa retomando algumas palavras de um artigo de Michel Tatu (apud VIRILIO, 1993c, p. 60) no *Le Monde*:

O homem desaparecido, evacuado das ruas e das praças, exilado de sua própria existência, está na sombra, ‘na cidade desmesurada, sem sequer uma multidão para se fundir... onde ele só vê seus companheiros através do para-brisas de seus carros’. Ele se torna um novo troglodita, um habitante da noite.¹⁹⁵

•

Um esclarecimento importante para a compreensão do pensamento de Paul Virilio é que a doutrina da segurança, que fundamenta o regime dromocrático contemporâneo, não é apenas uma imposição das classes militares sobre a classe popular. O ensaísta observa uma perigosa aproximação entre essas duas classes, principalmente, quando os seres humanos perderam sua capacidade de se relacionar produtivamente com seu ambiente, bem como a capacidade da defesa popular como resultado do extraordinário avanço no campo das armas. Ou seja, o medo real, produto da velocidade, gera o clamor popular por mais segurança e proteção, em benefício

¹⁹³ Livre tradução de: “La ville, aujourd’hui, participe moins à l’ordre qu’au désordre, au social qu’à l’asocial”.

¹⁹⁴ Livre tradução retirada de: “le site urbain ne tardera pas à se transformer en un vaste instrument de destruction sociale. La masse grandissante des asociaux en est déjà le signe, elle succède à celle des exclus du siècle passé, prolétaires et colonisés. Le système politique laisse se retourner progressivement contre lui-même le potentiel urbain”.

¹⁹⁵ Livre tradução de: “L’homme disparu, évacué des rues et des places, exilé de sa propre existence, est à l’ombre, ‘dans la cité démesurée, sans même de foule où se fondre... où il n’entrevoit ses semblables qu’au travers du pare-brise de leurs voitures’. Il devient à nouveau troglodyte, habitant de la nuit”.

das classes militares. Assim, o encarceramento domiciliar em massa atual não é imposto, senão voluntário, no máximo, estimulado em nome da ordem, pureza e segurança públicas.

Sobre o aprisionamento analisado por Virilio, o primeiro aspecto que devemos ressaltar é que ele é consequência da perda da importância política das cidades e de seus cidadãos em favor das técnicas militares e da tecnologia. Para o autor, o esvaziamento urbano é um sintoma dessa desertificação ou do despovoamento dos canais de poder. Esse entendimento pode ser visto em sua análise acerca da exposição “A imagem do tempo na paisagem urbana”, que foi apresentada no Museu de Artes Decorativas, em Paris, em 1973, e que mostrava as transformações da paisagem da cidade nos últimos cinquenta anos. O ensaísta observa:

Os agrupamentos humanos, a vegetação, os animais, os planos de água, que há cinquenta anos eram abundantes, estão desaparecidos de uma cena urbana tornada mineral. As praças, as ruas, congestionadas de automóveis, são vazias de humanidade como aquelas de uma cidade do fim do mundo. Nós não podemos acreditar em nossos olhos, ainda assim, é nela que nós vivemos. O poder tecnológico se instalou nessa dessincronização de nossa consciência sem que nós lhe déssemos atenção, pois o mais além de um poder despovoado, é a imagem desaparecida do cidadão que está na cidade, mas que já não aparece mais, que se enterra em sua casa, seu automóvel, atrás de sua função administrativa e seu mundo de instrumentos (VIRILIO, 1993c, p. 58-59).¹⁹⁶

Virilio (1984b, p. 125) afirma que, “outrora, polo de fixação do poder, polo de resistência com a cidade-Estado e suas muralhas”,¹⁹⁷ a cidade perde atualmente sua importância geopolítica em favor das lógicas ortogonais, processo que contribui para a perda de sua realidade geográfica. O autor explica e acrescenta:

Se a metrópole possui ainda uma localização, uma posição geográfica, esta não se confunde mais com a antiga ruptura cidade/campo e tampouco com a oposição centro/periferia. A localização e a axialidade do dispositivo urbano já perderam há muito sua evidência. Não somente o subúrbio operou a dissolução que conhecemos, mas a oposição ‘intramuros’, ‘extramuros’ dissipou-se com a revolução dos transportes e o desenvolvimento dos meios de comunicação e telecomunicação, daí esta nebulosa conurbação de franjas urbanas. Assistimos de fato ao fenômeno paradoxal *em que a opacidade dos materiais de construção se reduz a nada* (VIRILIO, 2008b, p. 09).

¹⁹⁶ Livre tradução de: “Les groupements humains, la végétation, les animaux, les plans d’eau qui, cinquante ans plus tôt, y abondaient, ont disparu d’une scène urbaine devenue minérale. Les places, les rues, encombrées de voitures, sont vides d’humanité comme celles d’une ville de fin du monde. Nous n’en croyons pas nos yeux, et c’est pourtant là que nous vivons. Le pouvoir technologique s’est installé dans cette désynchronisation de notre conscience sans que nous y prenions garde, car l’au-delà d’un pouvoir dépeuplé, c’est l’image disparue du citoyen qui est dans la ville mais qui ne s’y montre plus, qui se terre dans son immeuble, son automobile, derrière sa fonction administrative et son monde d’instruments”.

¹⁹⁷ Livre tradução de: “Autrefois, pôle de fixation du pouvoir, pôle de résistance avec la citadelle-État et ses remparts”.

A “nebulosa conurbação de franjas urbanas” aponta para a existência de uma cidade, enquanto “polo de fixação de poder”, que existe para além do cenário urbano geográfico. Para o ensaísta, essa cidade não apenas se localiza na confusão do universo da topologia eletrônica das tecnologias de informação e comunicação, mas também possui uma temporalidade própria, operando em um *falso dia*, marcado pela forte intensidade das luzes dos monitores de televisão e computador, que nunca se desligam (VIRILIO, 1984a; 1984b; 1988; 1993a; 1993b; 1996a; 2002; 2008b). A participação do cidadão na vida dessa nova megalópole eletrônica não requer mais a presença corporal do indivíduo, diluído na multidão de passantes; doravante, ela ocorre com a utilização extensa dos meios “instantâneos de deportação cuja intensidade tecnológica perturba incessantemente as estruturas sociais: deportação de pessoas no remanejamento da produção, deportação da atenção, do face a face humano, do contato urbano, para a interface homem/máquina” (VIRILIO, 2008b, p. 12). O cidadão já não é o indivíduo que habita a cidade e que tem direitos políticos, mas o usuário do terminal com *protocolo* ou permissão de acesso a esse universo teletopológico formado por redes infocomunicacionais. Assim, essa nova *urbes* eletrônica, imagética e informacional surge justamente da revolução dromológica que permitiu a transmissão de dados em tempo real, operacionalizando simultaneamente a telepresença e o controle remoto sobre o meio ambiente (VIRILIO, 1984a; 1984b; 1988; 1993a; 1993b; 1996a; 2002; 2008b). Virilio acrescenta ainda que a configuração citadina é caracterizada por

um urbanismo sem urbanidade em que o tato e o contato cedem lugar ao impacto televisual: não somente a ‘teleconferência’, que permite comunicações a distância, com o progresso inerente à ausência de deslocamento, mas também a ‘telenegociação’ que permite, ao contrário, tomar distância, discutir sem se encontrar com seus parceiros sociais (VIRILIO, 2008, p. 14).

Segundo o autor, se o cidadão não tem mais a necessidade de sair de sua casa para ir à cidade geográfica, nem mesmo para trabalhar, isso não significa que testemunhamos uma revalorização do domicílio. O ensaísta compreende que nossas casas já não são mais lugares ocultos e fechados regidos por normas e por uma temporalidade familiar, senão espaços inteiramente atravessados por demandas originárias das lógicas ortogonais. Quando a CNN pretende transformar nossas salas de estar em uma central de acontecimentos mundiais, o próprio sentido do lar está em jogo ou em disputa. Assim, estamos diante da “‘domicialização’ sem domicílio em que os limites da propriedade, as cercas e as divisórias são menos obstáculos físicos permanentes do que interrupções da emissão ou de uma *zona de sombra* eletrônica que renova aquela do ‘ensolamento’, a sombra derivada dos imóveis...” (VIRILIO, 2008b, p. 14). Em outras palavras, o domicílio recupera seu sentido de espaço e tempo familiar somente no

momento em que desligamos as telas, essas terceiras janelas, como menciona o autor. Na verdade, Virilio nos mostra como nossas casas se tornaram abrigos cuja centralidade se encontra nos terminais de telecomunicação. Essa centralidade, que reflete a condensação das atividades humanas em poucos aparelhos multifuncionais, entra em conflito direto e submete a arquitetura contemporânea, que passa a incorporar, além dos dogmas do funcionalismo e do higienismo, o plano de distribuição dos equipamentos no interior do domicílio. Conforme o autor argumenta, a casa é, hoje, menos uma habitação do que a armadura de um veículo, dado que abriga o “último veículo” (VIRILIO, 1993a, 2002), o meio audiovisual, que supera de longe a velocidade dos demais veículos automotores.

O ensaísta entende que tal processo de “domicialização”, em oposição à urbanização, que decorre do progresso dromológico no campo das tecnologias de informação e comunicação, com o escape orbital e a conquista da velocidade das ondas eletromagnéticas, produz também uma extrema sedentarização humana. Esse entendimento se torna explícito quando o autor considera, em *L'insécurité du territoire*:

O dia em que o aparelho supersônico nos permitir, como a câmera fotográfica, tirar qualquer *instantâneo* do mundo, nos tornaremos aquela película sensível que nada pode ‘velar’, um filme, cujas sobreposições tornarão a imagem incompreensível. *O que nós esperamos quando não precisarmos mais esperar para chegar?* Nossa rápida viagem atual não passa de uma espera para a chegada, o que acontecerá quando até mesmo essa curta paciência tiver desaparecido? O meio próximo, situado a uma distância pedestre, nos parecerá longínquo; vamos transferir para o nosso meio ambiente a impaciência da espera; nossos corpos, veículo metabólico, nos parecerão de chumbo; como o escafandrista nós teremos a sensação de um atraso inaceitável; nosso corpo terá se tornado insuportável, como a pressão no fundo do mar; a paisagem imediata parecerá tão distante e inacessível a nossas próprias forças quanto a catedral de Chartres ao peregrino. Quando a praça no final da rua, a dez minutos de distância a pé, parecer tão longe quanto Pequim, o que restará do mundo? O que restará de nós mesmos? (VIRILIO, 1993c, p. 253).¹⁹⁸

Virilio observa que a aceleração é diretamente proporcional ao grau de sedentarismo das sociedades e dos indivíduos. Para explicar esse raciocínio, o ensaísta utiliza o exemplo das viagens de automóvel: quanto mais aumentamos a velocidade do deslocamento, mais devemos

¹⁹⁸ Livre tradução de: “Le jour où l’appareil supersonique nous permettra comme l’appareil photographique de prendre n’importe quel instantané du monde, nous deviendrons cette pellicule impressionnable qu’un rien peut ‘voiler’, un film, où les surimpressions rendront l’image incompréhensible. *Quelle attente sera la nôtre lorsque nous n’aurons plus besoin d’attendre pour arriver?* Notre rapide voyage actuel n’est plus qu’une attente d’une arrivée, que sera-ce lorsque même cette courte patience aura disparu? Le milieu proche, à distance pedestre, nous semblera lointain, nous reporterons sur notre environnement immédiat l’impatience de l’attente; notre corps, véhicule métabolique, nous semblera de plomb, comme le scaphandrier nous aurons la sensation d’un ralenti inacceptable, notre corps sera devenu insupportable, comme la pression au fond des mers, le paysage immédiat semblera aussi lointain et inaccessible à nos propres forces que la cathédrale de Chartres pour le pèlerin. Lorsque la place au bout de la rue, à dix minutes de marche, nous semblera aussi éloignée que Pékin, que restera-t-il du monde? Que restera-t-il de nous?”

permanecer sentados, amarrados pelos cintos de segurança, amparados por bancos confortáveis. Segundo o autor, o motorista e o passageiro das viagens rápidas se encontram em uma situação não muito diferente daquela de suas bagagens: os viajantes são acomodados no interior do meio de transporte e despachados para um destino (VIRILIO, 1984b). Esse processo de sedentarização ocorre também no interior dos domicílios. Diante das telas dos terminais, permanecemos por horas, executando, no máximo, pequenos gestos, quase imperceptíveis. Obviamente, enquanto o meio de transporte possibilita um deslocamento geográfico efetivo ou corporal do viajante, o veículo audiovisual não produz mobilidade ou deslocamento. Ele apenas emula o desaparecimento das imagens nas telas dos terminais, simulando o desfile das paisagens no para-brisa do automóvel. Ainda assim, Virilio entende que, em ambos os casos, vivemos uma espécie de inércia cujo efeito imediato é a desvalorização do corpo, o que será intensamente explorado pela ideologia do conforto:

os subterfúgios da assistência dissimulam habilmente que o conforto do corpo assistido não é outra coisa senão uma *domesticação sofisticada*; a imobilização progressiva dos corpos físicos no encaixe de seus [auto]móveis, no enquadramento do imóvel, ilustra a ilusão ‘democrática’ da integração (social e espacial), ilusão de um sistema concentracionário que não é senão finalmente o sistema veicular da transumância de uma sociedade efetivamente dromocrática (VIRILIO, 19984b, p. 61)¹⁹⁹

Conforme vimos, na passagem citada, além de observar a sedentarização do corpo, Paul Virilio (1993a; 2002) entende também que as tecnologias de informação e comunicação, que operam a “contração telúrica do mundo” e criam o efeito de interface de todas as coisas, produzem uma desvalorização da proximidade, que caminha lado a lado com uma profunda aversão à matéria e suas dimensões, em favor das imagens sem espessura de lugares distantes, reproduzidas nas telas dos terminais interativos. O ensaísta afirma: “assim como uma mulher desencantada por estar gorda, corpulenta, a realidade parece se desculpar por possuir um relevo, uma espessura qualquer” (VIRILIO, 2008b, p. 109). Ele considera que vivemos uma primazia das imagens sobre as coisas, que significa igualmente a valorização da ausência, da *telepresença* em detrimento da presença corporal dos indivíduos. Segundo o autor, tal valorização pode ser vista nos eventos culturais ou esportivos em que tudo é elaborado mais para a transmissão em tempo real do que para os que comparecem de fato ao acontecimento –

¹⁹⁹ Livre tradução de: “les subterfuges de l’assistance dissimulent habilement que le confort du corps assisté n’est rien d’autre qu’une *domestication sophistiquée*, l’immobilisation progressive des corps physiques dans l’encastrement du meuble, dans l’encadrement de l’immeuble, illustrent l’illusion ‘démocratique’ de l’intégration (sociale et spatiale), illusion d’un système concentrationnaire qui n’est finalement que le système véhiculaire de la transhumance d’une société effectivement dromocratique”.

“O bilhão de pessoas que assiste aos Jogos Olímpicos de Moscou, ou ao campeonato de futebol na Argentina, impõe o seu poder à custa dos que estão presentes, que já são supérfluos. Estes praticamente não passam de corpos enchendo o estádio para que ele não pareça vazio” (LOTRINGER, VIRILIO, 1984, p. 84).

Parece-nos impossível analisar todos esses desdobramentos provenientes do progresso da velocidade sem observar concomitantemente a presença constante do medo contemporâneo ante a ameaça indefinida, produzida pela aceleração e estimulada por um regime de poder que se ampara na doutrina da segurança e na ideologia sanitária. O encerramento em domicílio é demasiado conveniente tanto ao sujeito quanto ao poder que o domina justamente pelo estímulo à insegurança. As possibilidades atuais do “telever” e do “teleagir”, da interação computadorizada e imagética, sem nem mesmo sair do sofá, permitem o estabelecimento de uma nova relação com o mundo que prescinde inteiramente da presença corporal dos indivíduos, da ida ao centro geográfico da cidade, da exposição real aos Outros que nos veem e ouvem... A proximidade, a presença e a corporeidade dos Outros são consideradas demasiado ameaçadoras, altamente contagiosas, no mundo dos intensos fluxos das altas velocidades. O medo contemporâneo, que nos acomete, até mesmo em nossas casas – somos bombardeados diariamente por imagens que nos apavoram (RICHARD, VIRILIO, 2010) –, atua como um impulso ao encarceramento domiciliar, ao “*cocooning*” (VIRILIO, 1993a; 2002) [encasulamento], que dia após dia parece decretar não apenas a obsolescência de nosso corpo, em favor da normalização de uma “fixidez patológica” (VIRILIO, 1993a; 2002), mas também das janelas e das portas que, antes, permitiam nosso acesso à cidade geográfica e nossas relações com os Outros – nosso Ser-no-mundo.²⁰⁰ Nesse sentido, Paul Virilio conclui:

O medo gerou não somente seu ambiente, com os guetos, as comunidades fechadas, o comunitarismo, ele gerou igualmente sua cultura, uma cultura da repulsão. Isso anda de mãos dadas com o racismo e a rejeição do outro, é claro. Sempre houve uma boa razão para repelir, expulsar o outro (RICHARD, VIRILIO, 2010, p. 59).²⁰¹

²⁰⁰ Para Virilio, essa possibilidade de habitar uma cidade e traçar relações com os Outros está relacionada com a certeza de nossa existência pela própria localidade. Em *Inércia polar*, ele pergunta: “Onde estou eu, se estou em toda parte?” (VIRILIO, 1993a, p. 124). As tecnologias de informação e comunicação em tempo real permitem uma deslocalização do indivíduo, sua ubiquidade e instantaneidade. Agora, o indivíduo isolado em sua casa, cercado por seus terminais, existe apenas em potência; ele é virtual. Por isso mesmo, ele diz a Richard: “Onde está nosso *ser-no-mundo* na era do limite da velocidade?” Essa é a questão que devemos nos perguntar e à qual devemos responder” (RICHARD, VIRILIO, 2010, p. 56. Livre tradução de: “Où en sommes-nous de l'être au monde à l'ère de la vitesse limite?” Telle est la question que nous devons nous poser et à quoi il faut répondre”).

²⁰¹ Livre tradução de: “La peur a généré non seulement son environnement, avec les ghettos, les communautés closes, le communautarisme, elle a également généré sa culture, une culture de la répulsion. Ce qui va de pair avec le racisme et le rejet de l'autre, bien entendu. Il y a toujours une bonne raison pour repousser, expulser l'autre”.

•

Após todas essas considerações, devemos perguntar: o que ocorre com as relações EU-TU do diálogo, das comunicações densas, no tempo marcado pelo progresso dromológico, pelo medo e urgência, conforme narrado por Paul Virilio? E quais os efeitos da aceleração sobre o pensamento, o diálogo interior do *eu-comigo-mesmo*? Entendemos que essas questões apontam para a solução do problema das contribuições de Virilio na compreensão da crise da alteridade no mundo contemporâneo. Desse modo, elas permitem a criação de uma chave de leitura que aproxime as ideias desse autor e o universo de pensamento sobre a alteridade.

Dissemos que a alteridade é uma afirmação enfática de um Eu que surge nas relações dialógicas que estabeleço com os Outros e comigo mesmo. Assim, enunciamos o pêndulo das relações que são condição de possibilidade da alteridade. Vimos que as relações de abertura ao Outro exterior podem ser nomeadas como “comunicações densas” (MARCONDES FILHO, 2010) e necessitam do face a face, da presença, do rosto, pois somente desse modo se torna possível a manutenção do Outro enquanto TU (BUBER, 2001) ou como Outrem (LEVINAS, 2005), um *Ente* livre de qualquer tentativa de redução ontológica ou dominação. Observamos também que a interiorização do pensamento requer uma interrupção das atividades exteriores, um alheamento em relação ao mundo (ARENDDT, 2000). Afirmamos ainda que a crise da alteridade no mundo contemporâneo não pode ser explicada unicamente por uma imobilização do pêndulo em sua zona interior. Em outras palavras, o ensimesmamento atual não é o início de uma liberdade imaginativa ou de pensamento. Pelo contrário, tal liberdade se encontra impedida em seu funcionamento. Nesse sentido, o declínio da alteridade significa uma imobilização do pêndulo em zonas intermediárias, descrevendo um Eu incapaz de se relacionar livremente com os Outros, bem como consigo mesmo.

Se o progresso dromológico nos conduziu a uma situação de encarceramento domiciliar voluntário em decorrência do terror das ameaças velozes, indefinidas e constantes, dos agentes contaminantes; se esse aprisionamento doméstico é estimulado por um regime de poder, que extrai sua justificativa da promessa de segurança, então o afeto do medo parece atuar como um anteparo que impede nossas relações livres com o Outro. Na verdade, o progresso dromológico e seus desdobramentos dromocráticos não somente impossibilitam, mas também avançam sobre nossas relações, estabelecendo os protocolos de conexões seguras e saudáveis. Se, como vimos, a presença, a proximidade e a corporeidade do Outro são demasiado ameaçadoras no mundo das altas velocidades, então devemos nos relacionar com uma versão asséptica ou purificada do Outro, uma mera imagem, enquanto estamos inertes e protegidos no interior de nossos cárceres

ou casulos domiciliares equipados com telas e terminais. No fundo, Paul Virilio parece apontar para a diferença fundamental que existe entre a interação em tempo real, mediada pelos meios infocomunicacionais, e a relação ou a “comunicação densa”. O ensaísta nos mostra que o outro imagético que se nos apresenta nas telas é desprovido de rosto, corpo, odores, bactérias... A imagem é uma redução ontológica do Outro, que não chega a ser, para mim, TU ou Outrem. Se o Outro é uma exterioridade livre (LEVINAS, 2005), que possui até a liberdade natural de me matar, então o outro imagético é um mero simulacro ou substituto do Outro, esvaziado completamente de suas potencialidades perigosas ou violentas – lembremos que a comunicação densa é sempre um atrito, uma violência. Assim, esse outro imagético com o qual interagimos é tão somente uma versão asséptica de Outrem e, por isso mesmo, esvaziada de sua vitalidade. O outro imagético das interações mediatizadas, portanto, não pode se constituir como Outro.

Desse modo, o medo, que se dissemina e se amplifica no mundo das velocidades-limite, leva ao desengajamento entre o Eu e o Outro, que não se voltam mutuamente um para o outro nem agem mais reciprocamente, impossibilitando as relações. O distanciamento geral de todos, para muito além da distância fundamental que separa o Eu do Outro, marca o início de um individualismo de massas. Nesse processo, Virilio percebe que o terror surgido da “contração telúrica do mundo” conduz ao enclausuramento voluntário dos indivíduos em si mesmos. Então, o ensaísta considera: “‘o homem em estresse’ do ambiente contemporâneo se fecha não apenas em casa, mas, sobretudo *em si próprio*” (VIRILIO, 1993a, p. 98). O *egocentrismo* descrito pelo autor não se assemelha, porém, de nenhum modo àquela possibilidade original da afirmação enfática do Eu ante o Outro, no percurso pendular do diálogo consigo mesmo. O indivíduo está se afastando progressivamente de si, o que se expressa tanto na negação de seu próprio corpo como em sua recusa do pensamento.

Conforme vimos, Paul Virilio entende que as condições atuais do medo são marcadas pelo afeto da *urgência*, que consolida a necessidade da instantaneidade para o regime de poder calcado na doutrina da segurança. O autor, contudo, também apresenta em várias obras o modo como essa instantaneidade, guia da tecnicidade administrativa atual, parece atravessar o próprio indivíduo, que passa igualmente a atuar em uma espécie de estado de emergência (VIRILIO, 1977; 1984a; 1984b; 1993a; 1993b; 1993c; 1996a; 1996b; 2002; 2008b). Assim, ele narra o conjunto de adestramentos que elimina a capacidade de pensar do indivíduo ao instituir a sensação de atraso constante em relação às ameaças indefinidas. Desde o impulsionamento irrefletido dos militantes nazistas pela linguagem animada do cinema (VIRILIO, 1977; 1996b), passando pela denúncia automática estimulada no procedimento de delação massiva durante e após a Segunda Guerra Mundial (VIRILIO, 1993c), ou pela atenção constante que devemos ter

quando estamos dirigindo em altas velocidades (VIRILIO, 1998b), ou pelo treinamento corporal dos esportes de alto rendimento (VIRILIO, 1993b; 1996a)... nesses e em outros casos, os reflexos involuntários devem antecipar e substituir a reflexão. “Trata-se do fato de limitar ao extremo o *tempo de intervenção consciente* do sujeito, a ponto de o corpo parecer agir sozinho, sem o amparo da reflexão, em um esquecimento do mundo presente que o liberta da dúvida e da hesitação” (VIRILIO, 1996a, p. 84).

O universo dromocêntrico descrito e analisado por Virilio é um mundo sem distância ou duração, que também não apresenta qualquer parada, impossibilitando o início da atividade do pensamento. A atenção constante aos terminais não deixa dúvidas: a inatividade corporal da inércia do confinamento domiciliar não é de nenhum modo abertura ao diálogo interior do *Eu-consigo-mesmo*. Mais uma vez, podemos recorrer ao que o autor menciona sobre o bombardeamento informacional contemporâneo: “com os fenômenos de interatividade instantânea que estão agora em nosso cotidiano, ocorre uma verdadeira reviravolta que desestabiliza a relação das atividades dos homens entre si, e o tempo reservado para a reflexão, em favor de reflexos condicionados produzidos pela emoção” (RICHARD, VIRILIO, 2010, p. 31).²⁰² Portanto, se, por um lado, o medo impossibilita nossas relações com os Outros, por outro, somos tomados pela urgência que impede a liberdade radical do pensamento.

²⁰² Livre tradução retirada de: “Avec les phénomènes d’interactivité instantanés qui sont désormais notre lot quotidien, a lieu un véritable bouleversement qui déstabilise le rapport à l’activité des hommes entre eux, dans le délai qui est celui de la réflexion, et cela au profit du réflexe conditionné à quoi l’émotion conduit”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AFP. O homem japonês que ‘casou’ com uma cantora de realidade virtual. Portal G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2018/11/12/o-homem-japones-que-casou-com-cantora-de-realidade-virtual.ghtml>>. Acessado em 08 mar. 2020. 12 nov. 2018.
- AGOSTINETI, Kaíque; QUIROGA, Tiago. Lembrar Virilio, pintor das antifomas. *Revista ECO-Pos*. Rio de Janeiro, v. 22, n. 03, p. 01-20, 2019.
- ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Cia de Bolso, 2013.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- ARENDT, Hannah. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Trad. Antônio Abranches; Cesar Augusto R. de Almeida; Helena Martins. 4. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Giovanni Reale. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- ARISTÓTELES. *Política*. Trad. Márcio da Gama Cury. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1985.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- ARMITAGE, John; VIRILIO, Paul. From modernism to hypermodernism and beyond: an interview with Paul Virilio. In.: ARMITAGE, John (org.). *Paul Virilio: from modernism to hypermodernism and beyond*. London: Sage, 2000, p. 25-56.
- BARNES, Jonathan. *Metafísica*. In.: *Aristóteles*. Trad. Ricardo Hermann Ploch Machado. Aparecida: Ideias & Letras, 2009, p. 103-154.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BÖLTING, Rudolf. *Dicionário de grego-português*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1953.
- BORBA, Francisco (org.). *Dicionário Unesp do português contemporâneo*. Curitiba: Piá, 2011.
- BREIVIK, Anders. 2083: an European declaration of independence. Disponível em: <https://fas.org/programs/tap/_docs/2083_-_A_European_Declaration_of_Independence.pdf>. Acessado em 15 jun. 2019, às 18h20. 2011.
- BUBER, Martin. *Eu-tu*. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. 8. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

CARLUT, Christiane; JOUBERT, Dominique; VIRILIO, Paul. Paul Virilio. In: ARMITAGE, John (ed.). *Virilio Live: Selected Interviews*. London: Sage, 2001, p. 121-127.

CLAUSEWITZ, Carl von. *On War*. Oxford: Oxford United Press, 2007.

CRARY, Jonathan. Introdução. In.: VIRILIO, Paul. *Estética da desapareição*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015, p. 09-18.

DERIAN, James Der. The conceptual cosmology of Paul Virilio. In: ARMITAGE, John (ed.). *Paul Virilio: from modernism to hypermodernism and beyond*. London: Sage, 2000, p. 215-228.

DICIO. Verbetes Poliorcética. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/poliorcetica/>>. Acessado em 06 mar. 2020, às 18h20min.

EBERT, John. Dromology. In.: ARMITAGE, John (org.). *The Virilio Dictionary*. Edinburg: Edinburg University Press, 2013, p. 69-71.

FOLHA DE S. PAULO. Ataques a tiros em mesquitas na Nova Zelândia deixam 49 mortos. *Folha de S. Paulo*. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/03/mesquita-na-nova-zelandia-sofre-ataque-a-tiros.shtml>>. Acessado em 15 jun. 2019, às 18h00. 14. mar. 2019.

G1. Veja a íntegra do discurso de Trump. Portal G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/veja-integra-do-discurso-de-posse-de-donald-trump.ghtml>>. Acessado em 08 mar. 2020 às 13h00. 20 jan. 2017.

G1. Japonês se ‘casa’ com personagem de videogame em cerimônia no mundo real. Portal G1. 25 nov. 2009

GEIGER, Paulo (org.). *Novíssimo Aulete*: dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

GORE, Albert. Speech given by Vice President Al Gore to the International Telecommunications Union (ITU) on March 21, 1994. Buenos Aires: ITU (comunicação oral). Disponível em: <http://www.channelingreality.com/NWO_WTO/Global_Information_Infrastructure.htm>. Acessado em 02 out. 2019, às 18h55min. 1994.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica*: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Trad. Maurício Liesen. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

HAN, Byung-Chul. *A agonia de Eros*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017a.

HAN, Byung-Chul. *La expulsión de lo distinto*. Trad. Alberto Ciria. Barcelona: Herder, 2017b.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*. Trad. Enio Paulo Giachini. Rio de Janeiro: Vozes, 2017c.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

- HEGEL, Georg W. F. *Princípios da filosofia do direito*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. O que é metafísica? In.: *Marcas do caminho*. Trad. Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 113-133.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã*. Trad. João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2013.
- HOMERO. *Íliada*. Trad. Luiz Araujo. São Paulo: Editora Schwarcz, 2005.
- IANNI, Octávio. *A Era do Globalismo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999a.
- IANNI, Octávio. *Teorias da globalização*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999b.
- JAMES, Ian. *Paul Virilio*. London; New York: Routledge, 2007.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário de filosofia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- LAFONTAINE, Céline. *O Império Cibernético: das máquinas de pensar ao pensamento máquina*. Lisboa: Editora Piaget, 2007.
- LEVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Trad. Pergentino Stefano Pivatto et al. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LIMON, Enrique; VIRILIO, Paul. Paul Virilio and the Oblique. In: ARMITAGE, John (ed.). *Virilio live: selected interviews*. London: Sage, 2001, p. 51-57.
- LOTRINGER, Sylvere; VIRILIO, Paul. *Guerra pura: a militarização do cotidiano*. Trad. Elza Miné e Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *O princípio da razão durante: o conceito de comunicação e a epistemologia metafórica*. São Paulo: Paulus, 2010.
- MATTELART, Armand. *A globalização da comunicação*. Trad. Laureano Pelegrin. Bauru: Edusc, 2000.
- MCLUHAN, Marshall. *The Gutenberg Galaxy: the making of typographic man*. Toronto: University of Toronto Press, 2011.
- MCLUHAN, Marshall. *A Galáxia de Gutemberg: a formação do homem tipográfico*. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, Edusp, 1972.
- O GLOBO. Atirador norueguês queria matar políticos do partido trabalhista. *O Globo*. Disponível em:
- <<https://oglobo.globo.com/mundo/atirador-noruegues-queria-matar-politicos-do-partido-trabalhista-3267638>>. Acessado em 15 jun. 2019, às 18h05. 18 nov. 2011.
- PLATÃO. *A República*. Trad. Carlos Alberto Nunes. 4. ed. Belém: UFPA, 2016.
- PLATÃO. O Banquete. In.: PLATÃO. *Diálogos*. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 07-59.

- QUIROGA, Tiago. Mídia e esquecimento da alteridade. In.: HOFF, Tânia; SANTOS, Goiamérico (orgs.). *Poéticas da mídia: mídiatizações, discursividades, imagens*. Goiânia: Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, 2012, p. 49-62.
- REDHEAD, Steve. *Paul Virilio: theorist for an accelerated culture*. Toronto: University of Toronto, 2004.
- RICHARD, Bertrand; VIRILIO, Paul. *L'administration de la peur*. Paris: Textuel, 2010.
- SANDOVAL, Pablo. Donald Trump insulta mexicanos ao anunciar sua candidatura. *El País Internacional*. Disponível em:
<https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/17/internacional/1434507228_187374.html>. Acessado em 08 mar. 2020 às 13h00. 17 jun. 2015.
- SANTOS, Guilherme Soares dos; VIRILIO, Paul. “Minha língua estrangeira é a velocidade, é a aceleração do real”. *Le Monde Diplomatique*. Disponível em:
<<http://diplomatique.org.br/minha-lingua-estrangeira-e-a-velocidade-e-a-aceleracao-do-real/>>. Acessado em 06 mar. 2020, às 18h00. 03 jun. 2011.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 28. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2018.
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. Rita Correia Guedes. Disponível em: <http://stoa.usp.br/alexcarneiro/files/1/4529/sartre_existencialismo_humanismo.pdf>. Acesso em 19 jul. 2019, às 14h54min.
- SODRÉ, Muniz. *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SUN TZU. A arte da guerra. In.: SUN PIN; SUN TZU. *A arte da guerra*. Trad. Ana Aguiar Cotrim. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 47-149.
- TARRANT, Brenton. The great replacement. Disponível em:
<https://www.ilfoglio.it/userUpload/The_Great_Replacementconvertito.pdf>. Acessado em 15 jun. 2019, às 18h30. 2019.
- VIRILIO, Paul. *Bunker archéologie*. Paris: Galilée, 2008a.
- VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. Trad. Paul Roberto Pires. São Paulo: Edições 34, 2008b.
- VIRILIO, Paul. *L'accident originel*. Paris: Galilée, 2005.
- VIRILIO, Paul. *L'inertie polaire*. Paris: Christian Bourgois Editeur, 2002.
- VIRILIO, Paul. *La procedure du silence*. Paris: Galilée, 2000a.
- VIRILIO, Paul. *Velocidade de Libertação*. Lisboa: Relógio D'água, 2000b.
- VIRILIO, Paul. *A arte do motor*. Trad. Paul Roberto Pires. São Paulo: Estação Liberdade, 1996a.
- VIRILIO, Paul. *Velocidade e política*. Trad. Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Estação Liberdade, 1996b.

- VIRILIO, Paul. *A máquina de visão*. Trad. Paul Roberto Pires. São Paulo: Estação Liberdade, 1994.
- VIRILIO, Paul. *A inércia polar*. Trad. Ana Luísa Faria. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993a.
- VIRILIO, Paul. *L'art du moteur*. Paris: Galilée, 1993b.
- VIRILIO, Paul. *L'insécurité du territoire*. Paris: Galilée, 1993c.
- VIRILIO, Paul. *La machine de vision*. Paris: Galilée, 1988.
- VIRILIO, Paul. *L'espace critique*. Paris: Christian Bourgois Editeur, 1984a.
- VIRILIO, Paul. *L'horizon négatif*. Paris: Galilée, 1984b.
- VIRILIO, Paul. *Défense populaire et lutttes écologiques*. Paris: Galilée, 1978.
- VIRILIO, Paul. *Vitesse et politique: essai de dromologie*. Paris: Galilée, 1977.
- WINGFIELD-HAYES, Rupert. Porque os jovens japoneses estão cada vez menos interessados em sexo. BBC. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40527383>>. Acessado em 08 mar. 2020, às 13h47. 08 jul. 2017.